

Dissent

Jessica Gadziala

Jessica Gadziala

#2 Dissent

Duologia Scars



Tradução Mecânica: Magali

Revisão Inicial: Sil

Revisão Final: Clau

Leitura: Mari

Data: 01/2019

Dissent Copyright © 2015 Jessica Gadziala

SINOPSE

Perdi minha virgindade quando tinha vinte e cinco anos com uma prostituta que minha irmã contratou porque teve pena de mim. Isso foi há seis anos e é provavelmente o fato menos chocante da minha vida.

Isto é, até eu conhecer Darcy Monroe, e "chocante" assumiu um novo significado...

* * *

Seis anos depois de escapar de sua formação claustral, abusiva e fundamentalmente religiosa, Isaiah se vê ainda lidando com os demônios de seu passado, desapegado da sociedade como um todo e totalmente incapaz de ter vínculos com mulheres ou confiar nelas. Ele se envolve em sexo constante e sem sentido com mulheres, tentando adormecer o sentimento interior de inadequação.

Então ele olha para sua nova vizinha...

Darcy é forte, capaz, franca, e de jeito nenhum vai aturar algum vizinho idiota que decide tentar levá-la para a cama.

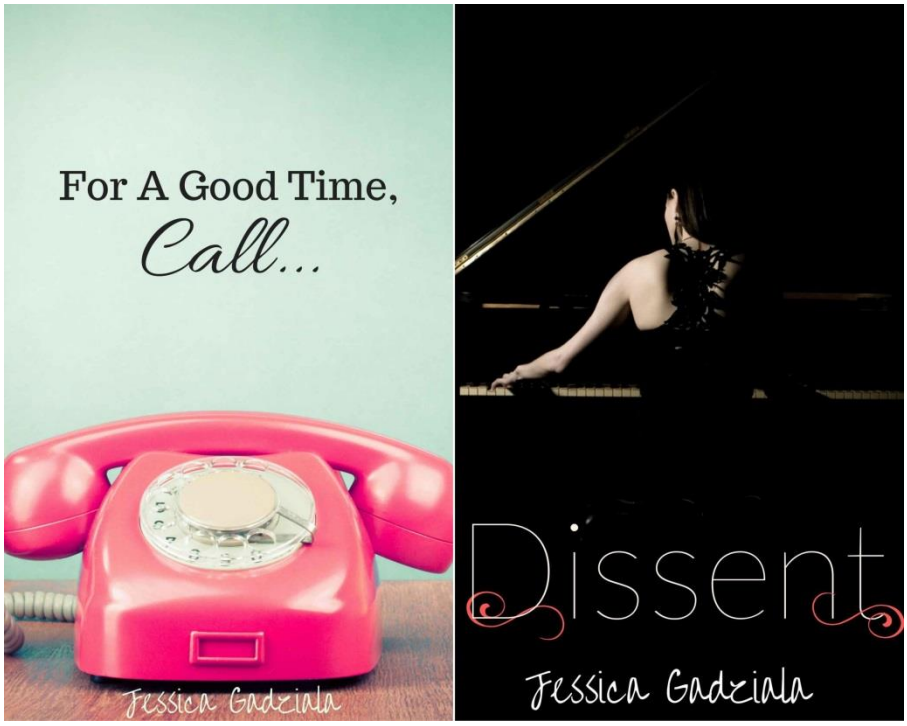
Mas Isaías é implacável. E Darcy se vê dividida entre não o deixar vencer e ceder ao seu próprio desejo.

Assim que eles começam a se aproximar, percebem que algo mais sinistro está acontecendo e ambos serão forçados a confrontar sentimentos de traição que colocarão suas vidas em uma direção inesperada.

A SÉRIE

Duologia Scars

Jessica Gadziala



Prólogo

Perdi minha virgindade quando tinha vinte e cinco anos com uma prostituta que minha irmã contratou porque teve pena de mim. Eu não sabia quem ela era ou o que fazia para viver até um ano depois, quando recebi pelo correio um cartão de aniversário da minha irmã Fiona.

Feliz Aniversário, Isaiah

Espero que seu dia esteja cheio de strippers, bebidas e decisões ruins. Se não está, você está fazendo errado.

Além disso, lembra-se de "Mary"? Bem, seu nome verdadeiro é Candy e ela é menos... professora e mais... prostituta. Eu sabia que com toda aquela merda fodida que nosso pai colocou em sua cabeça, que não tinha como uma mulher chegar a um metro e meio de você até que você ficasse um pouco mais exposto ao mundo real.

Espero que já tenha passado bastante tempo para que isso seja engraçado. Se não... opa, foi mal.

Te amo,

Fee

Queria dizer que não estava chateado, mas eu estava. Mesmo que fosse exatamente o tipo de coisa que Fee faria. Fee, que passou seu tempo depois de escapar de nossa cabana na floresta ganhando a vida como uma operadora de sexo por telefone. E eu a incomodei por meses sobre mulheres, namoro, sexo... todas as coisas normais que a maioria dos caras conhece pela experiência real com mulheres de verdade.

Nunca tive essa oportunidade.

Mas a realidade era que quando eu estava tentando descobrir a coisa toda da vida, sempre esbarrava no tempo gasto com Mary como um exemplo de uma coisa que eu tinha feito certo. Uma experiência que

havia corrido bem. Um vínculo com outro ser humano que não parecia forçado e desajeitado.

Quando descobri que foi uma mentira, que ela foi procurada e paga pela minha irmã, que parecia muito melhor em me acostumar com a vida depois de... bem... depois de tudo, senti o pedaço preciosamente pequeno de terra firme em que eu estava desmoronando sob meus pés.

E não lidei bem com isso...

Um

— Então, como você passou esta semana? — Ela perguntou, cruzando as pernas e colocando o caderno na coxa.

Eu odiava o consultório dela. Tudo era neutro: paredes marrons, madeiras escuras, plantas verdes, livros de capa dura indescritíveis nas prateleiras. Reconfortante. Seguro. Um lugar onde você pode se deixar ser quem você realmente é. Isso é o que eu deveria estar fazendo lá. Toda terça. Das três às três e quarenta e cinco da tarde. Paguei a essa mulher cerca de trezentos dólares por hora para me fazer perguntas e tentar chegar à raiz do motivo pelo qual sou do jeito que sou.

Dois anos e ela ainda não havia sequer chegado perto. Mas prometi a minha irmã quando ela se mudou que eu procuraria alguém com quem conversar.

— Ocupado, — respondi, encolhendo os ombros.

— Ocupado com compromissos sociais? — Ela perguntou, parecendo ansiosa, mas a tensão em torno de seus olhos sugeriu que ela sabia a verdade.

— Trabalho.

— Você já saiu desde a última vez que esteve aqui?

— Sim. — falei, olhando para o relógio.

— Onde você foi?

— Para um bar, — eu disse, olhando para ela.

— Você encontrou alguém?

— Sim, — assenti, sentando-me e apoiando meus cotovelos nos meus joelhos. — Olha, Dra. Todd, — eu disse, sorrindo levemente, — é a mesma história toda semana. Saio para um bar ou clube ou exposição de arte. Procuro uma mulher. Eu a levo para casa. Acho maneiras

novas e inventivas de foder com ela. Eu a faço sair antes do amanhecer. Nós realmente precisamos revisar isso toda semana? O que você está esperando ouvir?

— Espero ouvir que você está levando essa terapia a sério. Espero que você siga meu conselho...

— De parar de sair com alguém só por uma noite, — eu a interrompi.

— Parar de manter as pessoas, especialmente as mulheres, à distância. — Ela descruzou as pernas, inclinando-se para frente como eu. — Quero que você comece a me dizer por que...

— Tudo bem, — eu disse, suspirando. Levantei minha mão, palma para ela. Lá no centro, do fundo do meu dedo anular até o meu pulso, havia uma cicatriz antiga, mas erguida e rosada. — Isso, — eu disse, olhando para ela, — é o que aconteceu comigo quando entrei na puberdade e meu pai pensou que eu estava sucumbindo aos pecados da carne. — Enrolei minha mão de volta, colocando-a no sofá ao lado de mim. Seu rosto parecia adequadamente angustiado com a nova informação. Ela gostava de saber. Ela gostava de aprender sobre cada coisa que aconteceu comigo, e lentamente tentar costurar os danos e descobrir como sou. — Ele não estava errado, — eu disse, sorrindo diabolicamente para ela.

— Errado sobre o quê?

— Sobre eu agarrar meu pau sempre que estava sozinho, — disse, tentando segurar um sorriso para ela recuar.

Todd é uma mulher atraente, de quarenta e poucos anos, com o corpo de alguém com metade da sua idade, cabelos castanhos e olhos escuros. Ela usa roupas casuais de negócios que são confortáveis nos quadris e curtas, usa saia ou corpete. Mas nunca muito escandaloso. Nunca cruzando a linha.

Fui forçado a ir até ela depois de alguns anos com o meu primeiro psiquiatra, um senhor mais velho com ternos sob medida, óculos prateados e uma barba grisalha. Eu me abrira para ele mais facilmente. Ele conheceu todas as histórias sombrias e distorcidas da minha vida em questão de semanas, mas acabou sugerindo que eu realmente procurasse uma terapeuta.

Porque aparentemente eu tinha problemas de confiança com o sexo oposto. Essas merdas.

Dois anos e a Dra. Todd ainda estava sendo forçada a agarrar os fragmentos minúsculos que eu jogava nela, tentando montar uma foto inteira deles. Eu realmente me sentia mal com isso. Mas também não conseguia mudar.

— Bem, isso é perfeitamente normal para um menino na puberdade, — ela disse, escrevendo em seu bloco de anotações enquanto ainda mantinha contato visual. — Estou assumindo que seu pai era um homem muito religioso.

Não, ele só tinha uma queda por cruzes. E mutilar garotinhos. — Claro.

— Você já confrontou seu pai sobre o quão insatisfatório é punir a sua pele por seu suposto crime?

— Não.

— Nunca é tarde demais para...

— Ele está morto, — eu disse categoricamente, surpreso com a facilidade com que essas palavras vieram. Levou anos para não me encolher, estremecer, e me afastar disso. Mesmo depois que finalmente entendi a verdade do que minha infância tinha sido. Mesmo depois de finalmente fugir. Houve aquela marca que ele deixou em algum lugar na minha alma e queimava toda vez que eu pensava nele estar morto. Por outro lado, Fee o visitou em seu leito de morte e desejou que ele morresse de maneira lenta e dolorosa pelo que fez com ela.

Isso é exatamente o que aconteceu. Bem, a parte dolorosa. Não a lenta.

— Entendo, — disse ela, respirando fundo. — Por que você está me contando isso?

— O que você quer dizer com por quê? — Perguntei, balançando a cabeça. — Não é para isso que estamos aqui? Para contar sobre minha infância fodida?

— Bem, Isaiah, — ela disse, sorrindo de um jeito muito sarcástico, — esse seria o caso. Só que até agora... você nem sequer sugeriu a sua infância. Então, estou apenas curiosa para saber o que há de diferente nesta semana.

— Não sei. O trabalho me manteve ocupado. Acabei de me mudar...

— Espere, — disse ela, levantando uma mão, uma caneta presa entre os dedos. — Você nunca me contou que ia se mudar.

Me senti encolhendo os ombros. Não tinha sido exatamente algo que planejei. Eu tinha acabado de... precisava sair do inferno daquela velha casa, cheia de fantasmas da minha família. Precisava de uma mudança. — Não sabia que ia me mudar quando estive aqui na semana passada.

— Você se mudou em menos de seis dias?

— Sim. Não tenho muitas coisas — falei, pensando em cerca de uma dúzia de caixas de livros, uma caixa de CDs e algumas roupas. Isso foi tudo que realmente senti a necessidade de levar comigo.

— Para onde você se mudou?

— Comprei uma cobertura na cidade. É privada. Longe. Tenho uma vizinha, mas cada um tem seu próprio elevador, então a única chance que tenho de vê-la é na varanda compartilhada ou no corredor.

— É uma mulher? Sua vizinha?

— Pelo que ouvi, — eu disse. Pelo que entendi, ela não ficava muito em casa. Deve ser alguma socialite ou empresária. Não tinha ideia. Não que isso importasse. Eu guardei para mim mesmo.

— Bem, — ela disse, em um tom que achei instantaneamente desconfiado.

— Bem o quê? — Perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Bem, — ela sorriu, — acho que temos uma tarefa para você.

Ótimo. Uma tarefa. — Oh, maravilhoso. — Respirei fundo, tentando manter o controle. Se eu não trabalhar nisso, todo esse processo seria um desperdício épico de tempo e dinheiro. — Tudo bem, o que é?

Ela sorriu, colocando o caderno longe. — Quero que você conheça sua vizinha.

— Só isso? — não seria tão fácil assim.

— Não exatamente. Vamos considerá-la sua cobaia. Quero que você a conheça, talvez a convide para um café. Algo inocente. Você não está, sob qualquer circunstância, criando qualquer tipo de relacionamento romântico com essa mulher. Sem passar a noite juntos. Sem nada íntimo demais. Quero que se sinta confortável com a ideia de um relacionamento platônico com uma mulher.

— Tenho relacionamentos com muitas mulheres no meu...

— Com quantas das mulheres no trabalho você dormiu?

Eu ri, baixo e divertido. — Me pegou.

— Exatamente. Então não ligo se a vizinha é uma supermodelo, mantenha suas mãos fora dela.

— Só isso?

Ela sorriu se divertindo, fazendo seus olhos enrugarem nos cantos. — Acho que isso já vai ser bastante difícil, né?

Bufei, levantando e assentindo. — Você tem razão.

***

Estava na frente do espelho do meu banheiro, olhando e limpando o vapor. Os espelhos ainda eram estranhos para mim. A única vez, até os vinte e cinco anos, que consegui me ver, foi na superfície de um lago no bosque, em casa. Nós não podíamos ter nenhum tipo de vaidade.

O homem que me olhava de volta era muito diferente daquele que veio daquela cabana e foi para a cidade. Eu ainda mantinha meus cabelos loiros curtos, mas estava arrumado agora, não era mais arrancado da minha cabeça com a ponta de um canivete. Minha pele tinha perdido muito do tom carregado e da vermelhidão das incontáveis horas ao sol caçando, pescando, ou qualquer outra tarefa necessária. Meus olhos verdes tinham leves pés de galinha que se enrugavam quando eu sorria. O que, reconhecidamente, era uma raridade. Eu tinha barba, algo mais do que uma sombra, mas ainda menos que uma barba cheia.

Afastei-me do espelho, olhando para o corpo que mantive em forma durante toda a minha vida, de todo o trabalho duro e penoso de viver sem qualquer tipo de luxo. Sempre fui magro e musculoso. Não aceitava a ideia de treinar em uma academia. Mesmo que tivesse jurado deixar meu passado no passado, me mantive em forma com o trabalho. Eu cortava madeira. Derrubava árvores. Cortava grama ou ajudava os paisagistas a plantar e tirar ervas daninhas. Andava de caiaque e surfava.

Infelizmente, mudar para a cidade limitou muito minhas chances de qualquer uma dessas atividades. Eu teria que me tornar mais um robô correndo pelo Central Park ou levantando pesos.

Meu corpo era um testemunho das longas horas aprendendo como atirar com arco e flecha, como jogar um machado, como capturar coelhos, como abater animais. Eu tinha cicatrizes por toda parte, a pior delas corria ao lado das minhas costelas de quando estava praticando acertar o alvo e minha faca bateu na árvore errada e voltou para mim.

Minhas mãos eram uma confusão de marcas em diferentes estágios: branca desde quando eu era mais jovem, rosa da minha adolescência e início da idade adulta, avermelhada dos últimos meses. Olhei para a minha palma por alguns segundos antes de fechar minhas mãos em punhos e entrar no meu apartamento.

Até agora tudo o que consegui comprar era uma cama, uma cadeira de leitura e uma mesinha de centro. Toda a parte de trás do apartamento tinha janelas do chão ao teto que davam para uma varanda compartilhada com piscina, sistema de entretenimento e bancos. A sala estava forrada com estantes embutidas, o que era, reconhecidamente, a principal razão pela qual me interessei pelo apartamento.

Nem sempre fui um grande leitor. De volta ao meu pai, havia apenas dois tipos de livros permitidos em nossa casa: a bíblia e os livros de caça/pesca/sobrevivência. Só isso. Eles não proporcionavam exatamente noites excitantes no sofá. Comecei a ler como uma maneira de me acostumar novamente com o mundo real, para aprender sobre todas as coisas que eu tinha perdido na minha educação em casa, muito religiosa, para ver o mundo fora da minha pequena vida isolada. A maioria dos livros nas prateleiras eram de história, cultura popular, filosofia e biografias.

Parecia não importar o quanto eu lia, sempre senti que estava faltando alguma coisa. Como se houvesse um segredo, todas as pessoas normais, com educação normal estavam expostas a isso, eu simplesmente não conseguia descobrir.

No meu quarto, entrei no meu closet e vesti uma calça cinza e uma camiseta branca. Não tenho muito em termos de roupas casuais. Eu usava ternos para trabalhar e correr atrás mulheres em bares depois do trabalho.

Peguei um livro, enchi um copo de uísque e fui em direção à piscina. Ainda ansiava pelo ar livre, mesmo que o ar livre da cidade estivesse cheio de arranha-céus e carros. Estava muito acostumado ao ar livre para passar todo o meu tempo lá dentro.

Peguei uma das espreguiçadeiras da piscina e abri meu livro, contente em passar outra noite sozinho.

Mas então a porta da outra cobertura estava se abrindo e ouvi passos vindo em torno da sacada em minha direção.

Dois

Ela era jovem. Muito jovem para ser qualquer grande empresária ou até mesmo qualquer tipo de profissional. Então talvez eu estivesse certo sobre ela ser algum tipo de socialite. Senti as palavras da Dra. Todd se instalarem profundamente na minha barriga... porque ela era linda pra caralho.

Ela era alta, por volta de um metro e setenta e cinco com grandes quadris e um enorme peito. Sua surpreendente massa de cabelos negros e grossos chegava à cintura e estava contra o vento. Seu rosto era suave, todo redondo e rechonchudo, um queixo delicadamente pontudo e fortes sobrancelhas negras. Mas os olhos dela eram o que fazia você parar. Porque eles eram emoldurados por cílios negros escuros e grossos e eram o mais pálido tom possível de verde tão claros que eram quase surpreendentes.

Ela não fez mais que olhar em volta enquanto se dirigia para a beira da piscina, mergulhando a ponta do pé, em seguida, rapidamente segurando sua camisa, tirando-a por cima da cabeça e deixando-a cair no chão ao lado dela. A pele das costas dela era incrivelmente pálida e lisa na luz desbotada da lua crescente. Não usava sutiã e tirou as calças pretas justas pelas longas pernas. Ela estava alcançando a cintura de sua calcinha preta quando finalmente saí do meu torpor.

Limpei minha garganta, alertando-a para minha presença. Posso ter sido um monte de coisas no passado e até mesmo agora, mas nunca fui idiota. — Alguém está aqui fora, — eu disse alto o suficiente para a minha voz chegar a ela.

— Eu sei, — disse ela, deslizando a calcinha até o chão, expondo sua bunda redonda para mim por um segundo antes de saltar para a água com um pequeno respingo.

Sério, achei mesmo que não seria capaz de completar a tarefa que minha psiquiatra me passou. Porque qual homem com sangue nas veias poderia resistir à vontade de levar sua vizinha gostosa para a cama?

Ela foi até o outro lado da piscina, braços no cimento do lado de fora, olhando para a cidade por um momento antes de se jogar na água e começar a nadar rápido.

Olhei de volta para o meu livro, forçando-me a me concentrar nas páginas com o som dela nadando no fundo.

Não sei quanto tempo depois, há tanto tempo sem estar interessado em vê-la nadar para frente e para trás, mas ouvi o som molhado de pés descalços no chão, ficando mais alto quando ela se aproximou. Olhei para cima quando ela veio ao lado da minha espreguiçadeira, esticando-se atrás de mim para alcançar o armário. Onde as toalhas estavam. Ela estava completamente nua.

E... caramba. Essa era realmente a única maneira de colocar isso. Ela era perfeita. Desde as pernas longas e bem torneadas, o triângulo nu escondendo seu sexo, os quadris largos, a cintura pequena, os seios grandes. Seus mamilos cor-de-rosa claros estavam duros pela água fria e, notei com uma pontada aguda de desejo que havia dois piercings saindo de cada lado dos bicos endurecidos.

Quando ela se inclinou, uma gota de água deslizou pelo seu peito e pousou no centro do meu peito. Eu queria puxá-la para baixo e fodê-la ali mesmo. Mas ela recuou devagar com uma toalha branca fofa nas mãos enquanto olhava para mim, um sorriso tímido brincando em seus lábios.

— Oi, — falei, sabendo que minha voz soava rouca e excitada e não dava a mínima.

— Ei, — disse ela, sorrindo enquanto se endireitava, trazendo a toalha ao peito. — Então você é o cara novo.

— Eu sou o cara novo, — concordei, observando enquanto ela ia até a cadeira ao meu lado, colocando a toalha para baixo e se espalhando por cima dela. — Isaiah Meyers.

— Que nome apropriado, Isaiah Meyers, — disse ela, sentando-se para a frente e torcendo a água de seus longos cabelos. — Eu sou Darcy.

— Só Darcy? — Eu me encontrei perguntando, querendo continuar a conversa.

Ela virou a cabeça para mim, as sobrancelhas juntas em confusão. — Geralmente isso já é suficiente para a maioria das pessoas.

— Não sei o que isso quer dizer, — disse, encolhendo os ombros.

Suas sobrancelhas franziram por mais um segundo antes de ela se virar, colocando os pés no chão perto da minha cadeira, sorrindo. — Isso é curioso, — disse ela. — Eu sou Darcy Monroe. Da Darcy.

— Isso é um lugar?

Ela riu então, o som ao mesmo tempo era rouco e doce. — Não. Darcy é o nome da minha banda.

— Você é uma musicista, — eu disse, sentando-me ligeiramente. A música era uma das poucas coisas humanas normais com as quais senti uma forte ligação emocional. Mergulhei em álbuns intermináveis, aprendi muito sobre a vida e os relacionamentos a partir dos sons de bandas de rock alternativo.

— Sim, — ela disse, assentindo.

— Que tipo de música?

Ela balançou a cabeça, olhando para mim como se eu fosse algum tipo de alienígena. — Metal, — disse finalmente.

— Metal? Sério? — Perguntei, sem ter ouvido muito disso e nem gostava particularmente, mas sabia que era dominado por homens.

— Você está chocado, Isaiah Meyers? — Ela perguntou, parecendo se divertir.

— Sim, — admiti.

— Porque o metal é um gênero de homens com longos cabelos e cintos cravejados? — ela perguntou.

— Exatamente.

Ela encolheu os ombros, — Acho que sou uma mulher em missão para esmagar o patriarcado.

— E como isso está indo?

Ela sorriu, apontando com a mão para seu apartamento. — Muito bem, porra. — Ela tinha razão. Eu sabia o quanto essa cobertura me

custou e tive o apoio financeiro de um negócio de família, gerações passadas para financiá-lo. Sendo uma vocalista de uma banda de metal proporcionou esse apartamento, ela deveria estar indo muito bem.

Ela olhou para o meu colo com uma sobrancelha levantada. — Você está tentando dormir? — perguntou. No meu olhar confuso, ela riu. — Chester A. Autor? — Perguntou, apontando para o meu livro. — Ele deve ser um dos presidentes mais chatos da história.

Pego meu livro. — Ei, ele teve êxito após o assassinato de James A. Garfield.

— É a única coisa interessante sobre ele. E nem era tecnicamente sobre ele, — ela disse, levantando e finalmente envolvendo seu corpo na toalha branca.

— Grande fã de história, hein?

Ela bufou. A linda e exibicionista cantora de metal feminina bufou.

— Duzentos e cinquenta mil dólares em aulas particulares vão martelar até os fatos mais mundanos em sua cabeça — ela se virou, levantando a mão no ar enquanto se afastava. — Prazer em conhecê-lo, Isaiah Meyers.

Ela se foi antes que eu pudesse responder.

Sim, eu devia a Dra. Todd um pedido de desculpas porque não havia como eu não levar sua linda bunda para a minha cama. Ela superaria isso. Eu a decepcionei inúmeras vezes antes. Não é minha culpa que minha vizinha fosse a mulher mais sexy que eu tinha visto em meses.

Levantei-me da cadeira, voltei ao meu apartamento e coloquei meu livro de volta na prateleira ao lado de todos os meus outros livros sobre os presidentes. Vinte e um já foi, faltam vinte e dois. Peguei meu laptop e sentei no balcão da minha cozinha, fazendo uma rápida busca por Darcy Monroe. Coloquei meus fones de ouvido, não querendo que ela soubesse que eu estava pesquisando, se ela conseguisse ouvir através das paredes, enquanto eu colocava uma de suas músicas.

Lá, curvando-se nos sons de guitarras distorcidas, baixo denso e bateria, estava a voz bonita e única de Darcy Monroe. Parecia quase fora do lugar contra o pano de fundo dos riffs masculinos. Seu alcance

era capaz de elevar as notas altas e os baixos rugidos, ao mesmo tempo o clássico e o clássico grunge. As letras variavam de gritos altos e agressivos, à rebeldia, a assombrosos contos de perseguição, suicídio e assassinato. Sombrio. Tudo era dark.

Eu queria saber se Darcy era a letrista. Se ela era a única que escrevia canções sobre as partes mais negras da existência humana. Além de sua aparência quase gótica e seus piercings nos mamilos, ela parecia acessível e doce. Mas se ela estava cantando sobre esses temas, então deve haver uma escuridão dentro dela.

O que só a deixava ainda mais intrigante. Conheci mais que minha cota de mulheres na minha vida e, embora fossem todas únicas em sua combinação de traços de personalidade, havia uma superficialidade subjacente. Elas gostaram das coisas. Roupas, televisão, maquiagem, animais. Coisas tangíveis. Não eram muito para ideias. Conceitos. Não se perguntaram sobre a condição humana. Não liam poesia e contemplavam a ideia de amor. Não liam filosofia e não ponderam por que diabos estamos todos aqui.

Darcy Monroe tinha um poço de introspecção. Ela não cantava sobre seu guarda-roupa, nem sobre animais de estimação ou shows. Ela cantava sobre angústia e emoção. Ela cantava sobre o que levava as crianças a matar. Inferno, ela escreveu uma música sobre ter uma orgia com Rasputin.

A garota era fodida.

Eu assisti a vídeos dela no palco, seus longos cabelos negros voando ao redor dela enquanto pulava para cima e para baixo, quando ela se jogava do palco para os braços da multidão, suas mãos levantando-a, enquanto dançava. Seu guarda-roupa de palco variava. Em um show, ela usava calças pretas apertadas, uma regata e botas. No próximo show, estava vestindo um espartilho apertado e uma saia gótica vermelha até o chão. Seus olhos estavam sempre revestidos de preto, seus lábios de um vermelho sangue brilhante.

Você não conseguia desviar o olhar dela mesmo se tentasse.

Ela cantava uma música sobre cortar, sobre cortar sua própria pele que, da visão completa que tive de seu corpo requintado, não era algo que ela fazia, mas ela cantava com conexão, com conhecimento, e enquanto ela cantava arrastando a nota final, o topo do palco se abriu em uma chuva de sangue, caindo sobre ela e os músicos, a cor saltando do topo da bateria, voando do cabelo do baixista e encharcando

completamente Darcy, fazendo seu vestido se agarrar a ela, fazendo com que seu rosto parecesse ter saído de um filme de terror.

Ah, sim... ela seria um projetinho divertido.

Três

Eu estava morta de cansaço enquanto entrava no meu apartamento. Viajar era uma daquelas coisas que perdia a graça muito rapidamente. E quando se tratava de metal, você precisava fazer uma turnê. Você precisava manter um vínculo próximo com seus fãs. Eles eram fãs leais do show ao vivo. Queriam estar lá, ver você ao vivo, se debater entre si. Queriam deixar o espetáculo meio surdos, encharcados de suor, cuspindo sangue e cem dólares mais pobres.

Se não lhes dermos essa experiência, eles passarão a nos ignorar. Então, ao contrário das bandas pop, precisávamos estar na estrada quarenta e poucas semanas por ano. Todos os anos. E nos dois primeiros anos foram os mais divertidos que já tive na vida. Tive que viver em um ônibus de turnê com meus melhores amigos. Nós brincamos e festejamos, escrevemos músicas, vimos mais do país do que a maioria das pessoas.

Mas a turnê do ano passado foi difícil.

Esta, até agora, foi torturante. Sem nenhuma boa razão. Tudo estava indo bem. Nós vendemos bem, os shows foram sem problemas, os meninos e eu nos damos bem como sempre.

Talvez eu estivesse sem ânimo. Precisava da minha própria cama. Precisava andar em terra firme. Precisava de alguns dias onde eu não fosse Darcy, a cantora de metal. Onde eu fosse apenas eu.

Na noite anterior havíamos pousado no centro de New Jersey e o próximo show seria só em quatro dias... no norte de New Jersey. De lá, íamos decolar para o sul e para a Califórnia, antes de voltarmos para a cidade. Então acenei para os meninos e disse que os veria em três dias.

Porque eu precisava relaxar.

Caso contrário, ia começar a perder minhas forças para continuar. E não queria ser essa pessoa. A estrela do

rock desgraçada. Não era eu. Eu vivia da energia da multidão. Ficaria louca se não escrevesse música.

Darcy era minha vida.

Mas Darcy, a pessoa, precisava de um descanso.

Eu não esperava ver ninguém na piscina. A outra cobertura estava desocupada quando me mudei e, provavelmente devido à recessão, ninguém fez a escolha imprudente de investir em um imóvel tão caro.

Mas, aparentemente, Isaiah Meyers estava se saindo muito bem.

Ele não parecia ter dinheiro. Havia uma aspereza em seu rosto, na maneira como ele se apresentou, que sugeria que estava mais familiarizado com uma fazenda do que com uma sala de diretoria.

Achei doce ele anunciar sua presença. Era uma lufada de ar fresco para me importar com a minha modéstia quando estava acostumada a multidões de homens gritando comigo para mostrar-lhes meus seios. Mas na verdade eu não tinha reservas quanto à nudez. Acho que por ter que dividir um ônibus com cinco caras por anos. Acho que pela mudança apressada de guarda-roupa nos bastidores diante de dezenas de roadies[1] e assistentes de palco. Eu tinha superado a vergonha do meu corpo há muito tempo.

Mesmo quando voltei para o meu apartamento, vendo as prateleiras superlotadas com lembranças da estrada, não consegui tirá-lo da cabeça.

E não só porque ele era atraente. Ele era. Queixo esculpido, lábios carnudos, profundos olhos verdes. Cabelos loiros de menino exemplar atenuavam a barba no rosto. Debaixo de sua calça e camiseta, seu corpo parecia magro, mas forte. Mas não era de sua atratividade que não conseguia me livrar. Era do olhar.

Ele parecia tão triste.

[1] Neologismo, roadie é um técnico responsável que acompanha uma banda para todos os espetáculos. Apoia ou substitui os músicos nas montagens e desmontagens do espetáculo, garantindo que fica tudo tecnicamente bem ligado e como os músicos gostam.

Foi uma coisa tão inquietante olhar um homem e sentir um aperto no peito. O que colocou aquele olhar lá? Uma mulher? Uma morte? Ambos?

Os homens que geralmente estavam ao meu redor eram do metal. Eles transformaram todos os seus sentimentos em raiva. Gritavam músicas sobre matar e morrer. Atacavam um ao outro com agressividade. Encontravam catarse na raiva. Não me lembro da última vez que vi um homem parecer ferido. Era exatamente como Isaiah Meyers parecia: como se tivesse passado por alguma merda e isso estivesse corroendo sua alma.

Entrei no meu quarto, minha enorme cama de dossel parecendo elegante e convidativa. Fui ao meu armário, pegando um vestido que mostrava minhas laterais até meus quadris. Você tinha que usar uma daquelas faixas em volta do seu peito em caso de escorregar, mas eu não as usava, calçando um par de chinelos e pegando minha carteira.

Estava batendo na sua porta um momento depois, repetidamente, até que finalmente o ouvi arrastando-se pelo apartamento e abrindo a porta.

— Oh, — ele disse, em pé na porta. — Ei.

Seus olhos se desviaram levemente, sem dúvida, o contorno dos meus seios no tecido fino, mas sua cabeça subiu mais rapidamente do que a maioria dos homens. — Ei, — sorri. — Você não se importa se eu... — Falei, me abaixando por debaixo do seu braço e entrando em seu apartamento.

— Acho que não, — ele disse atrás de mim, sua voz soando divertida enquanto fechava a porta atrás de mim.

Eu sentia seus olhos em mim enquanto andava ao redor, notando sua completa falta de mobília e itens pessoais. Como arte. Ou fotografias. Ou até mesmo bugigangas. Tudo o que ele parecia ter era uma enorme coleção de CDs ao lado de um toca-discos antiquado, mas do último modelo, que eu sabia secretamente ostentava compartimentos para CDs, fitas e uma saída AUX.

— Você é um grande leitor, hein? — Perguntei, passando minhas mãos pelas lombadas dos livros em suas prateleiras.

— Acho que sim. Não sou muito de TV.

— Estes são todos não-ficção, — eu disse, virando para ele, curiosamente.

— Acho que sim. Acho que gosto de... saber as coisas.

— Sei o que vou comprar pra você de presente para a inauguração do seu apartamento, — falei, indo em direção à única mobília em sua sala de estar, uma estranha cadeira de leitura ergonômica, chutando para fora os meus sapatos e deslizando desajeitadamente nela.

— O quê? — Ele perguntou, indo em direção a sua estante, cruzando os braços sobre o peito e me observando.

— Um pouco de Dickens, Bronte, Hardy... talvez até um pouco de Poe.

— Ficção? — Ele perguntou, não muito entusiasmado.

— Sim, — eu disse, esticando meus braços e colocando-os atrás do meu pescoço, — Romances. Cheio de angústia, amor e coração partido. Seu rosto parecia impassível e revirei os olhos. — Você os leria?

— Para você? — Ele perguntou, um sorriso diabólico brincando em seus lábios. Então era isso. Ele queria me foder. Não foi uma conclusão totalmente chocante, mas deixou um gosto amargo na minha boca. Já foi possível interagir com um homem sem ser sexualmente?

— Sim, — respondi, meu sorriso combinando com o dele porque consigo brincar com os meninos grandes. E eu tinha um ótimo histórico de sair por cima — para mim.

Seu lábio inferior mergulhou em sua boca por um segundo, voltando brilhante e encontrei-me lutando contra o forte desejo de caminhar até lá, empurrá-lo contra a estante de livros e sentir o gosto dele. Seus braços caíram para os lados enquanto andava em minha direção, pegando meus pés do banquinho e sentando-se sobre ele, descansando meus pés descalços em sua coxa. Suas mãos ficaram lá, descansando em cima dos meus pés, desgastadas e calejadas, enquanto ele olhava para mim.

Oh, ele era bom. E meu corpo estava reagindo. Talvez mais do que normalmente, e respirei fundo, pressionando minhas coxas um pouco mais. Mas estaria condenada se ele me vencesse tão fácil. Afastei meu sorriso, mordendo levemente meu lábio inferior, e deslizando meu pé

intimamente até sua coxa, colocando-o abaixo de seu osso ilíaco, meu dedão a apenas um centímetro de sua virilha.

Seus olhos seguiram o movimento e vi sua respiração ficar instável antes de seus olhos deslizarem pela minha coxa, pelo meu torso, até pousarem em mim. E vi lá o desafio. A aceitação da minha vantagem. Então suas mãos pegaram meu outro pé, massageando os arcos cansados, e me senti afundar na sensação.

Deus, havia algo mais quente do que um homem que fazia massagens nos pés? Não importava se viesse com a esperança de ter sexo. Inferno, ele era um completo estranho para mim e eu estava quase ficando de joelhos para ele se prometesse fazer no outro pé também. Fechei meus olhos enquanto ele continuava trabalhando nos pontos doloridos, levando minha perna mais para cima enquanto ele fazia isso.

Então minhas mãos caíram nos braços, meus olhos se abriram. Porque senti o dedo do meu pé em sua boca e juro que disparou o desejo em inesperadas terminações nervosas, minhas pernas, minha barriga, meus braços. Seus olhos pareciam divertidos nos meus. Como se ele soubesse. Como se soubesse o que estava fazendo e soubesse que não havia como não me excitar. Ele sorriu em volta do meu dedo. — Xeque — ele disse com satisfação masculina.

Senti meus olhos se estreitarem e deslizei meu outro pé em sua pélvis, sentindo a linha dura de seu pênis através de suas calças e corri os dedos do pé pela cabeça. Sua respiração sibilou para fora de sua boca e ele soltou meu pé. — Xeque mate, — falei, sentando-me e colocando meus pés no chão.

Ele me surpreendeu rindo, um som baixo.

— Você gosta de perder seu próprio jogo, hein? — Perguntei, levantando-me devagar e me afastando.

— Oh, querida, — disse ele, virando-se em seu lugar para me ver. Ele levantou a mão, esfregando a nuca. — Estou bem com isso sendo um jogo demorado.

— Jogo demorado, hein? — Perguntei, entrando em sua cozinha e passando as mãos sobre as bancadas frias. — Espero que você tenha... trinta e oito semanas de sobra.

— Isso é... uma quantidade muito específica de tempo, — disse ele, levantando-se e caminhando para ficar do outro lado da ilha de sua cozinha.

— Esse é o tempo em que estou prestes a ficar em turnê, — eu disse, inclinando-me na superfície. — E desde que você não parece exatamente um fã de metal...

— Ei, nunca se sabe, — disse ele, sorrindo de um jeito perverso que eu tinha que desconfiar. Mas em seu rosto de menino exemplar, ainda consegui achar isso doce.

— O que você faz para viver, Isaiah Meyers? — Perguntei, e ele sobressaltou, parecendo surpreso com a mudança abrupta na conversa.

— Eu dirijo uma empresa, — ele disse simplesmente.

— Que tipo de empresa?

— Uma empresa de capital de risco.

— Você é um investidor de capital de risco? Sério? — Claro que ele era. Isso era ótimo. Quase poético.

Sua sobrancelha arqueou-se. — Isso é uma coisa ruim?

— É apenas... coincidência. Então, Sr. Investidor de Capital de Risco, por que se preocupar em desperdiçar seu tempo tentando me levar para a cama? Numa cidade tão grande, tenho certeza de que você poderia encontrar alguém para aquecer seus lençóis hoje à noite.

— Talvez a gratificação instantânea não seja minha coisa.

— Qual é a sua coisa, então?

— Aparentemente são mulheres que querem foder Rasputin, — disse ele, sorrindo.

Eu ri, balançando a cabeça. — Rasputin acreditava que o único caminho para a redenção era através do pecado. Ele era ao mesmo tempo muito piedoso e sexualmente hedonista. Ele e seus companheiros crentes se reuniram em criptas, se flagelavam, e então apenas... começavam a foder com todo mundo por perto. — Parei, balançando a cabeça para me impedir de divagar. — Quero dizer... quem não gostaria de estar nisso?

— Você está certa, — disse ele, virando a cabeça para o lado. — Então... sabe de alguma cripta por aqui?

— Boa tentativa, Casanova, — sorri, indo de volta para a porta. — Vou dar uma festa amanhã à noite. Vai ser barulhenta. Sim, eu sei que é uma terça-feira. Não, eu não me importo se você não gosta, — disse, abrindo a porta e entrando no corredor. — Você é bem-vindo para encontrar alguém para o seu... como que você chamaria? — Eu disse, trazendo um dedo até a minha boca e morder a unha. — Oh, sim... seu... *jogo curto*.

Eu ri no meu caminho de volta para o meu apartamento.

Quatro

Eu não tinha uma festa planejada de verdade. O que significava que eu teria muita dificuldade em organizar uma se quisesse em menos de dezesseis horas.

Não tenho certeza do que me levou a essa mentira em primeiro lugar. Talvez só quisesse ferrar com ele. Esfregar em seu rosto o meu conhecido estilo de vida. Talvez só quisesse uma desculpa para encontrá-lo outra vez. O que era totalmente diferente de mim. Eu não era aquela garota. Não era a garota que inventava desculpas e planejava encontros "acidentais" com um cara que queria. Eu era a garota que aparecia com a bunda nua na porta, empurrando-o para dentro e fodendo com ele sem compromisso.

Essa era eu.

Não sabia quem era a mulher que estava interpretando quando mandei uma mensagem para todos que conhecia, e corri até a loja para comprar bebida alcoólica, e liguei para um buffet para preparar petiscos... tendo que pagar o dobro por ser em cima da hora.

Eu deveria estar relaxando. Deveria estar nadando, lendo livros, dormindo. Oh, como eu sentia falta de dormir. Em uma cama que não fazia você pular para cima e para baixo enquanto alguém dirigia pela noite.

Mas não. Em vez disso, estava correndo e escondendo objetos de valor e criando listas de músicas.

— E aí? — ouvi atrás de mim, fazendo-me pular e gritar. Atrás de mim estava Jay. Um metro e oitenta de músculos e tatuagens, longos cabelos escuros e profundos olhos castanhos. Ele era meu baixista. E seus dedos estavam fazendo garotas desmaiarem ao redor do mundo. De todas as maneiras possíveis. — Se você não quisesse que alguém se aproximasse de você, deveria ter trancado a porta.

— É um elevador privado, — eu disse, revirando os olhos. Você não conseguia entrar sem uma chave. Jay era a única pessoa além de mim a ter uma.

— Então, que história é essa de festa de última hora? Não se cansou dessa merda na estrada?

— Não sei, — eu disse, encolhendo os ombros. — Queria fazer uma festa em casa. Onde não teria que me preocupar em entrar e pegar você fodendo alguma pistoleira na minha cama.

— Ei, sem promessas hoje à noite também, — disse ele, ajudando-me a tirar as garrafas de destilado da caixa e colocando-as no balcão.

— Grosso, — falei, enrugando meu nariz para cima. — A única pessoa permitida a fazer sexo na minha cama sou eu.

— Quando foi a última vez que você transou, Darce[2]? — Ele perguntou, olhando para mim incisivamente.

— Não faz assim tanto tem...

— Pelo menos quatro meses, — ele me cortou.

— Bem, estive ocupada...

— Também estive ocupado, — disse ele, inclinando-se, — mas eu ainda arranjo tempo para... me ocupar.

— Mais trabalho, — eu disse, jogando um saco de limões para ele, — menos preocupação com a minha vida sexual.

— Bem, alguém tem que se preocupar com isso, — ele resmungou, puxando o canivete e cortando os limões de uma maneira rápida e eficiente, de um jeito que apenas alguém que esteve nesse ramo de trabalho pudesse fazer. Jay costumava servir mesas. Ele costumava vestir calças e camisa, gravata e um avental na cintura, enrolava o cabelo cuidadosamente para cima, e servia refeições superfaturadas pretensiosas a esnobes de classe alta dispostos a pagar cem dólares por um prato de comida que valia apenas cinco.

Foi assim que conheci Jay. Em um recatado vestido de verão branco com meus longos cabelos loiros e meu rosto sem maquiagem. Dezessete anos e nunca tinha ouvido falar de metal. Eu

[2] O Jay sempre a chama de Darce, no original, em vez de Darcy.

sorri para ele enquanto meu pai e minha mãe discutiam e ignoravam sua existência. Quando ele me entregou meu prato principal, havia um bilhete debaixo dele que rapidamente escorreguei para o meu colo, esperando que a discussão de meus pais continuasse, como sabia que aconteceria, antes de desdobrá-lo.

Menina bonita. Encontre-me no The Pit esta noite às nove.

Lembro-me de ficar vermelha feito um tomate e deslizar o bilhete na minha bolsa, incapaz de encontrar seus olhos pelo resto da refeição. Fui para casa, deitada na minha cama no meu quarto amarelo, tentando convencer-me a me vestir para ir ao treino de líderes de torcida.

Foi quando voei da minha cama, me jogando na cadeira do computador, procurando pelo The Pit. Encontrei o endereço, joguei uma bolsa no ombro, e com um nó na garganta, caminhei até o carro que era meu presente de aniversário.

Nunca fui do tipo rebelde. Fiz tudo o que se esperava de mim. Eu me preocupei com ataques de pânico para ficar no topo da minha turma na escola particular mais competitiva da costa leste. Participei de debates. Fui líder de torcida. Forcei minhas mãos desajeitadas a aprender a tocar piano. Continuei magra, loira e alegre. Recusava a janta se comesse mais do que uma salada no almoço. Corria ao redor do quarteirão às quatro da manhã todas as manhãs durante seis semanas antes do baile de formatura para que eu pudesse entrar em um vestido um tamanho menor, um tamanho mais aceitável pela minha mãe. Declarei ao meu pai que eu iria para a faculdade, fazer MBA e ter um escritório um dia. Como ele.

Eu joguei pelas regras.

Então, não sabia o que me fez dirigir para aquele lado da cidade em um carro que provavelmente estaria sem o som e as rodas dentro de uma hora. Em um lugar que fazia arrepios subirem em meus braços e o medo se instalar como chumbo na minha barriga.

The Pit era um prédio de tijolos baixos com janelas escuras e três guardas de segurança postados do lado de fora da porta da frente. Havia um pequeno grupo de pessoas fumando e andando de um lado para o outro. Estacionei meu carro em um local aberto na frente, esperando que, se estivesse em plena vista dos seguranças, talvez ninguém fosse mexer nele.

Respirei fundo, peguei minha bolsa e saí do carro antes que pudesse mudar de ideia e correr de volta para casa. Tranquei o carro enquanto me afastava, chamando a atenção das pessoas na frente.

— Você se perdeu, garota? — Um dos caras perguntou, da cabeça aos pés de preto com botas enormes e longos cabelos loiros.

— Ei, princesa, — outro chamou, mais velho. Muito velho para ser doce falando comigo. — Olhe para aquele rosto bonito...

Minhas mãos estavam em punhos, minha cabeça se abaixou. Eu estava a segundos de me virar.

— Vai se foder, pessoal, — disse uma voz. — Ela está comigo.

Minha cabeça se levantou para encontrar o garçom do restaurante. Mas ele estava diferente. Seu cabelo estava solto, caindo direto nos seus ombros. Ele usava calça jeans preta e uma camiseta preta, seus braços nus cobertos de tatuagens. Seu rosto parecia mais sinistro e ele tinha um piercing no lado do lábio inferior.

— Jason? — Perguntei, hesitante, parando no meio do estacionamento.

— Jay, — ele corrigiu, sorrindo lentamente. — Você veio.

Eu assenti, um sentimento de bravura encheu minha corrente sanguínea. — Eu vim, — concordei.

Ele riu, segurando um braço para eu vir ao lado dele. Assim que eu estava ao seu lado, o braço dele passou pelos meus ombros. Mas não era possessivo, era reconfortante. — Tudo bem, vamos mudar sua vida, Barbie.

E ele fez isso.

Ele me levou para dentro de um salão escuro e aberto, cheio de pessoas com cabelos escuros, tatuagens, piercings, tachas, botas de combate e maquiagem escura. O salão tinha o cheiro distinto de cerveja barata, suor e o cheiro acobreado de sangue. Na parte de trás da sala havia um palco onde uma banda estava se preparando. As pessoas circulavam sem rumo, conversando com todos como se fossem uma grande comunidade.

Jay me levou até a segurança onde paguei meus cinco dólares e coloquei uma pulseira de papel em volta do meu pulso com a palavra

“menor” impressa em negrito. O segurança bateu em uma lanterna e me disse para abrir minha bolsa.

— O quê? Por quê? — Perguntei, segurando-a com mais força.

— Ele está procurando por drogas, bebida ou armas, — Jay explicou a meu olhar de horror.

— Sério? — Eu ri, abrindo minha bolsa e segurando-a para ser inspecionada enquanto Jay era revistado por outro guarda.

— Não se preocupe, — ele sorriu, — eles não apalpam as mulheres.

— Infelizmente, — disse o guarda, piscando para mim.

— Então, — eu disse enquanto Jay me guiava no meio da multidão, — como, exatamente, isso deveria mudar minha vida?

Seu braço pousou com força nos meus ombros novamente quando os olhos das pessoas começaram a cair sobre mim, um peixe fora d’água, eu sabia. Uma completa intrusa. — Você vai ver, — disse ele, sorrindo para mim enquanto me puxava para a frente do palco. Então, o cantor no palco acenou com a cabeça para Jay e seu ele tirou o braço de mim, pulando no palco. — Vou te ver depois do meu show.

Olhei em volta de mim ameaçadoramente, aproximando-me mais perto do canto do palco onde, pensei, estaria menos no caminho. Então a música começou, fazendo-me pular para trás, porque não começou devagar e gradualmente. Começou alto, ensurdecedor. Eu podia sentir o baixo vibrar através do meu corpo, ao mesmo tempo inquietante e erótico. Meus olhos voaram para Jay no palco e ele piscou para o meu olhar de admiração antes de desviar sua atenção para a multidão.

Não demorou muito para que todo o inferno se soltasse. A multidão começou a gritar as letras em vozes baixas, rosnando e demoníacas. Suas mãos subiram no ar. E então, na frente do palco onde eu estava, as pessoas começaram a jogar seus corpos um no outro. O resto da multidão recuou, fazendo um semicírculo ao redor deles enquanto corriam, jogando punhos, chutando. Uma exibição

violenta e, no momento... horrível, que não entendi. Eu nem sequer tenho uma palavra para o Mosh[3].

Eu quase saí. Poucas mulheres ou meninas sentem-se confortáveis quando a visão da violência masculina se manifesta. Isso faz com que um nó se acomode em sua barriga. Faz seus cabelos ficarem em pé. Faz você se perguntar quanto tempo até que essa raiva ligue as mulheres ao seu redor.

Mas então eu vi uma mulher romper a multidão: em algum lugar, da minha idade, com cabelos louros curtos e branqueados, maquiagem de olhos pretos escuros, jeans apertados com um cinto cravejado, botas com saltos altos grossos e um moletom com as mangas cortadas, expondo tatuagens em seus braços. Sua sobrancelha era perfurada duas vezes, o lábio inferior remendado no centro. Tudo nela parecia forte, fodona. Seus olhos se levantaram quando ela entrou no centro dos caras selvagens, encontrando os meus. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto e, em seguida, ela se dirigiu para o cara mais próximo, seu cotovelo pegando seu queixo enquanto ele balançava a cabeça, fazendo sua cabeça estalar para o lado e o sangue voar para fora de sua boca.

Foi então que entendi o que aquele sorriso significava. Isso significava que ela poderia ficar com os meninos grandes.

E naquele momento eu soube. Sabia que isso era exatamente o que queria fazer também. Tingi meus cabelos de preto quando cheguei em casa. Matei aula pela primeira vez na minha vida e fui comprar roupas pretas em uma loja no shopping que vendia camisetas de bandas e tocava música de metal nos alto-falantes. Toquei todas as bandas de metal que Jay sugeriu na repetição. Entrei no porão à prova de som onde o piano estava localizado (porque o som dava enxaqueca no meu pai) e imitava o modo como eles cantavam: o grito, o rosnado, a voz baixa e maligna. Bati nas teclas na batida das músicas.

Eu formei um sonho.

No dia em que completei dezoito anos, sob a ameaça de ser cortada financeiramente se não saísse da minha "fase de rebeldia", arrumasse meu cabelo, usasse minhas antigas roupas e fosse para a faculdade como uma boa menina, joguei todas as minhas coisas em malas e me mudei com Jay.

[3] O mosh, também conhecido como mosh pit ou roda-punk (ou apenas roda) no Brasil, consiste numa forma de dança associada à gêneros musicais mais agressivos como o punk rock e o heavy metal

Trabalhei no The Pit como uma bartender, entre motoqueiros velhos tirando fotos intermináveis de mim. E em troca, o dono me deixou tocar duas músicas por semana. A antiga banda de Jay se desfez e eu roubei ele e o baterista. Colocamos a cabeça para funcionar, inventando planos de negócios. Vendi meus sapatos de grife antigos e bolsas. Conseguimos uma van velha e surrada, tiramos as prateleiras traseiras e jogamos um colchão velho. Então, pegamos a estrada. Eu compartilhei aquele colchão com outras três pessoas, acordando cheirando a cigarros, suor e colchão mofado.

Foi o momento mais feliz da minha vida.

Gravamos CDs em pequenos estúdios encardidos que pagávamos com o dinheiro que seria para comida. Nós ralamos. E então, um dia, conseguimos um contrato de gravação.

Eu assisti a Jay cortando limões e tive uma onda de gratidão como não sentia há muito tempo. Se não fosse por ele, eu teria ido a alguma faculdade. Teria conseguido um diploma que meus pais teriam aprovado. Teria saído com empresários chatos. Teria tido uma vida pequena e segura. E eu teria sido miserável.

E, por sua vez, se não fosse por mim, Jay ainda estaria trabalhando em restaurantes, cortando limões para ganhar a vida.

Saí da cozinha, movendo-me atrás dele, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura e repousando minha cabeça em suas costas. O movimento de corte parou e eu o ouvi baixar a faca. Ele se endireitou, girando e envolvendo seus braços em volta dos meus ombros, prendendo meu cabelo por baixo, e eu nem me importei.

— Eu amo você, seu grande idiota, — disse em sua camisa.

— Eu também te amo, Barbie, — disse ele, inclinando-se e beijando o topo da minha cabeça. — Então, quem vem esta noite? — Ele perguntou, se separando de mim. Nós não éramos grandes nos momentos sentimentais. Eu era provavelmente a única mulher que ele abraçou sem segundas intenções quando o sexo não era uma probabilidade iminente. Sinceramente não conseguia lembrar a última vez que abracei alguém.

— Espero que alguém, — eu ri, revirando os olhos. — Mandei mensagem para todos. Então, se ninguém tiver algo melhor para fazer...

— É uma noite de terça-feira, — ele deu de ombros. — E não acho que alguém iria perder de mostrar seu rosto em uma de suas festas. No caso de você ter se esquecido, geralmente acaba com muita nudez. Incluindo a sua nudez, — ele sorriu, mexendo as sobrancelhas para mim.

— Sim, bem... — Comecei, balançando a cabeça para mim mesma. A eu sóbria nunca foi uma grande fã das convenções e regras sociais. Meu eu bêbada era completamente safada e estúpida. O que provavelmente não era a melhor maneira de me comportar com uma possível queda em meu vizinho sexy e torturado. Eu esqueceria tudo sobre o nosso pequeno jogo — quem tem o autocontrole mais forte — Eu o arrastaria para minha cama em menos de uma hora. Então sim. Isso não poderia acontecer. — Não vou beber esta noite.

Jay olhou por cima do ombro para mim, a testa abaixada. — Vamos ver. — Eu o ignorei quando abri a porta para os fornecedores e fui até o corredor.

Tomei banho, arrumei meus cabelos, coloquei um pouco de delineador porque me sentia nua sem ele, então vesti uma mini saia listrada horizontal em preto e branco e uma camisa amarela. Confortável e casual. Era bom não usar um espartilho e meia arrastão e botas pesadas para variar. Às vezes você só precisava usar coisas que não eram vinculativas e que causavam bolhas.

— Para que serve isso? — Jay perguntou quando entrei de volta, segurando o livro *Far From The Madding Crowd.* Que era um dos três romances de Thomas Hardy que eu havia incluído com alguns outros autores na cesta de boas-vindas de Isaiah.

— Oh, seja bonzinho e coloque isso na porta do meu vizinho a hora que você passar por lá, — falei, furtando uma cenoura e mergulhando em uma das bandejas da festa. Jay deixou a comida saudável passar porque ele acabaria pedindo uma dúzia de pizzas gordurosas quando as pessoas começassem a chegar.

— Você comprou pro seu vizinho... livros?

— Ele gosta de ler, — dei de ombros.

— Oh, *ele* gosta, né ? — Ele perguntou sorrindo.

— Cale a boca, vá tomar banho e volte aqui. Não me faça entreter as pessoas sozinha.

***

Três horas depois, meu apartamento estava inundado. A sacada estava ridiculamente lotada, as pessoas tendo que virar de lado para se esgueirar pela multidão. Jay conectou o sistema de som e a música estava tocando nos alto-falantes. Ele estava na piscina, encantando quatro, sim... quatro mulheres diferentes de biquíni. Se eu não tivesse visto, ele iria foder todas elas ali na piscina na frente de todos.

Em todo lugar e todo mundo fedia a álcool. Eu tinha limpado uns bons vinte respingos antes de começar a levar a bebida para fora e instruí os funcionários a fazer o mesmo com a comida. A maioria das pessoas queria estar na área da piscina de qualquer maneira. E a limpeza de amanhã seria muito melhor se tudo o que eu tivesse que fazer fosse lavar ali fora.

Meu vizinho sexy ainda não tinha dado as caras e eu... não estava me sentindo excessivamente animada. Voltei para dentro do meu apartamento, que estava vazio, e sentei-me no meu piano de vertical que eu tinha pintado de um roxo profundo.

Eu não tocava muito nos shows. A maioria das nossas músicas eram muito alta, abafaria o som completamente. Mas era um hábito da minha juventude que eu não conseguia me livrar. Talvez porque eu precisava trabalhar nisso. Horas sem fim sentada naquele porão tentando forçar meus dedos a encontrar as notas, tentando fazer minhas mãos trabalharem separadamente. Se houvesse alguma habilidade, seria tolice esquecer, seria piano clássico.

Meus dedos correram pelas teclas uma vez, encontrando meu lugar e começam a tocar, uma música lenta e triste sem nenhuma origem particular.

Não sei quanto tempo toquei. Minutos. Horas. Não importava. Senti alguém escorregar para o banco ao meu lado e, supondo que fosse Jay, ignorei-o enquanto ele se sentava.

As últimas notas foram altas e expectantes, em seguida, afundou baixo, meus dedos pararam em cima das teclas.

— Isso foi triste, — uma voz, que decididamente não era de Jay, soou.

Minha cabeça virou rapidamente para o lado, observando os profundos olhos verdes do meu vizinho. Foi então que senti o joelho dele roçando minha coxa, o calor de seu corpo tão perto. — Sim, — concordei, olhando de volta para o piano.

— Você escreveu isso?

— Sim, — respondi, percebendo que eu tinha... tocado da minha cabeça.

— Parece você, — disse ele, sua voz baixa.

— Você acha que sou triste? — Perguntei, virando a cabeça para encará-lo novamente, minhas sobrancelhas juntas. As pessoas podem ter me acusado de ser um monte de coisas: brava, angustiada, imprudente, louca. Mas nunca triste.

— Eu acho que você é linda, — ele respondeu e tentei ignorar a rápida sensação de formigamento no meu estômago.

Respirei fundo. — Então você está gostando da festa? — Perguntei, querendo me afastar, mas sabendo que não podia.

— Mmmhmm, — ele murmurou, estendendo a mão para mim colocando meus cabelos atrás da minha orelha. Sua mão ficou lá por um segundo antes de deslizar lentamente pelo lateral do meu pescoço, roçando meu ombro. Seus olhos me observavam como se procurasse algum tipo de objeção, algum sinal de recuo. Não encontrando nada, seus dedos acariciaram mais baixo, brincando com o decote da minha camisa. Então a mão dele se espalhou e a palma da mão roçou meu seio, acomodando-o e segurando-o, seu polegar roçando uma vez casualmente sobre o mamilo e fazendo-o se esticar contra o tecido.

Minha boca abriu-se ligeiramente, minha respiração escapando entre meus lábios enquanto eu pressionava minhas pernas juntas. Como ele fez isso tão facilmente? Sempre tive um desejo sexual saudável, desde a primeira vez que segui um vocalista, cerca de dez anos mais velho que eu, mas sexy pra caralho, na parte de trás de sua van e deixei ele tirar minha virgindade em uma pilha de roupas sujas. Tendo pouca consideração pela dor e bagunça da coisa toda e batendo em mim mais e mais até que ele rosnou — Eu preciso foder mais virgens. Você é apertada pra cacete — e assim ele gozou.

Nem todo mundo tem gentileza e palavras de amor quando fodem uma virgem. Pelo menos eu poderia dizer que perdi minha virgindade

para o maior símbolo sexual do metal desde os anos oitenta. Ele voou nas paradas alguns meses depois do nosso pequeno encontro em sua van. Em geral, sempre escolhi o mais interessante ao invés do melhor.

Essa coisa toda com Isaiah Meyers estava ficando muito, muito interessante. Porque nunca deixei um homem colocar as mãos em mim tão rápido. Não sem que eu começasse de qualquer forma. Eu gostava de sexo. Gostava de novos parceiros. Mas eles nunca me sentiram a um metro e meio de uma centena de pessoas que eu mal conhecia.

E então seus olhos baixaram para o meu peito e antes que eu pudesse avaliar sua intenção, sua cabeça mergulhou e sua boca se fechou ao redor do meu mamilo, passando a língua sobre ele e o bico endureceu, fazendo um gemido rouco sair dos meus lábios. Seu braço serpenteou em volta das minhas costas, acariciando minha coxa antes de agarrá-la com força, puxando-a para cima e em volta do banco até que eu estivesse sentada como ele, minhas costas pressionadas contra o peito dele.

Suas mãos foram ao meu redor, deslizando sob a minha camisa e subindo pela minha barriga até que elas se fecharam sobre os meus seios nus. A pele endurecida, calejada e áspera, me fez arquear em seu toque, minha cabeça caiu de volta em seu ombro. Sua cabeça abaixada, agarrando o lóbulo da minha orelha e chupando, fazendo minhas mãos baterem em suas coxas e agarrar com força.

Ouvi o som da porta de correr para a varanda aberta e voei para longe dele, rapidamente me virando para o piano e deslizando os dedos sobre as teclas, apenas rezando para que não fosse Jay. Jay, que veria totalmente o rubor nas minhas bochechas e a marca molhada sobre o meu peito. Jay, que me provocaria impiedosamente sobre isso. Eu podia sentir os olhos de Isaiah em mim, mas lutei para fingir que ele nem estava lá.

— Ei, Darcy, — disse uma voz masculina, tímida, hesitante.

Virei minha cabeça por cima do ombro para encontrar nosso baterista, Todd, alto e magro, com uma garota pequena de cabelos loiros e olhos castanhos. Tudo sobre Todd era reservado e hesitante. Eu não tinha ideia de como ele aguentava a vida da estrada durante tanto tempo. — O que há, Todd? — Perguntei, estremecendo com o quão rouca minha voz soou.

— Umm... bem... Jay está meio...

— Oh, ótimo, — interrompi, balançando a cabeça e sorrindo ironicamente para ele. — O que ele está fazendo agora?

— Ele é ah... bem...

— Desembucha, — sorri gentilmente. — Somos todos adultos pervertidos aqui.

Seus ombros caíram quando ele enfiou as mãos nos bolsos da frente. Na verdade, eu não tinha certeza se o pobre rapaz tinha conhecido o toque de uma mulher ainda. Jay tentara tirá-lo da concha uma vez, mas Todd sempre se afastava. — Ele está indo em cima uma garota...

— Oh pelo amor de Deus, — eu disse me levantando rapidamente, puxando o decote da minha camisa para que a mancha molhada ficasse entre meus seios e saísse para a varanda, sem olhar para Isaiah. Mas eu o ouvi levantar enquanto saía. — Jay! — Gritei para ser ouvida sobre a música, vendo a garota em questão deitada em uma espreguiçadeira, Jay enterrado entre suas coxas.

Senti um corpo apertar atrás de mim e ouvi a risada baixa de Isaiah no meu ouvido. — Bem, isso parece divertido, — disse ele, serpenteando a mão em volta da minha barriga. — Quer pegar uma chaise?

Senti um arrepio de antecipação antes de sair de perto dele e andar até Jay. Não havia realmente nenhuma maneira delicada de acabar com o sexo oral, e as chances eram de que Jay estivesse longe demais para responder a uma gentil recusa. Eu me abaixei, pegando um punhado de seu cabelo e puxando para trás, fazendo-o bater duro no chão. — Se cubra, — eu disse para a garota que rapidamente cruzou as pernas.

— A gente só tava se divertindo, Darce, — Jay reclamou, sorrindo para mim.

— Sim, bem, você vai ter que levar esse tipo de diversão para o hotel do outro lado da rua.

— Empata foda, — ele se opôs, indo em direção ao bar.

Voltei, esperando ver Isaiah, mas ele não estava à vista. O que, realmente, foi melhor. Olhei em volta para ver se havia mais incêndios que precisavam ser apagados imediatamente. Não encontrando nada,

voltei para o meu apartamento e para o meu quarto, trancando a porta. Estava me sentindo frustrada. Tanto sexual como emocionalmente. Eu precisava apenas tirar alguns minutos para mim mesma.

Voltei para fora quando os sons ficaram mais silenciosos para encontrar apenas algumas dúzias de almas devotadas deixadas na piscina. Bebendo e flertando. Observei através da porta quando Isaiah colocou os braços em volta dos ombros de duas meninas, sorrindo, e as conduziu através da varanda em direção ao seu apartamento.

Então foi assim.

Suspirei, pegando uma bebida. Bem, assim acabou a festa.

Jay acenou para mim, brindando na varanda com sua bebida.

Cinco

Eu não conseguia parar de pensar nela. Literalmente não podia. Fiquei distraído no trabalho o dia todo, pensando em seu corpo nu, pensando em seu pé brincando com meu pau. Pensando em voltar a vê-la em sua festa.

Lutei contra o desejo de ir até lá assim que comecei a ouvir música e pessoas, não querendo parecer muito ansioso, desesperado demais. Quando finalmente fui até lá, bem, não estava preparado para a multidão. Até mesmo as festas para as quais fui no trabalho deixavam uma grande quantidade de espaço para circular. A festa de Darcy não deixou espaço livre. Você tinha que esbarrar nas outras pessoas para escapar da multidão.

Levei quase uma hora e meia para encontrá-la. Acabei ouvindo as notas do piano quando a música mudou. E, com certeza, lá estava ela, ligeiramente inclinada para frente, o cabelo escondendo o rosto enquanto as mãos dela voavam sobre as teclas, seguras e sem esforço.

Escutei da porta por um segundo antes de caminhar e me sentar. Ela nem percebeu minha presença enquanto tocava, aparentemente perdida demais em sua música. Quando suas mãos tocaram as notas finais e falei, seu olhar chocado tinha sido quase cômico.

Levar o cabelo para trás da orelha foi inocente. Eu só queria ver o rosto dela, mas quando ela olhou para mim com aqueles olhos marcantes... sim, não havia como voltar atrás. Tocá-la era como brincar com fogos de artifício. Tudo acendeu. Cada carícia era como uma explosão em seu corpo. Ela se inclinou para mim, choramingou, ela molhou os lábios. Tudo inconscientemente, eu tinha certeza. Não houve um sinal de hesitação quando minha mão deslizou até o peito, acariciando seu mamilo. Ou quando eu o peguei na minha boca.

Ela teria me deixado levá-la para a cama se aquele cara Todd não tivesse interrompido. Mas valeu a pena ter a oportunidade de vê-la atacar seu baixista e tirá-lo pelos cabelos de entre as coxas de uma menina. Essa foi uma imagem muito legal de se ter.

Depois, ela simplesmente... desapareceu. Procurei-a por um tempo antes de perceber que ela devia estar me evitando. Então fui puxado para uma conversa com uma loira atraente. Então outra.

Antes mesmo de pensar, eu estava levando-as para o meu apartamento. Não havia motivo para não levar alguém para a cama. Eu estava frustrado por dois confrontos com Darcy que não levaram a nenhum tipo de alívio sexual. Não foi como eu queria. Eu precisava de um alívio. E que melhor maneira de alívio senão ter duas mulheres dispostas a compartilhar você?

Talvez se eu saísse, minhas tentativas de dormir com Darcy seriam mais produtivas.

— Seu apartamento é tão vazio, — uma das loiras, Lily acho, disse.

— Acabei de me mudar, — expliquei, inclinando-me em direção a sua orelha. — Mas tenho uma cama, — eu disse a ela, levando-as para o corredor e para o meu quarto. Tirei meus braços de seus ombros, indo sentar ao pé da minha cama. Elas ficaram lá, olhando para mim e rindo uma para a outra. — Allison, — falei e a garota se animou. — Acho que Lily precisa ser beijada, né? — Perguntei com uma sobrancelha levantada. Ela olhou para mim por um longo minuto antes de estender a mão e tocar o rosto de Lily e puxá-la para perto, seus lábios se tocando facilmente, sem qualquer tipo de hesitação.

Coloquei minhas mãos na cama atrás de mim, me inclinando para trás e observando enquanto elas se beijavam, sentindo meu pau endurecer enquanto as mãos de Lily se moviam para cima para começar a acariciar os seios de Allison sobre o biquíni dela. Peguei os botões da minha camisa, soltando-os lentamente enquanto as meninas começavam a se despir. De vez em quando, uma delas olhava para mim com um sorriso malicioso.

— Allison, — eu disse, em pé, pegando meu cinto, — venha aqui, — falei, batendo na beira da cama. Ela seguiu, sentando-se e eu estiquei minhas mãos até seus ombros pressionando-os contra a cama. — Lily, — eu disse, estendendo a mão para ela e a colocando de joelhos. — Você quer sentir o sabor da boceta dela, né?

— Mmmhmm, — ela disse e eu sabia que era mais para o meu benefício do que seu desejo genuíno de comer outra garota. Que foi mais uma vez para mim.

— Boa menina, — falei, acariciando seu rosto, em seguida, guiando-a entre as coxas de Allison. Puxei minhas calças para baixo, saindo delas e abrindo um pacote de camisinha. Fiquei ali por um momento, acariciando meu pau enquanto observava Allison começar a se contorcer no colchão. Coloquei o preservativo, ficando de joelhos atrás de Lily, deslizando meus dedos em seu calor escorregadio. Eu a fodi com o dedo por um momento, até que ela estava ofegante contra Allison, em seguida, puxei meus dedos para fora, deslizando entre suas coxas e socando dentro dela. — Não pare de lamber sua boceta, entendeu? — Perguntei, levantando e agarrando o cabelo dela.

— Sim, — ela choramingou, empurrando seus quadris para trás contra mim.

Empurrei selvagemente dentro dela, tentando me livrar da frustração que estava pendurada como uma névoa ao meu redor por semanas. Ela gemia, balançando contra mim quando seus dedos deslizaram para dentro da boceta de Allison, levando-a para cima e através de um orgasmo, antes de desmoronar contra a coxa da menina, esperando por ela própria. Eu estiquei minha mão ao redor dela, acariciando seu clitóris até senti-la apertar em torno de mim enquanto ela gritava.

Saí dela, subindo na cama, encostando no travesseiro. — Allison, — eu disse, batendo no meu colo e observando-a rastejar até a cama, os olhos pesados. Ela me montou rapidamente, gananciosa por me ter dentro dela, gemendo alto quando empurrei profundamente nela. — Lily, — falei, curvando meu dedo para ela. — Vou chupar essa sua boceta enquanto Allison me fode, — eu disse e ela rapidamente veio até mim, colocando os joelhos em ambos os lados do meu rosto abaixando-se. Allison estendeu a mão ao redor dela, beijando seu pescoço quando ela começou a cavalgar rapidamente, seus quadris se esfregando em mim enquanto ela acariciava seu desejo.

Este era o sonho de todo homem. Eu tinha duas mulheres que me chupavam e fodiam do jeito que eu queria. Eu deveria estar fora de mim com desejo e excitação. Mas tudo que senti foi uma espécie de calor indiferente. O ritmo de Allison estava se tornando errático quando sua respiração começou a sair rapidamente. Comecei a estocar para cima nela enquanto minha língua lambia o clitóris de Lily mais e mais até que suas coxas começaram a tremer e saboreei uma onda de umidade quando ela encontrou seu orgasmo.

— Oh, oh meu deus, — disse Allison, agarrando desesperadamente os ombros de Lily quando ela começou a chegar ao pico. Investi mais algumas vezes, gozando forte e rápido.

Lily desabou ao lado da minha cabeça, Allison caindo no meu peito.

Sexo simplesmente não estava mais fazendo isso. O que era louco. Assim que tive um gostinho de foder, fui fisgado. Enfiei meu pau em todas as mulheres atraentes que cruzaram meu caminho. Não era estranho eu ter duas ou três por dia, me sentindo completamente insaciável depois de tantos anos sem ninguém.

Até que recentemente, ano passado ou mais, não foi suficiente. O sexo normal. Apenas não mexia mais comigo. Então peguei duas ou três mulheres na cama ao mesmo tempo. Eu as fiz lamber umas às outras, amarrar consolos e foder uma a outra. E então eu me juntava, enfiando meu pau em suas bocas, suas bocetas, suas bundas. Eu as amarrei. Bati nelas. Tentando desesperadamente sentir pelo menos um pouco do barato que costumava sentir no auge de um orgasmo.

Mas não estava funcionando.

Dei um tapinha em Allison até que ela se afastou de mim, me levantando e indo ao banheiro. Joguei o preservativo e liguei a água quente, indo para debaixo do jato.

Eu sempre precisava tomar banho depois do sexo. Precisava tirar o cheiro delas de mim. Precisava apagar o filme de vergonha que ainda sentia mesmo depois de todos os anos tentando esquecer os ideais em que fui criado. Saí da água um pouco depois, colocando uma calça de pijama cinza e indo até a sala de estar.

Uma hora ou outra eu as mandaria embora. Nunca seria capaz de dormir até que elas fossem embora e eu trocasse os lençóis. Mas não ia ser o babaca que as colocasse para fora da porta quando ainda estavam tentando entender o que aconteceu.

Peguei um dos livros que encontrei do lado de fora da minha porta mais cedo, algo de Charlotte Bronte, e sentei na minha cadeira para ler. Nunca tinha realmente gostado de romances, sentindo que meu tempo era melhor gasto com eventos atuais (ou passados). Mas se Darcy, com sua educação privilegiada, achava que era algo que valesse a pena ler, então eu estava disposto a tentar.

Muito tempo depois, meus olhos ficaram secos enquanto eu folheava as páginas da obra-prima conhecida como *Jane Eyre* , quando ouvi um barulho vindo do meu quarto. Vozes baixas e abafadas, antes de ouvir passos no corredor. Olhei para o relógio, percebendo que já passava das quatro da manhã.

Elas estavam indo em direção à porta da frente na ponta dos pés, de mãos dadas. Como se estivessem fugindo de algo. Sorri para mim mesmo enquanto Lily pegava a maçaneta da porta. — Boa noite senhoritas, — eu disse, quase rindo quando as vi pular e gritar, virando-se culpadas de volta para mim.

— Oh, ei, a gente só estava... — Allison começou.

— Esgueirando-se para fazer a sua caminhada de vergonha? — Sugeri, balançando a cabeça em seu olhar compartilhado. — Foi divertido meninas. Querem que eu chame um táxi para vocês?

— Hum, não, — disse Lily, abrindo a porta. — Já chamamos um. Obrigada.

Então elas correram para o corredor e fecharam a porta silenciosamente. Coloquei meu livro aberto e debruçado sobre o banquinho para não perder a página, me levantando e caminhando até o uísque. Não podia culpá-las por tentar fugir. Eu duvidava que as aventuras da noite fossem o tipo de coisa que elas queriam. Talvez se tivessem sido uma daquelas que foderam um dos caras da banda. E não o vizinho rico. Aquele que as fez desabar uma na outra. Isso não era coisa de contos de fadas.

E as mulheres amavam seus contos de fadas.

Infelizmente para elas, minha riqueza era praticamente a única coisa principesca sobre mim. Eu não ia salvar ninguém. Mal conseguia me salvar.

Inferno, se alguém soubesse sobre o que eu...

Bem, ninguém ia saber. Joguei de volta o uísque e voltei para o quarto, arrancando os lençóis da cama e jogando-os em um cesto. Eu peguei os novos do armário e coloquei-os na cama.

Eu me deitei, olhando para o teto por um longo tempo.

Ninguém ia saber.

Seis

Não vi meu vizinho novamente depois da festa. Depois que ele sumiu com duas vagabundas. Depois que fiquei incrivelmente bêbada e realmente sentei no colo de Todd e disse a ele que poderia mostrar a ele como ser um homem. O pobre coitado não conseguia nem me olhar nos olhos na manhã seguinte. Jay acabou aparecendo com uma história sobre sua mais recente aventura sexual que nos deixou horrorizados e ao mesmo tempo curiosos.

Tudo bem. As coisas estavam de volta como deveriam ter sido. Eu me senti mais relaxada, o que deixou os caras mais relaxados e à vontade. Enquanto arrumava minhas malas para a segunda parte da turnê, tudo o que senti foi a emoção habitual, um pouco de ansiedade e a vontade de voltar ao trabalho.

Fui até o carro alugado, o motorista correndo para arrumar minhas malas no porta-malas e deslizo no banco de trás. Tinha uma hora e meia de carro de volta ao ônibus da turnê, e então estaríamos voltando à estrada novamente. Afundei no banco, sentindo-me quase feliz por estar deixando a cidade. Eu não era assim normalmente. Sempre gostei de estar em casa nas raras ocasiões em que poderia estar. Mas nos últimos dois dias, parecia quase sufocante.

Não tinha nada, absolutamente nada, a ver com o meu vizinho sexy. Não. De modo nenhum.

Paramos no ônibus duas horas depois. Dei uma gorjeta para o motorista e no ônibus acenei para os dois assistentes de palco que contratamos, e, portanto, com quem ia compartilhar os beliches.

Eu amava o ônibus. Adorava todas coisas que fizemos para parecer nossa casa, uma cozinha completa com mesas, uma mini sala de estar e oito beliches. Era como um hotel em movimento, onde você podia festejar com todos os seus melhores amigos todas as noites. Era um ônibus enorme preto e bronze que eu não quase não podia acreditar que alguém fosse capaz de dirigir em uma estrada normal. Mas Burt, a figura paternal mais velha de todos nós, vinha fazendo isso desde que emprestamos a enorme fera dois anos antes de nossa gravadora.

Subi os degraus e desci a cozinha consistindo de duas pequenas mesas com cabines, uma pequena cozinha e uma área de estar. — Cadê vocês? — Chamei, caminhando, passando pelos beliches com suas cortinas de privacidade e televisões.

— Menina bonita, — a voz de Jay chamou da sala de estar, — pensamos que você tivesse desistido da gente.

— Você parece tão desolado com a ideia, — ri, entrando na sala que tinha um sofá em forma de U mesas e um minibar. Jay estava ocupando a maior parte de um lado, Todd sentado no canto, mas eles não eram o que me fez parar na porta, meu coração voar na minha garganta. — O que você está fazendo aqui?

Porque lá no meio da sala, estocando o frigobar... estava o fodido Isaiah Meyers de calça preta e camiseta branca. Ele olhou para mim por cima do ombro, um sorriso divertido em seus lábios.

— Oh, Darce, — disse Jay, puxando uma guitarra sobre a barriga dedilhando distraidamente, — este é Isaac ou algo assim...

— O nome dele é Isaiah, — disse Todd, revirando os olhos.

— Certo, — disse Jay, acenando com a cabeça, — Isaiah. Eu o contratei para ajudar por aqui.

— Será que você não percebeu que ele está vestindo calças de trezentos dólares e tem um maldito Rolex?

— Ah é? — Jay perguntou, olhando de volta para Isaiah e franziu os lábios. — Legal.

— Ele é meu vizinho, seu idiota, — falei, balançando a cabeça. Isso não podia estar acontecendo. Essa era uma merda de uma maldita comédia ruim. Não havia como meu vizinho, um maldito investidor de capital de risco, estar no meu ônibus... aceitando um emprego aquém da sua capacidade. — Bem. Você o contratou. Estou demitindo-o.

Isaiah se levantou, dobrando a caixa de refrigerante e sorrindo para mim. — Ei, Darcy, — disse ele, soando perfeitamente inocente.

Eu fiquei fula da vida.

Jay olhou entre nós dois e riu. — Uia, isso vai ser divertido, — disse ele, olhando para mim com olhos brilhantes. — Se ele for, eu vou.

— Besteira, — eu disse, começando a sorrir, mas encontrando o desafio em seus olhos. Eu o conhecia melhor que ninguém. E ele não blefava.

— Tudo bem, — falei, suspirando, olhando de volta para Isaiah, — então você se demite.

— Espera aí, — disse ele, estendendo a mão e esfregando a barba em sua bochecha, — acho que não posso fazer isso.

— Por quê?

Ele olhou de volta para Jay, compartilhando um sorriso que me deu vontade de dar um tapa em ambos. — Concordo com Jay... isso vai ser muito divertido.

— Aughhh, — resmunguei, afastando-me por um minuto. Sério, isso? Era assim que ele ia jogar? Ele estava disposto a se afastar da sua vida por um ano inteiro só para foder comigo? E bem, porra. Quem faz esse tipo de coisa? Que tipo de pessoa instável ele era que iria trabalhar no meu ônibus apenas para ganhar qualquer coisa?

— Seja como for, — eu disse, virando-me para trás. — Apenas tenha certeza de que seu beliche esteja muito longe do meu, — falei, começando a me afastar.

— Bem, veja bem... — Jay disse e senti minha espinha endireitar-se.

— Veja bem o quê?

— Normalmente, eu ficaria feliz em agradar você, — ele disse em um tom que nós dois sabíamos que ele preferia mesmo me sacanear o quanto pudesse, — mas todos os beliches extras já foram escolhidos quando ele chegou aqui...

— Como assim já foram escolhidos? — Perguntei, voltando. — Na última que contei, a gente tinha três membros da banda, um motorista de ônibus e mais dois da equipe. São seis pessoas. Então tinha que sobrar dois...

— Sim, mas daí decidi trazer a Maddy junto, — disse Jay, acenando para trás de mim, onde uma ruiva bonita estava de pé, acenando para mim.

— Oh, ótimo, — eu disse, então me voltei para a garota. — Espero que você saiba que ele vai ficar enjoado de você no meio da turnê e deixá-la em alguma cidade que você nunca ouviu falar. Mas não antes que faça com você todo tipo de coisas pervertidas. E quaisquer outras garotas que ele trouxer de volta no ônibus vai ser a mesma coisa.

— Sim, ele me falou, — ela disse docemente, passando por mim e se enrolando aos pés de Jay.

— Eu fodo vagabundas, cara, — disse Jay sorrindo.

Esfreguei a dor de cabeça que estava se formando entre os meus olhos. — Tudo bem. Que beliche ele vai ficar?

— O debaixo do seu, — Todd me informou, parecendo envergonhado.

— Oh, isso é maravilhoso, — eu disse, balançando a cabeça e indo para a frente do ônibus.

A garota, Maddy, já era bastante ruim. Eu me acostumei com as companhias de beliche de Jay há muito tempo. Elas eram sempre jovens e estúpidas, sempre acabavam com um ataque de ciúme e possessividade em algum momento ou outro. Que eu, naturalmente, sempre era chamada para resolver porque, aparentemente, ter uma vagina significa que eu sabia como lidar com as birras.

Então, como se isso não bastasse, tinha que lidar com Isaiah. Sexy, determinado Isaiah. Dormindo bem embaixo de mim. Seria uma longa, longa turnê.

Andei para a frente, pegando minha bolsa e subindo para o meu beliche, puxando minha cortina de privacidade e colocando meus fones de ouvido.

A única razão pela qual o ônibus da turnê funcionava era porque nos conhecíamos muito bem. Todd acordava cedo e trocava de lugar com Burt, que se deitava e descansava. A equipe acordava em seguida, sentando-se na frente e falando baixinho, mandando mensagens de texto, trabalhando em sua própria música ou arte ou qualquer coisa que eles precisavam fazer. Então, eu me levantava, insistindo que Todd parasse para que pudéssemos comprar café e donuts. Jay não deveria ser acordado... nunca. Se você tentasse, sofria ameaça muito real de danos corporais. Ele não era uma pessoa matinal. Ou uma pessoa da tarde na maior parte do tempo.

Todd ia direto para a cama depois de um show. Eu ficava acordada um tempo e ia lentamente até minha cama. Jay ficava acordado a noite toda tão alto quanto gostava, fodendo garotas em todas as superfícies do ônibus. Então nós acordávamos e coletivamente limpávamos tudo com lenços e começávamos outro dia. Todd roncava. Jay tinha pesadelos que o faziam se debater em seu sono.

Eu não gostava de ninguém tocando minhas coisas. Era um bebê manhoso quando ficava doente. E queria que todos os caras que não fossem do ônibus saíssem do ônibus antes de eu dormir.

Nós nos conhecíamos mais intimamente do que a maioria das pessoas conhecia seus cônjuges simplesmente porque estávamos presos em um espaço tão pequeno. Jay estava pegando no meu pé sobre insistir em um ônibus separado para os roadies. A maioria dos grupos saía em turnê com pelo menos dois outros lugares para os roadies. Mas nunca consegui aceitar bem a ideia. Sempre fomos capazes de entrar no palco e fazer a montagem geral. Sempre fizemos isso antes de conseguirmos funcionários.

Além disso, Joey e Mike estavam conosco quase desde o começo e geralmente não precisávamos deles no palco. Não era assim que deveria ser. Era para ser sobre a música.

O mais elaborado que já tivemos foi ter sangue falso em cima de nós enquanto cantávamos uma música sobre o problema cada vez mais predominante de autoflagelação.

Admito, porém, que precisávamos desesperadamente de mais alguém. Falamos por meses sobre contratar uma terceira pessoa, mas ninguém deu seguimento. Até que, claro, alguém apareceu um dia e se ofereceu para o trabalho. Jay provavelmente ficou orgulhoso como um gato trazendo para casa um rato para resolver o problema.

Ele ficaria entediado. Mais cedo ou mais tarde, perderia o interesse, se cansaria do trabalho pesado e precisaria voltar ao seu trabalho de verdade. Ele desistiria.

Então as coisas poderiam seguir em frente e voltar ao normal. Até lá, bem, eu só ia ter certeza de que nunca ficássemos sozinhos juntos. Porque sabia que a tentação ainda estava lá. Sabia que seus jeitos sensíveis iriam derreter minha calcinha em uma poça de desejo se eu deixasse acontecer.

O que não ia acontecer. Porque, bem, seria constrangedor. Todo mundo saberia se a gente fizesse isso. Iriam me zoar de forma impiedosa. Então quando descesse do beliche, como era absolutamente obrigada, haveria a tensão de ter que estar no mesmo ônibus com ele.

Eu precisava, no entanto, transar. Isso realmente se resumia a isso. Era toda a razão pela qual era tão pé atrás sobre o cara. Ele nem era meu tipo. Em... nada. Eu gostava dos caras da minha turma: durões, talvez um pouco dark. De cabelos compridos, com piercings, tatuados, com algum tipo de habilidade artística.

Isaiah Meyers era um investidor capitalista de cabelos loiros e olhos verdes.

Eu não tinha interesse por esse tipo. Cresci ao redor desse tipo de homens. Tudo era sorrateiro e indireto. Eram arrepiantes para mim mesmo quando criança. Eles se achavam. Gostavam de suas mulheres superficiais: bonitas por fora, burras como uma porta por dentro.

Um homem assim não conseguiria lidar comigo.

Meu olho pegou um movimento ao meu lado e me virei contra meu travesseiro para ver alguém abrindo minha cortina. Deleta isso. Não “alguém”. Porque todo mundo sabia as regras. Eu nem sequer tive que ver seu rosto para saber quem era. Tirei um dos meus fones de ouvido quando seu rosto apareceu, descansando seus braços no fundo do meu beliche ali de pé, como se ele não tivesse nada melhor para fazer com seu tempo.

— Você é novo, — comecei, balançando a cabeça, — então vou deixar passar. Uma vez. Quando a cortina estiver fechada — falei, gesticulando em direção a ela — você deixa a pessoa lá dentro sozinha.

— Por quê? — Ele perguntou, sorrindo com um sorriso preguiçoso e ainda astuto.

— Porque essas são as regras. Nossos beliches são nossos únicos lugares privados neste...

— Lugares privados, hein? — Ele perguntou, um lado de seus lábios levantando. — Queria saber tudo sobre seu lugar privado.

Meu Deus. Falei que os locais eram privados e ele estava ansioso para fazer uma inspeção, porra. Estendi a mão, agarrando a cortina e

puxando-a. — Apenas siga as regras ou vou jogar sua bunda pra fora na próxima parada.

Agora tudo que eu tinha que fazer era ficar no meu beliche por toda a turnê.

Sete

Tudo bem, talvez tenha sido um plano maluco. Eu tinha certeza de que a Dra. Todd me encheria o saco sobre isso. Nas nossas sessões por vídeo. Porque quando contei a ela que estava saindo da cidade por um ano, ela ameaçou desistir de mim se eu não descobrisse um jeito de continuar a terapia. Particularmente não sei porque a ameaça me incomodou. Não estava nem mesmo muito animado pela terapia.

Talvez tenha sido porque ela foi a única constante real na minha vida. Especialmente sendo uma mulher. Minha irmã Fee costumava estar presente na minha vida. Mas ela estava em alguma cidade em algum lugar com o marido, três filhas endiabradas e sogros desajustados. Não que eu a culpasse. Ela merecia sua felicidade depois da merda que passamos. Mas, assim que ela se foi, não havia outras mulheres que estivessem sempre presentes na minha vida. Exceto a doutora. Então, acho que eu tinha me apegado a isso. Porque eu sabia que não era normal me desfazer de mulheres como eu fazia.

Inferno, porque eu ainda precisava da porra da sua ajuda.

Eu tipo estraguei tudo.

Quem persegue sua vizinha pelo país? Apenas para levá-la para a cama? Que ser humano normal e plenamente funcional faria isso?

Esse não era eu. Eu não era um daqueles caras que saía perseguindo mulheres. Não precisava caçar ninguém. Se quisesse caçar, iria para a floresta com uma arma ou uma armadilha como um verdadeiro homem. Não precisava brincar de ser caçador com mulheres. Eu gostava da coisa fácil. Gostava de levá-las para casa, tirar suas roupas em menos de uma hora e me livrar delas.

Eu não tinha paixões. Não tinha obsessões. Uma mulher era tão boa quanto a próxima.

Então, o que porra tinha de tão diferente em Darcy Monroe?

Ela não era espetacularmente incrível. Linda. Sexy pra caralho. Havia mulheres mais bonitas por aí. Uma mulher com garras menos afiadas. Mulheres que realmente queriam ficar comigo.

É verdade que ela era culta. Você não tinha que trocar mais do que algumas palavras com ela para saber que ela era inteligente. E confiante em seu conhecimento. Ela não era uma colecionadora de fato, uma viciada em mecanismos de busca. Era genuinamente bem informada, com uma formação educacional tradicional.

Talvez tenha sido a escuridão em seus olhos. Era diferente. Intrigante.

Mas todas essas coisas tinham a ver com ela. Como pessoa. Eu não fodo mulheres pelo que pensam. Então, realmente, nada disso fazia sentido.

Não tenho certeza do que me levou a fazer isso. Um minuto eu estava terminando seu romance de Bronte e procurando um Hardy, no próximo estava procurando seu parceiro de banda e me oferecendo para fazer qualquer trabalho que precisasse fazer para sair em turnê com eles. Foi surpreendentemente fácil. Se não fosse, eu poderia ter desistido, ido a um bar, encontrado outra mulher e a fodido até esquecer Darcy Monroe.

O olhar de completo e absoluto choque em seu rosto quando ela me viu na sala, no entanto, valeu todo o trabalho que tinha sido para reorganizar as coisas no meu emprego, cuidar do meu apartamento, lidar com a Dra. Todd... tudo.

Não tinha como ela resistir para sempre. Não quando estaríamos dormindo com apenas alguns metros entre nós. Quando não conseguiria se afastar de mim. Quando estaria me vendo em todo lugar.

Ela não estava exatamente feliz em me ver. Isso era esperado. Mas uma hora ela acabaria gostando de mim.

Ajudei os outros membros da equipe, Joey e Mike, a terminar de carregar o equipamento e a bagagem no bagageiro do ônibus e voltei com todos os outros, já que Burt disse para todos irem a algum lugar e ficarem lá porque a gente ia pegar a estrada. Andei pela cozinha e em direção ao meu beliche para pegar minha bolsa cheia de eletrônicos e meia dúzia de livros.

Não foi ruim. Imaginei que um beliche em um ônibus seria desconfortável e desajeitado. Mas assim que você puxava a cortina, era até bem confortável. Quase privado. Havia uma televisão pendurada no teto acima da minha cabeça, que tinha assinatura a cabo. O colchão era bem grosso para me permitir ter algum sono decente depois de horas ralando nos dias de show. O balanço do ônibus em movimento era reconfortante. Havia um pequeno saco de tecido pendurado na parede do beliche perto dos meus pés e eu alcancei, abrindo e espalhando seu conteúdo ao meu lado no colchão.

Tampões de ouvido. Máscara de olho. Comprimidos para enjoo e Aspirina. E sete preservativos. Sete. Qual era a lógica? Um para cada dia da semana? Alguém passaria nos beliches de cada um, uma vez por semana e colocaria mais um suprimento para a semana nos sacos de todo mundo? Inferno... isso faria parte do meu trabalho?

Eu não tinha quaisquer ilusões sobre a minha posição. Eu era um ajudante. Era o mais novo na turma, portanto em uma posição mais baixa. Abaixo ainda que o próprio motorista. Seria, sem dúvida, a quem seria dado o maior número de trabalhos. Os sujos. Aqueles que ninguém mais queria fazer. O que era bom para mim.

Eu fui criado trabalhando duro. Levantava-me antes do sol. Ia atrás das galinhas. Pescava. Caçava. Cortava lenha. Construía coisas. Destruía as coisas. Eu caía na cama depois de escurecer sentindo dor em cada ponto do meu corpo, exausto demais para sequer pensar em lutar contra o sono. Vivi assim por vinte e quatro anos. Meu corpo estava acostumado com isso. Ele agradeceria por voltar a isso.

***

Darcy não saiu de sua cama na manhã seguinte. Burt fez uma parada para que pudéssemos tomar banho e esticar as pernas, atravessar a rua até a lanchonete e comprar um pouco de comida. Mas Darcy não deu sinal de vida. Aparentemente era raro os demais membros da equipe ficarem preocupados até que Todd foi acordar Jay. Que era, novamente, algo que nunca acontecia.

Jay saiu do beliche, ainda puxando as calças. A garota, Maddy, estava completamente nua em seu colchão. — É melhor que isso seja

importante, — ele resmungou, olhando em volta para nós, — eu estava no fundo de uma boa boceta.

Todd desviou o olhar, um leve rubor subindo em suas bochechas. — São dez... — ele começou.

— Sim, exatamente. Não devo ser importunado por mais quatro horas.

— Ninguém viu Darcy ainda, — disse Joey, um cara de vinte e poucos anos com cabelo roxo e brincos de prata nas orelhas.

— São dez? — Ele perguntou, olhando para nós.

— Sim, — disse Todd.

As sobrancelhas de Jay se juntaram por um minuto antes de ele se virar e descer a fila de beliches, alcançando a de Darcy e, quebrando a regra que eu tinha ouvido falar três vezes desde que cheguei a bordo, e abriu sua cortina. — Que porra é essa, Darce? — Ele perguntou, estendendo a mão e arrancando seus fones de ouvido. — Todo mundo está preocupado com você. Você está doente?

Não conseguimos entender a resposta de Darcy, mas então Jay estava se esticando para o beliche, agarrando e puxando Darcy para baixo. Ela se agitou, gritou batendo os punhos fechados em seus ombros, peito, barriga.

Ficamos sentados assistindo enquanto ele a colocava de pé, golpeando seu traseiro com força suficiente para ela tropeçar um passo para frente. — Pare de ser uma dessas idiotas, — disse ele, empurrando-a para a frente em direção à cozinha. — Olha o que encontrei, — declarou ele, bloqueando o caminho de volta para os beliches. — Alguém precisa forçar um pouco de café goela abaixo para ela até que pare de ser uma puta. Se me derem licença, tenho alguns negócios para tratar — declarou ele, desabotoando as calças ao se voltar para o beliche.

Não demorou muito até que começamos a ouvir grunhidos e gemidos de seu beliche. Todd se virou, alcançando um compartimento embaixo das janelas, apertando alguns botões até a música começar a sair dos alto-falantes ao nosso redor.

— Bom dia, Darcy, — Mike disse provocativamente. Ele era um garoto que não poderia ter mais de vinte anos com longos cabelos

negros puxados em um coque no alto da cabeça e olhos azuis escuros e aguçados. Havia uma confiança silenciosa sobre ele que era raro em rapazes de sua idade que eu achava que devia ser atribuído ao estilo de vida que ele levava: complicação livre, selvagem, excitante, cheio de sexo. — Você está linda esta manhã.

— Vai se foder, — disse Darcy, apertando os olhos para ele.

— Ela não é um raio de sol? — Mike perguntou, olhando para mim sorrindo. Senti uma pontada momentânea de simpatia por ela. Deve ser difícil estar em um ônibus cheio de homens. Ela, sem dúvida, era o alvo de muitas piadas e provocada sem piedade. Tinha mesmo que ser alguém seguro para aguentar isso. Especialmente quando havia brutos como Jay, tratando-a da mesma forma que um irmão mais velho... e crianças sarcásticas como Mike.

— Vamos, — eu disse, descendo e pegando um par de chinelos e segurando-os para ela, — vamos arrumar alguma comida para você.

Ela me olhou por um minuto, colocando uma mão em sua barriga, então, muito relutante, calçou e caminhou em direção à porta.

Eu a segui para fora, abaixando a cabeça para que seu cabelo caísse como uma cortina em volta do rosto. Eu me perguntei se ela estava fazendo isso para me evitar, ou por hábito, porque era conhecida pelo público. Dei um passo ao lado dela enquanto caminhávamos pela fila de trailers - pessoas que já estavam andando por aí. Famílias. Pessoas mais velhas.

— Você vai ter que falar comigo mais cedo ou mais tarde, — eu disse, aguardando os carros passarem na rua movimentada para que pudéssemos atravessar.

— Não preciso sair do meu caminho para fazer isso, — disse ela, saindo para a rua, apesar dos carros ainda estarem chegando.

— Jesus Cristo, — exclamei, seguindo atrás dela, observando os carros buzinarem até parar. — Você quer morrer?

— Eles vão parar, — ela deu de ombros. — Se esperarmos até que não haja carros, ficamos aqui o dia todo. A gente tem um show para ir.

Alcancei a porta, abrindo para ela. — Você está nervosa?

O interior do restaurante era antiquado, todo cromado e rosa choque. Pequenas jukeboxes estavam situadas em cada mesa, listas de

músicas para folhear no interior há muito tempo desbotadas como se estivessem ali desde a inauguração do restaurante.

— Dois? — Uma garçonete em um vestido rosa claro e um avental branco perguntou pegando o cardápio.

Darcy me olhou por um segundo antes de encolher os ombros. — Sim, por favor, — disse ela e fomos levados para uma mesa nas janelas da frente. — Não costumo ficar nervosa até que esteja quase na hora de começar.

— Mesmo depois de todos esses anos? — Perguntei, olhando para o cardápio.

— Sim, — ela disse, encolhendo os ombros. — Quero dizer, você nunca sabe que tipo de público vai receber. — Ela aceitou sua xícara de café e pegou a jarra de café "sem fundo", servindo para mim primeiro, depois para si mesma. — No início, teve momentos em que fomos vaiados do palco. Acho que isso fica na sua cabeça mesmo quando você é bem sucedido. Você fica na expectativa de fazer um show ruim de novo.

A garçonete voltou, pegando nossos pedidos, olhando para Darcy com um longo olhar de lado como se ela estivesse tentando lembrar quem ela era, então foi embora.

— Você vai perder, — disse ela, folheando a lista de músicas, todas estranhas para mim, depois escolhendo algo lento e blues.

— Perder o quê?

— Tudo o que você quiser chamar de isso, — disse ela, gesticulando entre nós. — Um jogo ou um desafio ou mais uma conquista. Você vai perder.

— Acho que você me subestima, — disse, sorrindo.

— Acho que você se superestima, — ela atirou de volta, sorrindo. — Olha. Não quero que essa turnê fique estranha ou tensa. Você está aqui. Não há muito que eu possa fazer sobre isso agora que você tem Jay do seu lado. Ele é um aliado terrível — acrescentou ela, enchendo sua xícara de café já vazia. — Vai abandonar sua causa por qualquer rabo de saia que cruze seu caminho. Mas de qualquer maneira... não deixe seu ego atrapalhar o equilíbrio, a paz que temos, ou você vai se arrepender de ter entrado no ônibus.

— Você é meio sexy quando você está ameaçando as pessoas, — eu disse, rindo do fogo em seus olhos. Estendi a mão sobre a mesa, colocando a minha mão bronzeada sobre a sua incrivelmente pálida. Seus olhos voaram para baixo, mas ela não se afastou. —Que tal não deixar seu ego atrapalhar você de ganhar algo que quer de verdade.

— Eu não quero você, — disse ela, levantando o queixo ligeiramente.

— Claro que quer, — sorri, puxando minha mão e levando meu café aos meus lábios.

— Você é tão...

— Espero que você esteja feliz, — Jay resmungou, deslizando ao lado dela, parecendo cansado e pegando café dela. — Antes de você enlouquecer o pessoal, eu estava tão perto de meter na bunda dela. Agora ela não quer mais nada disso.

— Me desculpe se meu excesso de sono está afetando a sua depravação, — disse ela, virando-se na mesa e esticando o braço atrás dela para pegar uma xícara de café extra na outra mesa. — Tenho certeza que no final das contas você vai convencê-la.

— O que acontece que as mulheres não deixam os caras comerem sua bunda? — Jay perguntou, fazendo a garçonete corar quando ela deixou a comida.

Darcy esticou o braço para pegar o ketchup de vidro, virando a tampa para Jay. — Aqui, incline-se e me deixa enfiar isso na *sua* bunda.

— Oh, baby, — Jay sorriu, pegando uma batata de café da manhã de seu prato. — Sua pervertida. Não sabia que você gostava de brincar de anal.

Darcy revirou os olhos, afastando a mão de sua comida. — Talvez ela ficasse mais interessada se você não ficasse com ela como um maldito coelho. Sexo anal dói, sabia?

— Então você acha que eu deveria ir devagar e depois sugerir anal?

Eles estavam realmente tendo essa conversa em um restaurante às dez e meia da manhã? Olhei entre eles, ambos totalmente

despreocupados com os olhares de lado que estavam recebendo de outros clientes e da equipe.

Tenho sido mais que um comedor desde que deixei minha antiga vida. Já fodi de todas as maneiras possíveis. Ménage. Com quatro pessoas. Oral. Anal. Fiz tudo isso. Mas não poderia me imaginar sentado discutindo no café da manhã como fazer uma garota aceitar sexo anal. De um modo tão desinteressado e casual como eles faziam. Era como se fosse normal. Como se discutissem suas vidas sexuais aberta e facilmente por anos. O que, percebi, provavelmente fosse assim.

Nunca falei com ninguém sobre minha vida sexual.

— O que você acha Isaac? — Jay perguntou, olhando para mim.

— O nome dele é Isaiah, — Darcy corrigiu, derramando ketchup sobre seus ovos mexidos.

— Seja como for, — Jay encolheu os ombros.

— O que acho o quê?

— A ideia da Darcy?

Olhei para Darcy, cujos olhos dispararam para os meus por um segundo antes de voltar para sua comida. — Depende da menina, — respondi, olhando para ela por um momento antes de olhar para Jay. — Eu não conheço Maddy.

— Certo, mas imagino que você já fez anal.

— Sim, — eu disse, sorrindo para a tentativa de Darcy de não olhar para mim.

— Então, como você faz as garotas fazerem isso?

Dei de ombros. Isso realmente dependia. E algumas mulheres tinham uma política estrita de “não dar a entrada traseira”. Mas em geral... — Apenas digo a elas que vou comer sua bunda, — respondi, pegando minha torrada.

— Diz a elas que você vai enfiar na bunda delas? — Jay perguntou, então piscou para a garçonete. — Rabanada, — ele disse a ela e ela praticamente fugiu.

— Sim.

— Qual é a sua taxa de sucesso?

Franzi meus lábios por um segundo. — Eu diria oitenta por cento.

— Oitenta por cento das mulheres que você fode, rola quando você diz que vai foder a bunda delas? — Darcy perguntou, colocando o garfo na mesa.

— Sim, — sorri.

— Puta que pariu.

— Darce, — Jay interrompeu, seu rosto divertido, — se incline. Vou te foder na bunda. — Darcy bufou e bateu seu ombro no braço dele. — Não sei cara, — disse Jay, balançando a cabeça, — não deu certo.

— Experimente, — sugeri.

— Tudo bem, — disse ele, pegando uma fatia da minha torrada e saindo da mesa. — Manda embrulhar a comida para mim. Vou estar com fome se isso funcionar.

— Não vai funcionar, — disse Darcy, balançando a cabeça.

Enfiei a mão no bolso, peguei minha carteira e tirei uma nota de cem dólares. — Cem dólares dizem que sim.

— Vou fazer essa aposta, — disse ela, parecendo completamente certa de si mesma.

Oito

Eu lhe devia cem dólares.

Voltamos para o ônibus cerca de uma hora mais tarde, sacos cheios de embalagens de isopor com comida, e todos encontramos Maddie andando em direção à cozinha desajeitadamente, em seguida, fazendo uma careta enquanto se sentava. Jay sorriu, jogando um braço ao redor dela e piscando para nós.

— Filho da puta, — eu disse, largando as sacolas na mesa.

— Pague, — disse Isaiah, parecendo muito orgulhoso de si mesmo.

— Uma vagabunda não vale uma aposta, — retruquei.

— Tudo bem, — disse ele, sorrindo maliciosamente. — Então, eu dobro se eu e... — ele olhou em volta do ônibus por um segundo, — Mike, — ele decidiu, —conseguir um anal no final da noite com o mesmo método.

Mike se animou ligeiramente, encolhendo os ombros quando meus olhos caíram sobre ele. — Ei, eu ouvi “anal”, cara.

— Vocês são todos farinha do mesmo saco, — eu disse, balançando a cabeça para eles.

— Vamos lá — disse Isaiah, tirando mais cem da carteira e segurando as duas notas. — Para de mimimi e aposte seu dinheiro.

Apertei meus olhos para ele, pegando minha bolsa. Mesmo quando puxei as notas para fora, tive uma sensação de que estava quase perdendo. E não era sobre o dinheiro. Era sobre provar estar errada. Sobre as mulheres. Por um homem. Essa merda era irritante. Porque não havia como um cara foder minha bunda só porque ele dizia que ia foder minha bunda.

Olhei de relance, meus olhos caindo em seus olhos verdes escuros. Isaiah Meyers nem mesmo estava abalado.

— E não vale garotas que querem ficar atrás do palco para nos encontrar. Tem que ser por seu próprio mérito.

— Acho justo, — concordou Isaiah, pegando meu dinheiro e colocando-o debaixo de uma aba fechada de uma cerveja em um porta-copos.

— Já que estamos no assunto sexo, — Jay começou e senti minha espinha endireitar. De jeito nenhum ele iria me provocar sobre estar sem transar na frente de Isaiah. De jeito nenhum.

— Cale a boca, — avisei, virando-me para ele.

O sorriso de Jay apenas se alargou. — A Darce aqui não tem dado uma boa trepada desde...

— Você é tão idiota, — falei, balançando a cabeça quando Burt bateu a porta e bateu palmas. — Estamos prontos para ir? — Perguntei, sabendo que estávamos, e o segui em direção à cabine do ônibus me sentando no banco do passageiro.

— Sim, — ele concordou, colocando sua enorme bebida energética no porta-copo.

— Bom, — eu disse, puxando o cinto de segurança. — Quero chegar ao local e ficar longe desses... meninos.

— Já? — Burt perguntou, olhando para mim com seus olhos castanhos muito mais velhos, muito mais sábios. — Vai ser uma turnê longa.

— Você não tem ideia, — eu disse, estendendo a mão para o aparelho de som e explodindo uma banda de metal feminina gritando, letras sobre outras garotas. O lesbianismo parecia uma boa alternativa para ter que lidar com os homens.

Mesmo que eu não salivasse exatamente com a ideia de comer uma boceta. Talvez seja um gosto adquirido.

Não demorou muito para que alguém aparecesse à mesa atrás de Burt, sentando-se no banco mais próximo de nós, abrindo um livro no colo. Olhei para ele por baixo dos meus cílios para ver a capa do livro e sorri levemente para mim mesma.

Pelo menos ele estava aberto à sugestão. Resisti à vontade de me virar e perguntar se ele estava gostando. E uma parte de mim sabia que

estava porque eu tinha medo de criar qualquer intimidade entre nós. Porque isso tornaria tudo mais fácil para ele se esgueirar sob minhas paredes em algum momento.

O que não ia acontecer.

Porque ele era meu vizinho. Essa poderia ser a única razão pela qual eu estava lutando tanto. Ele era meu vizinho de porta. E se fizéssemos sexo, não havia como escapar dele. Havia o lobby, o corredor, a nossa varanda. Ele poderia se tornar vingativo e decidir ligar para a polícia ou para o proprietário do prédio a qualquer momento que eu fizesse uma festa. Você nunca sabe o que as pessoas são capazes. E eu só o conhecia há cinco dias? Quem sabia o que poderia acontecer?

Não valia a pena.

Mesmo que Jay estivesse certo e eu realmente precisasse transar. Mesmo que fosse super conveniente porque, bem, ele estava literalmente por perto, vinte e quatro horas por dia. Mesmo se ele tivesse o melhor flerte silencioso, mas mortal. Mesmo que isso fosse realmente sexy.

Balancei a cabeça, tentando me concentrar em algo, qualquer outra coisa. O set list para o show. Como não consegui alcançar a nota alta na última música de dois shows seguidos. Como precisávamos de mais material para o próximo álbum. Assim que a turnê terminasse, íamos tirar uma semana de férias e depois ir ao estúdio. Então íamos voltar para a estrada.

Havia muitas outras coisas para se concentrar do que o cara de cabelos loiros e olhos verdes sentado a poucos metros de mim. Literalmente respirando o mesmo ar.

A única razão pela qual eu consegui dormir na noite passada foi porque escapei para o banheiro por volta das duas da madrugada e tomei uma das pílulas de Todd para dormir. Caso contrário, teria ficado acordada a noite toda pensando sobre ele abaixo de mim. Talvez... imaginando-o... embaixo de mim enquanto eu...

Jesus Cristo.

Eu precisava me recompor.

***

O show estava lotado e o gramado estava tomado por fãs muito leais que gritavam mais alto do que qualquer outra pessoa. Eu me lembrei de ser como eles. Não muito tempo atrás. Menos de sete anos atrás, esmagada contra a cerca de metal, pessoas pressionando em todos os ângulos, o calor do corpo sufocante na umidade de agosto, homens se aproximando e agarrando meus seios ou minha bunda, sentindo eles passarem as mãos nas minhas coxas, e não dando a mínima. Porque tudo o que importava era a música. As bandas que eu tinha me agarrado como coletes salva-vidas depois que minha família me expulsou. A ideia de ser como eles um dia é que me deixou faminta em prestar atenção em todos os detalhes de seus shows. Guardar tudo na memória para o dia em que colocaria em prática.

Eu me lembrei de ser como eles. Imaginei que em todos os shows havia alguém naqueles gramados que tinham um sonho como eu costumava ter. Imaginei que estava cantando diretamente para eles. Que estava mostrando a eles que se eu pudesse fazer isso, eles também poderiam. Que se você estivesse disposto a trabalhar, você poderia ter tudo o que sonhou e muito mais.

Era por isso que eu adorava fazer turnês. É por isso que eu era uma massa de excitação e nervosismo toda vez que aguardava atrás do palco, ouvindo os gritos dos fãs. É por isso que levava horas depois que saía do palco para me acalmar.

Andei nos bastidores ao som dos gritos, que era ensurdecedor para qualquer pessoa normal, mas música para os meus ouvidos. Jay caminhou até a beira do palco, olhando por cima das mulheres e apontando quatro ou cinco delas, que começaram a gritar e chorar quando foram puxadas pelos controladores da multidão, pelos guardas de segurança e levadas ao palco para um Jay animado.

Todd já tinha ido embora, de volta ao ônibus para tomar um banho rápido, pegar um lanche e ir até o beliche antes de voltarmos.

Voltei para a sala dos bastidores, caindo no sofá e bebendo uma garrafa de água. Eu teria pelo menos mais cinco minutos antes de Jay entrar e interromper meus poucos minutos de paz. Peguei uma toalha, esfregando o suor no meu pescoço e no meu peito. Havia alguns fãs para conhecer. Sempre havia crachás VIP vendidos e com o dinheiro extra alguns momentos preciosos com a banda. Nós posávamos para fotos, dávamos autógrafos, respondíamos perguntas. Então eles eram

escoltados para longe. Bem, sem contar aquelas que Jay e os caras convidavam de volta para o ônibus.

Consertei minha maquiagem e meu cabelo bem a tempo da porta se abrir e um leque de fãs do sexo feminino me cercarem. Eu gostava de fãs de metal femininos. Havia sempre um certo senso de força sobre elas. Mesmo quando estavam gritando ou chorando, havia uma corrente de aço. Gostava de ajudar a fazer parte disso. Reforçar isso. Ajudar a criar uma geração de mulheres que não davam a mínima para normas ou restrições de gênero. Criar mulheres que não jogavam pelas chamadas regras.

Demorou uma hora antes que eu pudesse me desvencilhar das fãs. O backstage estava estranhamente vazio. Eu podia ouvir Mark e Joey falando, gritando através do equipamento que eles estavam movendo. Não vi Isaiah em lugar algum. Estava prestes a perguntar a um dos outros caras onde ele estava, quando sabia que ele deveria estar recebendo o trote de uma vida. Ser o novato na turnê normalmente significava que ele teria que fazer todo o trabalho enquanto os outros ficavam parados, ou até montar o equipamento. Mas não queria ficar atrás dele por aí.

Eu estava prestes a sair por trás e encontrar Burt, que estaria esperando por mim para me levar de volta para o ônibus, quando ouvi.

Um gemido baixo e frenético. Balancei a cabeça por um segundo, mas continuei andando até eu ver a fonte dos ruídos e congelei. Porque ali, ajoelhado atrás de uma das garotas da multidão que Jay havia convidado de volta, estava Isaiah. Seu cabelo loiro caiu, mascarando seu rosto, as mãos de Isaiah agarrando seus quadris e puxando-a para trás quando ele empurrava para frente dentro dela.

Eu sabia, sem sombra de dúvida, que acabara de perder duzentos dólares.

Eu me vi olhando por um segundo antes de abaixar a cabeça e andar um pouco mais rápido do que antes. Abri a porta traseira, sentindo uma desconfortável sensação vacilante no meu estômago que só podia ser... ciúme. Que idiota. Era absolutamente loucura. Eu não estava com ciúmes de uma vagabunda qualquer sendo fodida na bunda para ganhar uma aposta. De jeito nenhum.

— Bom show? — Burt perguntou, entregando-me uma garrafa de água e caindo ao meu lado.

— Sim, — eu disse, estranhamente quieta quando normalmente estava saltando com o excesso de energia. Mas tudo o que sentia era cansaço.

Ele olhou para mim de lado, balançou a cabeça uma vez, em seguida, abriu a porta do ônibus, deixando-me entrar no meu silêncio incomumente mal humorado.

Nove

Eu gostei do trabalho. Meu corpo caiu de volta como um velho amigo esquecido. Gostei da tensão, a luta, o desafio. Mike e Joey tinham acabado de inspecionar as instalações dando ordens enquanto eu ralava minha bunda.

Tudo era perfeitamente familiar.

Mike e Joey saíram para flertar com qualquer mulher que pudessem encontrar e eu escapei para a lateral do palco para assistir ao show com protetores de ouvido para ajudar a amortecer o som da bateria e do baixo. Ela realmente era outra coisa no palco. Era como se viesse à vida. Como se levasse toda a excitação da multidão em si mesma e explodia isso através dos seus poros. Como se ela estivesse explodindo.

Era impossível desviar o olhar.

Fui embora quando ela estava se despedindo da multidão, procurando os caras para descobrir o que eu tinha que fazer no resto da noite. Não demorou muito até que me deparei com Noel, uma loira bonita de cabelos longos, olhos grandes e uma saia ridiculamente curta.

— Você está perdida?

— Ele é um idiota, — disse ela de volta, cruzando os braços sobre o peito.

Bem, isso reduzia pela metade do público e quase toda a equipe de palco e banda. — Quem?

— Jay. Ele me escolheu na multidão primeiro e depois havia um monte de outras garotas e...

Ah, embora parecesse que a maioria das garotas estava disposta a lutar pela atenção de um astro do rock, sempre haveria alguém que pensasse estar acima disso. Que deveriam ter sido reconhecidas como superiores às outras. E essa era bonita com seu rosto afiado, peitos grandes, pernas longas e bunda redonda.

Falando em bunda...

— Qual é o seu nome, querida?

— Noel, — disse ela, virando a cabeça ligeiramente para olhar para mim.

— Eu sou Isaiah, — falei, caminhando mais perto, movendo-me até que eu estava em frente a ela, estendendo a mão para tocar seu rosto. — Não sei o que está errado com o Jay, ficar com aquelas garotas quando ele poderia ter alguém tão linda como você.

Seus olhos encontraram os meus, um olhar de vitória neles. Ela conseguiu a validação que estava tão desesperadamente procurando. Mal sabia ela que fui que quem ganhou. — Você é doce.

— Quantos anos você tem? — Perguntei, olhando para o corpo que deveria pertencer a uma mulher de vinte e poucos anos, mas as mulheres amadureceram muito jovens hoje em dia.

— Dezenove, — disse ela, levantando o queixo.

— Tem alguma prova disso? — Perguntei e ela riu, mas pegou sua bolsa e mostrou sua carteira de motorista.

— Satisfeito? — Ela perguntou, sorrindo enquanto pegava de volta e escondia.

— Ainda não, — eu disse, estendendo a mão para embalar os lados do rosto dela, dando-lhe uma fração de segundo para se defender antes de empurrá-la contra a parede e beijá-la com força. Ela acendeu embaixo do meu toque, suas mãos indo ao redor das minhas costas, deslizando sob a minha camisa, passando pela minha pele nua.

Minhas mãos deslizaram de seu rosto, passando por seu pescoço, em seguida, agarrando seus seios, beliscando os mamilos através do tecido até que ela estava gemendo. Meus lábios foram para baixo do pescoço dela. Meus dentes afundaram no lóbulo da orelha dela. — Eu vou foder você até que esqueça tudo sobre aquele idiota, — disse em seu ouvido e suas mãos agarraram meus ombros. Sabia que a tinha sob meu controle.

— Ok, — ela disse, já se abaixando até os joelhos e pegando o meu zíper.

É realmente fácil. Os caras que não pegavam uma bunda porque estavam muito ocupados sendo vítimas não percebiam que tudo o que precisavam era um corpo decente e a confiança de um maldito deus grego. Mais nada. Calcinhas caiam sob meu comando.

Ela puxou meu pau para fora, rapidamente levando-o fundo em sua boca, atingindo sua garganta e engasgando alto. Coloquei o meu braço na parede para me preparar enquanto olhava para baixo em sua garganta. Enfiei a mão no meu bolso para pegar um preservativo do beliche, agarrando a parte de trás do seu cabelo e puxando até que ela gritou e olhou para mim. — Vou te foder por trás, — falei para ela e seus olhos ficaram mais pesados enquanto ela obedientemente colocava as mãos no chão.

Entrei atrás dela, alcançando entre suas pernas e acariciando seu clitóris sobre sua calcinha até que o tecido ficou encharcado contra a minha mão, em seguida, peguei e rasguei o pacote da camisinha. Empurrei sua saia para o alto e deslizei atrás dela, agarrando seus quadris e estocando profundamente dentro de sua boceta. Eu a puxei de volta contra mim quando investi nela, rápido, implacável, até senti-la começar a apertar ao meu redor. Eu me abaixei, agarrando a parte de trás do cabelo dela e fazendo sua cabeça virar um pouco para que eu pudesse ver seu perfil enquanto deslizava meu pau para fora de sua boceta e pressionava contra sua bunda. — Eu vou foder sua bunda, — falei para ela, observando seus olhos se arregalarem.

Mas seus quadris se pressionaram contra mim. — Tudo bem, — ela disse, a palavra quase sem som, mas era tudo que eu precisava.

Empurrei para dentro dela, parando quando ela endurecia ou recuava, deixando-a se ajustar. Não demoraria muito. O aperto diminuiria e ela me deixaria fodê-la com mais força do que em sua boceta. É sempre assim antes de se acostumar com a sensação.

Eu não sentia a pressa que geralmente tenho quando faço uma garota fazer algo que sessenta por cento das mulheres ainda se recusam a tentar. Tudo o que eu podia pensar era no meu pau enterrado na base em sua bunda, enquanto eu acabava de ganhar a porra da aposta.

Cheguei na frente dos quadris de Noel, acariciando seu clitóris até que ela estava gemendo novamente. — Diga-me que você quer que eu foda sua bunda, — eu disse a ela.

Ela abriu mais as pernas, para me dar mais acesso ao clitóris, ou para aliviar a pressão na bunda dela. Não importava. — Eu quero que você foda minha bunda, — ela falou, virando-se sobre o ombro enquanto movia os quadris ligeiramente para trás e para frente contra mim, se preparando.

Se alargando.

— Sim, senhora, — sorri, agarrando seus quadris novamente e transando com ela até que ela percebeu o que ela estava perdendo todos os anos que ela não tinha tentado.

Até que ela gozou, forte e latejante.

Até que eu gozei... pensando o tempo todo sobre a maldita Darcy Monroe.

Dez

Tomei banho quando entrei no ônibus, colocando uma boxer masculina e uma regata branca. Trancei meus cabelos. Peguei um livro. Então subi no meu beliche e puxei a cortina alguns minutos antes de ouvir Jay e os meninos irromperem no ônibus com o que parecia ser uma multidão épica de pessoas.

Bom para eles. Se eu não estivesse com um humor tão ruim, estaria lá fora com eles, rindo e me divertindo. Talvez ver se tinha algum cara bonito para flertar. Mas estava mal-humorada e não queria derrubar a moral com minha birra estúpida.

Sério. Eu estava de mau humor porque peguei Isaiah fodendo uma garota na bunda no backstage? Eu tinha apostado que ele não ia conseguir, pelo amor de Deus.

— Onde você está indo? — Ouvi Jay gritar. — Temos muitas garotas aqui para nós três.

— Vou tomar um banho, — disse Isaiah, e pude ouvi-lo passando por mim. — Tenho certeza que vocês podem lidar com elas.

Porque você já pegou a sua, pensei. Balancei a cabeça, olhando para o teto do meu beliche e revirando os olhos para mim mesma. Eu estava sendo mesquinha e infantil e eu não era assim. Podia ouvir o barulho da água antes de Jay, Mike ou Joey colocarem música, a batida pulsando no ônibus e fazendo a minha cama tremer com o som baixo e sensual do rap. Eu podia senti-lo reverberar pelo meu corpo como uma imagem na minha cabeça de Isaiah tirando suas roupas no banheiro.

Talvez fosse a imagem, ou a música, ou a energia não gasta após o show, ou mesmo os meses de frustração sexual reprimida, mas encontrei minha mão descendo pelo meu corpo, deslizando sobre meu peito, através da minha barriga, depois deslizando entre minhas pernas sobre o tecido do meu short. Eu não era de me masturbar. Geralmente sempre achava que faltava algo: falta do contato físico, o choque da mão de outra pessoa em seu corpo. Mas às vezes é tudo o que você tinha e você realmente precisava de algum alívio.

Fechei meus olhos com força, tentando me desligar do ambiente ao redor, tentando esquecer que era minha essa mão curiosa explorando meu corpo. Entrei na música, sentindo a batida, esfregando meu clitóris, encontrando meu corpo reagindo mais facilmente do que o habitual. Meus pés pressionaram contra o colchão, meus joelhos se movendo para cima enquanto meus quadris balançavam contra o meu toque. Minha cabeça caiu de volta contra o travesseiro, minha respiração começou a sair com mais dificuldade.

Não sei quanto tempo passou. Sempre levava mais tempo sozinha do que com outra pessoa. Eu precisava criar um cenário. Precisava entrar nisso.

Não o ouvi. Ou o vi. Não sei se ele estava me observando. Não sei se falou comigo.

Tudo que sabia era que eu o senti. Entrando no meu beliche ao meu lado. O colchão afundou sob seu peso quando ele escorregou, esticando a mão cegamente atrás dele e fechando a cortina. Seu corpo pressionou-se em mim, sobre mim quando ele se apoiou em um braço e olhou para mim por um momento, antes de seu rosto descer lentamente, observando meus olhos. Minha boca caiu ligeiramente aberta segundos antes dele pressionar a sua contra a minha, suave, apenas um leve indício de pressão. O contato enviou uma dose de desejo pelo fundo do meu corpo.

Seus lábios brincaram com os meus, um beijo que mal era um beijo, mas todas as terminações nervosas do meu corpo estavam focadas em sua boca sussurrando na minha. Seus dedos brincaram com a lateral do meu pescoço, afagando minha trança, deslizando sobre a pele sensível, depois descendo. Sobre o meu peito, mas mal roçando, então minhas costelas, minha barriga. Na minha coxa. Então, de volta, deslizando sob a minha mão e pressionando contra o meu calor.

Um gemido silencioso escapou dos meus lábios e sua língua passou por eles, brincando com os meus até que eu estava me contorcendo sob suas carícias.

Nem sequer me ocorreu afastá-lo, negar-me o que eu queria mais do que qualquer coisa há muito tempo. Seus lábios deixaram os meus, descendo pelo meu pescoço, mordiscando chupando, lambendo, enquanto seus dedos se moviam para cima em direção ao cós do meu short, depois escorregando por baixo, deslizando sobre a minha calcinha.

— Você está tão molhada, baby, — ele disse no meu ouvido, chupando o lóbulo da minha orelha quando seus dedos finalmente deslizaram debaixo da minha calcinha e a ponta do seu polegar roçou o meu clitóris quase dolorosamente sensível.

Meu braço balançou para fora, minha mão batendo em seu peito duro, sentindo a pele nua sob a minha mão. Meus olhos se abriram, encontrando os seus, sombrios e pesados. A percepção do que estava acontecendo ultrapassou a névoa do desejo e senti a incerteza empurrar em direção à superfície. Senti minha cabeça começar a tremer um pouco. — Isaiah, eu...

— Deixe-me fazer você se sentir bem, — disse ele, pegando meus lábios novamente.

E com isso, minhas objeções se foram. Eu queria me sentir bem. E queria que ele me fizesse sentir bem. Era assim tão simples e tão complicado.

Seu dedo deslizou para baixo, empurrando contra a entrada, parando por um segundo até que meus quadris se levantaram para encontrá-lo, então deslizando lentamente para dentro. Gemi contra seus lábios, minha mão subindo até sua nuca. Seu dedo virou dentro de mim, curvando-se, em seguida, acariciando a parede superior da minha boceta. Minhas pernas voaram para fora, batendo na parede do beliche, meus olhos se abrindo para ele.

Ele acariciou meu ponto G novamente. — Isso é bom, não é, baby?

— Sim, — eu disse, arqueando o colchão, puxando sua boca de volta na minha, querendo me perder nela. Querendo ele. Querendo mais.

Ele deslizou outro dedo dentro de mim, enchendo-me, empurrando dentro e fora de mim até que meus gemidos perderam o seu ruído, apenas uma boca aberta, silenciosa implorando. — Você vai gozar para mim, Darcy? — Ele perguntou, seu polegar acariciando de um lado para o outro em todo o meu clitóris enquanto seus dedos giravam e varriam meu ponto G mais uma vez. Meus olhos foram para os dele, palavras presas na minha garganta e concordei com a cabeça. — Mmm, — disse ele, fechando os olhos por um segundo. Quando eles abriram, seus dedos começaram um ritmo súbito e frenético, fazendo meu orgasmo bater forte e inesperadamente através do meu corpo, fazendo-me chorar e minhas pernas estremecerem

enquanto eu convulsionava ao redor de seus dedos mais e mais. — Boa menina, — ele sussurrou, acariciando mais rápido através do meu orgasmo, desenhando-o, fazendo minha pele ficar eletrizante com a sensação extra.

Enterrei meu rosto contra seu peito, respirando lenta e profundamente, tentando me trazer de volta para baixo, tentando voltar ao momento. Seus dedos ficaram dentro de mim por um longo tempo, tempo suficiente para que eu sentisse me apertando ao redor dele outra vez. Então ele os tirou devagar, recuando um pouco, olhando para mim e levando seus dedos aos lábios, deslizando-os para dentro e fechando os olhos. — Você tem um gosto tão doce, — disse ele, olhando para mim por um longo minuto antes de esmagar seus lábios nos meus.

Este foi o beijo que eu queria, duro, punindo, machucando meus lábios, cheio de necessidade e desejo e um nível desconfortável de desejo. Cru. Real. Cheguei ao redor dele, puxando-o para baixo em mim com força, esmagando meu peito, envolvendo minhas pernas ao redor de suas costas, beijando-o de volta com tudo em mim. Até que não era mais eu. Ou ele. Era apenas um desejo compartilhado.

Eram apenas sentimentos. Suas mãos agarrando meu pescoço, puxando com força meus cabelos. Meus dedos rasgando a pele nas costas dele. Seu pau pressionando contra a minha coxa. Meus mamilos duros, lutando contra o tecido da minha camisa. Nossas línguas acariciando uma a outra. Nossos batimentos cardíacos rápidos. Nossos suspiros irregulares. Minha pele parecia estar vibrando, como se estivesse tentando dilatar meus poros, tentando abrir espaço para atraí-lo. Como se nós mantivéssemos isso, como se fôssemos derreter em uma piscina de necessidade e o calor ameaçando incendiar o ônibus inteiro.

Como se sentíssemos a mesma sensação ao mesmo tempo, nós dois nos afastamos, nossos olhos instantaneamente abertos, nublados, mas conscientes. Ele se levantou o mais alto que o teto baixo permitia.

Assim que seu corpo estava fora do meu, tudo o que acabara de acontecer voltou para mim. O desejo correu para trás como uma névoa, deixando apenas clareza. Eu tinha acabado de deixar Isaiah me tocar. E me beijar como se estivéssemos esperando por uma bomba cair. Como se fosse a última coisa que faríamos.

Mas não foi a última coisa que faríamos. Não haveria um final feliz para o mundo. Eu ia ter que encará-lo novamente. Teria que viver com a realidade do que acabamos de fazer.

Ele se afastou do meu lado novamente, um choque frio para o meu corpo. Olhou para a parede por um longo momento, depois de volta para mim com um sorriso desconfiado no rosto. Houve uma longa pausa antes de finalmente — Eu ganhei, — disse ele, pegando a cortina e abrindo-a. Ele escorregou pela escada, olhando para mim, — de todas as formas possíveis, — ele acrescentou, fechando a cortina.

Levei minhas mãos ao meu rosto, cobrindo meus olhos, como se eu pudesse bloquear a mortificação.

Aquele filho da puta.

Como ele ousa? Quem faz merdas assim? Quem alimentava seu desejo e depois jogava isso na sua cara? Que tipo de homem fazia uma mulher ficar envergonhada porque ela respondeu ao seu toque?

Sua total e completa falta de respeito pelas mulheres era absolutamente inaceitável. Rolei para o meu lado, trazendo meus joelhos para o meu peito, e olhei para a parede. Bem, nós teríamos que ver sobre isso. Porque tivemos só uma situação. Ele ia aprender a porra de me respeitar. Ele trabalhava para mim. Eu possuía esse bastardo. E eu ia arrastar sua bunda no maldito chão.

Sorri, caindo no sono pensando em todas as formas terríveis que eu ia fazê-lo sofrer. Ele iria se arrepender do dia em que assinou o contrato para trabalhar na minha turnê. Inferno, ele iria se arrepender do dia em que aprendeu o que era uma boceta e como brincar com ela.

Ele vai se ferrar.

Onze

Fui para a cama feliz naquela noite e dormi como um maldito bebê. Sem qualquer ajuda do álcool. Pela primeira vez em meses.

Eu estava voltando do chuveiro quando uma música no aparelho de som mudou e pude ouvir um barulho vindo do beliche de Darcy. Um som baixo e choramingante que imediatamente pensei ser de um choro. E normalmente, eu apenas deixaria pra lá. As mulheres que choravam em privado definitivamente não queriam ser pegas fazendo isso. Mas quando a música pulsou em algo de novo e seu som foi engolido pelo baixo, não pude deixar de abrir a cortina, com a intenção de perguntar o que estava errado.

Mas então lá estava ela. Não estava chorando. Gemendo. Sua mão pressionava entre suas coxas, seus olhos se fecharam com força enquanto ela se contorcia em seu prazer. E eu apenas... não consegui desviar o olhar. Queria fazê-la se sentir assim. Queria levá-la até o limite... depois empurrá-la de lá. Queria que ela olhasse para mim com desejo em seus olhos claros. Queria que ela gemesse por mim. Então subi em seu reservado e deslizei ao lado dela.

Seu desejo era uma coisa elétrica. Isso despertava sua pele. Queimando a minha. Fazê-la incendiar foi o encontro sexual mais gratificante que tive em meses. Observá-la gozar foi inebriante. Eu queria ver isso de novo e de novo. Queria que ela gritasse meu nome.

Acordei, saindo da minha cama ligando para a Dra. Todd. Seu rosto apareceu na minha tela alguns segundos depois, em seu consultório, os livros atrás dela quando ela se sentou em sua mesa. — Isaiah. Como você tem estado?

— Não posso reclamar — falei, afastando-me dos beliches para o caso alguém decidir levantar cedo.

— Como está sua viagem de negócios?

— Tem sido...

— Isso é um ônibus de turismo? — Ela perguntou, olhando para a tela.

Olhei para trás por cima do ombro, sorrindo para a minha própria estupidez. — Sim, — respondi, olhando para trás, passando a mão no lado do meu rosto.

— Que tipo de viagem de negócios requer um ônibus de turismo?

— Uma turnê de show, — respondi honestamente. Uma hora ou outra isso acabaria surgindo.

— Quer me contar sobre isso?

— Consegui um emprego montando e desmontando shows, — eu disse a ela, indo em direção à floresta ao lado do camping me sentando em uma árvore derrubada.

— Você conseguiu um emprego montando palco de shows, — ela repetiu, seus olhos apertados. — Isaiah, você é um multimilionário. Por que você conseguiu um emprego fazendo trabalho manual?

— Sim, esta é a parte que você não vai gostar, — eu disse, sorrindo levemente.

— Sou toda ouvidos.

— Então, lembre-se da minha tarefa de casa?

— Conhecer e criar um vínculo com sua vizinha sem que haja qualquer conotação sexual no relacionamento, — ela assentiu.

— Sim, isso não vai funcionar.

— Por que não?

— Porque eu enfiei meus dedos nela ontem à noite, — contei, quase rindo do olhar chocado sobre seu rosto na minha confissão.

Ela rapidamente moveu suas feições para uma máscara controlada. — Ok. Então ela está aí na turnê com você?

— Ela é Darcy Monroe... da Darcy.

— Acho que isso é uma banda, — disse ela, olhando para sua mesa onde, eu tinha certeza, ela estava rabiscando suas anotações.

— Uma banda de metal. Ela é a vocalista.

— Darcy pediu para você se juntar a sua turnê?

— Não, não exatamente.

— Então, como você chegou ao emprego dela?

— Eu a conheci. Quando ela deu uma pausa entre os shows. E nós... começamos a flertar. Mas ela continuou brincando comigo. Como se fosse um jogo e...

— E você não pode ser superado por uma mulher, — completou, assentindo, e houve resignação em seu tom.

— Não é exatamente...

— Isaiah, — ela cortou, seu tom mais afiado do que o habitual. — Podemos conversar sobre sua mãe?

— Minha mãe? Por quê? Nossas conversas sobre meu passado sempre foram voltadas ao meu pai. Porque é daí que o abuso se originou.

— Porque a maioria dos homens aprende, quando são meninos, como interagir e ver as mulheres em suas vidas. Mais proeminentemente, suas mães. Você mal chegou a mencioná-la.

— Ela está morta.

— Certo. Mas ela morreu quando você estava... — ela virou de volta através de suas anotações, — ...com dezenove anos.

— Certo, — balancei a cabeça, estremecendo um pouco com a menção de sua morte.

— Como ela morreu?

Ótimo. Nós realmente estávamos indo para lá. — Ela se matou.

Os olhos da Dra. Todd dispararam para a tela. — Ela se matou?

Eu me senti concordando com a cabeça. — Minha irmã tinha acabado de completar dezoito anos...

— Sua irmã? — Ela perguntou, novamente folheando suas anotações. Sem dúvida procurando algum sinal de que eu tivesse mencionado ela antes. Eu não tinha.

— Fiona. Minha irmã. Um ano mais nova que eu.

— Ok. Apenas continue, — ela disse, me observando.

— Fee teve um relacionamento próximo com minha mãe. Provavelmente por causa do quanto meu pai abusou dela.

— Sua irmã? Como ele abusou dela?

Olhei para os meus pés, não querendo pensar. Não querendo que esses pesadelos voltassem quando as coisas finalmente começaram a se resolver. Mas eu sabia que tudo o que estava fazendo era reprimir as memórias e não as enfrentando. — Ele bateu muito nela. Ele a humilhava. Quando ela tinha dez anos... — Fechei os olhos com força, lembrando-me de olhar pela janela, horrorizado, enjoado, enquanto minha mãe dava voltas atrás de mim, tentando encontrar alguma maneira de detê-lo.

— Quando ela tinha dez anos... — a Dra. Todd solicitou.

— Quando ela tinha dez anos, ele a arrastou para fora... nua. Ela estava nua. Ele a arrastou pela neve e bateu nela. Então ele... — engoli o crescente mal estar na minha garganta, — Ele puxou o canivete e escreveu sob seus seios e depois a palavra “perversa” na pele logo acima de sua...

— Vagina, — a Dra. Todd sugeriu e meus olhos se levantaram para encontrá-la tão horrorizada quanto eu.

— Sim. Ele disse que queria deixá-la tão feia que nunca poderia arranjar um homem para que pudesse cometer o pecado da carne.

— Sua mãe interveio?

— Ela ateou fogo na sala de estar.

A Dra. Todd ficou em silêncio por um momento. — Porque se ela realmente saísse para detê-lo, o castigo teria sido...

— Severo, — terminei.

— Então sua irmã fugiu e sua mãe não aguentou a falta de...

— Não, — eu disse, balançando a cabeça. — Não. Ela estava planejando isso. Fazia anos que ela estava tentando encorajar Fee a fugir. Apenas esperando o dia em que ela finalmente ficasse cansada e fosse embora. Então, no dia em que Fee finalmente fez isso, ela roubou o canivete do meu pai, foi para a floresta e cortou seus pulsos.

A Dra. Todd parecia incomumente chateada, com a cabeça apoiada na palma da mão, o rosto meio escondido pela mão. — Isaiah, sinto muito...

— Foi há muito tempo, — eu disse, respirando fundo. — Eu a envolvi em um lençol e cavei seu túmulo e...

— Você? Você enterrou sua mãe? Onde estava seu pai?

— Ele ficou furioso naquele dia. Ele mal era coerente. Ele disse que o corpo dela poderia ficar lá e apodrecer. Deixar os ursos, guaxinins e raposas comerem seu corpo. Mas eu não pude... quero dizer. Ela era minha mãe.

— Você fez a coisa certa, — disse ela, respirando visivelmente e soltando o rosto da mão. Voltando à sua personalidade profissional. — Então sua mãe foi abusada por seu pai enquanto você estava crescendo.

— Sim.

— E sua irmã.

— Sim.

— Havia outras mulheres por aí na sua vida?

— Minha avó. Nós costumávamos vê-la uma vez por semana. Nossa cabana estava na floresta em sua propriedade.

— Como ela era? Submissa?

— Não. Minha avó era um pouco dura. Mas era uma mulher religiosa. E nunca foi capaz de enfrentar seu filho. Mesmo quando ele era criança. Ela deixou que ele fizesse o que quisesse.

— Sem dúvida, ajudando a criar o monstro que ele acabou sendo.

— Acho que sim.

— Ela sabia do abuso que sua mãe e sua irmã sofriam nas mãos do filho?

— Acho que ela sabia que havia espancamentos. Mas não acho que ela tivesse alguma ideia de quão ruim realmente era. Não até que Fee lhe dissesse quando ficou adulta.

— Você acha que ela interviria se soubesse?

Eu pensei em uma imagem dela, força e elegância. Em todos os aspectos, uma mulher forte e intimidadora. Mas ela nunca teria enfrentado meu pai. — Não.

— Então toda mulher que você viu em sua vida tem sido subserviente e se encolhe ao redor dos homens.

— Não. Quero dizer... Fee é uma das mulheres mais fortes que alguém já...

— Mas você não conheceu essa condição até mais tarde. As mulheres em sua vida em seus anos de formação foram abusadas ou autorizadas por seu pai.

— Sim.

Sua cabeça assentiu uma vez e houve uma longa pausa. — Por que você está me contando isso?

Minhas sobrancelhas se uniram. — Não era isso que eu deveria estar fazendo na terapia?

— Sim, — ela disse, sorrindo levemente, — mas estamos nisso por anos e você nunca me disse nada disso. Por que está se abrindo agora?

Eu não tinha a mínima ideia. Dei de ombros. — Não sei.

— Tudo bem, — disse ela, franzindo os lábios. — Você pode me dizer mais sobre... — ela olhou para suas anotações, — essa mulher, Darcy Monroe?

— Ela é interessante. Acho que diferente. Está em um ônibus cheio de homens há anos, então meio que ficou muito franca e exigente ao redor deles. Ela é muito... aberta de algumas maneiras. Como na primeira noite em que a conheci, ela estava nua mergulhando na piscina bem na minha frente. Mas ela também é bastante fechada em

outros aspectos. Ela não compartilha qualquer informação pessoal ou expressa seus sentimentos. Além da frustração ou raiva.

— Você está sorrindo, — ela observou, uma sobrancelha levantada.

Eu estava? Acho que sim. — Acho que estou.

— Você parece... mais feliz do que da última vez que te vi.

Dei de ombros. — Acho que só precisava ficar longe das coisas por um tempo.

— Em uma turnê com uma banda de metal.

— Ei, — eu disse, sorrindo para ela, — é mais um jogo do que trabalho.

— O que você quer aí?

— O que você quer dizer?

— Quero dizer... o que, exatamente, você está fazendo aí? Você vai ficar a turnê inteira? Está apenas tentando fazer sexo com essa mulher, Darcy Monroe? E daí? Depois você vai sumir? Evitar vê-la quando voltar à cidade?

Fiquei em silêncio por um minuto. Ela tinha razão. Eu não tinha realmente feito nenhum tipo de plano. — Bem, planejo dormir com ela, com certeza, — eu disse, meio para mim mesmo.

— Certo. Mas, e daí? Porque o seu padrão habitual envolve fazer sexo com uma mulher e descartá-las completamente. Isso não será exatamente uma opção quando você estiver trabalhando para ela.

Ela estava certa. Eu poderia ter conseguido o melhor de Darcy, fazendo-a se contorcer, gemer e gozar forte. Mas nessa situação, e pela primeira vez na minha vida, eu não estava realmente no comando.

— Isaiah? — Perguntou Todd.

— Eu não sei, — admiti honestamente.

Ela acenou com a cabeça uma vez. — Acho que é uma coisa boa.

— Porque eu preciso aprender a...

— Isaiah! — Gritou uma voz, perto de mim... gritou pelo parque. — Traga a porra da sua bunda de volta aqui! Você está em serviço.

A sobrancelha da Dra. Todd se levantou e percebi que ela estava se segurando para não sorrir. — Essa é Darcy? — ela perguntou.

Eu assenti. — Sim.

— Juro por Cristo, se você não voltar aqui em dois minutos, vou fazer Burt te deixar aqui!

A Dra. Todd deixou o sorriso atravessar seu rosto, grande e divertido. Quase tonta. — Oh, isso vai ser interessante, — disse ela.

— Você deveria estar do meu lado, — eu ri.

— Certo, — ela concordou. — Mas às vezes estar do lado do seu paciente significa esperar que alguma estrela do rock feminina transforme sua vida um inferno.

— Você vai ter que me enviar alguns estudos que provam...

— Onde diabos você está? — A voz de Darcy chamou, aproximando-se.

— Vou liberar você mais cedo para não ser demitido e arruinar a confusão em que você se meteu, — disse Todd, novamente sorrindo. — Falo com você na próxima semana, Isaiah.

Eu tinha acabado de desligar quando Darcy atravessou a floresta, as mãos em seus quadris em jeans preto e uma regata branca. — Você ficou surdo?

— Bom dia para você também, Darcy, — eu sorri, ficando de pé. Aparentemente, se tinha alguma coisa mais sexy do que Darcy no palco, ou Darcy se masturbando, era Darcy brava.

— O que você acha que está fazendo furtivamente quando há trabalho a ser feito?

— Trabalho? Não estamos voltando para a estrada hoje? — Perguntei, lentamente ficando em pé.

— Você não é apenas empregado nas noites de shows. Você trabalha para mim vinte e quatro horas por dia, sete dias por semanas...

Fui para mais perto dela, apoiando-a contra uma árvore, fazendo suas palavras esmorecerem de sua boca. — Tem... algum jeito que posso estar... — Olhei lentamente para o corpo dela, —... a seu serviço?

Não teve o efeito que eu pretendia. Esperava olhos pesados e desejo. Só conseguiu o tipo de expressão que alguém recebe quando cai um balde de água gelada na cabeça. Choque. Ultraje. — Na verdade, — disse ela, levantando o queixo, — sim.

Eu sorri lentamente para ela, meus olhos brilhantes enquanto lentamente me ajoelhei na frente dela, alcançando o botão de suas calças. — Sim, senhora.

Ela olhou para mim com desejo desenfreado por um longo tempo, mas quando meus dedos começaram a pressionar o botão, ela balançou a cabeça ligeiramente e seus olhos ficaram pequenos. Então, levantou seu pé, pousando no centro do meu peito e me chutando para trás. Eu caí sentado, olhando para ela como se ela tivesse perdido a cabeça. — Lave o ônibus, — disse ela, cruzando os braços sobre o peito.

— Lavar o ônibus? Sério? — Perguntei, me levantando.

— Sim. Lave o ônibus. Você precisa esfregar o interior. Todas as superfícies, incluindo a limpeza de todos os móveis.

— Isso é tudo? — Perguntei, sorrindo ligeiramente.

— Não, — ela disse, voltando-se para sair, — mas pode começar.

Eu sorri para ela se retirando antes de lentamente segui-la de volta para o ônibus. Então esse era o plano dela. Ela ia jogar de chefona. Ok, tudo bem.

Peguei todos os suprimentos para limpar o ônibus e tinha acabado de começar a esfregar o segundo lado quando uma janela se abriu acima de mim e Darcy se inclinou para fora. — Melhor limpar essa merda. Estamos saindo em cinco minutos.

— Mas eu comecei agora...

— Então acho que você vai ter que refazer tudo na próxima parada, — declarou ela, fechando a janela. Joguei a esponja de volta no balde, balançando a cabeça.

Parecia que eu tinha chutado a colmeia. E a abelha rainha estava chateada pra cacete comigo. Ia ser um longo dia.

Doze

— Não.

— Vamos, Burt. Por favor, — implorei, virando no banco do passageiro fazendo beicinho.

— Não, — disse ele, mantendo os olhos na estrada. — Estamos com um cronograma apertado. Não podemos pagar por paradas não planejadas.

— Mas não vai demorar tanto! Apenas algumas horas. Eu prometo.

— Não.

— Ah por favooorrr, — eu disse, enfiando o meu lábio inferior para fora e ele olhou para mim.

— Você sabe que vai ceder, — Jay gritou de costas, olhando para as cartas na mão, — salve a todos nós dessa humilhação e diga sim.

— Uma hora — disse Burt, parecendo severo.

— Uma hora e meia, — admiti. — Quase.

Burt soltou um longo suspiro de sofrimento, sacudindo a cabeça. — Graças a Deus eu tive filhos.

— Oh, você me ama e você sabe disso, — sorri, desafivelando o cinto me inclinando para beijar sua bochecha. — Próxima parada: hospício insano assombrado! — Anunciei para os caras que se revezaram revirando os olhos ou resmungando sobre como odiavam qualquer coisa assombrada.

— Um hospício assombrado? — perguntou Isaiah, saindo do banheiro onde o mandei esfregar cada centímetro dele com uma escova de dentes. Uma tarefa que ele havia tomado com uma completa falta de ofensa ou desgosto.

Na verdade, ele havia aceitado todos os trabalhos nos últimos cinco dias com um aceno de cabeça e um sorriso, não importava o quanto a tarefa fosse depreciativa. Era quase como se ele prosperasse no trabalho manual. O que parecia uma contradição absoluta com ele sendo um investidor de capital de risco. As pessoas não tinham empregos assim para que nunca mais tivessem que cortar a grama ou fazer seus próprios pratos?

— Sim, — Jay disse a ele, arrumando suas cartas. — Darce tem um fetiche por todas as coisas sombrias e arrepiantes. Dê-lhe globos oculares embalsamados em um pote e ela ronronará como um gatinho.

Isaiah olhou para mim, as sobrancelhas erguidas, um sorriso brincando com a borda dos lábios. — Parece interessante. Isto é, se todas as minhas tarefas estiverem prontas para o dia — disse ele com um olhar penetrante para mim.

— Deixa a Cinderela ir ao baile, — disse Jay. — Nenhum de nós quer ir.

Balancei a cabeça para eles. Quem não queria matar alguém de susto de vez em quando? — Vocês não são divertidos. — Mas eu não ia deixar que eles estragassem tudo. Estava procurando por sites intermináveis na internet tentando encontrar um lugar que eu não tivesse visto ainda que não fosse muito longe da rota. E ali estava: Murphy Asylum. Eu estava positivamente formigando com a emoção. — Tudo bem, você pode ir. Mas ah, — eu disse, olhando de lado para Burt que, para todos os efeitos, agiu como nossa figura paterna, — você está bem em entrar lá, certo?

— Oh, pelo amor de Deus, — disse Burt, balançando a cabeça.

— É claro, — disse Isaiah, deslizando para a cabine atrás de mim.

— Boa. Burt vai estacionar o ônibus em uma rua chamada... — Olhei para o meu telefone. — Center Ave. Aparentemente, tem um shopping ou algo assim. Assim não ficará óbvio porque estamos lá. E então teremos que caminhar pela floresta por uns dez minutos ou mais pra chegarmos ao manicômio.

— Parece bom, — disse ele, parecendo completamente à vontade com o plano. Talvez ele não fosse um acréscimo tão ruim para a equipe depois de tudo.

Cerca de uma hora depois, estávamos todos saindo do ônibus da turnê, os rapazes decididos fazer compras e sair correndo, Burt feliz por tirar um cochilo do meio-dia, por mais que inicialmente se opusesse ao plano.

— Tente não ser presa, — Jay gritou por cima do ombro quando começamos a caminhar em direção à floresta, — de novo! — Acrescentou.

Eu podia sentir os olhos de Isaiah em mim. — De novo? — Ele perguntou e eu sabia que ele estava sorrindo. — Passou muito tempo sob custódia da polícia, hein?

— Oh, apenas um par de acusações de atentado ao pudor. Uma por estar bêbada e por desordem. Duas por invasão. Nada importante — eu disse, entrando na floresta, o que eu esperava, fosse a direção certa.

— Sua pequena criminosa, — ele riu. — Por que você continua olhando para o céu? — Ele perguntou, mantendo facilmente o ritmo de pernas longas ao meu lado.

— Estou tentando descobrir... hum... oeste...

Ele bufou, estendendo a mão e colocando as mãos nos meus ombros, efetivamente parando meu ritmo frenético. Ele me virou para a esquerda. — Lá, — disse ele, certamente.

— Você tem certeza?

— Sim, querida. Tenho certeza.

Eu não achei graça na forma dele falar comigo. Não. De modo nenhum. — Ok. E daí? Você foi um escoteiro ou algo assim?

— Não. Passei muito tempo na floresta com meu pai.

— Bacana, — eu disse, subindo em um tronco de árvore enorme, em seguida, pulando para baixo. — A ideia de férias do meu pai era reservar cruzeiros e me enviar ao passeio aos cuidados de uma babá.

— Você vem de uma família com dinheiro, ao que parece.

— Mmmhmm, — eu disse, segurando um braço para empurrar ramos para fora do meu rosto.

— Não gosta de falar sobre o seu passado, hein? — Ele perguntou.

Fiquei tão surpresa que olhei para ele por cima do ombro. Eu fazia isso? Mantinha as pessoas longe? Nunca pensei sobre isso, mas ele tinha razão. Conversei com Jay e Todd e Mike, Joey, Burt. Essas pessoas me conheciam tão bem quanto eu me conhecia. Melhor mesmo. Mas nós raramente temos tempo fora da turnê. Então, nunca tive muita chance de passar tempo com outras pessoas. Nunca cheguei ao ponto em que deveríamos compartilhar detalhes íntimos de nossas vidas.

Não queria ser vista como fria ou fechada. — Realmente não é tão interessante, — eu disse, olhando para frente enquanto falava. — Meu pai era um workaholic...

— Um traço familiar, — ele disse, me deixando tensa.

Porque ele estava certo. Eu era uma workaholic. Se não estivesse insistindo nas turnês longas seguidas de gravação, com que frequência o resto dos caras queriam trabalhar? Talvez isso fosse algo que eu precisava abordar com eles. — Acho que sim, — concordei. — Minha mãe era dona de casa. Então ela não trabalhava fora. Nunca fez nada, nem remotamente, a não ser reclamar do meu pai e gastar dinheiro. Fui a escolas particulares. Fiz o que era esperado de mim. Eu aprendi piano, dancei, fui líder de torcida...

— Sério? Uma líder de torcida? — ele perguntou, parecendo incrédulo.

— Sim, — eu disse, olhando para ele para encontrá-lo sorrindo. — O quê?

— Você ainda tem esse uniforme em algum lugar?

— Cala a boca, — eu ri, revirando os olhos. Existiam caras que não queriam foder uma líder de torcida?

— Então, como diabos você entrou na música metal? Você gostou de... passar por um estágio rebelde ou algo assim?

— Eu conheci Jay, — admiti, um sentimento quente se espalhando por dentro. Não importava quanta merda aquele homem me fez passar, quando pensei sobre onde estive, onde ele esteve, o que nós

dois tínhamos feito juntos para chegar onde chegamos na vida... isso me deixava quase esmagadoramente grata.

— Não parece exatamente o filho de algum advogado ou banqueiro rico.

— Ele era garçom em um restaurante que frequentei com meus pais.

— Jay? Jay era garçom?

— Eu sei, — eu ri, — é difícil de acreditar, mas sim. De qualquer forma, ele me deu um bilhete para encontrá-lo naquele local. E eu... fui. E nunca olhei para trás.

— Isso é...

— Oh, — eu disse, correndo para frente, — aí está! Você vê isso?

— Sim, — ele concordou, seguindo atrás de mim.

— É enorme!

O Murphy Asylum era um enorme edifício branco de três andares com um porão. As janelas estavam todas quebradas, provavelmente por adolescentes locais, muita molecada queria entrar. A tinta branca estava lascada, descascada e suja. Tudo era assustador. — Vamos! — Insisti, pegando sua mão e arrastando-o para frente.

Abri a porta da frente, ouvindo seus rangidos com emoção. Abaixei a mão dele, entrando. — Oh, aqui é muito velho, — eu disse, olhando as paredes desmoronando, as folhas e a sujeira por todo o chão, o teto se abrindo de animais cavando dentro. Enfiei a mão no bolso, tirando um par de luvas de couro velhas e as colocando.

— Veio preparada, hein? — Ele perguntou, sorrindo, colocando as próprias mãos nos bolsos.

— Sempre. Você não quer tocar em nada aqui. Cuidado onde você pisa. Há vidro em todos os lugares. Se você cair...

— Eu sou muito bom em meus pés, — disse ele, olhando ao redor com uma espécie de desapego.

— Você acredita nessas coisas? — Perguntei, virando-me para ele um pouco enquanto passávamos pelo o que costumava ser a antiga área de recepção.

— Que coisas?

— Assombrações? Almas penadas? Almas em geral? Deus? O diabo? Qualquer coisa?

— Eu cresci em uma família muito religiosa — ele disse.

— Isso não é uma resposta, — respondi, decidindo passar o primeiro andar completamente. Era provável que fosse apenas antigos escritórios e refeitórios, cozinhas. Nada interessante.

Ele emitiu um som baixinho e arejado e ficou em silêncio enquanto nós lentamente subimos a escada robusta que provavelmente ainda estaria lá se todo o prédio desmoronasse em torno dela. Não achei que ele tivesse planos de responder. — Não sei mais no que acredito, — ele finalmente disse, baixinho, como se estivesse falando sozinho.

— Tudo bem, — eu disse, parando no topo da escada para esperá-lo, — nem eu. Nem a maioria das pessoas. De certo modo... é quase mais fácil acreditar, sabe? Para ter tanta certeza de alguma coisa. Isso é fácil. O não saber é o que é difícil.

Abri a porta para a ala médica, dando um passo em frente de uma estação das enfermeiras, onde a sala explodiu em ambas as direções, as portas para todos os quartos dos pacientes estavam abertas: duas polegadas de espessura com janelas metálicas e uma pequena janela retangular no fundo. Empurrei meu sapato para o espaço vazio. As sobrancelhas de Isaiah estavam franzidas, encolhi os ombros. — Essa janela menor é para as bandejas de comida. Para os pacientes que eram muito malucos para ir até o refeitório.

— Você sabe muito sobre isso, hein?

— Fiz uma tarefa no ensino médio para a minha aula de psicologia sobre velhos métodos de atenção à saúde mental. Na minha pesquisa, continuei vendo todas essas imagens de velhos manicômios e acho que fiquei obcecada. É fascinante. Assim como eles costumavam pensar em sangrar um paciente poderia curar pessoas com gripe ou qualquer outra coisa. É interessante ver como as grandes mentes de diferentes tempos entendiam as coisas de maneira tão errada.

Entrei no primeiro quarto, vazio, mas uma pequena cama de armação de metal com um colchão comido por traças por cima. Nenhuma escrita nas paredes. Nenhum toque pessoal — Quero dizer... as mulheres eram enviadas para esses lugares por terem apenas um abalo emocional. Elas eram consideradas histéricas e enviadas pra cá para apodrecer.

— Isso é loucura, — disse Isaiah, me seguindo para dentro e para fora dos quartos, mal olhando em volta. Eu podia sentir seus olhos em mim quase o tempo todo.

— Sim, mas havia um lado positivo para elas, — falei sorrindo.

— O quê? — Ele perguntou, parecendo genuinamente curioso.

— Bem, os médicos propuseram um novo tratamento para histeria...

— Qual?

Eu lutei, mas o riso acabou me vencendo. — Eles as masturbavam.

— Fala sério, — ele disse, balançando a cabeça.

— Sim, — eu ri. — A palavra "histeria" vem do grego para "útero". E os médicos conversavam com mulheres que sofriam de histeria feminina e eram informados sobre peso pélvico, doença emocional, lubrificação incomum, sonhos vívidos. Você sabe... o que nós chamamos de excitação sexual hoje em dia, — eu disse, levando-o para o outro lado do corredor e depois para outro lance de escadas. — Então, claro, se o útero fosse o que estava sofrendo, então o útero deveria ser tratado. Eles decidiram que a vulva precisava ser massageada ou que a própria vagina precisava ser. Então eles tocaram as mulheres até terem um alívio por paroxismo. Nós chamamos isso de orgasmo. E então, assim... — eu disse, estalando, — ...os sintomas seriam aliviados. Mas a histeria feminina tendia a ser uma condição prolongada que precisava de tratamento frequente. Parei de andar, percebendo que ele não estava atrás de mim e parando, voltando para encontrá-lo me observando intensamente. — O quê?

Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Você é apenas... você é realmente fascinante.

— Oh, — falei, parando de sorrir, sentindo as palavras se instalarem em algum lugar lá no fundo. Foi provavelmente o melhor elogio que já recebi. Qualquer um pode ser bonito ou sexy ou lindo. Por nada mais que um completo acidente de genética. Não significava nada ser chamado assim. Significava muito que nos dissessem que você, como pessoa, a pessoa que você havia se tornado de uma vida inteira de interesses e gostos e desgostos... ser informado de que essa pessoa, no todo, era fascinante. Isso era incrível. — Obrigada, — eu disse, rapidamente me afastando, desconfortável. — Não tem mais nada, — eu disse, entrando em outro quarto vazio, este com uma cadeira de rodas em um canto.

— Como assim?

Dei de ombros. — Às vezes você se depara com aqueles que ainda têm peças de roupas. Ou fotos. Até anotações manuscritas. Evidências das pessoas que viveram e melhoraram, ou sofreram, em lugares como este. Mas não tem nada.

— Talvez outros... entusiastas do hospício, — ele disse, em tom de brincadeira, — tenham aparecido e levado as coisas embora.

— Não, — eu disse, balançando a cabeça, — pessoas como eu não pegam as coisas. É importante demais. Tudo é importante e faz parte desses lugares para tirar daqui. Então, ou tudo foi esvaziado quando eles fecharam, ou ninguém roubou merda nenhuma, — eu disse, voltando pelo corredor em direção à escada. Vamos ver se há alguma coisa no porão. Os porões são sempre os melhores.

Infelizmente para nós, a porta estava trancada. Ou bloqueada — Droga, — eu disse, chutando a porta com força. — Isso foi um desperdício de uma viagem.

— Ei, — disse Isaiah, sorrindo. — Aprendi muito. Agora posso dizer às mulheres que elas são mal-humoradas porque estão sofrendo de uma condição crônica que preciso tratar com alguma massagem valvular.

Eu ri, observando quando ele puxou a porta. — É por isso que eles criaram o vibrador, sabia?

— Por quê?

— Porque as mãos dos médicos se cansaram.

Isaiah jogou a cabeça para trás e riu, sacudindo a cabeça. — Isso é ótimo.

— O que você está fazendo? Está trancado ou preso ou algo assim. — Mas ele estava pegando as dobradiças expostas com as mãos, me ignorando. — Não toque nisso. Você vai pegar tétano ou... hepatite ou algo assim.

— Já tive tétano, — disse ele batendo os dedos por baixo do parafuso. — E tenho certeza que a hepatite é transmitida de pessoa para pessoa, e não por contato com uma barra de metal.

Recuei, revirando os olhos para ele até que o ferrolho de repente apareceu e ele puxou para fora. — Como assim! — Exclamei, minha excitação reacendeu. Porque ninguém mais foi capaz de abrir a porta, então o que quer que estivesse lá embaixo ainda estaria lá para eu ver.

— Sou muito bom com as minhas mãos, — disse ele, encolhendo os ombros. Senti um calor subir em minhas bochechas e rapidamente desviei o olhar dos olhos dele, mas não antes de ver a compreensão ali. — Mas isso você já sabe, — ele acrescentou e eu queria que o chão se abrisse e me engolisse.

Fiquei em silêncio lá em cima até ouvir o segundo parafuso bater no chão e Isaiah abrir a porta. — Então estava trancada, — eu disse, olhando para o lugar onde o ferrolho ainda estava preso.

— Sim, depois de você, — disse ele, apontando para a escuridão.

Enfiei a mão no bolso para pegar meu celular, colocando a lanterna e cuidadosamente descendo os degraus estreitos. Eles estavam escorregadios com anos de poeira e sujeira e senti meu estômago revirar quando meu pé deslizou para frente e comecei a cair. Tive um segundo de absoluto terror e aceitação do meu destino antes de sentir a mão de Isaiah serpentear ao redor da minha barriga, puxando-me com força contra seu peito.

— Você está bem? — Ele perguntou, sua voz quente no meu ouvido, me fazendo reprimir um pequeno arrepio.

— Sim, — eu disse, minha voz arejada. — Obrigada. Você pode me soltar agora.

Eu esperava que ele contestasse. Ou que sua mão pegasse meu peito. Ou qualquer coisa completamente inapropriada. Mas sua mão

lentamente se afastou, então deslizou pelo meu braço para pegar minha mão. — Vamos apenas fazer assim para ficarmos seguros, — ele sugeriu, com sua grande mão envolvendo a minha e apertando com força.

Naquele momento, eu estava incrivelmente grata por estar usando luvas. Porque se havia alguma coisa que aprendi sobre Isaiah Meyers, era que sua pele nua na minha pele nua levava a todos os tipos de caos. — Tudo bem, — eu disse, rapidamente descendo pelo resto dos degraus para que pudesse me soltar outra vez. — Está tão escuro, — resmunguei, piscando minha luz em torno das paredes.

— Há uma porta em frente, — Isaiah sugeriu, deixando-me soltar a minha mão.

Fui até lá, pesada e metálica, fazendo um ruído estridente quando eu abri. Mas a sala ao lado tinha uma boa quantidade de luz se infiltrando através das minúsculas janelas do porão.

— Puta merda, — eu disse, olhando para a sala.

— O que é isso? — Ele perguntou, olhando em volta.

— É uma cripta, — respondi, caminhando até uma das portas na parede e puxando a maçaneta. — Eles mantinham os mortos aqui.

— Por que você está abrindo...

Mas era tarde demais. A porta estava aberta e eu estava puxando a bandeja que cabia uma pessoa para fora. — Eles faziam a autópsia lá, — eu disse, apontando para a mesa de metal no centro com um dreno e uma enorme luz acima dela, — daí colocaram os corpos longe até que pudessem ser movidos.

— Isso é realmente assustador.

Dei de ombros, empurrando a bandeja de volta e fechando a porta. — Todo hospital tem uma cripta assim embaixo dele. As pessoas morrem lá todos os dias. Eles precisam de um lugar para guardá-los até que as famílias possam ser notificadas e os preparativos sejam feitos.

— Acho que sim.

— Tudo bem, o que você acha que tem atrás desta porta? — Perguntei, de pé ao lado dela, meu braço para o alto como um modelo exibindo um prêmio em um game show.

— Você é a especialista em hospício, não eu, — ele disse, balançando a cabeça.

— Provavelmente é apenas um depósito, — eu disse, soando menos entusiasmada e abrindo a porta. Isaiah estava seguindo logo atrás de mim quando entrei e bati de volta nele quando vi o que estava na minha frente. — Porra.

— O que é isso? — Ele perguntou, sua mão pousando no meu quadril.

Eu podia sentir meu coração batendo nos meus ouvidos. Esta foi uma em um milhão de coisas incríveis que encontrei. Escura e assustadora e horrível. Mas puta incrível. — É uma... sala de exames.

— Que diabos está fazendo no porão? — Ele perguntou.

— É aqui porque não é esse tipo de sala de exame, — expliquei, inclinando-se para o peito dele ligeiramente.

— Que tipo de sala de exames não é uma sala de exames? — Ele perguntou, descansando o lado do rosto no meu cabelo.

— O tipo de sala de exames onde eles fizeram experimentos com pacientes, — eu disse a ele e senti seu corpo enrijecer atrás de mim.

— O quê?

— Sim, — eu disse, saindo de seus braços. — Quero dizer... a maioria dos pacientes mentais estavam sob os cuidados do estado. Ninguém sabia ou se importava com eles. E os médicos realmente não entendiam condições como a esquizofrenia ou bipolaridade, ou mesmo depressão ou ansiedade. Eles não sabiam como tratá-los. Então... eles tratavam essas pessoas como ratos de laboratório. — Eu me virei para a sala, passando pela cadeira que reclinava e em direção à mesa de exames. — É por isso que há correias aqui, — disse, passando a mão pelas amarras do tornozelo.

— Isso é tão fodido.

— Sim, — concordei. — E a pior parte é que eles nunca realmente descobriram nada assim. — Fui até o armário de suprimentos, abrindo a porta e ofegando.

— O quê? O que é isso? — Puxei o implemento de aço com uma extremidade pontiaguda e uma pequena alça para mostrá-lo. — Isso parece um picador de gelo, — observou ele.

— É exatamente isso, — eu disse, olhando para ele. Segurei na luz. — Eles usavam isso para fazer lobotomias com gelo.

— O que é uma lobotomia com picador de gelo? — Ele perguntou, soando como se estivesse temendo a resposta.

— Bem aqui... — eu disse, apontando para o ponto atrás do meu olho, —...está o córtex pré-frontal do cérebro. É onde temos nossas habilidades de decisão, nossa personalidade, nosso julgamento e livre arbítrio...

— Não gosto para onde isso está indo.

— Em essência, são todas as coisas que os médicos da época culpavam pela vontade de alguns de seus pacientes. Seu mau comportamento. Sua recusa em responder ao tratamento. Então, um dia, eles decidiram que, se pegassem um deles e o esfaqueassem, — respirei fundo, — que todos esses maus comportamentos iriam embora.

— Imagino que não funcionou.

— Oh, funcionou, — retruquei. — O problema era que danificar o córtex pré-frontal atrofiava a inteligência, fazia com que as pessoas não conseguissem responder corretamente, isso as tornavam abaladas emocionalmente. Muitas pessoas que se submeteram ao procedimento acabaram apenas... encarando as paredes pelo resto de suas vidas.

— Isso é doentio.

— Sim, — balancei a cabeça, colocando o picador de gelo de volta e fechando o gabinete. Quando terminássemos, íamos trancar a porta e eu contataria alguém especializado nesse tipo de coisa e contaria a eles sobre o que havia no porão. Porque deveria ser preservado. Não deve acabar no sótão de uma pessoa.

Fui até a mesa de exame, tirando um pano do bolso e limpando-o.

— O que você está fazendo?

Eu o ignorei, limpando a mesa até que ficou impecável, então subi nela. — Eu, ah, tenho esse problema, — eu disse, olhando para os meus pés.

— O que há de errado? — Ele perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

Olhei para cima lentamente, tentando manter meu rosto reto. — Acho que estou sofrendo de...histeria feminina, — falei a ele e seu rosto se abriu em um sorriso enorme, até que continuei, — acho que preciso de... tratamento.

Seu sorriso se apagou lentamente quando percebeu o significado das minhas palavras, seus olhos ficando pequenos, mas sua boca se abriu ligeiramente. — Você quer transar comigo, certo?

Apertei minhas coxas, sentindo o desejo, quente e pulsante. Eu queria transar com ele. Eu ficava estranha sobre os meus chamados edifícios assombrados. Era a adrenalina e a excitação, a maravilha, o medo... tudo se fundia nesse coquetel que, invariavelmente, me aquecia. Tesão reprimido.

— Não vou foder com você.

— Sério? — Ele perguntou, começando a se aproximar.

Eu assenti. — Sério.

Ele chegou à beira da mesa, pressionando seu corpo em meus joelhos até que eu os abri e ele deslizou para o espaço vazio. — Minhas mãos estão sujas, — disse ele, segurando-as, cobertas de sujeira e gordura de abrir a porta. — Mas, — disse ele, olhando para mim com olhos famintos, — acho que posso... qual era a frase? — Ele perguntou, olhando para o canto da sala por um segundo. — Oh, sim, — disse ele, olhando para mim. — Eu acho que posso realizar uma massagem valvular... com outra parte do meu corpo.

— Bem, — eu disse, sorrindo timidamente, — se você acha que pode ajudar nisso... pressão e... essas fantasias vívidas e...

— Moleza, — ele disse, observando-me com um pequeno sorriso.

— Sim, — concordei, olhando para ele com olhos grandes e inocentes, — umidade. O que você acha que eu deveria fazer sobre isso?

— Eu acho que você deveria se levantar e tirar suas calças. Você precisa de um exame adequado — ele instruiu, recuando um pé para que eu pudesse pular da mesa. Alcancei rapidamente o meu botão e zíper, em seguida, puxei minha calça e calcinha para baixo, desajeitadamente passando por cima dos meus sapatos e pegando meu

jeans e colocando-os na mesa de exame. Porque não importava o quanto eu estivesse excitada, o quanto essa pequena encenação era divertida, não ia me sentar em uma mesa onde as pessoas costumavam ser amarradas.

— Ok, senhorita Meyers. Eu preciso de você de volta à mesa, com as pernas bem abertas, por favor — ele instruiu, parecendo frio e distante como qualquer médico, mas me observando com olhos famintos enquanto eu seguia suas orientações. Ele se moveu de joelhos na minha frente, agarrando meus joelhos e os empurrando até que eles se equilibraram na beira da mesa. — Hmm. Vejo muita umidade aqui, — ele disse, olhando para mim. — Se você apenas... deitar e relaxar, eu vou fazer um procedimento para ajudar a aliviar os sintomas de sua... histeria.

— Sim, doutor, — concordei, agarrando as laterais da mesa, tensa, esperando. Então sua língua deslizou entre minhas dobras lisas, lambendo lentamente a fissura, fazendo minhas pernas se soltarem da beira da mesa, batendo em seus ombros, enquanto eu minha respiração ficava instável. Suas mãos alcançaram meus tornozelos, puxando-os até que minhas pernas pousaram sobre seus ombros enquanto ele ia em direção ao meu clitóris, fazendo um grande círculo ao redor dele, mas sem tocá-lo. Então ele recuou um pouco, soprando ar quente sobre o nó sensível e fazendo minha respiração sair da minha boca.

Ele recuou o suficiente para fazer minha mente racional começar a surgir, apenas o tempo suficiente para ficar tenso. Então sua língua começou a acariciar meu clitóris várias vezes. Implacável. Não me dando a chance de recuperar o fôlego ou até mesmo gemer. Tudo me consumiu. Eu me empurrei até que não precisasse me segurar, levando uma mão para sua nuca, a outra na beira da mesa.

Não sei como ele enxergava, porque ele ficou enterrado entre as minhas coxas, sua língua passando pelo meu clitóris, mas a mão dele subiu e agarrou a minha livre, segurando firme enquanto ele continuava seu tormento. Meu orgasmo estava crescendo rapidamente, meu corpo ficando tenso em antecipação.

Então sua língua parou repentinamente, fazendo-me gritar uma objeção uma fração de segundo antes de sua língua achatar e pressionar forte contra o meu clitóris, segurando lá e eu caí no meu orgasmo com um suspiro quase inaudível enquanto eu pulsava, lento e latejante, um sensação profunda e rolante que parecia nunca

terminar. Sua língua rolou sobre o meu clitóris novamente e gemi, agarrando seu pescoço com força quando outra onda rápida me puxou.

Sua mão apertou a minha enquanto eu ofegava por ar quando o orgasmo diminuiu. Ele lentamente se afastou, beijando o interior da minha coxa antes de voltar a ficar de pé. Puxei minhas coxas de repente muito pesadas juntas, abaixando minha cabeça enquanto tentava fazer minha respiração desacelerar. Para voltar ao meu corpo.

As pontas dos dedos estenderam-se e roçaram meu queixo, gentilmente forçando meu rosto até o dele. Ele deu um pequeno sorriso estranho, depois se inclinou e tomou meus lábios por alguns segundos antes de se afastar. Ele respirou fundo, balançando a cabeça e depois afastando o olhar. Quando ele olhou para trás, a luz estranha em seus olhos se foi, apenas o humor restava. — Bem, senhorita Monroe, — ele disse, seu tom de volta a ser o profissional médico, — como esse tratamento funcionou para você?

Minha reação automática foi dizer-lhe que foi insignificante. Que eu estava desapontada com ele e ia ter que investir em um vibrador porque suas habilidades manuais deixavam a desejar. Não entendi porque minha primeira resposta quando se tratava de Isaiah era mentir, cortá-lo, desviar.

Respirei fundo, engolindo o nó na garganta. — Eu devo estar livre de histeria por um tempo, — disse, não sendo capaz de olhar para ele enquanto descia e desajeitadamente lutava para colocar de volta as minhas calças.

Ele estava estranhamente em silêncio e peguei meu celular, acendendo a lanterna, e voltei para a cripta. Ele ainda não tinha dito nada quando entramos no quarto escuro onde as escadas estavam. Eu não tinha certeza se ele estava comigo até que senti algo passar pela minha perna e gritei, voando para trás e batendo com a cabeça no queixo de Isaiah.

— O que há de errado? — Ele perguntou, sua mão pousada no meu quadril.

— Algo tocou minha perna, — eu disse, passando a luz ao redor, em parte com medo de saber o que era, mas ainda mais com medo de não saber. — Oh, — eu disse, minha luz encontrando o brilhante olho amarelo de um gatinho preto. Minúsculo. E literalmente...um. Um olho. Um estava faltando. Ele era pequeno demais para ficar sozinho. —

Ownnn, — eu disse, descendo em direção ao chão para olhar para ele. — Você tem que ter uma mamãe por aqui em algum lugar, querido.

— Acho que não — disse Isaiah, estendendo a mão para minha mão e apontando a luz a poucos metros atrás do gatinho, onde uma grande gata mãe e três outros gatinhos estavam deitados, rígidos, cobertos de sangue. — Parece que um guaxinim pegou a mãe e os irmãos, — ele disse, soltando a minha mão.

Eu me aproximei devagar em direção ao gatinho que abriu a boca para me mostrar que tinha um dente afiado e tentou um chiado que era fraco demais para ser outra coisa senão adorável. — É assim que você perdeu seu olho, amigo? — Perguntei, cuidadosamente colocando minha mão em torno dele e agarrando a parte de trás do seu pescoço.

— Pensando em levá-lo, né? — Perguntou Isaiah, parecendo se divertir.

— Bem, não posso simplesmente deixar essa coisa aqui para ser morto também. Ou morrer de fome.

— Existe algo chamado ciclo da vida, sabe.

— Você soa como um caçador, — eu disse, pegando o gatinho resistente entre as duas mãos.

— Eu *sou* um caçador, — ele respondeu e eu praticamente podia ouvi-lo encolher os ombros.

— Bem, aqui não é a floresta. E isso não é um cervo adulto capaz de cuidar de si mesmo. E não sou algum tipo de monstro, — eu disse, ficando de pé, um pouco zangada com a falta de cuidado de algum gatinho perdido. Mas aquilo não era uma coisa? Diziam que você deveria julgar um homem pela maneira como ele trata os animais? Bem, ele estava tratando o gatinho indefeso como se fosse algum tipo de incômodo.

— Acho legal você querer ajudar, — disse ele, seguindo atrás de mim enquanto eu fiz o meu caminho para as escadas. — Acho melhor só não segurar contra o seu peito, Darcy, — ele avisou quando eu comecei a subir.

— Por quê?

— Porque provavelmente, no mínimo, tem ácaros. Ou pulgas. Ou carrapatos.

— Oh, certo, — eu disse, segurando-o longe, grata pelas luvas. Porém não fazia a subida mais fácil.

— Vá em frente, — disse Isaiah atrás de mim, como se ele estivesse lendo minha mente. — Não se preocupe, eu seguro você.

Senti um leve estremecer na barriga e subi as escadas rápido demais, completamente desconfortável com a sensação. De volta à luz, guardei meu celular, observando enquanto Isaiah trancava a porta e depois se movia em direção à mesa colocando o gatinho por cima. — Como você sabe se tem pulgas e carrapatos?

Isaiah bufou, aproximando-se de mim e, com as mãos nuas, começou a vasculhar o pelo negro do gatinho. — Você os vê. Eles são pequenos, mas você os vê se movendo por aí.

— Alguma coisa? — Perguntei, observando enquanto ele verificava as orelhas, em seguida, virou para verificar sua barriga.

— Não que eu possa ver, — disse ele, colocando o gatinho em pé novamente. — Mas é esperto dar banho com sabonete contra ácaros, pulgas e carrapatos. Só pra ter certeza. As pessoas podem pegar, cuidado. Provavelmente farão tudo isso no abrigo de animais.

— Oh, não, — eu disse, embalando o gato entre as minhas mãos, ainda a poucos centímetros de distância do meu corpo, só por segurança, —não vai para nenhum abrigo. Vou ficar com essa coisinha.

— Sério?

— Sim, com certeza.

— A propósito, você pode parar de chamá-lo de coisinha, — ele me disse, inspecionando as mãos rapidamente antes de colocá-las em seus bolsos. — É macho.

— Certo. Bem, vou ficar com ele.

— Ele é feio que dói.

Franzi meus lábios, olhando para o grande olho amarelo e a completa falta de outro. Ele era feio. Mas era tão feio que era quase fofo. Quase. — Bem, ele é um cara durão. Um sobrevivente. Acho que se parece muito metal. Ele pode ser nosso pequeno mascote.

Isaiah sorriu, balançando a cabeça. — Certo. Bem, acho que o shopping em que a gente tá estacionado tinha uma placa de uma loja de animais, então vamos carregar antes que Burt tenha um ataque cardíaco.

— Tudo bem, Poe, vamos, — eu disse, rapidamente caminhando para fora.

— Poe?

— Como em Edgar Allen, — expliquei, indo em direção à floresta.

— Espero que ninguém seja alérgico a gatos, — disse Isaiah enquanto caminhávamos.

— Eles não são.

— Como você pode ter certeza?

— Porque Jay é alérgico a mofo e música country de qualquer tipo, — eu disse, sorrindo. — Todd é alérgico a ervas e pólen. Mike é alérgico ao lúpulo... ou algo assim. Não temos exatamente certeza disso. Nós apenas sabemos que ele não pode beber cerveja. Joey é alérgico ao leite e Burt não é alérgico a nada.

— Uau, — disse Isaiah, balançando a cabeça, batendo no meu ombro para me empurrar em outra direção. — Isso é impressionante. E você? Você é alérgica a alguma coisa?

— Besteira, — eu disse, sorrindo de lado para ele.

***

Atravessamos a floresta alguns minutos depois e fomos em direção ao ônibus para encontrar todos os caras encostados a ele, todos já tinham terminado suas compras.

— Isso é um gato? — perguntou Burt, com um aborrecimento paternal em sua voz.

— Ele é metal pra caralho, — disse Jay, balançando a cabeça, e eu queria jogar meus braços ao redor dele.

— Seu nome é Poe e ele sobreviveu a um ataque de guaxinim que destruiu toda sua família.

— Você inventou uma história para ele? — Joey perguntou, abaixando as sobrancelhas para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

— É uma história triste, mas verdadeira, de sua vida. Vou correr e comprar algumas coisas para ele. Já volto. Aqui — eu disse, entregando o gatinho a Isaiah que, curiosamente, entre todos eles, confiei em deixar o gato. — Eu volto já.

Treze

Observei ela ir embora, seu andar rápido e animado enquanto eu segurava o gato irritado e confuso contra o meu peito. Olhei de volta para os caras que estavam todos rindo de mim. — O quê? — Perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Ela está com tesão? — Mike perguntou.

— É ele... e ele não tem idade suficiente para isso ainda.

— Não a porra do gato — disse Jay, revirando os olhos e pude ver Burt olhando para nós com raiva antes de entrar rapidamente no ônibus.

— Do que você está falando?

— Darce, — disse Jay, estendendo a mão para acariciar a cabeça do gatinho. — Ela é uma total tarada gore[4].

— O que diabos é uma total tarada gore? — Perguntei, olhando entre eles como se tivessem começado a falar outra língua.

— Ela fica com tesão por merdas estranhas. Como suas casas assombradas e outras coisas. Alguém geralmente fica abraçado com ela ou fica com ela — explicou Jay, tirando o gato de mim e segurando-o. Era uma visão tão estranha que eu quase quis rir.

— Sério?

— Sim, essa garota é confusa, — Joey entrou, balançando a cabeça.

— Oh, o que merda você sabe? — Jay perguntou, balançando a cabeça. — Bem. Ela absorve todo o medo misturado com desejo em seu corpo e ela precisa por isso pra fora de algum jeito. Ela se jogou em você?

[4] Gore é um termo utilizado para representar filmes de terror onde a escatologia é exagerada, com cenas de sangue em excesso, órgãos expostos e outras nojeiras.

— Não, — eu disse, me surpreendendo. Porque ela absolutamente iniciou o que aconteceu naquela sala de exames. E eu fiquei muito feliz com isso. E nunca fui do tipo que escondia minhas façanhas. Mas de alguma forma, parecia errado falar sobre isso. — Na verdade não foi realmente assustador. Ela estava irritada com a falta de coisas pessoais que sobraram.

— Oh, isso é uma merda. Para você — disse Jay, fazendo uma careta. — Ela não é meu tipo.

— Falando do seu tipo, — eu disse, olhando em volta, — não me lembro de ter visto Maddy na noite passada.

— Oh, ela está fora do ônibus, — Jay disse casualmente.

— Já?

— Já? — Mike perguntou, rindo. — Ela tem sorte que durou tanto. O que provavelmente só aconteceu porque ele entrou na bunda dela.

— Onde ela está?

— O que você é, a mãe dela? — Jay perguntou, mas deixou o sorriso esmorecer. — Não se preocupe. Dei a ela dinheiro mais que suficiente para voltar para casa. De qualquer jeito, ela não estava exatamente feliz com todas as outras mulheres.

— Vocês vivem uma vida louca, — eu disse, balançando a cabeça ligeiramente.

— Vivemos uma vida incrível, — Mike respondeu, jovem e vivendo o sonho.

— Eu acho, — falei, colocando minhas mãos nos bolsos e me balançando nos meus calcanhares.

— Você desaprova, — disse Jay, me observando.

— Eu não disse isso.

— Não, você não disse... mas você também... Qual é a objeção? As mulheres? — ele perguntou, deixando o gatinho subir em direção ao seu ombro. — Porque acho que você também não é cavalheiro.

— Não, — concordei, sorrindo. Eu ainda tinha o gosto de Darcy na minha boca. Estava tão longe de um cavalheiro quanto você poderia pensar. — E não desaprovo. Simplesmente não entendo o apelo.

— De uma nova boceta toda noite? — Joey perguntou, parecendo se divertir. — Não... por...

— Não é o ideal, — respondeu Jay, surpreendendo-me. Vi Joey e Mike olharem para ele rapidamente, como se não esperassem isso também. Seu deus do sexo rock star não estava mais vivendo o sonho. — Quero dizer... é ótimo. Mas seria legal poder estar na porra da minha própria casa de vez em quando, sabe? Ter um pouco de estabilidade. Talvez encontrar...

— Uma garota legal? — Mike perguntou, olhando para Jay como se tivesse perdido a cabeça. — Sossegar? Casar com ela? Você está louco, cara.

Jay riu, revirando os olhos. — Não. Conhecer alguém que não está querendo apenas foder para entrar em um ônibus de turnê. Você sabe? Alguém que não está tentando viver seu sonho através do meu, eu acho.

— Tudo bem, — a voz de Darcy interrompeu, completamente inconsciente do ar de seriedade em torno de seus homens geralmente despreocupados. — Acho que exagerei um pouco, — disse ela, estendendo todas as suas sacolas cheias de deus sabia o quê. — Mas Poe vai viver como uma estrela do rock também. Vamos lá — disse ela, movendo-se em direção aos degraus — vamos dar um banho nele para que a gente seguir em frente.

Peguei o gatinho de Jay, querendo uma desculpa para estar ao redor dela sem que ela cortasse o meu barato para fazer um trabalho qualquer em torno do ônibus. Parecia que demos uma trégua desde o manicômio. E não só porque eu a chupei e lambi. Porque nós tínhamos compartilhado algo, algo que ela estava apaixonada. Ela não apenas me viu como um cara qualquer tentando entrar em suas calças mais.

Ela abaixou a guarda. Ela sorriu e brincou comigo. Ela me mostrou uma parte da Darcy que parecia reservar para a equipe e Jay e Todd. Pessoas que eram, para todos os efeitos, sua família. E uma vez que eu estava no sol de suas boas graças, não queria ser jogado de volta no escuro.

Eu queria mesmo estar perto dela.

Não porque quisesse dormir com ela, embora ainda quisesse isso. Não porque ela fosse algum desafio. Mas porque eu simplesmente gostava de estar perto dela. Ela era interessante. Engraçada e doce e sombria e assustadora. Ela era a pessoa mais incomum que eu já tinha visto e queria saber mais. Queria, de repente, saber tudo. Isso era novo para mim.

Eu nunca lidei bem com as pessoas.

Fazia as mulheres dormirem comigo, claro. Eu era muito bom nisso. Mas interagir com pessoas normais na minha vida? Eu era realmente inepto nisso. Colegas de trabalho me achavam desdenhoso e condescendente. Pessoas que tentaram fazer amizade tiveram problemas tentando criar vínculo comigo. Porque eu não deixei ninguém chegar tão perto. Eu não queria que eles soubessem o que realmente estava por baixo da personalidade milionária calma e equilibrada.

Porque a questão era que eu não era essa pessoa. Trabalhei durante anos para aperfeiçoar essa máscara, para deslizar por trás dela, para usá-la como uma segunda pele. Mas não era eu.

O verdadeiro eu passou vinte e cinco anos em uma porra de cabana na floresta. Sem eletricidade ou água corrente. Compartilhando um quarto do tamanho de uma caixa de sapatos com uma irmã, fui ensinado a odiar o simples fato dela ter nascido mulher. Com uma mãe que me disseram para ficar longe. Com um pai que era, ao mesmo tempo, meu tormento e meu único amigo. Ele me ensinou coisas. Ele passou um tempo comigo. Ele elogiou minhas forças. Ele puniu minhas fraquezas. Ele me transformou em um homem forte e capaz. Com algumas ideias realmente fodidas sobre feminilidade.

O verdadeiro eu passou os seis anos após sua morte tentando desaprender esses ensinamentos, tentando fugir do homem que ele me fez ser. Sentindo nada além de vergonha e uma dor tão forte que não conseguia dormir sem três ou mais bebidas para me aliviar.

O verdadeiro eu teve que aprender a usar um computador, o que a internet era, como os bancos funcionavam, quem eram os presidentes, que havia mulheres em posições poderosas, que não era tarefa de toda mulher se submeter aos seus maridos e filhos, que existia a crença em Deus. Que na verdade era mais socialmente aceitável não acreditar.

Tive que aprender quais eram as partes do corpo feminino. Como elas funcionavam. Como meu próprio corpo funcionava. Tive que

aprender, porra, tudo o que outras pessoas aprendiam lentamente ao longo do tempo, em questão de alguns anos.

Mas nunca consegui aprender a interagir corretamente. Como querer socializar, estar perto de outras pessoas. Como estar interessado em suas vidas. Era tão estranho para mim. Muito íntimo. Eu passara tanto tempo sozinho ou apenas com meu pai. Não conseguia entender ter que conhecer pessoas que, invariavelmente, iriam embora de sua vida.

Até eu conhecer Darcy. E até mesmo seu bando estranho de amigos desajustados. Eles eram todos tão... diferentes. Refrescante. Acho que era porque eles não usavam suas próprias máscaras. A maioria das pessoas que você conhecia era como eu, escondendo-se atrás de alguma pessoa que eles cultivavam. Esses caras eram apenas... eles mesmos. Às vezes engraçado, doce e simpático. Ou malvado e mal-humorado, sujo, ofensivo, idiota. Eles eram apenas pessoas normais e imperfeitas que estavam muito longe de se preocupar com pretextos.

E eu queria estar perto deles.

Mas mais que eles, eu queria estar perto de Darcy. Queria saber tudo sobre o passado dela. Como sua vida tinha sido. Como ela foi de Darcy, a líder de torcida na escola particular, para Darcy, a estrela do rock. Queria conhecer seus outros fascínios estranhos, além de manicômios e velhos gurus russos. Queria saber o que a fazia mais feliz do que qualquer outra coisa. Queria saber o que a deixava triste.

Porra, eu só queria conhecê-la.

— Então... o quanto você acha que estou prestes a ficar arranhada? — Ela perguntou, fechando a água enquanto segurava o gatinho no peito, colocando três tipos diferentes de sabão na água. Com minha cara de interrogação, ela encolheu os ombros. — Um é para os ácaros, um é para pulgas e carrapatos.

— E o terceiro?

— Tem um cheiro horroroso de produtos químicos, — ela riu. — Eu espero que isso equilibrasse tudo.

Ela agarrou Poe e começou a abaixá-lo na água, as garras do gatinho se abrindo enquanto ele assobiava e batia na água.

— Nunca teve um gato antes, hein? — Perguntei, observando enquanto ela tentava cantarolar e acalmá-lo.

— É tão óbvio?

— Muito, — eu ri. — Apenas mergulhe ele e esfregue e acabe com isso. Você está apenas lavando sua miséria tentando fazer com que ele se acalme. Ele não vai... aprender a gostar da água.

— Você já teve um gato antes? — Ela perguntou, segurando Poe na água com uma mão e tentando esfregar com a outra.

— Aqui, — eu disse, me aproximando dela e esfregando o pelo preto molhado. — Não, — respondi. — Animais de estimação não era uma coisa que eu podia ter. Tínhamos animais para comer, não por diversão.

— Isso é meio triste, — disse ela, seu cabelo caindo para frente e bloqueando o rosto de vista. — Eu também não podia ter animais de estimação. A menos que os peixes exóticos contassem. O que eles não contam, — ela disse rindo. — Minha mãe é alérgica a gatos e meu pai achava que os cães eram sujos.

— Bem, você tem um animal de estimação agora, — eu disse e ela virou a cabeça e sorriu para mim, doce e radiante. Se minhas mãos não estivessem cobertas de substâncias químicas, eu teria agarrado seu rosto e a beijado.

— Sim, bem, eu quero dizer, nós temos, — disse ela, seus olhos ficando enormes com essa palavra enquanto ela se atrapalhava para mudar o significado. — Você sabe... eu, Jay e Todd. A turma. Nós temos um animal de estimação. Ele não é realmente só meu. — Ela alcançou Poe, puxando-o para fora da água e envolvendo-o em uma toalha. — Eu acho que vai ser bom para eles honestamente. Ter algo que eles realmente precisem cuidar. Acho que eles estão ficando um pouco acostumados a estar na estrada e fazendo o que diabos querem.

— Talvez vocês devessem desacelerar um pouco, — sugeri enquanto ela limpava a água de Poe. — Tirar algum tempo para viver suas vidas.

— Eu sei que o nosso ritmo é exagerado, — disse ela, olhando para cima, uma certa tristeza em seus olhos. — O lance é... você nunca sabe quanto tempo vai entrar trabalho, sabe? Não é garantido que

continuaremos a ter esse nível de sucesso para sempre. Eu só... acho que quero aproveitar o passeio enquanto podemos.

— Eu não acho que os fãs vão desistir de vocês se tirarem uma folga extra de duas ou três semanas a cada ano, — falei, pegando uma lata de comida de gatos em uma das sacolas e abrindo a tampa. Poe se esforçou para sair do seu aperto pelo cheiro, miando até que ela o colocou no balcão do banheiro para comer avidamente. — Você precisa ter tempo para fazer todas as coisas que você quer fazer também.

— Oh sim, — ela perguntou, olhando para mim debaixo de seus cílios. — E o que eu quero fazer?

— Visitar manicômios abandonados, — sugeri, depois sorri calorosamente. — Quebrar uma cama transando comigo.

Ela olhou para o chão rapidamente, mas não antes de eu ver o rubor em suas bochechas pálidas, o peso em seus olhos, a boca abrindo ligeiramente. Ela ficou em silêncio por um segundo, observando Poe lamber até esvaziar a lata. — Pensei que a gente já tinha acabado com isso, — disse ela finalmente, engolindo em seco, — eu estou curada da minha histeria por um tempo.

Eu assenti, balançando para trás nos meus calcanhares. — Sim, — sorri, — mas você esqueceu alguma coisa.

— O quê? — Ela perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Temos... trinta e seis semanas e meia sobrando neste ônibus. E daí depois disso você vai para casa, para um apartamento a quinze metros do meu, — alcancei a maçaneta da porta, entrando na cozinha. — E eu estou nisso pelo jogo, lembra?

Quatorze

— Dia de cartas dos fãs, — declarei, arrastando uma caixa de um dos armários e despejando o conteúdo sobre a mesa onde Jay e Todd estavam sentados.

— Afff, — disse Jay, pegando uma e olhando para ela como se contivesse antraz. — Elas são sempre tão sentimentais.

— Sim, e devemos aos nossos fãs responder à sua ligação emocional com a nossa música, — eu disse, sentando-me e pegando um envelope. Na verdade, era impressionante a quantidade de correspondência física que ainda recebemos considerando nossa presença pesada nas mídias sociais cheias de comentários ou e-mails. Mas ainda havia alguns fãs que escreviam à mão e tentávamos responder o maior número possível deles. Duas vezes por mês. E eu tinha que lidar com todo mundo resmungando por causa disso.

— "Sua música torna minha vida mais fácil", — Jay leu em voz alta, pegando uma caneta e um pedaço de papel, rabiscando descuidadamente um bilhete e entregando-o a Mike, que preenchia o endereço e acrescentava um carimbo.

— Oh, esta é para você, — disse Isaiah, entregando-me uma que, de fato, estava endereçado a mim. Mas sem remetente. Abri de qualquer maneira, puxando o papel forrado com grande marcador vermelho permanente escrito:

— "Quero botar fogo em sua boceta", — li, rindo enquanto rasgava. — Isso foi eloquente.

— Que porra é essa? — Isaiah explodiu, fazendo-nos pular e olhar para ele.

— O quê? — Perguntei, minhas sobrancelhas se unindo.

— Você acabou de ler uma nota que dizia que alguém estava fantasiando sobre colocar fogo em sua boceta e você está totalmente

calma sobre isso? — Ele perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

— Oh, — eu disse, encolhendo os ombros, pegando outra carta. — Às vezes temos alguns fãs realmente distorcidos. Eles dizem as coisas mais doentias que podem pensar. Mas eles são geralmente caras inofensivos. Só faz com que eles se sintam poderosos.

— E o que os impede de querer provar algo e ir em frente ao invés de só ameaçar?

— Sanidade, — sugeri, sorrindo.

— Isso supondo que eles sejam normais.

— Olha, — eu disse, gesticulando para a pilha, — isso é um milionésimo da comunicação que temos com os fãs. E noventa por cento disso é sincero e genuíno. Portanto, se preocupar com os dez por cento que são doentes, é um desperdício de tempo e energia. Não é como se pudéssemos rastreá-los de qualquer maneira. Eles geralmente não são estúpidos o suficiente para colocar seus endereços na carta. Nós nunca tivemos um problema pessoalmente.

— Bem, teve uma vez... — Joey começou antes de pegar um olhar ameaçador de Jay e abaixar a cabeça.

— O que aconteceu? — Perguntou Isaiah, olhando diretamente para mim.

Não adiantava mentir sobre isso. Inferno, se ele fizesse uma pequena busca na internet, ia encontrar um monte de matérias sobre isso de qualquer maneira. Além disso, tirando intenções sexuais, ele fazia parte da equipe agora. — Já faz um tempo. Acho que mais ou menos um ano, — eu disse, afundando na memória como se fosse ontem. — Nós estávamos fazendo um show em Philly e indo para o solo de Todd, então pulei na multidão. Como faço em muitos shows. Eles me levaram por alguns metros, em seguida, me virei e me empurrei para o palco novamente. Mas continuei sendo empurrada para fora e, em seguida, um conjunto de mãos me arrastou para baixo...

Deus, eu lembro daquele momento. Flutuando, sorrindo, curtindo a sensação de perceber que alguém estava me agarrando, me puxando para baixo. Assim que meus pés estavam no chão, senti suas mãos em meus seios, agarrando com força e punindo por um segundo antes dele agarrar minha nuca e me puxar para a boca, empurrando sua língua

para dentro antes que eu pudesse pensar em fechá-la. Senti seu pênis pressionar contra minha barriga quando ele empurrou sua língua tão fundo na minha garganta para me sufocar, sua mão agarrando meu cabelo com tanta força para arrancar um chumaço e trazer lágrimas aos meus olhos. Tudo fora de mim ficou em silêncio.

Parecia uma eternidade. Mas não poderia ter demorado mais que um minuto ou dois antes que a multidão começasse a reagir. Senti as mãos me puxando. Lutei contra eles, não percebendo que eles estavam tentando me afastar, tentando me ajudar. Então ele foi arrancado de mim e os sons voltaram correndo, a multidão gritando, homens brigando, mulheres perguntando se eu estava bem. E através de tudo isso, o som de Jay gritando, “Porra” no microfone.

Todo o inferno se soltou, os homens e mulheres mais próximos de mim gritando com o meu agressor, então a multidão, voando para ele.

A segurança rompeu a multidão um momento depois, um dos homens me agarrou e me jogou por cima do ombro, correndo pela multidão enquanto os outros trabalhavam para parar o banho de sangue atrás de mim. Levantei minha cabeça nas costas do segurança para ver os olhos de Jay me encontrarem, largando o microfone, e voando para a lateral do palco, pisando no chão entre nós com um ritmo frenético e punitivo que não achei que ele era capaz de fazer.

Ele chegou até mim rapidamente, me alcançando e me embalando contra o peito enquanto levava nossa bunda para o ônibus, um Burt sem ter a mínima ideia parecendo que ia ter um treco.

— Jesus, — Isaiah praguejou quando terminei a história. — Espero que a multidão tenha acabado com ele.

— Não foi bonito, — disse Jay, assentindo. — É por isso que eu amo as fãs cadelas de metal, cara. Elas podem lidar com toda a merda.

— É por isso que você não deve tratá-las como elas fossem descartáveis, — falei, jogando um monte de sua correspondência de fãs para ele, que incluía uma foto nua. — Um dia desses, a sua sorte vai acabar e uma delas vai grampear suas bolas no seu beliche.

— Isso soa como uma mulher com quem eu gostaria de casar, — disse Jay, assentindo.

— Aqui, — disse Isaiah, entregando-me outro com o meu nome e sem o endereço do remetente. Senti minha barriga se retorcer quando notei que era a mesma caligrafia.

— "Quero sentir você por dentro enquanto sufoco você até desmaiar", — eu lia, revirando os olhos. — Bem, ele é determinado.

— Ei, talvez seja meio doce, — disse Jay, todos os olhos caindo sobre ele. — Não. É... você sabe... quando você corta o ar quando uma garota está prestes a gozar... você sabe, isso faz o orgasmo mais forte. Talvez ele queira te dar um puta orgasmo.

— Sim, até eu morrer, — eu ri, rasgando a folha.

— Mas que modo de morrer! — Jay piscou para mim.

— Vocês são tão fodidos, — disse Isaiah, balançando a cabeça, mas estava rindo.

Era verdade. Nós levamos algum tempo para nos acostumarmos. Nosso humor frequentemente se inclinava para o sombrio ou mórbido. Nós não éramos politicamente corretos. Nós achávamos que tudo poderia ser engraçado, dentro do contexto adequado. Jay sempre foi um cara que forçava os limites das zonas de conforto das pessoas e todos nós apenas entrávamos nessa onda facilmente. Por força do hábito. E um interesse compartilhado no macabro.

— Não se preocupe, — falei, pegando uma carta de três páginas, frente e verso, — vamos corrompê-lo mais cedo ou mais tarde.

Os olhos de Isaiah encontraram os meus, cheios de um significado que eu estava rezando para que ninguém mais estivesse percebendo. — Estou ansioso para isso.

— Olha esses peitos fodidos, — Jay disse, segurando a foto que ele estava olhando para os caras verem.

Eu ri, revirando os olhos. — Ei, Burt, — chamei, olhando pela janela. — Quanto tempo até chegarmos a Washington?

— Eh, — disse ele, olhando para o GPS, — talvez mais uma hora, dependendo do tráfego.

— Vocês têm um show hoje à noite, certo? — Perguntou Isaiah.

— Sim, — respondi, pegando um pedaço de papel para responder à carta que recebi de uma garota que alegou que nossa música sobre se cortar salvou sua vida. Às vezes a música fazia isso. Às vezes te salvava. De uma maneira muito literal. — Mas nós não vamos entrar no palco até quase dez.

***

Burt estacionou o ônibus em um parque nos arredores da capital, nos deixando sair para pegar um pouco de comida e esticar nossas pernas. Ele foi em direção ao seu beliche para um cochilo, nos fazendo prometer pegar alguma coisa para ele comer.

— Onde você está indo? — Perguntei a Jay enquanto caminhávamos em direção à frente do ônibus.

— Vou pegar a comida. Se deixarmos você ir, tudo será saladas e brócolis e merda.

Ele tinha razão. — Tudo bem, — eu disse encolhendo os ombros, pegando um panfleto sobre o acampamento. — Acho que vou dar uma voltinha, me sinto inquieta. — Mais do que inquieta. Eu estava me sentindo tensa de ficar parada na viagem. Nós ficamos no ônibus tanto quanto fisicamente possível, porque eram viagens mais rápidas. Um monte de artistas parava a cada noite ou duas em um hotel. Nós estávamos tentando manter um cronograma apertado. Mas a falta de equipamentos para exercícios, uma piscina ou apenas uma trilha para caminhar me deixava com uma sensação de fraqueza e lentidão.

— Tudo bem, guarda um pouco de energia para o show, — disse Jay, indo embora, Joey e Mike seguindo atrás dele.

Eu me virei, caminhando em direção à floresta rapidamente antes que fosse surpreendida por alguém. Peguei o caminho mais difícil, aproveitando o aperto no meu peito, a objeção dos meus músculos da coxa. Isso era o que eu precisava. Os shows de palco eram fisicamente desgastantes, mas acabavam me deixando exausta. Não como exercício, que sempre me dava energia extra para continuar. Senti o suor escorrendo pelo meu pescoço enquanto subia a inclinação que, segundo a trilha, levava a um pequeno lago particular.

Estava vinte minutos acima da inclinação, caindo de joelhos e sugando o ar. Não me admirei que essa trilha tenha sido marcada como difícil. Minhas panturrilhas pareciam estar pegando fogo. Meu coração pulsava dolorosamente no meu peito. Me levantei, forçando-me para frente e rezando para chegar ao lago mais cedo ou mais tarde. Eu era uma bola completa de suor e miséria.

— Você está quase lá.

Eu gritei, girando rapidamente, minha mão agarrada ao meu peito. — Jesus Cristo, Isaiah, — eu disse, encontrando-o a poucos metros ao lado. Ele tirou a camiseta e jogou por cima do ombro.

— Não queria assustar você. Não estava me escondendo, sabe. Você deveria ter me ouvido chegar.

Ouvido ele chegar? Eu não conseguia ouvir nada além do som agudo da minha pulsação nas minhas orelhas. — Como diabos você já chegou ao lago? Você não poderia ter saído mais de cinco minutos antes de mim.

Ele deu de ombros casualmente. — Acho que sou um caminhante experiente.

— Você não está nem mesmo suando! — Eu me opus, olhando para o seu tórax e abdômen definidos, uma enorme cicatriz correndo ao seu lado.

Ele riu, descendo até o meu lado. — Vamos lá, acho que você precisa se refrescar.

Ele estava certo. Foram apenas mais cinco minutos antes que a trilha se estabilizasse, depois afundou em uma colina onde um lago de bom tamanho estava situado, com árvores e grandes formações rochosas.

Eu saí correndo, parando ao lado da água e tirando minhas botas. — Você não vai entrar de roupa, né? — Ele perguntou quando comecei ir em direção a água.

— Sim, esse era o plano. Por quê?

Ele balançou a cabeça, estendendo as mãos. — Nada. Só acho que vai fazer o retorno ficar miserável.

Ele estava certo. Maldito seja ele. Se tinha algo mais irritante do que a caminhada quente até aqui, seria a volta com roupas molhadas, pesadas e agarradas e sujeira presa em cima de mim que só me deixaria mal-humorada. E, normalmente, eu ficaria muito feliz de tirar minhas roupas e pular. Era Isaiah que estava me impedindo. O que era idiota. A primeira vez que nos encontramos, eu estava completamente pelada. Inferno, ele estava com o rosto enterrado entre as minhas pernas alguns dias atrás. Mas eu não conseguia superar a sensação estranha de fluido na minha barriga, que só poderia descrever como constrangimento. Era estranho e quase debilitante.

— Vamos lá, — disse Isaiah, encolhendo os ombros. — Não é grande coisa. Vou tirar minhas roupas também — acrescentou com um sorriso.

Ah não. Não. Isso não ajudaria. Em absoluto. Aliás isso só poderia piorar as coisas. E além disso, nós dois... pelados, a menos de quinze metros um do outro... sim, isso provavelmente não era uma coisa boa. Definitivamente era um plano estúpido, imprudente e horrível.

Infelizmente, porém, eu tinha uma queda por coisas estúpidas, imprudentes e terríveis.

Eu me virei para encarar a água, de costas para Isaiah, tirando minha camisa. Minhas mãos foram para minhas calças, deslizando o tecido pegajoso pelas minhas pernas úmidas até que fiquei ali nua. Havia algo sobre estar nu na natureza. A maioria das pessoas, devido a convenções sociais ou vizinhos intrometidos, nunca teriam a chance de vivenciar isso. É como se sua alma reconhecesse a exatidão disso. Como se soubesse que sua pele sempre deveria ser beijada pelo sol. Ser gloriosamente sem vergonha de sua forma nua.

Inclinei meu rosto para o sol por um segundo antes de caminhar para a água até que cobrisse meus ombros.

— Como está a água? — Isaiah perguntou e eu podia sentir a água se movendo enquanto ele entrava. Eu não ia me virar. Ia fazer a coisa mais inteligente e olhar para o contorno das árvores. Ou nadar para longe. Eu definitivamente não iria olhar para ele. Mas mesmo quando tentei me fazer acreditar que era forte o suficiente para isso, senti me virando. Apenas alguns segundos tarde demais para ter a visão completa. Ele estava na água até o osso pélvico, expondo o entalhe profundo de seus impressionantes vincos, criando um V em

direção aos ossos do quadril. Eu sabia que deveria desviar o olhar, mas não o desviei. Porque simplesmente não queria.

— Gosta do que vê? — Ele perguntou, com um sorriso grande e estranhamente pateta quando se aproximou.

Senti-me encolhendo os ombros, com vontade de dizer: “Oh, meu Deus, sim”. — Onde você conseguiu essa cicatriz? — Eu disse em vez disso, gesticulando e espirrando um pouco de água.

— Qual delas? — Ele perguntou, encolhendo os ombros, aproximando-se, a menos de um metro de distância de mim. — A do seu lado, — esclareci, virando a cabeça para olhar para o rosto dele. Que era muito, muito mais seguro.

— Faca, — disse ele, olhando para mim, o sorriso escapulindo. — Eu estava aprendendo a manusear a faca, acertou o lado do alvo e voltou para mim.

— Quantos anos você tinha?

— Não sei. Um garoto. Onze talvez.

— E você era autorizado a brincar com facas?

— Eu fui obrigado a jogar a faca, — disse ele, — até atingir o alvo dez vezes seguidas.

— Que tentativa foi essa?

— Foi na sétima tentativa.

— Isso é uma vergonha. Você estava perto. — Sua risada curta e sem graça fez minha cabeça inclinar para o lado. — O quê?

— Baby, eu não tinha permissão para parar só porque ganhei um pequeno corte.

— Um pequeno corte? — Perguntei indignada. — Pegou a metade do seu lado! — Que tipo de monstro fazia seu filho continuar praticando tiro ao alvo quando estava sangrando?

— Meu pai achava que a dor era... boa para a alma, — ele disse, suas palavras soando mais recatadas do que o habitual.

— Porque ele era mesmo religioso, certo? — Perguntei, sem ligar se eu estava cutucando um ponto delicado. — Você contou que você era religioso quando era menor.

— Sim. Quero dizer... eu não conhecia mais nada.

— Escola católica? — perguntei, assentindo.

— Não, baby, — disse ele, balançando a cabeça.

— Pare de me chamar de “baby”. Estou tentando te conhecer um pouquinho.

— Por quê?

— Como assim por quê? Porque passo vinte e quatro horas por dia em sua presença. Porque moro ao seu lado. Porque estamos pelados em um lago e o que mais há para fazer? — Um pequeno sorriso diabólico começou a se espalhar por seu rosto. — Menos isso, — eu disse, sorrindo. — Vamos...

— Tudo bem, — disse ele, com o mesmo entusiasmo como se eu dissesse a ele para rolar em algum vidro quebrado. — Meu pai era fundamentalista, extremista. Ele era praticamente militante em suas crenças. Ele construiu uma casa na floresta sem luxos. Você sabe... — ele disse, me dando um sorriso triste —...como água corrente, calor ou eletricidade. Fui ensinado a ler e viver pela bíblia. Minha irmã nem sequer teve permissão para aprender a ler...

— Sério? — Perguntei, chocada demais para manter minha boca fechada. Era quase impossível enfiar na minha cabeça a possibilidade de as pessoas ainda viverem dessa maneira. Especialmente quando você cresceu privilegiada e ensinada a lutar pelas mesmas posições de poder que os homens.

— Sim, — disse ele, desviando o olhar de mim, apertando os olhos no horizonte, fazendo rugas ao lado de seus profundos olhos verdes. — Sério. As mulheres deveriam seguir as ordens, cuidar da casa, produzir bebês e não ter pensamentos ou desejos próprios.

— Jesus, — eu disse, depois soltei uma risada estranha e histérica. Jesus. Isso foi totalmente apropriado, Darcy. Bom vamos lá. — Desculpe, — eu disse, balançando a cabeça me desculpando. — Eu sinto Muito. Eu só... não consigo imaginar isso.

— Eu não podia imaginar nada diferente, — ele deu de ombros.

— Mas então, — eu disse, olhando para ele, — como você chegou onde está agora?

Ele encolheu os ombros. — Bem, minha irmã fugiu quando completou dezoito anos. Ela estava... — ele balançou a cabeça, fechando os olhos e tudo o que eu queria era envolver meus braços em volta dele e dizer a ele para esquecer. Não importava. Mas isso seria estúpido. Porque isso importava. Era uma parte dele e isso importava. E ele precisava saber que eu estava bem em ouvir isso. — Ela sofreu muito mais do que eu, e minha mãe a incentivou a fugir. Então um dia ela foi.

— Bom para ela, — eu disse, incapaz de me segurar.

— Sim, — ele concordou, assentindo. — Naquela tarde, minha mãe saiu para a floresta e se matou. Acho que ela queria fugir também...

— Oh, Isaiah, — eu disse, sentindo lágrimas nos meus olhos e piscando furiosamente para elas. — Eu sinto muito. Isso deve ter sido...

— Não foi, — ele me cortou, balançando a cabeça. — Não foi terrível. Porque me disseram que não era terrível. E eu tinha sofrido uma lavagem cerebral tão grande que não conseguia imaginar não acreditar no que meu pai me dizia. Mesmo que eu tivesse dezenove anos na época...

— Não é sua culpa...

Ele suspirou, um som longo, profundo e resignado, enquanto olhava para mim. Seus braços foram ao redor da minha parte inferior das costas, apertando juntos na base da minha espinha. Não me puxando para frente, apenas me segurando lá. — Eu sei, — ele balançou a cabeça. — Eu não soube por anos. Depois que ele ficou doente e fui encontrar minha irmã para que ela pudesse se despedir dele.

— Onde ela estava?

— Na “Nova Sodoma e Gomorra”, — ele citou.

— Nova York? — Perguntei, já sabendo a resposta.

— Sim. Ela havia fugido para lá e morou nas ruas por alguns anos até começar seu próprio negócio de telessexo...

— Ahhh porra, não me diga, — eu ri.

— Sim, — ele disse, sorrindo e assentindo. — Essa é Fee, no entanto. Ela era forte. Muito mais forte do que percebi quando estávamos crescendo. Eu a odiei quando fui buscá-la. Nosso pai havia distorcido todo tipo de histórias horríveis sobre ela e eu acreditava nele. Até que a vi novamente. E ela, porra, gritou comigo sobre abuso de crianças e me fez olhar o mundo real.

— Acho que gostaria de sua irmã.

— Sei que você gostaria, — disse ele, com carinho. — Ela é durona como você.

— Durona, hein? — Perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Bem, talvez não seja tão dura, — disse ele, suas mãos lentamente descendo pelo meu corpo e cobrindo minha bunda. — Mas tem uma bunda perfeita, mesmo assim.

Eu meio bufei, meio ri, batendo forte no peito dele. — Termine sua história, — eu disse a ele, apertando os olhos para ele, mas sem me incomodar em dizer a ele para parar de pegar na minha bunda. Particularmente não queria que ele desistisse.

— Então nosso pai morreu. E Fee me deixou uma revista pornô na nossa mesa de jantar e me disse para vê-la quando eu quisesse aprender sobre o mundo.

— Então você viu.

— Não imediatamente. Passei muito tempo com essa revista. Foi a primeira mulher nua que vi. E me masturbei muito, — ele riu. — Então minha avó morreu também e eu estava essencialmente sozinho no mundo e me encontrei no comando de seus bens e negócios e não tinha noção...

— Então você foi pedir ajuda para a sua irmã.

— Então fui para minha irmã. E o resto foi apenas muita leitura e aprendizado. E foda.

— Ei, — eu disse, encolhendo os ombros e dando-lhe um sorriso malicioso, — você tinha que compensar a perda de tempo.

— Sim, acho que sim, — ele concordou.

A tristeza estava de volta em seus olhos. O horror profundo e atormentado que reconheci naquele primeiro encontro em nossa varanda. Porque ele, de fato, era atormentado pelos fantasmas de seu passado. E talvez ele fosse um idiota, mas era difícil imaginar passar por uma situação como se estivesse completamente ileso. Ele estava destinado a ter danos. Estava destinado a estragar tudo. E precisar de um pouco mais de perdão.

Talvez eu tenha sido muito dura com ele.

Minhas mãos se moveram entre nós, aterrissando abaixo, perto de seus ossos do quadril e movendo lentamente para cima. Os músculos sob meus dedos ficaram tensos quando corri sobre eles, afagando sua cicatriz, em seguida, movendo em direção ao seu peito, sobre os ombros, em volta do pescoço. Eu me inclinei para frente, descansando meu rosto contra a pele quente no centro do seu peito. Ele ficou um pouco tenso com o contato por um longo momento antes de suas mãos agarrarem minha bunda e me puxar contra seu peito.

O contato foi como um choque para o meu corpo. Como uma centena de pequenos zumbidos de eletricidade onde nos tocamos. Que estava em toda parte de nossos pés até a cabeça. Mas apesar dos seus dedos afundando em minha bunda, apesar de seu pau duro pressionado na minha barriga, apesar da nossa nudez... não era sexual. Por um longo momento, foram apenas corpos dando e recebendo conforto e aceitação.

Suas mãos pararam de agarrar minha bunda e lentamente começaram a subir pelas minhas costas, deslizando por baixo do meu cabelo molhado e acariciando minha espinha. Fechei meus olhos com força, curtindo o sentimento. A água estava fria ao meu redor, sua pele quente na minha. Suas mãos subiram para os meus ombros, em seguida, moveram-se para fora e desceram pelos meus lados, as pontas de seus dedos roçando as laterais dos meus seios.

— Você é tão linda, — ele murmurou, seus lábios contra a minha testa. Fechei os olhos, puxando-o um pouco mais forte.

Respirei, recuando um pouco, minha mão se esgueirando para brincar com os cabelos na base de seu pescoço enquanto eu olhava para ele por um segundo antes de puxá-lo para mim, meus lábios pressionaram os dele me fazendo arrepiar de desejo no meu núcleo. Seus dedos flexionaram, afundando em meus quadris enquanto sua língua passava pelos meus lábios, brincando com os meus até que

eu não conseguia pensar em nada além de conseguir mais dele. Finalmente conseguir tudo dele.

— Tudo bem, — disse ele, recuando. — Não acredito que estou dizendo isso, mas precisamos parar.

— Não...não, — eu disse, agarrando a parte de trás do seu pescoço e puxando seus lábios de volta para os meus. Ele me deixou beijá-lo por um segundo, então seus lábios se abriram em um sorriso contra o meu. — O quê?

— Nada, — disse ele, ainda sorrindo. — Eu quero isso...

— Eu também, — eu disse, passando minhas mãos pelo seu peito, seu estômago.

Suas mãos dispararam, agarrando as minhas enquanto ameaçavam escorregar para baixo, e segurando-as com força nas suas. — Nós não podemos.

— Claro que podemos, — eu disse, me inclinando e plantando meus lábios em seu pescoço, fazendo sua respiração sair de sua boca.

— Darcy, — disse ele, sua voz tentando soar firme, mas falhando. — Pare.

— Vamos lá, você sabe que quer isso, — eu disse contra sua pele.

— Mais do que você pensa, — ele concordou, empurrando-me para trás. — Mas, por alguma reviravolta terrível do destino, baby, eu estou sem camisinha.

Eu me vi rindo, balançando a cabeça. Porque eu também não tinha. E sempre tinha uma. Fazia tanto tempo. Não havia razão para carregar comigo. Só que agora havia uma razão e estava pressionando minha barriga e eu realmente queria isso.

— Droga, — eu disse, deixando minha testa bater contra seu peito.

— Depois do seu show hoje à noite... — Eu balancei a cabeça contra ele.

— Por que não?

— Saia da água, — eu disse, empurrando-o para trás em direção à margem.

— Por quê? — Ele perguntou, as sobrancelhas se unindo enquanto mais e mais de seu corpo ficava exposto.

— Apenas cale a boca e saia da água, — eu disse, ainda empurrando-o quando ele tropeçou em uma pedra e saiu completamente fora da água.

— Onde estou indo? — Ele riu enquanto eu apenas continuei empurrando-o para trás.

— Lá, — eu disse, pressionando-o para trás em uma grande formação rochosa que parecia razoavelmente lisa.

— Você quer que eu me sente? — Ele perguntou, suas sobrancelhas se abaixando.

— Sim, — eu disse, ficando ali pingando na frente dele quando ele sentava na rocha, olhando para mim.

— O que agora?

Sorri lentamente, dando um passo mais perto, depois me ajoelhei cuidadosamente, observando quando a compreensão se apoderou dele e seus olhos ficaram famintos. A terra arenosa pressionou meus joelhos molhados, esfregando com força a pele quando me aproximei, estendendo a mão para agarrar seu pau e lentamente abaixei meu rosto em direção a ele, meus olhos fixaram nos dele enquanto eu traçava minha língua sobre a cabeça sensível e sua mão batia duramente no meu ombro.

Então não poderia tê-lo. Não dentro de mim. Não como eu realmente queria, deixando-nos loucos, satisfazendo o tesão com o qual ambos estávamos lidando há semanas. Mas poderia ter isso. Essa capacidade de levá-lo à loucura. A chance de fazê-lo sentir como ele me fez sentir.

Eu poderia ter o poder.

Abaixei meus olhos, rapidamente levando-o tão profundo em minha boca. — Porra, — ele rosnou, sua mão apertando meu ombro. Parei, mantendo-o completamente em minha boca, começando a cantarolar enquanto lentamente me movi de volta para cima. Juro que ele devia estar tirando sangue porque estava me agarrando com tanta

força. Uma vez na ponta, passei a língua pela cabeça uma vez, olhando para ele, os olhos pequenos e nublados. Então, estava me movendo rápido: para cima e para baixo, girando em círculos enquanto minha mão se movia embaixo de mim para gentilmente acariciar suas bolas, apreciando o som de sua respiração vindo com força e rapidez, sabendo que ele estava perdendo o controle, esbanjando em saber que eu estava pegando.

Sua outra mão se moveu para minha nuca, agarrando meus cabelos enquanto eu excitava seu pênis mais e mais rápido até que sua respiração ficou presa, — Porra... Darcy, — ele gritou, seu corpo enrijecendo enquanto sua mão torcia no meu cabelo e ele gozou forte e quente pela minha garganta.

Eu o mantive fundo por um segundo, querendo cada gota de seu desejo, então lentamente o deixei deslizar para fora da minha boca, olhando para ele com um sorriso.

— Jesus Cristo, — disse ele, balançando a cabeça. Sua mão estendeu, acariciando minha bochecha. — Você é uma puta fenomenal nisso.

Eu sorri, ficando de pé. — Eu sei, — respondi, pegando minhas roupas e as colocando de volta. — Vamos, — eu disse, jogando a camisa para ele. — Nós temos um show. Você precisa chegar lá e arrumar tudo. Se suas pernas estão fortes o suficiente para te segurar, é isso — disse com uma sensação de vitória.

Quinze

O caminho de volta foi silencioso, eu aproveitando minha nova vantagem, ele apenas introspectivo. No momento em que voltamos para o ônibus, meu cabelo estava quase seco, a comida tinha sido quase toda devorada, e Burt estava ansioso para chegar ao local.

Tomei um banho rápido, pensando em tudo que aconteceu, e vestindo um simples top preto, mini saia e botas. Estava quente demais para me preocupar em me amarrar em um espartilho ou andar com cinco quilos de tecido de saia pesada cobrindo minhas pernas.

Quando saí do banheiro, estávamos instalados atrás do novo local do evento, a equipe já montando o palco. Saí em direção à copa onde Jay e Todd estavam sentados em silêncio, olhando para a parede, ambos tentando entrar no clima do show.

— O que é isso? — Perguntei, notando um pedaço de papel dobrado em cima do balcão na área da mini cozinha.

Jay encolheu os ombros e Todd sacudiu a cabeça.

Darcy

Eu vi você. Hoje. De joelhos diante daquele perdedor. O que há de errado com você, sempre fodendo essa escória? Pare de ser uma puta. Eu vou te mostrar como é um homem de verdade.

Em breve.

— O que é isso? — Jay perguntou, absorvendo minhas sobrancelhas baixas.

Rasguei rapidamente em pequenos pedaços para que ninguém mais pudesse lê-lo. Não foi o insulto ou as ameaças que me incomodaram, foi a informação condenatória. Se Jay visse, ele não pararia de me incomodar até saber com quem estive. E eu só... realmente não queria isso por aí. Nós não precisamos do embaraço no ônibus.

A menos que ele lhes contasse.

Merda. Nunca parei para considerar isso como uma possibilidade. Isaiah ficou muito próximo dos outros caras. Bem, o mais próximo que ele poderia ficar para alguém tão fechado. Mas compartilhar segredos íntimos sobre o seu passado não era o fundamento das amizades masculinas como era para as mulheres. Então os caras acabaram de aceitar sua frieza e seus sentimentos masoquistas sem questionar. Além disso, a assessoria dele estava fazendo-os conseguir sexo muito mais fácil. Jay sempre pegava umas, mas Mike e Joey não tinham a vantagem de ser um músico rico para ajudá-los a conseguir mulheres. Aparentemente, Isaiah era algum tipo de especialista.

Eles se sentavam juntos quase todas as manhãs discutindo suas conquistas, que eu geralmente fingia ignorar, porque, se não o fizesse, sentia que teria que me defender e defender as mulheres, e entrar nessa discussão toda com certeza me deixaria bem cansada. Era mais fácil simplesmente deixar que eles falassem.

Então, o que impediu Isaiah de discutir sobre mim de manhã? Nada realmente. Ele não tinha motivo para não fazer isso. Não era como se ele estivesse preso pelos laços de um relacionamento para esconder nosso encontro. Eu deveria ter pensado em dizer a ele para manter meu nome fora de sua boca. Ele provavelmente iria dizer o que tinha na cabeça, mas esperançosamente ele teve o bom senso de dizer que não se incomodou em saber o nome da garota. Ele provavelmente iria ganhar um tapinha nas costas por isso.

— Nada, — eu disse Jay, dando-lhe um pequeno sorriso. — Alguém deve ter perdido quando estavam limpando as correspondências dos fãs.

Mas sabia que não era isso. Não me pergunte como eu sabia, mas sabia. E era apenas algo que preferi não me focar porque tínhamos um show para apresentar e não seria nada bom subir no palco tão paranoica.

— Pronta? — Todd perguntou, levantando-se primeiro. Sempre pontual. Nós sempre nos atrasaríamos se não fosse por ele e por suas tendências de transtorno obsessivo-compulsivo.

— Sim, — eu disse, pegando Poe e levando-o de volta ao banheiro para trancá-lo, para que ele não escapasse do ônibus enquanto tocávamos.

— Sem pular no público aqui, Darce — disse Jay, soando estranhamente sério.

— Por quê? — Perguntei, seguindo-o para fora do ônibus e fechando a porta.

— Porque provavelmente será um público difícil. E não preciso perder cinco anos da minha vida outra vez.

— Você lembra que aquele outro show foi em uma pequena cidade em Ohio, certo?

— Independentemente, — disse ele, virando-se. — Apenas mantenha-se no palco.

Bem, ele estava chateado.

Respirei fundo e fui em direção aos bastidores, andando ansiosamente enquanto Jay dedilhava sua guitarra e Todd girava suas baquetas entre os dedos.

— Tudo pronto, — disse Mike, vindo na parte de trás e sentando-se por um minuto.

— Você não deveria estar trabalhando no som? — Perguntei.

— Joey está mostrando as cordas para Isaiah para que eu possa ficar de fora até que vocês continuem.

— Entramos em três minutos, — Todd disse a ele, em pé, pronto para ir para o palco.

***

O show foi louco. Eles estavam todos selvagens, mas a multidão tinha sido violenta, mais violenta do que o habitual. Tudo o que vi foi sangue caindo pelo rosto das pessoas, cuspindo de suas bocas. Por mais que eu odiasse admitir, Jay estava certo. Teria sido perigoso pular em uma multidão como aquela.

O pós show foi longo e tedioso e demorou mais de hora antes que eu pudesse finalmente voltar para o ônibus. Burt abriu a porta e me deixou para esperar por todos os outros.

O ônibus estava estranhamente silencioso para meus ouvidos latejantes. Entrei na cozinha, rolando meu pescoço e puxando meu cabelo para esfriar meu pescoço quente. — Que diabos... — Eu comecei, vendo um bilhete no mesmo local em que eu tinha rasgado antes.

Sabia com absoluta certeza que não havia um segundo ali. Senti minha barriga se afundando enquanto me aproximava, desdobrando e encontrando a mesma caligrafia.

Eu queria que você pulasse na multidão. Queria vê-los rasgar você em pedaços enquanto eu transava com você, gritando de agonia - música de verdade para meus ouvidos. Eu vou te pegar mais cedo ou mais tarde.

Jesus Cristo fodido. Eu deixei cair o bilhete, sentindo o medo subir com a bile na minha garganta enquanto lentamente me virei, olhando em volta, meio que esperando ver alguém bem atrás de mim. Mas ninguém estava lá. Havia um som vindo da parte de trás do ônibus. E eu sabia que provavelmente deveria apenas correr e encontrar Burt ou um dos caras, mas em vez disso eu me esgueirei silenciosamente pelo ônibus, olhando os beliches vazios. Nem mesmo Todd estava lá dentro. Abri a porta do banheiro com um zumbido nos ouvidos para encontrar Poe se jogando na porta.

Respirei fundo, empurrando-o para dentro e fechando a porta. Claro. Claro que era ele. O que achei que era, algum estuprador/assassino querendo ser descoberto? Estava sendo paranoica.

Houve um arrastar atrás de mim e gritei, girando, e meus punhos voaram com força... no peito de Isaiah.

— Calma, — disse ele, com os olhos grandes e preocupados. — Está tudo bem. Sou só eu, baby — ele disse, pegando minhas mãos e segurando-as. — Você parece assustada. Qual é o problema?

Eu poderia ter mentido, desconversado como antes. Mas eu não queria. Queria que alguém compartilhasse comigo meu desconforto. Queria que alguém soubesse. Engoli em seco, desenrolando meu punho e pressionando o bilhete em sua mão.

— O que é isso... — ele começou, abrindo o papel e lendo. Suas sobrancelhas se juntaram, depois olhou para mim com olhos grandes. — Que porra é essa?

— Estava na cozinha quando voltei no ônibus.

— Talvez vocês tenham...

Eu balancei a cabeça. — Não. Eu sei que não. Porque este é o segundo hoje. O anterior dizia que ele me viu nesta manhã e que estava vindo atrás de mim.

— Por que você não me contou?

— Eu apenas pensei que era um fã estúpido. Não parecia um grande problema. Mas quando voltei e vi isso, no mesmo lugar...

— A festa está aqui! — Jay gritou, entrando no ônibus, pessoas seguindo ansiosamente atrás ele.

— Espere, — Isaiah gritou para ele. — Precisamos falar com você por um minuto primeiro. — Jay olhou para nós com as sobrancelhas levantadas, empurrando as pessoas para fora, e fechando a porta.

— Está tudo bem?

Isaiah entregou o bilhete a Jay e ele leu rapidamente, olhando para cima. — Onde estava isso?

— No mesmo lugar que a nota anterior, — eu disse a ele, sentindo-me melhor por ter compartilhado a informação.

— Por que diabos você sempre cuida de si mesma? — Jay perguntou, jogando a nota para longe. — Alguém esteve no ônibus. Isso era algo que todos nós tínhamos que saber.

— As pessoas estão no ônibus o tempo todo, — raciocinei, e pela primeira vez, esse fato me deixou tão ansiosa que fiquei nauseada.

— Bem, não mais, — disse Jay, balançando a cabeça. — Não até que essa merda pare.

— Devemos entrar em contato com a polícia? — Perguntou Isaiah.

Jay sacudiu a cabeça. — Não vai adiantar nada. É apenas uma ameaça. E estamos em uma cidade nova toda noite. Talvez a gente devesse ir para um hotel hoje à noite. Mande Burt passar um pente fino no ônibus todo para se certificar de que tudo está bem.

— Acho que é provavelmente o melhor, — concordou Isaiah.

— Vá acordar Todd e diga a ele, — disse Jay, olhando para a porta para a multidão que ele havia reunido. — Tenho que dizer aos meus fãs que a festa está sendo transferida para outro momento.

— Todd não está em seu beliche, — falei, e Jay congelou na porta.

— Sério?

— Sim. Ele não está aqui.

— Talvez ele esteja lá fora transando. Vou pedir a Mike ou Joey para encontrá-lo e logo voltamos. Mantenha a porta trancada.

Respirei fundo, vendo Isaiah se aproximar e trancar a porta, depois voltar para mim. Sua mão foi para baixo do meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — Você está bem? — Eu concordei com a cabeça, sem querer. Eu realmente não estava. Mas nunca fui muito de me apoiar em outras pessoas. — Não, não me venha com essa de que, "eu sou metal pra caralho e nada me incomoda", — ele disse, sorrindo e balançando a cabeça com as mãos. — Você está bem?

Respirei fundo. — Já estive melhor.

Ele não falou. Não tentou me dizer que tudo ficaria bem. Palavras inúteis. Ele soltou meu rosto, um dos seus braços ao redor dos meus ombros, o outro em volta da minha cintura, me puxando contra ele, e me oferecendo o único tipo de conforto que eu aceitaria: físico.

Deixei meu corpo relaxar no dele, curtindo a sensação, gostando disso, por uma vez, seu toque não era sexual. Era apenas amigável, familiar.

— Tudo bem, — disse Jay, e me afastei rapidamente de Isaiah, — encontramos Todd. Algum garoto o prendeu nos bastidores discutindo sobre bateria. Burt está chegando. Nós estamos indo para o Bluestone. Já liguei e reservei seis quartos. Está tudo pronto.

— Você é o melhor, — eu disse, me aproximando e beijando sua bochecha. Às vezes, não muitas vezes, mas em uma ocasião rara, ele era capaz de se comportar como um adulto racional.

Se havia um lado positivo por ser perseguido por um fã maluco, era dormir em uma cama grande o suficiente para rolar... e nadar algumas voltas em uma piscina.

Dezesseis

O Bluestone era um lindo e antigo prédio azul, com um suntuoso saguão de luxo e tapetes brancos nos corredores, o que deve manter uma equipe inteira de funcionários para limpar. Metade de nós foi levado para o andar de cima, deixando Todd, Joey e Burt um andar abaixo. Abri mão da suíte presidencial para Jay, que usaria o espaço para fazer sua festa que com certeza seria épica.

Fui levada a um quarto, dei uma gorjeta ao mensageiro e, ao fechar a porta, vi Isaiah ser conduzido ao quarto à minha frente. Claro.

O quarto era luxuoso. Havia uma cama enorme e agradável com uma cabeceira acolchoada. O tapete combinava com os corredores e havia janelas do chão ao teto ocupando a parede oposta com finas camadas brancas. Peguei uma muda de roupa da minha bolsa e fui até o banheiro com um enorme chuveiro. Eu me aproximei e deslizei sob o spray, louca para lavar a noite, para relaxar um pouco da tensão no meu corpo.

A melhor parte de uma hora depois, foi quando voltei para o meu quarto com uma calcinha e uma das velhas camisetas de Jay que chegavam no meio da minha coxa. Uma batida na minha porta fez meu coração disparar. Segurei minha garganta, caminhando em direção à porta e olhando pelo olho mágico para encontrar Isaiah lá, com o cabelo molhado depois do seu banho.

Puxei a fechadura e abri a porta e ele estendeu um café para mim. — Jay trouxe de volta com ele, mas você não atendeu a sua porta, então deixou comigo.

Peguei o café entre as mãos e encolhi os ombros. — Você quer entrar por um minuto? — Perguntei, sabendo que provavelmente era uma má ideia. Sabendo onde isso ia levar.

— Claro, — disse ele, olhando ao redor do quarto, caminhando em direção às janelas e abrindo as portas. — Você tem uma bela vista.

— Então, por que você não está na festa de Jay? — Perguntei, andando ao lado dele para olhar para fora.

— Meu fígado precisa de uma pausa, — ele riu, olhando para mim.

— Sim, o ritmo de Jay não é para um ser humano normal. Acho que algumas pessoas nascem com um gene rock star que lhes permite festejar tanto quanto eles conseguem.

— Você não, hein?

— Não, acho que um rock star em uma banda já é suficiente.

Isaiah estendeu a mão, pegando meu café das minhas mãos e colocando os dois na cômoda. Ele se virou para mim, uma certa facilidade sobre ele que achei intoxicante. Sua mão se moveu para cima, tocando minha bochecha. — Então... — ele disse.

— Então, — concordei, virando a cabeça ligeiramente e beijando a palma da mão dele.

Foi um momento doce e eu queria me afundar nele para sempre, mas um sorriso lento e astuto estava se espalhando por seu rosto. — Adivinha?

— O quê? — perguntei.

Ele enfiou a mão no bolso, tirando um pacote prateado de camisinha. — Eu tenho uma agora. — Houve uma longa pausa e eu sabia que ele não tinha acabado porque ainda estava sorrindo. — Roubei do seu beliche.

— Já usou todas as suas? — Perguntei, revirando os olhos. — Você é um puto.

— Bem, tem uma mulher, — disse ele, inclinando-se, afastando a gola da minha camisa e beijando ao longo do meu ombro.

— Sempre existe, — eu disse, inclinando a cabeça para o outro lado quando seus lábios começaram a se mover para o lado do meu pescoço.

— Não consigo tirá-la da minha cabeça. Não importa quantas outras mulheres eu tenha. — Seus dentes roçaram meu maxilar e soltei um suspiro trêmulo. — Mas ela não quer nada comigo.

— Mulher estúpida, — falei, estendendo a mão para a nuca dele e puxando-o para cima, levando seus lábios aos meus.

— Mmmhmm, — ele murmurou contra meus lábios. — Mas eu acho que ela está, ah, se preparando para mim, — disse ele, mordendo meu lábio inferior.

— Então é melhor você fazer valer a espera, — eu disse, deslizando minha língua pelos lábios para brincar com a dele. Seus braços foram ao meu redor com força, me puxando contra ele, enquanto seus lábios pressionavam o beijo mais profundo. Até que senti que estava flutuando. Até que não havia nada no mundo, exceto seus lábios, dentes e respiração.

Suas mãos desceram pelas minhas costas, agarrando a bainha da minha camisa e puxando-a para cima. — Não se preocupe, — disse ele, passando as mãos pela frente dos meus ombros, roçando meus seios, depois descendo pelo meu estômago. — Eu vou fazer valer.

Senti um arrepio de antecipação, observando enquanto suas mãos deslizavam sobre a minha pele, através dos meus quadris, para os meus lados. — Você parece muito seguro de si mesmo, — eu disse, tentando aliviar o clima que parecia pesado com alguma emoção que eu não conhecia.

Ele fez um som de risada baixo, sua mão se movendo em direção ao centro do meu corpo e preguiçosamente trabalhando para cima até que ele estava acariciando meu pescoço com as pontas dos dedos. Então, de repente, sua mão se fechou ao redor da minha garganta, pressionando com força e forçando meu rosto para cima. — Confie em mim, — disse ele, pressionando com mais força, — a qualquer momento você estará se tocando em sua cama, e você estará gozando para mim, pensando em mim.

Seu polegar se moveu para cima, roçando meus lábios. Engoli em seco. — Tudo conversa, — eu disse, minha voz fraca, mas seus olhos baixaram com o desafio.

Sua mão desceu novamente, entre os meus seios, sobre o meu umbigo, depois escorregando apenas por baixo do tecido da minha calcinha, torcendo-a, depois arrancando-a com força suficiente para me fazer tropeçar para frente. E foi a coisa mais gostosa que já experimentei. Estendi a mão, pegando sua camisa e puxando-a desajeitadamente até que as mãos dele a agarraram e puxaram, minhas mãos foram para as suas calças, empurrando o botão e puxando o zíper

para baixo. Agarrei suas calças, arrastando-as para baixo, me colocando de joelhos na frente dele.

Minha mão foi para seu pau duro, agarrando-o na base e levando-o em direção a minha boca. Mas ele estendeu a mão, agarrando um punhado de cabelos na base do meu pescoço e puxando com força até que olhei para ele. — Você quer chupar meu pau de novo? — Ele perguntou.

Pressionei minhas pernas juntas na pressa do desejo. Oh Deus, sim. Sim um milhão de vezes. Eu o queria aquele momento em que estava desesperada, incapaz de pensar em qualquer coisa além dele dentro de mim. — Sim, — respondi, acariciando seu pênis uma vez. Não encontrando resistência, abaixei a cabeça, abrindo a boca. Antes que eu pudesse pensar em pegá-lo, a mão na parte de trás da minha cabeça me empurrou para frente, fazendo-me levá-lo profundamente, empurrando com força contra o fundo da minha garganta, me fazendo engasgar.

— Olhe para mim, — disse ele e olhei, uma lágrima escorregando do lado do meu rosto pela asfixia. Ele fechou os olhos, respirando, depois soltou meu cabelo. — Levante-se, — ele exigiu, saindo da minha boca.

Lentamente me levantei, limpando meus lábios e sorrindo levemente. — Você é muito...

— Fique na cama, — ele instruiu, seu tom quase desapegado. Frio. Enquanto eu era toda fogo. Fui até a cama, ficando em cima, apoiando em meus calcanhares, observando-o. Ele caminhou até o final da cama, abrindo o pacote da camisinha, me observando por um momento, em seguida, rapidamente deslizando-a. — Curve-se.

Senti uma pontada de desejo tão forte que foi quase doloroso. Eu não precisava de vinho e rosas. Não precisava de horas de preliminares. Precisava dele dentro de mim. Naquele momento. Profundamente. E isso foi exatamente o que ele estava me dando. Eu me movi para seguir suas instruções e senti o colchão ceder sob seu peso quando ele veio atrás de mim.

Suas mãos alcançaram minha bunda antes de uma se acomodar no meu quadril e a outra pressionou o centro das minhas costas. Uma vez entre minhas omoplatas, ele empurrou com força até que abaixei meu peito no colchão, então deslizei de volta para os meus quadris. Seus dedos alcançaram a pele sensível da parte de trás dos

meus joelhos, acariciando lentamente atrás das minhas coxas, então um dedo deslizou entre elas, arrastando meu calor escorregadio antes de dois dedos empurrarem na minha boceta, inesperadamente me fazendo pular e gemer.

Não consegui um segundo para registrar o sentimento antes de seus dedos começarem a empurrar rapidamente para dentro e para fora, fazendo minhas mãos agarrarem os lençóis, me fazendo arfar para respirar. Mas apenas quando pensei que poderia finalmente conseguir alívio da pressão que estava crescendo profundamente, pesada, enrolada, seus dedos puxaram para fora. Mas apenas por alguns segundos antes de seu pau bater duro em mim, fazendo meus joelhos empurrarem para cima do colchão com a força.

— Porra, — gemi, virando a cabeça para o lado, empurrando-me para chegar mais perto. Mas a mão dele recuou entre meus ombros, me segurando contra o colchão.

— Fique abaixada, — ele rosnou, sua voz tensa e baixa. E então suas mãos estavam nos meus quadris, usando-as para me segurar enquanto ele empurrava dentro de mim, duro e rápido, investindo dentro de mim o máximo que ele conseguia, a cabeça tão profunda que senti uma sensação de beliscão com cada impulso. Achei ao mesmo tempo preocupante e intoleravelmente quente. Gemi, tentando remexer de volta para ele, tentando me levar para orgasmo mais rapidamente.

Mas ele parou de estocar, empurrando com força meus quadris até que deitei no colchão. Seus braços se estenderam, agarrando meus pulsos e segurando-os na cama nas laterais da minha cabeça enquanto ele abaixava seu corpo sobre o meu, seu pênis pressionando em mim novamente.

Completamente imóvel, eu me contorci contra ele, gritando o suficiente para todo o andar me ouvir, mas isso não importava. Tudo o que importava era o corpo dele: a respiração dele no meu ouvido, as mãos machucadas em meus pulsos, o pênis batendo em mim em um ritmo crasso e animalesco que ninguém jamais havia me mostrado antes. Uma completa falta de autocontrole, obrigando-me a perder o meu também.

— Isaiah, — gritei quando meu orgasmo explodiu, minhas entranhas pulsando em um ritmo frenético repetidamente enquanto ele continuava bombeando em mim com força, arrastando-o para fora, fazendo todo o meu corpo começar a estremecer com os tremores

secundários antes que ele gozasse, enterrando fundo e ficando lá quando a cabeça dele caiu ao lado da minha.

— Jesus Cristo fodido, Darcy, — ele rosnou em meu ouvido, suas mãos liberando meus pulsos que queimavam de seu aperto. — Você está bem? — Ele perguntou, levantando-se. — Você está tremendo. — Ele deslizou para fora de mim, ficando de pé atrás de mim. — Darcy, — disse ele, parecendo preocupado. — Me responda.

Mas as palavras não eram um conceito que eu pudesse entender naquele momento. Eu era apenas uma escrava do meu corpo oprimido. Tudo parecia longe enquanto meu corpo tremia como se eu tivesse saído nua no meio do inverno de dezembro. Incontrolável e estranho.

— Darcy, — ele disse, novamente, sua voz mais suave. Então ele estava voltando para a cama, deitando ao meu lado e me puxando até que deitei sobre seu peito. Seus dedos afastaram o cabelo, depois acariciaram minhas costas, leves, reconfortantes. Os choques diminuíram lentamente e senti uma inesperada onda de emoção que me deixou com um soluço na garganta. — Você está bem? — Ele perguntou de novo quando fiquei imóvel contra ele, tentando racionalmente lutar contra o desejo irracional de chorar.

— Sim, — eu disse, minha voz trêmula.

— Vamos, — disse ele, afastando-se de mim e subindo na cama. — Vamos colocar você debaixo das cobertas. Você está congelando.

Eu fui. Eu me arrastei até a cama e debaixo das cobertas, rolando para o lado longe dele, trazendo meus joelhos em direção à minha barriga. Eu esperava que ele me deixasse em paz. Que ficasse no seu lado da cama. Se levantaria, se vestiria e voltaria para o quarto dele. Mas ele simplesmente virou de lado também e deslizou para trás de mim, seu braço envolvendo o meu e seu rosto no meu pescoço.

— Foi muito forte? — Ele perguntou, parecendo genuinamente preocupado que tivesse cruzado uma linha. Balancei a cabeça. Não foi isso. Eu não pensei. O sexo foi bom. Não só bom. Foi fenomenal pra cacete. Mudança de vida. — Então o que há de errado?

— Eu não sei, — disse honestamente. Eu não era alguém que confundia sexo com sentimentos. Não era sentimental sobre um ato

físico. Mas ele estava certo, algo estava errado. Estava exausta demais para considerar o que poderia ser.

— Ok, — disse ele, virando o rosto levemente e beijando meu pescoço. — Talvez você esteja excessivamente cansada.

— Talvez, — concordei. Mas não era isso. Eu não me sentia cansada. Duvido que pudesse dormir se eu tentasse.

Seus braços me apertaram com força, seus dedos descerem até os meus segurando firmemente. — Durma um pouco, baby, — ele disse, sua própria voz soando sonolenta. — Estou bem aqui.

Fechei os olhos, sentindo outro arrepio subir minha espinha em suas palavras. Ele estava bem ali. E talvez esse fosse o problema.

Porque tive uma percepção súbita e poderosa de que isso era exatamente o que eu queria. Ele comigo. E era tão absurdo, tão estranhamente melancólico da minha parte. E, ao mesmo tempo, completamente aterrorizante.

Além disso, ele ganhou totalmente... como ele disse, de todas as maneiras possíveis.

Dezessete

Acordei algum tempo depois com os lábios de Isaiah beijando meu pescoço, sua mão deslizando para cima e para baixo no meu braço nu. — Finalmente, — ele murmurou contra a minha pele.

— Hmm? — Perguntei, olhando pela janela, me sentindo desorientada.

— Estou tentado acordá-la faz tempo, — disse ele, seus dedos pousando no meu cotovelo.

— Por quê? — Perguntei, sentindo-me muito bem embrulhada em seus braços. Como resposta, ele moveu seus quadris atrás de mim, sua ereção pressionando minha coxa. — Oh, — eu disse, sorrindo porque ele não podia me ver.

— Sim... oh, — disse ele, seus dedos se movendo para o meu seio, roçando meu mamilo, fazendo-o endurecer em sua direção.

— Não pode ter o suficiente de mim, hein? — Provoquei.

— Não, — ele concordou, acariciando minha barriga e pressionando os dedos entre as minhas coxas, seu dedo encontrando meu clitóris facilmente, fazendo meu corpo empurrar de volta contra o dele. — Imaginei que tentaríamos algo diferente desta vez, — disse ele, beijando meu ombro, seu dedo trabalhando círculos sobre o meu clitóris.

— Diferente? — Perguntei, minha cabeça caindo na curva de seu pescoço, meus dedos indo para o braço me atormentando segurando seu pulso.

— Mmmhmm, — ele disse, puxando seus dedos para longe e arrastando-se atrás de mim por um segundo antes de me enrolar novamente.

— Diferente como? — Eu perguntei, enrolando-me ainda mais quando seus joelhos se estabeleceram atrás dos meus.

— Assim, — ele disse, pressionando sua pélvis em mim, seu pau empurrando contra a minha entrada. Sua mão alcançou a minha, segurando-a, enquanto ele lentamente penetrava seu pau dentro de mim. Eu me senti apertar em torno dele, agarrando cada pedaço que ele me dava, pressionando de volta para ele. Mas ele não estava apenas empurrando para a frente se enterrando em mim, ele estava arrastando para fora, me fazendo contorcer. — Isso é bom, baby? — Ele perguntou, seus quadris pressionados contra a minha bunda.

— Sim, — eu disse, minha voz um som ofegante.

— Que tal isso? — Ele perguntou, puxando um pouco para fora, em seguida, pressionando profundamente novamente, com força. Lento, excruciante, mas poderoso.

— Sim, — gemi, minha mão agarrando-o com força.

Ele beijou meu queixo e começou a empurrar dentro de mim. Um ritmo lento e sem pressa, mas cada batida para frente fazia me agarrar a ele para impedir que meu corpo voasse da cama. Ele levou as costas da minha mão até a boca e beijou-a antes de liberá-la para cair, entorpecida, ao meu lado. Sua mão deslizou para baixo da minha barriga e entre as minhas coxas, acariciando tão leve como uma pena sobre meu clitóris enquanto ele continuava a penetração áspera, mas lenta. Meu orgasmo foi avançando, cada impulso fazia minha respiração sair como um arrasto lento e estrangulado que fez meus pulmões queimarem com o esforço.

— Oh, — gemi, agarrando os lençóis. — Isaiah, eu...

— Goze para mim, baby. Deixe ir, — ele sussurrou no meu ouvido. E então gozei.

Foi um tipo diferente de orgasmo, um latejar lento e forte que senti em toda a minha pélvis e me deixou soltar um som que era mais um soluço do que um gemido. O braço de Isaiah foi ao meu redor, apertando-me com força quando balançou para trás em mim com força e sibilou sua respiração quando ele gozou.

— Uau, — eu disse, respirando fundo, inclinando-se em seu peito.

— Sim, — ele disse, parecendo satisfeito pra caralho consigo mesmo e eu não podia nem mesmo negar isso a ele. — Imaginei que era um bom motivo para acordar às quatro da manhã.

Eu ri, sentindo o sono puxando meus olhos novamente. — Você está certo a propósito, — eu disse quando comecei a adormecer.

— Sobre o quê?

— Totalmente valeu a pena a espera, — falei e adormeci.

***

— Abra a porra da porta! — A voz de Jay gritou quando seu punho batia na madeira mais e mais, fazendo-me voar para fora da cama antes que estivesse totalmente acordada, meus olhos arregalados e selvagens.

Isaiah também se levantou e coloquei a mão nos lábios para silenciá-lo, pegando suas roupas do chão e jogando-as para ele, gesticulando em direção ao banheiro. Ele me deu um sorriso estranho, a cabeça inclinada para o lado como se quisesse dizer alguma coisa, mas não, e silenciosamente entrou no banheiro escuro.

— Espera, — rosnei para Jay, pegando minha camiseta e colocando-a, chutando minha calcinha rasgada debaixo da cama e procurando por uma nova na minha bolsa. — Estou indo. — Vesti a calcinha e destranquei a porta, abrindo-a. — Que diabos?

Os olhos de Jay estavam vermelhos e pequenos como se ele tivesse sido acordado. E a julgar pela luz amarela brilhante no quarto, era provavelmente por volta das sete da manhã. Definitivamente não é um momento em que você normalmente vê Jay fora da cama. Ele levantou o celular, empurrando-o na minha cara. — Seus malditos pais estão me chamado a cada cinco minutos pela última meia hora.

— Meus pais? — Perguntei, minhas sobrancelhas se abaixando.

— Por que diabos eles têm o meu número?

— Não sei. Acho que dei a eles em caso de emergência.

— Sim, bem, porra, você está na cidade e não dizer a eles é uma maldita emergência.

— Afff, — eu disse, balançando a cabeça. Ótimo. Isso era ótimo. Como se eu não tivesse o bastante para me preocupar. — Ótimo.

Jay deslizou o celular para longe, virando a cabeça ligeiramente para o lado. — Você transou, — ele disse, me fazendo pular e provar minha culpa. — Sua putinha. Quem é ele? Onde ele está?

— Ele não está aqui, — eu disse, colocando minha mão na porta e segurando-a para que ele não pudesse passar por mim.

— Onde você o conheceu? Você foi para o seu quarto sozinha.

— Eu... encontrei com ele no corredor, — disse, me forçando a manter meu rosto perfeito.

— Foi bom?

— Jay, — eu disse, minha voz um aviso. Eu não queria falar sobre transar com Isaiah com ele escondido no meu banheiro.

— Tudo bem, — ele deu de ombros. — Mas porra, lide com seus pais. Preciso do meu descanso de beleza — disse ele, virando-se e seguindo pelo corredor.

Fechei a porta, deslizando a fechadura. — Pode sair, — resmunguei, indo para a minha bolsa e procurando o meu celular. Isaiah saiu do banheiro de calças, mas ainda sem camisa, olhando para mim com uma sobrancelha levantada.

— Me encontrou no corredor, hein?

Eu bufei, olhando por cima do ombro para ele. — É verdade o suficiente. Será mais fácil se ninguém souber disso.

— Vergonha de mim, né? — Ele perguntou, sorrindo, sentando na cama.

— É só... é desnecessário nesse momento. E as coisas já estão bem loucas, — eu disse, rolando pelos meus contatos.

— Ligando para seus pais? — Ele perguntou, parecendo que não tinha intenção de sair para que eu pudesse falar em particular.

— Infelizmente, — eu disse, apertando enviar e trazendo o telefone até meu ouvido enquanto caminhava em direção à janela. — Alô, pai. Sim eu ouvi. Eu sei. Meu celular estava desligado. Não, eu não sabia que a mensagem de caixa postal de Jay era tão imunda, — eu disse, rolando a tensão para fora dos meus ombros. Dez segundos no telefone com ele e estava toda tensa.

— Você não estava planejando nos dizer que estava na cidade? Ou simplesmente fugindo e esperando que não descobríssemos.

O último. Definitivamente o último. — Temos um cronograma muito apertado, pai. Não tive tempo para...

— Bem, você vai arrumar tempo, — ele me interrompeu. — Michael está na cidade e nós daremos um jantar hoje à noite...

— Papai, não posso ir hoje à noite. Precisamos voltar à estrada se quisermos fazer o próximo...

— Darcy Alexandria Monroe, — disse ele, como tom autoritário que ele só usava em situações quando ele se referia a negócios. Eu me senti como se fosse uma criança de dez anos recebendo um A-menos em matemática outra vez. — Você vai estar aqui para o jantar hoje à noite e você vai trazer um homem respeitável junto e...

— Papai. Não posso conseguir um cara em tão curto tempo...

— O quê? Seu estilo de vida ridículo é tão repugnante que não consegue encontrar um homem decente para acompanhá-la a um evento?

Oh, que bastardo. Bati minha cabeça com força contra a parede, depois ouvi um barulho de tosse, me virei. Isaiah estava sentado ao lado da cama me observando. Quando ele me viu, ele deu de ombros e apontou para si mesmo.

Eu cobri o alto-falante no meu celular. — Você não quer ir, — eu o avisei.

— Está tudo bem, — disse ele, balançando a cabeça.

E honestamente, ele era minha única opção. Não era como se eu pudesse jogar um terno em qualquer um dos outros caras e fazê-lo passar por um cara decente. Isaiah, para todos os efeitos, era educado. Ele tinha dinheiro. Ele tinha um negócio respeitável. Ele provavelmente se encaixaria melhor do que eu. — Obrigada, — sussurrei, soltando minha mão. — Bem. Bem. Sim pai. Que horas? Bem. Te vejo lá.

Desliguei me sentindo mais pesada. Literalmente. Meu corpo parecia mais pesado do que cinco minutos antes. — Então, para onde estou levando você? — Perguntou Isaiah.

— Meus pais estão dando um jantar porque seu antigo parceiro de negócios está na cidade. Vai ser esnobe e pretensioso e parecer que nunca acaba, — eu disse, já temendo. — Você não teria um terno com você, né?

— Claro que tenho um terno comigo, — ele disse como se fosse a coisa mais estúpida do mundo *não* levar um terno com você em todos os momentos.

— Oh, tudo bem. Boa. Eu, por outro lado, não tenho absolutamente nada que seja apropriado.

— Então você vai ter que fazer algumas compras, — ele deu de ombros, levantando-se e colocando a camisa.

— Sim. Nossa, Burt vai ficar tão chateado.

— Ele vai entender. Ele tem uma família também em algum lugar. Além disso, ele geralmente tem um horário que permite um dia extra entre as paradas. Apenas no caso de precisar.

— Imagino que sim. Odeio desperdiçá-los assim.

— Seus pais não podem ser tão ruins assim.

— Eles são... somos muito diferentes, é tudo. E sempre me sinto como um peixe fora d'agua.

— Bem, — ele disse, encolhendo os ombros e caminhando até a porta, —estarei lá. Podemos silenciosamente olhar para baixo e escapulir o mais rápido possível.

Eu balancei a cabeça, observando-o espiar no corredor antes de sair. — Isaiah, — chamei quando ele começou a fechar a porta.

— Sim?

— Obrigada novamente. Você não precisava...

— Não é grande coisa, — ele disse, balançando a cabeça. — Que horas precisamos sair?

— Oito.

— Tudo bem, — disse ele, balançando a cabeça, em seguida, fechando a porta.

O que foi bom. Nem precisei chutá-lo para fora. Isso tornou mais fácil. Só porque fizemos sexo não significava que, bem, não significava nada.

E eu não estava de forma alguma chateada por vê-lo partir. Não.

***

Levei Jay para a loja comigo, não confiando inteiramente em mim para não comprar o vestido mais gótico, vistoso e safado que poderia encontrar só para foder com meus pais. Apesar de sua propensão para as mulheres na menor quantidade de tecido possível, ele realmente tinha um gosto decente em roupas. Provavelmente devido a todos aqueles anos em que passou servindo mesas para esnobes com gosto caro.

— Preto não, — disse ele, balançando a cabeça para mim enquanto instintivamente fui em direção aos vestidos preto. — Seus pais odeiam a merda gótica. Não — disse ele, soando intoleravelmente condescendente quando alcancei outro diferente — vermelho também não. É muito sacana e desesperada, é pra mulher fáceis.

— Oh meu deus, — gemi, olhando para o teto. — Apenas escolha algo para mim então. Não posso perder o dia todo.

Ele deu de ombros, andando pelas prateleiras. — Então, o que seus pais têm em mente para você?

— Oh, um pouco de vergonha. Alguma decepção. O de sempre, — com o olhar revirado, encolhi os ombros. — É um jantar festivo. Michael está na cidade. Eu tenho que aparecer em algo decente, com um homem apropriado no meu braço, e jogar conversa fora por algumas horas.

— Você deve levar Isaiah, — disse ele, movendo-se em direção a uma prateleira de vestidos brancos. — Branco? Sério? — Perguntei, querendo evitar a conversa sobre Isaiah.

— Sim, branco. Limpo e virginal.

— Virginal? Já era.

— Então, devemos costurar um “A” vermelho em cima disso? — Ele perguntou, segurando sua escolha. — Venha, vá experimentar isso. — Fui conduzida a um camarim extravagante, todas as cortinas de seda, espelhos, e um banco tufado para sentar e chorar se de repente eu decidisse que minhas coxas ou bunda eram muito gordas. — Então, como eu estava dizendo, — Jay chamou do banco do lado de fora, descansando e tomando o champanhe que um funcionário tinha lhe dado: — Leve Isaiah com você esta noite.

— Por quê? — Perguntei, encolhendo minhas roupas.

— Bem, quero dizer, mesmo que você coloque um terno de cinco mil dólares em mim, todo mundo iria perceber que estou fora de lugar. E Todd ficaria manso e abaixo de você. Os garotos são, bem, garotos. Isaiah tem dinheiro. Ele está acostumado com coquetel e reuniões de negócios. E jantares. Ele vai se encaixar bem. Além disso, ele é bonito e provavelmente usa um terno como uma segunda pele.

— Muito lógico, — eu disse, vestindo o vestido. E, mais uma vez, Jay estava certo. Era uma cor leve, muito branca, que era quase, mas não completamente, justo, apertada ao redor do busto e do tronco, saindo ligeiramente do quadril e caindo logo acima do joelho. Era ao mesmo tempo casto e sexy. — Talvez ele não queira me levar, — eu disse, me virando levemente, passando minhas mãos pela minha barriga.

— Oh, por favor, — disse Jay, parecendo divertido.

— Oh, por favor, o quê? — Perguntei, abrindo a porta.

— Aquele homem olha para você como se você tivesse uma porra de uma boceta de ouro. Ele vai fazer isso. — Ele se levantou, colocando sua taça para baixo e vindo até mim. — Isso vai servir, — disse ele, balançando a cabeça. Suas mãos estenderam e agarraram meus seios. — Você vai precisar de um sutiã ou aqueles adesivos pra disfarçar, — disse ele, agarrando as pontas dos piercings nos meus mamilos. — Eu posso ver isso. — E nós dois sabíamos que os furos nos mamilos podiam se fechar no segundo que você os tirasse.

— Affff, bem, vou colocar um sutiã, — resmunguei, afastando as mãos.

— Então você vai perguntar a ele?

— Sim, — respondi, assentindo.

— Talvez você devesse deixá-lo pegar o ouro, — disse ele, sorrindo diabolicamente.

— Cala a boca, — retruquei, voltando para o vestiário.

Mal sabia ele... ele já tem o ouro.

***

Ouvi uma batida na minha porta às sete e meia da noite. Eu tinha deixado meu cabelo solto, coloquei meu vestido e coloquei saltos. Estava com um casaco rosa claro quando abri a porta.

E lá estava Isaiah. Ele usava um terno cinza escuro, quase preto, com uma camisa branca e gravata preta. Clássico. Lustroso. E, a julgar pelo corte e tecido, incrivelmente caro. Ele parecia bem. Muito bem.

— Suponho que você está devidamente impressionada, — ele riu e balancei a cabeça, percebendo que estava encarando.

Recuei para o quarto. — Você está ótimo, — eu disse. Porque era verdade. Isaiah fechou a porta atrás dele, estendendo a mão para agarrar minha mão e segurá-la para me inspecionar. Ele olhou por tanto tempo que me senti desconfortável. — Jay escolheu, — eu disse, conscientemente.

— Você está linda, — ele disse, seu tom tão sério que senti um leve rubor subindo pelas minhas bochechas.

— Obrigada, — falei, afastando minha mão da dele.

Ele se aproximou, sorrindo ligeiramente quando ele estendeu a mão em direção às minhas costelas, passando sob meus seios. — Você está de sutiã, — disse ele, parecendo surpreso, como se não fosse uma coisa totalmente normal a maioria das mulheres usarem todos os dias. Mas, novamente, eu não era a maioria das mulheres. E quase nunca usava um.

— Sim. Este tecido é fino e...

— E você não quer que seus pais saibam que sua filhinha tem seus peitos perfurados.

Vacilei com a palavra, soando quase insultante vindo dele. — Sim. Vamos lá — falei, me afastando dele — precisamos pegar um táxi antes de chegarmos atrasados.

— Não vamos pegar um táxi, — disse ele, balançando a cabeça como se fosse a coisa mais ridícula que já ouvira.

— Meus pais enlouqueceriam se eu aparecesse com o delineador nos olhos. Você acha que eles seriam legais comigo se eu aparecesse em um maldito ônibus de turnê?

— Nós não vamos de ônibus nem de táxi, — ele me disse, pegando minha clutch de mim e colocando-a no chão, pegando a chave do meu quarto e colocando-a no bolso.

— E aí? — Perguntei, sorrindo. — Nós vamos de carona?

— Eu aluguei um carro, — disse ele, saindo para o corredor e esperando por mim.

— Oh, — eu disse, seguindo-o pelo corredor. Foi muito idiota da minha parte não pensar em alugar um carro. Olhei para ele no elevador, feliz por ter alguém comigo para me ajudar a enfrentar esse castigo.

Ele me levou para um carro de luxo que deve ter custado uma pequena fortuna, abrindo a porta para mim e facilmente conectando o endereço ao GPS. Dez minutos depois, paramos do lado de fora da enorme propriedade de meus pais, os terrenos perfeitamente bem cuidados, dezenas de carros estacionados na entrada e um criado na frente fazendo o trabalho para nós.

Isaiah abriu a porta para mim, oferecendo-me a mão para me ajudar. — Você está nervosa? — Ele perguntou, perto do meu ouvido, enquanto subíamos os degraus.

— Só da maneira que sinto que não posso respirar, — admiti.

Sua mão se moveu para a parte inferior das costas, pressionando, firme e reconfortantemente. — São apenas algumas horas, — ele me lembrou quando entramos.

A entrada era enorme, com uma enorme escadaria que levava ao segundo andar, abrindo-se para ambos os lados, com uma sala de jantar e um escritório, e depois para a frente, onde ficava a cozinha.

— Lugar legal, — disse Isaiah, assentindo.

— Querida! — a voz forçada de socialite da minha mãe chamou do outro lado da sala, um copo de vinho branco levantado quando ela costurou pela multidão e se dirigiu para nós. Bethany Monroe era uma versão mais antiga do meu antigo eu loiro. Rosto alto, bem torneado e macio, olhos grandes, embora os dela fossem de um azul claro. Ela tinha o cabelo loiro puxado para trás de seu rosto e usava um vestido vermelho que me fez concordar de todo coração com a opinião de Jay daquela cor. — Você está linda, — ela me disse, beijando minhas bochechas. — E você trouxe um homem, — ela sorriu como se fosse a coisa mais magnífica que ela tinha visto.

— Mãe, este é Isaiah Meyers. Isaiah, esta é Bethany.

Minha mãe tinha acabado de se inclinar para beijar sua bochecha quando meu pai se aproximou. Com um metro e noventa e três em um terno azul escuro, seu cabelo loiro estava curto e empurrado para trás de suas têmporas. Seu rosto era o oposto do meu, todos os ângulos agudos. A única parte de mim que você podia ver na cara dele eram os olhos dele que combinavam com os meus. — Darcy, — disse ele, acenando para mim como uma saudação.

— Papai, — eu disse, dando-lhe um sorriso apertado. Ele nem tentou fingir calor. — É bom te ver de novo.

— Querido, — minha mãe disse, tocando o braço dele. Em público, eles eram um casal perfeito. — Darcy trouxe um homem com ela.

Seguindo o protocolo. Senti minha espinha se endireitando e a mão de Isaiah pressionou com mais força na parte inferior das costas. — Papai, — eu disse, fazendo meu dever para não ser criticada por perder meus modos, — este é Isaiah Meyers. Isaiah, este é John Monroe.

A mão do meu pai saiu para pegar a de Isaiah quando um sinal de reconhecimento atingiu seus olhos. — Isaiah Meyers? — Ele perguntou, apertando a mão com força. — O Isaiah Meyers?

Ah, então... ele realmente era alguém. Especialmente se meu pai soubesse quem ele era de vários estados de distância. — Sim, senhor — assentiu Isaiah.

— Uau, — meu pai balançou a cabeça, parecendo surpreso, olhando para mim, confuso. — Como, exatamente, você conhece minha filha?

— Ela é minha vizinha, — ele informou, sorrindo para mim.

— Oh, isso não é maravilhoso? — Minha mãe esbravejou, olhando para ele com o que eu só poderia explicar como apreciação feminina.

— Você aceita um uísque? — perguntou meu pai, sem deixar qualquer espaço para objeção e senti a mão de Isaiah deixar as minhas costas. — Darcy, — meu pai chamou por cima do ombro, — certifique-se de dizer olá para Michael.

Ótimo. Isso foi ótimo. Eu teria que encarar essa merda sem um homem ao redor para desencorajar seus avanços repugnantes.

— Ele é um bom partido, — disse minha mãe, observando Isaiah ser recebido por um grupo de outros empresários. — Não estrague tudo, — ela disse, de volta aos seus habituais tons agudos, sem ninguém por perto para ouvir. Ela deu um tapinha na minha bochecha e se afastou.

Peguei um copo de vinho branco de um garçom que passava, bebendo rapidamente, depois peguei outro para tomar um gole. Eu me virei, dizendo olá para as poucas pessoas que reconheci, escondendo meu estilo de vida porque era o que meus pais esperavam de mim, então segui em frente. De novo e de novo. Até que me sentia completamente exausta. Eu havia perdido Isaiah de vista pelo menos uma hora antes e não tinha muita esperança de vê-lo novamente até a hora de partir.

— Olha se não é a pequena Darcy Monroe? — Uma voz chamou, fazendo os cabelos da minha nuca se arrepiarem, encurralando-me no final do escritório.

— Olá Michael, — eu disse, virando-me e oferecendo-lhe um sorriso fraco.

— Bem, bem, bem, — disse ele, sorrindo, seus olhos rapidamente caindo do meu rosto para pousar no meu peito por um longo tempo. — Você está crescida.

— O tempo faz isso, — assenti, sentindo minha pele arrepiando sob sua inspeção. Michael Gregory era alguns anos mais velho que meu pai, corpulento, de cabelos grisalhos e um idiota completo e

absoluto. Lembrei-me dele me olhando como um adolescente quando eu ia nadar ou voltava para casa com a minha roupa de torcida. Ele fazia comentários que eram completamente inadequados para dizer a uma menor que minha mãe fingia não ouvir e meu pai nunca soube.

— Você ficou muito bem, — disse ele, aproximando-se.

Virei um pouco, movendo-me para que minhas costas não estivessem contra a parede, me dando uma alternativa de fuga porque havia um olhar predatório em seus olhos misturado com a luxúria e isso me fez sentir como se eu precisasse ficar longe dele o mais rápido possível. Olhei por cima do ombro, procurando por alguém que reconhecia e poderia dar uma desculpa para chamar. Mas não havia ninguém.

— Como vão os negócios, Michael? — Perguntei, meu tom frio.

— Oh, por que falar de negócios, quando há tanto... prazer, — ele disse, pegando a alça do meu vestido e tirando-a do meu ombro, — no mundo.

— Baby, — ouvi a voz de Isaiah dizer logo atrás de mim e senti meu corpo cair ligeiramente

De costas contra ele, sua mão passou pelo meu estômago quando Michael afastou sua mão, olhando para Isaiah com os olhos arregalados. — Posso falar com você por um momento? — Perguntou Isaiah.

— Sim, — consegui dizer respirando fundo. — Michael foi... bom, — eu disse, a palavra fria, — ver você de novo.

Isaiah me levou silenciosamente para longe, sua mão indo para minhas costas novamente enquanto ele me levava para a parte de trás da casa e subia as escadas. — O que você está...

— Shh, — disse ele, olhando por cima do ombro para onde minha mãe entrou na cozinha para gritar com os fornecedores.

No topo da escada, ele abriu uma porta e me empurrou para um banheiro, trancando-a atrás dele. — O que...

— Cala a boca, — disse ele, agarrando meu rosto e me empurrando contra a parede, seus lábios esmagando os meus.

— Isaiah, — eu me opus em voz baixa, — alguém vai ouvir...

— Não se você calar a boca, — disse ele, sua voz um sussurro áspero. Ele me agarrou, me afastando dele e empurrando meus quadris contra o gabinete da pia. Sua mão roçou minhas coxas, puxando minha saia apertando-a em volta da minha cintura, sua outra mão deslizou entre as minhas pernas, abrindo minhas coxas e acariciando meu calor sobre minha calcinha.

E mergulhei nisso. No prazer do seu toque. No perigo. Na inadequação. No intoxicante tabu de estar transando na casa dos seus pais como um adulto. Seus dedos se afastaram, agarrando minha calcinha e empurrando-a para baixo. Seus olhos subiram pelo espelho, observando os meus enquanto ele abria o zíper da calça e puxava o preservativo rapidamente. Ele pegou um punhado de cabelos no meu pescoço, puxando para trás, fazendo-me arquear e bateu seu pênis profundamente dentro de mim, forçando um gemido involuntário dos meus lábios.

Ele não parou. Ele não me aliviou nisso. Seus olhos permaneceram no espelho enquanto ele batia em mim com força e rapidez, fazendo-me morder meu lábio inferior para não gemer. Ele me empurrou para cima rapidamente: com o seu ritmo punitivo, com a proibição de nossas ações, eu me senti a segundos de me dividir em um milhão de pedaços.

Então ele puxou de repente para fora de mim, fazendo minhas mãos baterem na porcelana em objeção. Ele puxou meu cabelo para trás com mais força, trazendo-me em direção a sua orelha enquanto me observava no espelho. — Eu vou foder sua bunda agora, — ele rosnou.

Filho da puta. Ele estava certo. Funcionou.

— Ok, — eu disse, olhando em seus olhos quando sua mão foi entre nós, levando seu pau em direção à entrada e empurrando com força contra ela. Seus olhos se desviaram dos meus quando ele soltou meu cabelo, uma mão apertando minha boca com força, a outra agarrando meu pescoço.

Houve uma longa pausa, o rosto impassível. Então ele empurrou completamente em mim. Eu ofeguei contra a palma dele, a sensação em algum lugar entre desconforto e dor total enquanto ele enterrava tudo dentro de mim em um impulso.

Ele esperou um segundo, seus quadris ainda parado, seu pau sem movimento dentro de mim, me dando um momento para se ajustar, para superar o choque.

Não era a primeira vez. Eu já havia tentado uma vez antes, achando desconfortável e desajeitado. Mas isso pareceu diferente. Isso parecia atrevido e quente e o tipo certo de pervertido e tudo que eu queria era ver o que mais ele tinha reservado para mim. Balancei meus quadris ligeiramente para trás contra ele e seus olhos ficaram menores no espelho.

Ele se inclinou um pouco para frente, colocando o rosto ao lado da minha orelha, enquanto suas mãos pressionavam mais fortes contra a minha boca e garganta. Então ele começou a empurrar para dentro de mim, rápido e carente, o sentimento estranho mas bom ao mesmo tempo e me vi choramingando contra a palma da mão dele.

— O que seus pais pensariam se soubessem que eu estive aqui enfiando meu pau na sua bunda, sua vadia? — Ele perguntou, batendo com mais força em mim, perdendo o pouco autocontrole que ele tinha quando começou. — Você gosta desse jeito, não é? — Ele perguntou, estocando em mim com tanta força que continuou me empurrando na ponta dos pés com cada pancada para frente.

Minhas mãos se moveram para os lados da pia, segurando a minha vida enquanto eu observava seu rosto no espelho e assenti. Sim. Um milhão de vezes sim. Eu gostava dele de qualquer jeito que pudesse levá-lo.

Ele me deu um sorriso vitorioso, sua mão pressionando minha garganta e cortando meu suprimento de ar. — Você vai gozar, — ele me disse, sorrindo com o som de asfixia que fiz por não ser capaz de respirar. E então ele estava certo. Eu apenas... me despedacei. A sensação era familiar ainda que não fosse, minha boceta pulsando embora o prazer não estivesse vindo de lá. Sua mão pressionou mais forte enquanto eu lutava para respirar enquanto as ondas continuavam batendo e batendo. Ele diminuiu seu aperto, agarrando meus quadris, em seguida, batendo em mim insanamente forte até que gozou, uma respiração silenciosa a única indicação de sua libertação.

Eu caí em meus cotovelos na pia, com medo de cair se não me apoiasse. Isaiah se endireitou, batendo na minha bunda com força.

— Você me esganou, — eu disse baixinho.

— E isso fez você se esforçar mais, não foi? — Ele perguntou, soando arrogante enquanto deslizava para fora de mim, descartando o preservativo e arrumando suas roupas. Ele bateu na minha bunda novamente, destrancou a porta e saiu.

Peguei a fechadura e coloquei de volta no lugar, puxando minha calcinha e encostando na parede. Que porra é essa? Quero dizer... sério. Já fiz muito sexo antes. Sexo medíocre. Sexo fetichista. Ótimo sexo. Mas o sexo com Isaiah era diferente. Era tão... primitivo. Cru. Isso me dominou completamente. Era como se ele estivesse tentando se perder em mim.

Talvez ele estivesse.

Mas eu não conseguia me livrar da percepção de que mesmo com o meu rosto em plena vista no espelho, assim que seu pau estava dentro de mim, ele se recusou a olhar para mim. Ele olhou além de mim. Ocasionalmente, através de mim. Mas nunca em meus olhos.

Suspirei, puxando a minha calcinha e endireitando o meu vestido, respirando fundo, depois desci as escadas.

O resto da festa foi tranquila. Isaiah mantinha uma distância formal, conversando com todos os homens que meu pai continuava trazendo ao seu redor, mas sendo um acompanhante apaixonado ao mesmo tempo: reabastecendo minha bebida, inclusive conversando comigo, ocasionalmente colocando uma mão nas minhas costas, quadril ou braço. Saímos por volta das dez e voltamos para o hotel, onde ele me entregou a chave do meu quarto, beijou meu queixo e entrou em seu próprio quarto.

Eu chutei meus sapatos para longe e deitei na minha cama, completamente vestida, olhando para o teto até que vi a luz começar a atravessar o céu do lado de fora das janelas. Porque algo estava acontecendo comigo e com Isaiah. Algo como o qual eu não estava familiarizada.

Algo que não era casual, mas não era sério também. Algo que estava acontecendo, não importava o quanto eu tentasse evitar, desequilibraria o equilíbrio da nossa turnê.

Porque eu não queria estar no limbo com ele. Não queria me esgueirar e mentir. Não queria momentos roubados em quartos de hotel e em quaisquer banheiros. Eu não queria que ele fosse embora.

Eu o queria por perto. Porque, bem, eu simplesmente... gostei dele. Com todo o seu dano. Sua bagagem. Sua frieza. Seu completo desinteresse em estar comigo.

Estava talvez, apenas possivelmente, um pouco apaixonada por ele.

E era a coisa mais aterrorizante que eu já tinha experimentado.

Dezoito

Burt nos assegurou na manhã seguinte que o ônibus estava seguro. E também, não muito gentilmente, insistiu que pegássemos a estrada desde que já estávamos um dia atrasados. Uma parte de mim estava contente de voltar ao ônibus, para trabalhar, para manter um senso de normalidade. Eu precisava da distração. Precisava parar de fantasiar sobre o maldito Isaiah Meyers. Precisava parar de ficar obcecada por que ele não voltou para o meu quarto na noite anterior.

Para colocar em termos leigos: eu precisava parar de ser tão idiota sobre isso.

Poe correu para mim quando o deixei sair do banheiro, entrando e saindo de meus pés e ronronando freneticamente. Pelo menos ele era algo que eu poderia acariciar. Mesmo que ele não fosse bem o que eu queria.

— Tudo bem, — Burt gritou da cabine. — Não temos tempo a perder. Sente-se e coloquem o cinto.

Não consegui ir até meu beliche e me deitar alguns metros acima de Isaiah, que nem sequer dissera uma palavra durante toda a manhã. Eu levei Poe para o espaço dos fundos, que normalmente ficava vazio enquanto viajávamos, porque balançava horrivelmente e deixava todo mundo enjoado. Estava disposta a encarar um pouco de náusea se isso significasse que eu não precisava jogar conversa fora com os caras para impedi-los de perceber que eu estava mal-humorada.

Nós pegamos a estrada alguns minutos depois e tentei evitar que Poe se contorcesse no meu colo, mas ele finalmente fugiu e correu de volta para a frente, onde ele poderia importunar Jay. Me enrolei de lado, de costas para a porta e fechei os olhos, com a intenção de recuperar o sono que perdi na noite anterior e esperando que as coisas melhorassem quando eu acordasse. Porque não, eu não era de ficar enrolando. Eu não era excessivamente sentimental. Não tinha uma paixonite, por amor de Cristo.

— Sendo antissocial? — A voz de Isaiah perguntou, enquanto ele se sentava. Ele colocou meus pés em seu colo e começou a massagear um deles como se fosse a primeira vez que nos encontramos.

Eu rolei de costas, olhando para ele e balançando a cabeça. — Cara, você é bipolar.

— O quê? — Ele perguntou, olhando para mim, as sobrancelhas juntas.

E percebi que ele genuinamente não sabia do que eu estava falando. Ele não achava seu comportamento anormal. Porque talvez, para ele, não fosse. Talvez tenha sido o resultado de sua criação. Talvez tenha sido sua incompreensão inata das mulheres. Mas ele não achava estranho me foder, depois me ignorar, depois esperar que eu ficasse feliz quando ele olhasse para mim de novo.

— Nada, — eu disse, balançando a cabeça.

Ele deu de ombros, soltando meu pé. — Venha aqui, — disse ele, batendo no colo.

E, na verdade, seria inútil fingir que eu não queria, que não ia, então me levantei e me aproximei dele, levando minha perna até a cintura dele. Mas ele agarrou-a e empurrou-a para longe, pegando meus quadris e me virando, sentando-me sobre ele, de costas para seu peito.

Suas mãos deslizaram pelos meus lados, atravessando e pegando meus seios através do tecido fino da minha camiseta, apertando meus mamilos com força. Elas se moveram para baixo, agarrando a bainha da minha saia e puxando-a para cima.

Sempre distante, lembrei-me. Ele só queria me foder quando não precisava olhar na minha cara. Eu agarrei sua mão enquanto serpenteava minha coxa, — Não, — eu disse, balançando a cabeça.

— Não? — ele perguntou, parecendo genuinamente perplexo.

— Não assim, — esclareci, levantando e me virando. — Eu quero olhar para você uma vez.

— Você olhou para mim na casa dos seus pais...

— Em um espelho. E você não olhou para mim, — eu disse, revirando os olhos. Tirei minha calcinha, deixando-a cair no chão e me

movendo para a cintura dele. Seus olhos estavam cautelosos, resguardados, enquanto suas mãos pousavam nos meus quadris. Estendi a mão entre nós, abrindo o zíper das calças dele e pegando seu pau, acariciando minha mão para cima e para baixo por um minuto, observando seu rosto. Mas seus olhos caíram dos meus e senti uma onda de desapontamento. — Você tem...

Ele assentiu, enfiando a mão no bolso e tirando um preservativo, mantendo os olhos para baixo enquanto o colocava.

Eu movi meus quadris para cima, estendendo a mão para ele e guiando-o em direção à minha entrada, parando quando ele começou a me penetrar. — Isaiah, — eu disse, odiando o som necessitado da minha voz. — Por favor, olhe para mim.

Talvez fosse por pena ou o tom da minha voz, mas ele respirou fundo e deixou seus olhos encontrarem os meus, e rapidamente me abaixei sobre ele, choramingando baixinho, agarrando seu ombro. Suas sobrancelhas se juntaram quando a mão dele deslizou pelo meu braço, subindo pela lateral do meu pescoço, em seguida, pousando no lado do meu rosto segurando lá. Comecei a cavalgá-lo lentamente, perdida na doçura suave daquele momento, algo que nunca havia percebido que queria de um homem. Especialmente um homem como Isaiah. Mas eu queria mais do que qualquer coisa.

Mas logo a urgência da minha necessidade venceu e comecei a me mover mais rápido, dirigindo-me para cima, olhando para Isaiah. Seus olhos ficaram nos meus quando ele começou a empurrar seus quadris para cima em mim. Eu mordi meu lábio para manter meus gemidos quando comecei a balançar contra ele enquanto ele empurrava. Mais rápido e mais rápido, fazendo minhas mãos alcançarem seus ombros e apertar. A mão de Isaiah deslizou para minha nuca, puxando meu rosto para baixo dele, seus lábios tomando os meus.

— Oh meu deus, — eu me desliguei. — Oh, foda-se. Isaiah, — eu choraminguei contra seus lábios.

— Deixe-me sentir você gozar, baby, — ele disse de volta, sua voz grave.

Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, pressionando meus lábios nos dele, sentindo-o pressionar profundamente até cair no meu orgasmo. Isaiah esmagou seus lábios nos meus, engolindo o som do meu gemido e empurrando em cima de mim várias vezes antes de repente me empurrar para trás para que ele pudesse ver meu rosto. E

então ele gozou, um baixo som rosnando saindo de sua garganta enquanto ele me observava.

Desmoronei de volta contra ele, sentindo seus braços ao meu redor. — Isso foi bom, — murmurei contra seu pescoço, perfeitamente feliz em apenas adormecer assim. Nem me importei se alguém entrasse. Eu só queria ficar lá enrolada com ele.

— Bela Adormecida, — ele riu, batendo na minha bunda. — Vamos. Antes que você durma assim.

Eu resmunguei, deslizando para fora do seu colo e caindo no assento ao lado dele. — Tudo bem.

— Aqui, — disse ele, agarrando minha calcinha e jogando-a para mim enquanto ele fechava de volta.

— Por que você não vai dormir um pouco, — ele sugeriu, levantando-se, colocando a máscara de volta, me afastando. E então ele se virou e caminhou de volta para a cozinha.

Eu ia ter trabalho com ele. Coloquei minha calcinha e voltei para os beliches. Ele estava certo, no entanto. Estava exausta. Tinha acabado de alcançar a escada quando o Burt fez uma curva brusca, me jogando na cama de Isaiah, batendo com força contra a parede do fundo.

— Desculpa pessoal, algum barbeiro me cortou, — Burt gritou.

Eu ri, esfregando o topo da minha cabeça e me levantando. Minha mão ficou presa em um pedaço de papel e eu alcancei para retirá-lo quando notei a escrita com caneta permanente vermelha em negrito.

Meu estômago se retorceu e minha pulsação bateu forte em minhas mandíbulas e garganta.

Vou ter você. Eu vou te curvar e te foder até que você esteja gritando por alguém para te salvar.

Senti a bile subir na minha garganta. Larguei o papel como se tivesse me queimando, vasculhei a pilha de coisas em sua cama, procurando por algo, outra prova ou alguma coisa que o incriminasse. Encontrei outro pedaço de papel, dobrado sobre uma caneta vermelha permanente. Era outro bilhete pela metade, com metade da ameaça.

Não. Não, não, não. Não Isaiah. Não alguém em quem eu confiava. Alguém por quem pensei que estava me apaixonando. Ele não.

Mas, ao mesmo tempo, fazia sentido. Alguém que foi criado para desprezar mulheres, alguém que não entendia como estar em contato com suas emoções saudáveis, alguém que cresceu com a violência. Alguém que acabou de entrar na turnê quando as ameaças começaram. Claro que fazia mais sentido. Se eu não estivesse tão ocupada fodendo-o, talvez tivesse visto isso mais cedo.

Oh Deus. Eu peguei ele. Fodi o homem que era capaz de ser um monstro. Peguei os bilhetes, me arremessando para fora do seu beliche. — Abra a porra da porra, — gritei, fazendo todo mundo pular. — Burt, encoste. Agora mesmo!

— O que diabos está errado com... — Jay começou, então olhou para o meu rosto. — Qual é o problema? Darcy?

Mas eu não estava olhando para ele. Estava olhando para Isaiah. Isaiah cujo cheiro ainda estava em cima de mim, que eu praticamente ainda podia sentir entre as minhas coxas.

O ônibus parou e Burt voou para fora do banco, com os olhos enormes e preocupados. — O que está acontecendo?

— Isaiah vai embora.

— Não seja ridícula... — Jay começou, mas meus olhos voaram para os dele.

Joguei os papéis para ele. — Eu os encontrei em seu beliche. Ele é o cara que tem escrito sobre me estuprar e me incendiar e me rasgar. É ele!

Os olhos de todos foram para Isaiah, Joey e ficaram Mike em pé rapidamente, sempre preparados para a ação.

— Darcy, — disse Isaiah, levantando as mãos, palmas para fora. — Eu não escrevi nada assim. Eu nunca...

— Tirem ele da porra do meu ônibus, — rosnei, piscando de volta as lágrimas que senti nos meus olhos e voltando para o meu beliche.

Eu não precisava ficar para saber que eles fizeram o que disse. Minha equipe, meus amigos, meu mundo inteiro... que se sentiriam traídos e enojados. Porque eles confiavam nele também.

Mas não como eu. Não ao ponto onde eles compartilhavam seus corpos com ele. Onde eles abriram as feridas do passado ao seu redor. Quem foi usada para satisfazer sua luxúria doente, distorcida. Não admira que ele sempre quis que eu me curvasse, me fodendo sem realmente me ver como pessoa.

O desgosto era uma coisa viva dentro de mim, fazendo-me sentir como se eu fosse sair da minha pele. Como se eu fosse, de certa forma, culpada.

Eu voei para o meu beliche, enrolando-me em mim, minha mão pressionada com força contra a minha boca como se pudesse manter a náusea e a auto aversão por dentro.

Porque tirando o passado, o choque, a raiva, a tristeza que me pressionava de uma forma horrível: eu o amava.

Dezenove

Um minuto eu estava compartilhando algo com Darcy que não achei que fosse possível - intimidade, algo mais profundo do que corpos roçando em corpos, precisando satisfazer necessidades. Mais que isso. Tinha sido doce e cheio de algum significado que eu não entendia muito bem. Mas eu queria. Pela primeira vez na minha vida, havia uma mulher por perto com quem queria mais do que uma noite. E eu estava apenas... tentando levar algum tempo para pensar sobre as coisas. Estava tentando chegar a um acordo com a ideia de perguntar a Darcy se ela queria considerar... algo mais do que nós éramos. Um relacionamento. Alguma coisa. Porque ela era diferente. Porque eu não conseguia parar de pensar nela, apesar de tê-la em todos os sentidos. Eu tive sua boca, sua boceta, sua bunda... apenas tentando tirá-la da minha cabeça. Mas tudo o que consegui foi ser mais consumido por ela.

E então no minuto seguinte, Darcy estava gritando como uma lunática, seus olhos lívidos e vulneráveis de uma só vez.

Porque ela achava que eu era o seu perseguidor. Ela pensou que eu queria bater nela e queimá-la, estuprá-la e matá-la.

Ela pensou tão pouco de mim.

Eu nem precisava ser expulso. Assim que ela se afastou, levantei-me, encarando a expressão de raiva, dor e traição. — Sei que parece que fiz isso, — eu disse, minha voz mal era alta para ser ouvida, — mas não fui eu. — Olhei para Jay, meus olhos implorando para ele acreditar em mim. — Não sou eu. Mas ela quer que eu vá embora. Então eu vou. Mas... nunca, — balancei a cabeça, olhando para os meus pés, passando a mão pelo meu rosto. — Eu me importo com ela, assim como o resto de vocês, — eu disse, meus olhos encontrando Burt por um segundo antes de eu rapidamente sair do ônibus e começar a andar.

Eles ficaram parados ali na beira da estrada por um longo tempo antes de ouvi-los virar e começarem a se afastar. Não olhei para trás. Não me virei para vê-los partir. Ver ela partir. Abaixei a cabeça e caminhei. E andei. E andei. Tentando não deixar isso me

consumir. Tentando não deixar a traição se tornar parte de mim. Tentando não deixar a desconfiança dela me atormentar.

Mas aconteceu. E doeu pra caralho.

E nunca mais queria sentir isso de novo.

***

— Então você voltou cedo, — disse Dra. Todd, respirando fundo, suas mãos descansando sobre as anotações em seu colo.

— Sim, — eu disse, acenando para ela.

— Você parece com raiva, — observou ela, franzindo as sobrancelhas.

— Você poderia dizer isso.

— Então o que aconteceu? A última vez que conversamos, as coisas estavam indo relativamente bem. Você parecia um pouco mais à vontade, menos deprimido. Você parecia estar tendo um interesse muito saudável por essa mulher, Darcy.

— Estavam. Eu estava. E eu tinha um interesse.

Todd fechou os olhos, soltando um suspiro. Como se ela estivesse pedindo uma força maior. Como se ela precisasse de ajuda extra para tentar me salvar. — Você e Darcy transaram?

— Repetidamente.

— Isso... foi bom?

— Melhor sexo da minha vida, — eu disse, sem olhar para ela. Olhando além dela. Nos livros dela. Na mesa dela. No enorme vaso de plantas perto da porta.

— Bem, você certamente não está se comportando como um homem que encontrou o melhor sexo da vida.

— E como eu deveria estar me comportando, Dra. Todd?

Se eu não estava enganado, houve um flash de fogo em seus olhos por um breve segundo antes de se afastar e ela falar de novo. — Mais relaxado, talvez. Feliz mesmo.

— Desculpe ser uma decepção.

Eu estava de volta à cidade há três dias, depois de andar seis milhas ao lado da estrada, antes de encontrar uma parada para descansar e chamar um táxi para me levar ao aeroporto mais próximo. Eu não tinha nada para verificar ou continuar. Eu não tinha mais nada.

Voltei para o meu apartamento e bebi no esquecimento durante a noite, atravessei o Central Park em corridas implacáveis e punitivas, fiquei no trabalho até mais tarde. Bebi. Bebi. Bebi. Repetidas vezes.

Eu não tinha certeza o que diabos estava fazendo na Dra. Todd. Talvez tenha sido uma última tentativa para o meu subconsciente tentar me salvar. Mas ele estava ficando mais fraco a cada minuto.

— Isaiah, — disse ela, colocando as anotações longe e sentando-se em sua cadeira, — o que aconteceu com você e Darcy?

Suspirei, balançando a cabeça. Eu estava lá. Eu também poderia falar. — Ela estava sendo perseguida. Alguém continuou entrando no ônibus de alguma forma e deixando bilhetes doentios. E há três dias... tínhamos acabado de transar. E ela por algum motivo entrou no meu beliche. E havia bilhetes lá. E ela me acusou e me expulsou do ônibus.

— Você tentou...

— Ela não quis ouvir, — eu disse, balançando a cabeça.

— Isaiah, você tem que entender a imensa quantidade de pressão que ela estava sofrendo. Ser perseguida é algo aterrorizante. Isso faz você se sentir impotente. E, mesmo por um momento, acreditar que uma pessoa com quem você está tendo intimidades ser quem está ameaçado você...

— Porra, eu nunca...

— Você tem que entender o quanto ela devia estar se sentindo impotente, usada e traída...

— Você sabe o quê? — Gritei, ficando de pé. — Não me importo. Eu não me importo. Terminei.

— Terminou com o quê? — Ela perguntou, parecendo preocupada. Como se ela soubesse para onde eu estava indo.

— Essa vida. Ela. Você. — Eu me enfureci, caminhando em direção à porta. — Toda fodida mulher que conheço me dizendo o quanto eu sou fodido. Fico puto com isso, — eu disse, agarrando a porta. — Talvez meu pai estivesse certo, afinal, — eu disse, batendo a porta com força e saindo de seu escritório. Descendo a rua em direção à estação de trem, pegando o próximo, deixando toda essa merda para trás.

Eu não tinha sido nada além de infeliz crescendo. E não tinha sido nada além de miserável livre daquela vida. Então, o que diabos isso importava? O que realmente estava me fazendo viver em sociedade? Álcool? Ter tanta boceta quanto eu quisesse?

Onde isso me levou? Metade do tempo eu bebia. Tentando forçar limites sexuais apenas para sentir uma adrenalina novamente. Quantas vidas eu tinha ferido por causa da minha depravação? Quantas mulheres foram para casa e se esfregaram na minha pele, mas não conseguiram tirar minha imundície de suas almas? Para quantas pessoas era realmente melhor me ter em suas vidas?

Eu sabia que a resposta era um zero enorme.

Então, por que eu estava tentando tanto me encaixar em um mundo que nunca me aceitaria? Um mundo que nunca poderia ver o meu fodido passado e abraçá-lo? Um mundo que dizia que não ia me julgar? Tudo o que fez foi me julgar. Isso me deixou com raiva e cauteloso. Isso me deixou confuso e conflituoso. Isso me deixou completamente incapaz de confiar em uma mulher.

E a primeira com quem me senti diferente, foi alguém em quem eu poderia confiar, mas que na primeira chance jogou meu passado na minha cara.

Não haveria segundas chances. Não haveria outras oportunidades para alguém me fazer sentir como se estivesse me sentindo novamente. Como se houvesse um buraco dentro de mim, girando e se alargando. Como se fosse se espalhar o suficiente um dia para me engolir inteiro em nada. Em sua dolorosa escuridão. Como se não houvesse nada.

Então, que diferença faria se eu voltasse?

Saí do táxi em frente da casa da minha avó, evitando entrar e recolher algumas das minhas coisas antigas, pegando a calçada lateral e sumindo na floresta.

Fazia tanto tempo. Seis anos pareciam ter passado em um borrão, com tudo que aprendi, e toda boceta que tive. Seis anos. Eu tinha vinte e cinco a última vez que vi o maldito lugar. Eu me senti muito mais velho do que quando saí. Muito mais cansado. O mundo me cansou. Porque eu finalmente sabia o que o mundo era e o que ele poderia causar se você não fosse cuidadoso.

Meus passos pareciam mais pesados. Eu costumava ser capaz de cruzar a mata de olhos fechados, indo da minha casa para a casa da minha avó em questão de minutos. Mas cada passo parecia desgastante, como se os anos estivessem se instalando em meus ossos, como se meus músculos tivessem esquecido como escalar o terreno.

Levei quase meia hora para chegar ao ponto em que as árvores diminuíam levemente ao redor da estrutura de madeira rústica que era a única coisa que eu conhecia há tantos anos. Parecia do mesmo jeito. Não poderia ter feito muito estrago. Nós gastamos horas intermináveis de trabalho para garantir que as janelas estivessem firmes, cada sulco onde as paredes se conectavam fosse bem selado para manter o ar do lado de fora, junto com os insetos e a umidade.

Era menor. Menor que a estrutura inteira do que meu apartamento na cidade. Andei até a porta, deslizando os troncos da frente dela que eu tinha colocado lá, no caso de algum guaxinim ou gambá ter alguma ideia de usá-la como um terreno fértil quando saí. Não sei o que deu em mim para querer preservá-lo. Talvez uma parte de mim soubesse, mesmo naquela época, que eu não deveria estar no mundo com pessoas normais. Talvez eu tenha nascido para viver e morrer em uma cabana na floresta.

O interior era familiar, mas estranho ao mesmo tempo. O chão de terra batida, as janelas, a lareira que servia como única fonte de calor e meio para cozinhar. Não havia eletrônicos nem luzes porque nunca houve nenhum tipo de eletricidade. Havia uma espessa camada de sujeira em todas as superfícies, as janelas estavam imundas com anos de acúmulo de sujeira, tornando a iluminação interior mais escura, teias de aranha tomavam conta dos cantos.

Fui para o meu antigo quarto, com pouco espaço para a cama de solteiro na qual dormi todas as noites, exausto do trabalho. Havia um

baú em um canto com cobertores e bugigangas. Alguns livros de instruções estavam empilhados no peitoril onde eu os deixara.

Não posso dizer que foi um conforto estar de volta. Mesmo que meu pai estivesse morto há muito tempo, eu o senti em todos os lugares. Podia sentir sua desaprovação e desgosto em como eu saí. Senti meus ombros caindo com o peso dessa constatação.

Ele tinha sido um bastardo. Um valentão. Ele me bateu. Ele me envergonhou. Distorceu meu cérebro de maneiras que eu ainda não tinha chegado a um acordo. Ele me ameaçou com uma vida de queimar em agonia. Ele me convenceu de que eu era um merda. Que eu não era nada.

Mas ele estava lá. Ele me ensinou como caçar. Manteve meu estômago cheio. Passou todos os dias da minha vida ao meu lado.

À sua maneira, era amor. Deformado e abusivo, mas era amor.

E eu tinha prosperado nisso. Confiei nele e em seus ideais, sua fé. Sofri meus castigos. Aprendi a me punir. Obedeci-o degradando o trabalho duro da minha mãe e menosprezando a existência da minha irmã. Porque foi assim que consegui sua aprovação.

E foda-se se eu não estivesse em constante necessidade disso.

De muitas maneiras, eu me tornei um valentão tão grande quanto um sádico algoz.

Mas, ao contrário dele, eu não conhecia nada melhor. Nunca tinha vivido fora da nossa floresta. Nunca vi ninguém a não ser minha avó e mais tarde, quando ele estava morrendo, as pessoas da igreja que fui ensinado a desprezar porque não eram verdadeiros crentes.

Eu estava totalmente empregado na fúria de seu estilo de vida escolhido. E fui bom nisso. Prosperei no trabalho.

Pode ter havido muitos anos entre este eu e aquele, mas estava convencido de que poderia aprender a prosperar nele de novo. Eu poderia me exaurir. Poderia viver da terra. Poderia suar no verão e congelar no inverno. Poderia esquecer que existia outra vida. Uma vida com um apartamento quente quando estava dez graus abaixo de zero, ou um carro com ar condicionado quando estava quente o suficiente para fritar um ovo na calçada do lado de fora. Uma vida com uísque e

livros, papelada e obrigações sociais. Uma vida com um desfile interminável de pernas para ficar entre elas.

Uma vida com Darcy Monroe.

Fui até minha cama velha, me sentei e tirei meus sapatos. Sapatos eram para o inverno, quando o chão podia comer os seus pés. Minhas solas sangrariam e machucariam, então elas endureceriam. Tirei meu cinto, que era pouco mais que fachada, completamente inútil. Eu me sentei lá por um longo momento, minha cabeça descansando em minhas mãos, tentando lutar contra o desejo de correr. Ir para outro lugar. Em qualquer outro lugar. Mas não havia lugar onde eu pudesse me esconder, onde a memória dela não me alcançaria. E sua traição.

Eu estava melhor.

Ela iria desaparecer. Como todas as memórias desaparecem. Ela começaria a borrar aos poucos. Eu esqueceria o som de sua voz, como ela disse meu nome no momento de prazer quando gozou, como ela riu. Eu perderia a sensação de suas mãos na minha pele. Não imaginaria como sua boceta se encaixava em mim, apertando quando gozava. Eu pararia de fantasiar sobre ela. Pararia de me importar com ela.

Porque ela não precisava de mim. Ela não queria que eu estivesse lá. Ela queria acreditar que eu era escória. Que usei e abusei dela. Que a vitimizei. Então ela poderia ter isso. Ela poderia se apegar a isso. Ela poderia usar isso como uma razão para manter os outros homens longe.

Assim como eu a usaria para manter tudo longe também.

Suspirei, me levantando da cama e voltando para a sala de estar, abrindo as janelas para deixar o ar estagnado sair, pegando um balde para ir ao riacho conseguir água para limpar a casa.

Quando me ajoelhei ao lado da água corrente, minha perna pressionou contra uma pedra, a imagem dela no lago apareceu em minha cabeça. Gloriosamente nua. Bonita. Feliz. Então, ela estava de joelhos me levando em sua boca...

Tempo, xinguei balançando a cabeça para mim mesmo, ia levar algum tempo.

Vinte

Ok. Gostaria de dizer que guardei minha raiva. Que me joguei nisso. Que usei para poder seguir em frente. Mas a verdade era que no segundo em que subi na cama e fechei a cortina, o pesar caiu no vazio.

Fiquei lá olhando para a parede tentando me convencer a ficar puta. Repreender o caráter dele em linguagem nova e inventiva.

Mas, no final, tudo o que senti foi pesar.

— Você fodeu com ele, né? — Jay perguntou, fazendo-me pular e virar, afastando algumas lágrimas perdidas.

— Sim, — admiti, respirando fundo.

— Sei que isso é irônico vindo de mim, — disse ele, sorrindo, — mas você pode apenas escolher um parceiro sexual decente?

— Ei, — eu disse, sufocando uma risada estranha, — você é o único que me disse para transar.

— Sim, algum fã esquisito de cabelo comprido sujo, nenhum de nós. Quero dizer... ninguém próximo? Mike? Joey?

— Cala a boca, seu idiota, — eu ri, balançando a cabeça.

— Então você realmente acha que foi ele?

— O material estava em seu beliche. E quero dizer... os bilhetes não começaram até que ele se juntou a nós, sabe? — Respirei fundo. — Além disso, sei algumas coisas sobre o passado dele e... ele está meio machucado. Faz sentido.

— Talvez.

— O quê? Você não acha que foi ele?

Ele olhou para baixo, encolhendo os ombros. — Não sei, Darce. Só acho estranho que nunca tenhamos suspeitado dele. Ele parecia tão assustado quando você leu aquela carta de fã.

Isso era verdade. Lembrei do seu olhar de horror, sua preocupação de que estávamos sendo ameaçados. Mas poderia facilmente ter sido uma encenação. Ele poderia ser um grande mentiroso. Ele poderia ter planejado isso por meses. — Eu não sei. Quero dizer... não com certeza. Mas o tempo dirá, acho, certo? Se os bilhetes pararem, então foi ele.

— E então você vai para casa para morar ao lado dele, — Jay me lembrou.

— Oh, — eu disse, fechando os olhos. — Merda.

— Sim. Não queria te atormentar, mas achei que você poderia querer começar a considerar isso. — Ele fez uma pausa, olhando para mim. — Ei.

— Sim?

— Você está bem, menina linda? Você parece chateada.

— Chateada? Porque um cara de quem eu estava começando a gostar estava abrigando o desejo de me incendiar? De modo nenhum.

— Que estava começando a gostar? — Ele perguntou, balançando a cabeça. — Porra.

— Nem todos de nós têm a sua mentalidade de pegador lendário.

— Quer beber por isso?

— Às onze da manhã? — Perguntei, revirando os olhos.

— Ei, somos estrelas do rock. Devemos abusar do álcool a qualquer hora do dia. — Ele se inclinou um pouco no meu beliche. — Vamos lá, um pouco de Johnny e você estará mostrando seus peitos e esquecendo tudo sobre ele.

— Tentador, — eu disse secamente, mas sorri para ele. Ele sempre tentou. À sua maneira. E sua maneira nunca seriam sessões de soluços com potes de sorvete. Seria bebida e depravação. E tudo bem. Era ele. No final das contas, eu aceitaria sua oferta. Mas não estava nesse momento ainda. — Talvez mais tarde.

— Tudo bem, — disse ele, abaixando-se e voltando com Poe. — Aqui, vou te deixar um ombro amigo. Ele pode não ser tão atraente

quanto o último, mas acho que suas patas não conseguem usar um isqueiro. Então, você vai estar segura.

— Obrigada Jay, — eu disse, esmagando o gatinho no meu peito e rolando de lado, de frente para a parede.

Eu superaria isso. Encontraria uma maneira de lidar com tudo isso. Algum dia.

***

Acabei seguindo o conselho de Jay e me soltando. Eu me joguei em meus shows. Acrescentei sessões extras de bastidores com os fãs. Eu me juntei a suas festas depois. Bebi demais. Sentei no colo de um estranho. Flertei. Posso até ter conhecido algumas pessoas.

Não ficou mais fácil. Isso era uma mentira que os livros de autoajuda lhe dizem: que as lembranças desaparecem, que os sentimentos se suavizam, que você se magoa menos. Era um esquema enorme. Porque não ficou mais fácil. Apenas me senti melhor em lidar com isso quando me senti bem o suficiente, negando quando não me sentia tão bem, e me enterrando em trabalho ou álcool quando estava ameaçando me sufocar, me arrastar para suas profundezas e nunca me deixar ir.

Fiquei muito boa em mentir para mim mesma. E para todos ao meu redor.

— Darce, — gritou Jay, em voz alta, como se ele já tivesse me chamado algumas vezes e eu não tivesse respondido.

— O quê? — Perguntei, batendo a caneta nos meus lábios, puxando um dos meus fones de ouvido para fora.

— Você está escrevendo por umas dez horas seguidas. Dá um tempo.

— Estou com problema com este refrão, — eu disse, batendo a caneta no papel. Estava me forçando demais. Sabia que esse era o problema. Não deveria ser uma luta. Se fosse, provavelmente não seria bom. Mas eu precisava me concentrar em algo, e quando você está presa em um ônibus em movimento por oitenta e poucos por cento do

seu tempo, não havia muito o que fazer. Eu lia, escrevia, jogava baralho com os meninos. Mas depois de um tempo, isso ficou cansativo.

— Aqui, — disse Jay, vindo em minha direção, um livro em suas mãos. — Encontrei isso preso atrás do banco. — Peguei, olhando para a capa. *Far From The Madding Crowd.* — Imaginei que fosse seu.

— Não, — eu disse, balançando a cabeça e abrindo a página marcada, encontrando uma citação sublinhada em caneta azul.

O *amor é uma força possível em uma fraqueza real.*

— Tenho certeza que não é de Mike ou Joey, — ele riu, segurando nas costas da minha cadeira quando Burt fez uma curva.

— É de Isaiah, — retruquei.

— Bem merda. Agora me sinto um idiota — disse ele, sacudindo a cabeça. — Nos íamos esperar para te contar, mas já que eu meio que arruinei o seu dia, vou te contar agora.

— O quê? — Perguntei, me virando no meu lugar.

— Quando você foi para a cama na noite passada, a gente estava tentando descobrir como animá-la...

— Não preciso me animar, — respondi, puxando meus ombros para cima. Não queria que as pessoas se sentissem mal por mim. Merdas acontecem. Não precisava que ninguém sentisse pena. Ou simpatia. Precisava de coisas para voltar ao normal. Não precisava ser tratada com luvas de pelica.

— A gente planejou um pequeno passeio, — ele começou, fazendo uma pausa para efeito dramático, — para o Allen Lunatic Asylum.

Eu me virei rapidamente no meu lugar. — O quê? Nunca ouvi falar disso.

— A gente não passa muito tempo por estes lados, — disse ele, encolhendo os ombros. — Você estava fadada a perder um. Este tem uma história sórdida e horrível para acompanhar suas paredes em ruínas. E ainda por cima, temos que arrombar.

Senti o sorriso se espalhando, genuíno e o primeiro em dias. — Vocês são os melhores. Quando chegamos lá?

— Amanhã à tarde — disse ele, encolhendo os ombros. — É bom ver você sorrir de novo, menina bonita, — disse ele, tocando minha bochecha e indo embora.

Bem, pelo menos seria uma distração.

***

O Allen Lunatic Asylum era um edifício de tijolos vermelhos enorme que se gabava de trezentos e cinquenta quartos dos pacientes, um centro de hidroterapia, quartos de eletroterapia e camas que pareciam gaiolas. Era como uma história de terror da vida real, ser submergido na água com o seu corpo lubrificado para que você não ficasse enrugado por horas, mantido assim ou levando choque até a submissão, ou empurrado para dentro do que era essencialmente um berço com uma tampa trancada quando você se comportava mal.

— Este lugar me dá arrepios, — disse Joey, recuando para trás de mim.

— Eu sei, — eu disse, sorrindo para ele. — Não é ótimo?

— Tenho certeza de que não foi o que ele quis dizer, Darce, — disse Jay, batendo no ombro quando ele passou. — Nem todo mundo gosta de ser assustada como você. Você é doente.

— Oh, pare de ser tão maricas. Isto é incrível, — eu disse, abrindo a porta de trás com a mão enluvada.

O interior estava em uma forma surpreendentemente boa. A tinta estava descascando e havia sujeira e folhas dentro, e o som distinto de ratos correndo atrás das paredes. Mas, no geral, era estruturalmente seguro.

— Então, para onde? — Jay disse, parecendo completamente desinteressado. Atrás dele, Joey parecia assustado, Mike olhou em volta casualmente e Todd parecia um pouco interessado.

Senti uma pontada aguda, lembrando-me de compartilhar os fatos sobre os manicômios com Isaiah, como ele ouvia atentamente. Como ele estava interessado.

Balancei a cabeça. — Quero encontrar a sala de higienização. Oh meu deus, — eu disse, agarrando o braço de Jay. — Como seria incrível uma capa para um álbum assim? Todos nós três em antigas banheiras de hidroterapia de um hospício?

Ele olhou para mim, assentindo. — Isso soa muito doce, na verdade.

— Todd? — Perguntei, olhando por cima do ombro.

— Claro, — ele disse, encolhendo os ombros, — acho que não vi isso antes.

— Exatamente, — concordei, mergulhando no primeiro quarto na frente da recepção.

— O que é isso? — Joey perguntou do corredor.

— Uma sala de exames, — dei de ombros. Mas não havia mais nada. Nenhum equipamento, nada pessoal Apenas mesas e cadeiras e armários.

— Ei, aqui, — Mike chamou do corredor, em pé em uma porta para outro quarto.

Eu o segui para dentro, pulando para cima e para baixo. — Sim! — Porque ele tinha encontrado a sala de hidroterapia e estava completa com três, sim três, velhas banheiras com tubos de metal saindo da frente e o tecido branco cobrindo metade afundando no espaço vazio.

— Não estou entendendo isso, — disse Jay, tocando a borda do tecido. — Acho que esse buraco deveria ser para nossas cabeças?

— Sim, — eu disse, passando por cima e desamarrando o material, e seus braços podem escorregar para fora dos lados, porque eles colocariam sua bandeja de comida bem em cima dessa cobertura.

— Eca, — disse Jay, observando-me entrar, empurrando minha cabeça através do velho buraco. — Darce isso é...

— Qual é o grande problema? Está um pouco sujo. Tome um banho quando voltarmos para o ônibus. Veja, — eu disse, acenando com a cabeça para Todd, que estava entrando na banheira mais distante, desamarrando o tecido e deslizando para baixo. Jay fez uma careta, mas foi até a banheira ao meu lado. — Alguém nos amarra.

— Isso é realmente necessário? — Jay perguntou, empurrando a cabeça através do buraco parecendo sentir muito nojo.

— Oh, cala a boca, — falei, vendo Mike rapidamente me amarrar e depois passar para Jay.

— Tudo bem, — disse ele, recuando e retirando seu celular. — Sorria, — ele disse secamente. — Tire várias fotos, — pedi a ele, querendo opções para escolher.

— Ei, Darce, — disse Jay, virando-se para mim com um sorriso malicioso, — isso seria um bom cartão de Natal para seus pais, você não acha?

E então eu ri. Um riso longo, largo e feliz. Tudo bem. Eles me ajudaram.

***

Eu estava com os cotovelos no fundo de um baú abandonado no canto de um dos quartos dos pacientes, cuidadosamente retirando os itens, tentando descobrir algo sobre a pessoa que moravam lá. De acordo com as histórias, nove mil pessoas morreram durante a sua internação no Allen Lunatic Asylum. Muitas vezes, devido à superpopulação e funcionários descuidados, os corpos não eram encontrados até dias depois, já apodrecendo nos cantos ou em suas próprias camas.

— Oh, olhe para isto! — Ouvi Mike dizer alguns quartos abaixo. Ele estava aproveitando mais do pensava. Acho que por fim arrumei outro amigo de caça fantasma. Embora nem sequer tenha chegado perto de encontrar algo que pudesse descrever como assombrado. Apenas assustador. Sombrio. Desolador. Fascinante.

— Ei, a gente tá indo para o próximo andar, — disse Jay, de pé na porta.

— Ok, vou pra lá em um minuto, — falei, olhando para uma velha fotografia em preto-e-branco.

— Tem certeza de que não quer que a gente espere?

— O quê? Com medo de que um fantasma vai me pegar? — Ri, olhando por cima do meu ombro. — Estou bem. Podem ir.

Ouvi seus pés no corredor e voltei para o baú, encontrando um livro devocional. Abri a capa, encontrando uma linda inscrição manuscrita,

May, escolha um para o casamento - Barry

Senti uma pontada de tristeza, sem dúvida exasperada pelo meu recente pisar em ovos na mágoa. Coloquei o livro de volta no baú com cuidado.

Uma mão passou ao meu redor, apertando minha boca com força, depois outra através da minha garganta. Lutei, mas na minha posição ajoelhada, tudo que consegui fazer foi cair sentada. Meu coração estava disparado no meu peito, meu estômago girando, me fazendo pensar que eu realmente iria vomitar. Suguei o ar através do meu nariz, gritando contra sua mão, esperando que o som fosse alto o suficiente para me ouvirem.

— Isso mesmo, — uma voz disse perto do meu ouvido, profunda e sibilante, muito incomum para ser o tom normal de alguém diariamente, — grite. Não posso esperar para te deixar sozinha um dia e te fazer gritar até você perder a porra da sua voz. E então vou pegar isso, — ele rosnou, mudando e senti seu pau duro pressionar em minha bunda, — e te foder enquanto você não pode fazer nada além de ficar lá e levar isso. Logo, — ele disse, pressionando com força contra a minha garganta. Demasiadamente forte. Eu estava sentindo o zumbido, o formigamento dos meus lábios e bochechas. Ele estava cortando completamente meu suprimento de ar. — Você será minha, sua puta. Mas ainda não, — eu o ouvi dizer quando caí na inconsciência.

Acordei sozinha, aterrorizada, no chão ao lado do baú. Segundos. Eu sabia que esse era o tempo máximo. Você não fica desacordado por mais de meio minuto por ser sufocado. Foram apenas alguns segundos. Levei minha mão para a minha garganta, a pele dolorida sob a minha mão, machucada. Dentro, minha garganta parecia estar em chamas. Mas respirei longa e profundamente, não me importando com a dor e gritei. — Jay!

Ele veio voando para a sala alguns minutos depois, seu rosto uma máscara de horror absoluto, jogando-se no chão na minha frente. — O quê? O que aconteceu? Darcy? — Ele agarrou meu rosto, me sacudindo uma vez, me fazendo perceber que eu ainda estava gritando.

— Alguém me agarrou, — eu disse, minha garganta parecia come se eu tivesse engolido vidro, — por trás com a mão sobre a minha boca e minha garganta, — falei, afastando minha mão da minha garganta e mostrando-lhe a pele roxa.

— Jesus, — disse ele, virando-se e dando aos caras um olhar que eles imediatamente entenderam: espalhar, encontrá-lo, ele não pode estar longe. — Ele fez alguma coisa? — Ele perguntou, acariciando minha bochecha.

Balancei a cabeça. — Não, mas ele queria. Ele disse que não podia esperar para me pegar sozinha e me estuprar. Ele foi duro, — eu disse, sentindo bile na minha garganta. — E então ele simplesmente... me sufocou. Acordei e comecei a gritar.

Seus braços se espalharam, passando por mim e me puxando para o seu colo. — Me desculpe por ter deixado você, — ele murmurou, beijando minha têmpora.

— Você não sabia. Você não poderia saber.

Ele me segurou por um longo tempo, nós dois esperando. Esperando ouvir algo. Gritos. Briga. Alguma coisa. Qualquer coisa. Mas tudo o que houve foi o silêncio. — Você reconheceu a voz dele? Ou viu alguma coisa nele? Tatuagens, qualquer coisa?

— Não, — eu disse, virando a cabeça em sua camisa. — Ele estava falando com uma voz estranha. Mas seus braços eram apenas cor de pele. Luz. Ele era meio pálido. Seu pau parecia pequeno. É isso aí. Foi tão rápido.

— Pau pequeno, hein? — Jay perguntou, rindo um pouco. — Bem, agora a gente tem certeza de uma coisa.

— O quê? — Perguntei, ouvindo os passos dos caras voltarem, lentos, derrotados.

— Não é Isaiah.

Ele estava certo. Quero dizer, foi tudo rápido. E não reconheci a voz. Mas o senti. Suas mãos, a pressão de seu peito, seus quadris, sua ereção. Nada disso era Isaiah. Isaiah era mais sólido, suas mãos mais fortes e com cicatrizes. Eu teria sentido aquela cruz pressionada na minha pele. Isaiah era mais alto. E o pau dele era maior. Eu senti antes para poder comparar.

Não era Isaiah. Oh Deus.

— Isso é uma coisa boa, né? — Jay perguntou no meu silêncio.

— Claro, — eu disse baixinho, — só que ele nunca vai me perdoar agora.

— Você nunca sabe.

Mas eu sabia. Sabia. Sabia com certeza que isso fazia minha alma doer. Ele nunca me perdoaria. Porque tudo o que fiz foi reforçar sua crença de que as mulheres não eram confiáveis. Que éramos fracas e emotivas. Que tudo pra que servíamos era de pernas abertas e bocas abertas. Porque quando você tentava ter mais do que isso, a gente fodia com você.

— Não há ninguém aqui, — disse Mark, balançando a cabeça, parecendo desapontado. Como se ele estivesse ansioso por uma briga. Ele provavelmente estava. — Você está bem? Ele te machucou.

— A garganta dela está dolorida, — disse Jay, ficando de pé, me segurando em seu peito como um bebê, — mas ela está bem. Vamos dar o fora daqui.

Eles me forçaram a ir ao hospital, onde nos encontramos com policiais que não estavam muito felizes com a invasão, mas estavam dispostos a deixar passar em troca de alguns autógrafos. Eles levaram em conta o que aconteceu, preencheram o B.O. e nos disseram que entrariam em contato. Mas eles não iam fazer nada. Porque não havia nada para continuar. Fui aconselhada pelo meu médico a não fazer shows por uma semana e me mandou de volta para o ônibus.

— Ei, Darcy, — Mike chamou assim que todos nós voltamos e nos trocamos, Burt nos observando como um cão preocupado.

— O quê? — Perguntei, caminhando de volta para o banheiro.

Ele saiu do caminho, me mandando um olhar quando ele me viu ver o que ele tinha visto.

Em breve.

Estava rabiscado no espelho do banheiro com meu batom vermelho. — Como diabos alguém entra no ônibus? — Burt perguntou, parecendo confuso.

— Não sei, — eu disse, subindo no meu beliche e puxando a cortina. Porque eu sabia.

Alguém não estava entrando no ônibus. Era alguém no ônibus.

Um desses homens, meus homens, aqueles em quem confiava minha vida, aqueles que sabiam tudo sobre mim, aqueles que eu pensava que conhecia.

Aparentemente, havia uma coisa que eu não sabia. Qual deles queria me machucar.

Vinte e Um

Foi o mais solitário que já me senti. Nem mesmo crescer na casa dos meus pais, ser tratada como um móvel a maior parte do tempo, e mesmo se eu desfilasse com um pônei premiado, não me fez sentir tão solitária comparado à maneira como me senti nos dias após a viagem ao manicômio.

Fui para o meu beliche e deixada sozinha, Jay insistiu que eu precisava de um tempo sozinha para pensar sobre as coisas.

E ele não estava errado. Eu precisava pensar. Precisava pensar em todos os dias que passei com aqueles homens. Precisava me lembrar de tudo que eles disseram. Toda vez que eles brincavam sobre mulheres. Quando eles falaram sobre eles. Quando eles falaram sobre violência. Quando eles mencionaram estupro. Falaram com horror? Nojo? Foi com uma curiosidade mórbida? Foi com luxúria? Algum deles alguma vez me depreciou? Claro, eles me provocavam sem parar, mas alguém já cruzou uma linha?

Algum deles me olhou com desejo? Admito, isso foi difícil para mim. Eu não era tímida. Fiquei completamente nua em torno deles muitas vezes. Se eles olhassem para o meu corpo e sentissem desejo, era algo normal, natural. Mesmo se tivéssemos um vínculo tão forte e quase familiar. Nós não éramos uma família de sangue. Seus paus não diferenciavam isso. Eles veem peitos, bunda e boceta e eles queriam tocar, bater e deslizar para dentro.

Mas alguém já me olhou por muito tempo? Olhou para mim da mesma maneira quando eu estava vestida? Como se ainda pudesse me ver nua? Alguém chegou perto demais? Me tocou de forma inadequada?

Além de Jay e Todd. Jay e Todd foram os únicos automaticamente eliminados da lista. Jay, que gostava de mim mais do que qualquer outra coisa em sua vida, que poderia ter me fodido quando éramos mais novos, mas não quis. E Todd, doce e inocente Todd.

Então isso deixou os garotos: Mike e Joey. E Burt.

O que me deixou meio doente. Burt que aprendi a ver como pai. Burt, que tinha os olhos na estrada a maior parte do tempo. Mas Burt também não ignorava nosso comportamento. Especialmente o meu. E embora nunca o peguei olhando para mim como os outros caras, ele sempre estava me encarando. Por tudo que eu sabia, ele olhava tudo pelo retrovisor. E ele podia ser ouvido se masturbando no meio da noite, furiosamente acariciando seu pênis, respirando pesadamente, e deixando escapar uma série de xingamentos. Era perfeitamente possível que ele estivesse se masturbando pensando em me tocar. Em me machucar.

Então havia os garotos. Mike e Joey eram mais novos que Burt, mas apenas alguns meses. E tudo sobre eles parecia bobo e divertido. Claro, eles gostavam de foder. Mas todo cara de sangue nas veias na idade deles gostava. E talvez houvesse um pouco de escuridão neles. Mas sempre pareceu leve. Inofensivo. Mas talvez eu estivesse errada. Talvez fossem sociopatas ou psicopatas, talvez fossem bons mentirosos.

Mike uma vez veio atrás de mim quando eu estava de topless, pegando meus seios, passando os polegares pelos mamilos. Mas ele estava completamente bêbado. Bêbado e com tesão e eu estava nua. Eu estava lá. Ele se desculpou por uma semana depois, me prometendo que não era sério. Que ele não pensava em mim desse jeito.

O problema era que, por mais que eu os analisasse, nunca poderia ter certeza.

E mesmo que me sentisse justificada em não confiar neles, me sentia culpada por olhar para eles de forma diferente. Então me escondi. Fiquei no meu beliche. Eu me levantei à noite quando todos estavam dormindo para comer e tomar banho, então voltava para dentro. Eu li. Eu escrevi.

E naquela hora perfeita, entre as cinco e as seis da manhã, quando todos estavam dormindo... chorei.

Chorei tanto que meus olhos incharam, meu rosto ficou vermelho e dolorido. Isso não ajudou. Eu não me senti melhor depois. Muito pelo contrário, o buraco dentro de mim só pareceu aumentar, se espalhando pelo meu peito, fazendo parecer que meu coração estava encolhendo, desaparecendo dentro dele.

Porque eu estava tão completamente de coração partido e sozinha. Tudo o que eu pensava, tinha sumido. O conforto. A

estabilidade. O sentimento de amizade e família. O amor que eu comecei a sentir crescer por Isaiah. Tudo acabou. E nunca mais seria o mesmo novamente. Essa era a verdade fria, dura e terrível.

Nunca me sentiria completamente segura outra vez. Mesmo se eu mais cedo ou mais tarde descobrisse quem estava me atormentando. Mesmo se ele estivesse na prisão. Fora da minha vida. Nunca poderia ser do jeito que era. Eu nunca seria capaz de confiar cegamente em outro membro da minha equipe. Sempre olharia para eles de lado se eles dissessem algo impróprio. Pularia se eles me tocassem. Eu me sentiria desconfortável estando nua perto deles.

Uma parte de mim seria diferente.

Além disso, eu havia falsamente acusado Isaiah. Afastei o único homem com quem já me importei. Ele preencheu um lugar dentro de mim que eu não tinha percebido que estava vazio. Meus sentimentos por ele não acabaram. Mesmo quando eu achava que ele era meu perseguidor, ainda havia sentimentos. Sob a raiva e a traição, tudo o que eu queria era correr atrás dele, atirar-me em seus braços, implorar-lhe que me perdoasse.

Mas isso nunca iria acontecer. Ele nunca me perdoaria.

Eu moraria ao lado dele, ia ouvi-lo foder com outras mulheres todas as noites e desejando que fosse eu. Teria que lutar contra o desejo de ir até lá. Deixar livros que achasse que ele gostaria em sua porta. Andaria nua para tentar despertar seu pau. Eu o deixaria me odiar até que ele percebesse que o que tínhamos era diferente. Especial.

Eu me enrolei no meu beliche, beijando o topo da cabeça de Poe.

Eu precisava parar. Crescer. Porque isso nunca iria acontecer. Eu não ia conseguir um final de conto de fadas. Não era esse tipo de garota. Eu não era uma princesa. E ele com certeza não era um maldito príncipe.

A turnê iria me manter ocupada. Depois nós íamos gravar. E então, assim que eu me sentisse um pouco menos desconfiada dos homens em geral, iria encontrar e foder o máximo que fosse necessário para esquecer como suas mãos eram na minha pele, como seu pau se encaixava dentro de mim, como sua voz dizendo meu nome ainda me fazia sentir um arrepio.

Eu iria seguir em frente.

Eu não era mulher para ficar assustada. Não era mulher para quebrar seu coração em um milhão de pedaços. Eu era a fodida Darcy Monroe. Homens caiam aos meus pés todos os dias. Homens menos danificados. Homens que ficariam felizes em olhar na minha cara quando me fodiam, em vez de me levarem por trás como um animal. Homens que eu não daria a chance de se tornarem importantes o suficiente para que pudessem me machucar.

Recuso-me a ganhar mais cicatrizes de amor, por brincar com suas pontas tão afiadas para me cortar.

Eu não ia mais correr por aí como a porra de um mensageiro, ansiosa para pegar sua bagagem e carregá-la para você.

Foda-se isso. Eu ia lidar com minha própria merda.

Vinte e Dois

Meu corpo lutou comigo a cada passo. Toda vez que eu girava um machado para quebrar lenha. Toda vez eu me agachava atrás de um arbusto com meu arco. Toda vez que eu subia em uma árvore para esperar algo entrar na minha armadilha. A cada momento, uma parte de mim gritava em objeção. Meus bíceps, minhas coxas, minhas costas.

Toda minha memória muscular.

Eu fui para a cama dolorido todas as noites. Por semanas. Eu não tinha certeza há quanto tempo eu tinha voltado. Eu não tenho um calendário. Meu celular morreu no dia seguinte da minha chegada. Eu estava completamente fora de contato com o mundo real. E não teria feito de outra maneira.

O ar soprava uma brisa mais fria e percebi que estava em meados de setembro. O outono estava chegando. E então um inverno gelado. Meu primeiro na cabana em anos. Havia uma parte de mim que estava preocupado com isso. Eu tinha ficado tranquilo. Sempre tendo comida para cozinhar e comer. Sempre tendo calor artificial. Não haveria nada para me fazer passar pelo inverno, só a madeira que eu cortei para a lareira e a comida que eu caçava. Porque eu não estava aqui durante o verão para plantar vegetais como a minha mãe costumavam fazer. Algumas batatas por semana e qualquer carne que eu pudesse colocar minhas mãos.

Não me escapou que esta seria a primeira vez que eu estava sozinho na floresta por um inverno. Sempre havia outra pessoa. Minha mãe e minha irmã até os dezenove anos. E depois meu pai. Alguém para ajudar com a carga de trabalho. Alguém que sabia mais sobre sal e cozimento. Alguém para apenas... conversar. Alguém por perto. Que colocava lenha no fogo quando se levantava à noite para sair e mijar.

Agora era só eu.

Havia galinhas por perto. As descendentes, sem dúvida, das que soltei quando fui embora. Eu estava tentando reuni-las dia e noite. Até agora consegui levar duas de volta para o galinheiro. O que me deu um

total de seis ovos por semana. Mas era algo diferente de coelho e veado e peixe. Então era bem-vindo. Se conseguisse criá-las, eu também poderia ter frango novamente. Provavelmente teria que trazê-los todos para dentro na parte mais fria do inverno ou a produção de ovos diminuiria ou pararia completamente. Eu estava bastante limitado na minha variedade. Não queria perder uma fonte de nutrição.

Coloquei um pedaço de madeira de uma árvore que eu havia derrubado no dia anterior em um toco, balançando o machado e acertando bem no centro.

— Eu posso dividir uma porra de uma tora melhor do que isso, — disse uma voz atrás de mim, fazendo minha coluna endireitar-se. Eu me virei lentamente, um pequeno sorriso brincando em meus lábios, sem perceber o quanto eu queria vê-la. Quanto tempo tinha passado.

— Fiona, — eu disse, olhando para minha irmã. Fee era alta e comprida, magra, mas cheio de curvas, com longos cabelos loiros ondulados e grandes olhos verdes. Desde que se casou com o marido, tatuagens começaram a se infiltrar em seu corpo, cobrindo as antigas cicatrizes de nosso pai a princípio, depois abrindo caminho pelos braços, exibindo os nomes de suas filhas, o brasão de sua nova família.

Fee era uma força da natureza. Não havia outra maneira de descrevê-la. Ela tinha fugido tão jovem, tão incrivelmente inexperiente, e tinha vivido em uma caixa por anos antes de iniciar seu negócio de telessexo e arranjar um apartamento cheio de roupas e móveis caros. Ela construiu uma vida para si mesma, isolando-se de tudo que estava do lado de fora. Pretensiosa e ferida, mas ferida dolorosamente por dentro, cortando sua pele e bebendo a noite toda, porque se ela estivesse sozinha em casa, as memórias tomariam conta de sua cabeça. Mesmo quando ela fugiu, nosso pai conseguiu torturá-la através de seus próprios pensamentos, medos e inseguranças.

Ela era uma boca suja e feroz. Uma mãe protetora. Uma esposa leal. Uma empresária implacável. Ela amaldiçoou meu pai nas profundezas do inferno em seu leito de morte e nunca olhou para trás.

Eu a invejei.

Porque quando finalmente consegui fugir, não consegui sequer nem um terço do que ela tinha. Não consegui me conectar. Não consegui superar a dor. Não poderia me tornar uma pessoa bem ajustada.

— Você está bem, — eu disse, assentindo.

— É isso? — Ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito. — Sério?

— Bem, eu convidaria você para chá e biscoitos. Mas não tenho chá nem açúcar nem farinha.

— Bonito, — disse ela, secamente.

— O que você está fazendo aqui, Fee?

— Que porra você está fazendo aqui, Isaiah? — Ela perguntou, com o rosto franzido.

— Eu moro aqui agora.

— O caralho que mora. Você tem alguma ideia de quantas vezes tentei entrar em contato com você? Sabia que recebi uma ligação da sua empresa dizendo que eles não tinham ouvido falar de você em porra de meses?

Fechei meus olhos ligeiramente. — Sim, isso foi um descuido.

— Um descuido? Você pega e volta a esse maldito inferno e não diz a ninguém que se importa com você qual é o seu plano, e você chama isso de descuido?

— Não estou aqui há meses, — corrigi. — Eu estava... em turnê.

— O que, você se juntou a uma porra de circo? — Ela riu.

— Não. Eu estava trabalhando como equipe de palco para Darcy.

— Darcy.... — ela perguntou, olhando para mim como se estivesse esperando por mim para rir, então quando eu não ri, suas sobrancelhas se uniram. — A banda de metal?

— Sim.

Ela levou as mãos ao rosto, esfregando-as nos olhos antes de olhar para mim novamente. — Vamos tentar de novo... e você pare de me fazer tirar a informação de você?

Respirei fundo, empurrando a lâmina do machado/tronco para o chão me sentando no grande tronco de árvore. — A vocalista era minha vizinha quando me mudei para a cidade.

— Darcy Monroe era sua vizinha?

— E eu não sei... eu queria...

— Foder ela, — Fee me interrompeu.

— Sim, — eu ri, assentindo. Fee era boa nisso. Cortando as besteiras e dizendo como é.

— Então você conseguiu um emprego em sua turnê para que você pudesse ficar embaixo de suas paredes...e da roupa dela.

— Algo parecido com isso.

— E você conseguiu? Ela é sexy pra caralho. Inferno, quero saber sobre ela.

— Sim, — eu disse, assentindo, sentindo uma pontada afiada em algum lugar do meu interior. Eu tinha ficado tão bem em não pensar nela. Bem, isso não era exatamente verdade. Fiquei bom em afastar os pensamentos quando eles apareciam. Que foi cada maldito minuto.

— Ela era boa? — Respirei longa e instavelmente. — Uau, isso quer dizer que sim? — Ela perguntou, sorrindo, recostando-se contra uma árvore, apoiando o pé na casca.

— Sim, — admiti honestamente, — ela é ótima.

Ela era a melhor. Não tinha comparação. Não importava que eu tivesse outras mulheres que me deixassem enfiar um pau de borracha em cima de suas bocetas enquanto eu fodesse sua bunda, ou quisesse que eu batesse em suas bundas com um remo enquanto elas me chupassem, ou enroscasse uma sala cheia de mulheres que se revezaram me montando, me chupando. Elas não importavam. Elas nem chegavam perto.

Darcy era a melhor. Estar dentro dela era como uma oração. Era uma adoração. Foi o mais próximo de Deus que eu já tinha ficado.

— E daí? — Fiona perguntou no meu silêncio. — Isso era um tipo de desafio? Como todas as suas outras conquistas? Porque, tenho que dizer, nunca vi você se esforçar tanto para foder uma garota.

— Ela valeu a pena.

A boca de Fee abriu ligeiramente, algo entre choque e um sorriso em volta dos lábios. — Oh, seu bastardo. Você finalmente encontrou uma mulher que queria fazer mais do que enfiar seu pau, não é?

Eu senti meu ombro encolher. — Ela me fez arrombar e entrar em um manicômio abandonado com ela. Depois eu a comi em uma mesa de exames onde costumavam fazer lobotomias com gelo.

— Bem, isso parece divertido, — disse ela, sorrindo.

— É, foi.

— Então é isso? Foi tudo o que você fez em todas as semanas?

— Não. Quero dizer. Nós vivíamos no mesmo espaço. Eu dormia bem debaixo do beliche dela. Nós estávamos sempre em volta um do outro.

— Você a ama, — ela disse decidida. — Seu idiota. Você a ama, então você foge, porra?

— Na verdade eu fui rejeitado.

— O que você fez?

— O que diabos há com vocês mulheres? Por que diabos é sempre culpa do cara?

— Ei, alto lá, — disse Fee, estendendo a mão para mim, com a palma para fora. — É melhor você ter uma porra de um reino nessa merda. Papai deixou alguma coisa aqui ou algo assim? — ela perguntou, olhando em volta sem esconder o desgosto. — Você volta para a floresta por algumas semanas e de repente você é um misógino?

— Talvez eu sempre tenha sido um.

— Talvez você estivesse muito ocupado se afogando em sua própria miséria e culpa e se arrependeu de realmente saber quem realmente é.

— O que você sabe sobre...

— Sei que você gasta cerca de quinze mil por ano em terapia. Você já chegou a algum lugar com isso? Ou apenas se cala e dá respostas vagas? Você já tentou... Isaiah? As coisas não vêm facilmente...

— Elas vieram para você.

— Mesmo? Fácil? Você acha que qualquer coisa que passei foi fácil para mim? Isaiah, eu costumava cortar tanto a minha pele que desmaiei e acordei em uma poça de meu próprio sangue. Eu não podia ficar sozinha em casa. Não podia deixar mais ninguém entrar na minha casa ou na minha vida. Eu estava longe do nosso pai e do abuso dele, mas o sofrimento não acabava.

— Você tem Hunter.

— Sim, mas só porque ele foi o primeiro cara que viu aquelas cicatrizes e não correu gritando. Ele não se afastou quando tentou me segurar e eu o atormentei. Ele apenas... me aceitou. E foi a primeira pessoa a fazer isso. Demorou cinco anos de quando me afastei do pai até quando conheci o Hunter. Eu vivia constantemente com a ameaça da avó contar ao nosso pai onde eu estava se não fizesse o que ela queria. Estava completamente sozinha no mundo, e confie em mim, não tinha um dia fodido naquele tempo que era fácil, Isaiah.

— Talvez haja algo de errado comigo, — eu disse, levantando-me e caminhando em direção à casa.

— Há algo errado com todo mundo, — disse ela, apoiando-se no batente da porta, mas sem entrar. — É a bíblia do papai? — perguntou ela, apontando para a mesa da sala de jantar.

— Sim, — eu disse, indo até um balde que eu tinha trazido mais cedo e esfregando meu rosto e mãos nele.

— Pensei que você não acreditasse mais nisso.

— Você faz parecer uma coisa ruim.

— Não é uma coisa ruim, — ela disse, entrando, me surpreendendo. Nunca pensei que ela iria cruzar o limite dessa porta novamente. Ela caminhou até a mesa, abrindo a capa da velha bíblia gasta. — Eu só... estou preocupada que você comece a interpretá-la da maneira como o nosso pai te ensinou, em vez fazer como você deveria.

— Como?

— De uma maneira menos literal. Foi escrito há muitos anos, Isaiah. As coisas mudaram.

— Talvez não devessem, — eu disse, mas sabia que não queria dizer isso. E ela também. Realmente não havia volta quando você via o mundo do jeito que deveria: sem preconceito, sem julgamento.

— Sei que você não quer dizer isso, — disse ela, fechando o livro e olhando ao redor da sala de estar. — O que aconteceu, Isaiah?

Talvez fosse porque ela estava lá, porque ela estava lá para mim depois de jurar que nunca mais pisaria na propriedade. Ou talvez fosse por causa do quanto ela me ajudou no passado e senti que lhe devia uma explicação. Ou talvez fosse apenas porque ela era alguém com quem conversar depois de ficar sozinho por tanto tempo.

— Ela estava recebendo bilhetes ameaçadores. Dizendo que ele queria estuprá-la e espancá-la e colocar no fogo. Eles eram... sujos.

— Isso é doente.

— Sim, e então um dia, ela encontrou dois bilhetes no meu beliche e ela...

— Ela pensou que foi você. Escrevendo os bilhetes enquanto você mantinha um relacionamento sexual com ela.

— Sim.

— Então ela te expulsou da turnê, — ela adivinhou e eu assenti. — Isaiah, sei que você tem problemas de confiança com o sexo *melhor*, — aos meus olhos baixos, ela riu, — bem... o sexo *mais justo*. Mas você tem que ver essa situação do lado dela. A prova parecia condenável. E ela esteve com você. Ela se sentiu violada e vulnerável.

— Eu entendo isso. — Eu entendia. Entendi a reação dela. O que foi provavelmente a pior parte de tudo isso.

— Então, por que você voltou pra cá?

— Que diabos eu deveria ter feito?

— Deveria ter continuado sua vida. Leitura. Comendo uma refeição equilibrada. Desfrutando do ar condicionado e calor. Esperando que ela voltasse para que você pudesse explicar.

— Você realmente acha que ela me daria uma chance? Inferno, ela provavelmente já mandou alguém tirá-la do apartamento.

— Talvez, — ela concordou. — Mas seria uma reação mais saudável lidar com a situação do que fugir da sociedade civilizada para evitá-la.

— Estou farto, Fee. Parece que tudo o que fiz foi tentar me ambientar apenas para me sentir constantemente deslocado de tudo.

— Você se sentiu deslocado com Darcy?

O som do nome dela me fez estremecer. Respirei fundo e me afastei dela. — Não. — Era verdade. Eu nunca me senti deslocado com ela. Mesmo quando não estava perto dela, eu a sentia. Ela estava em todo lugar. Ela estava dentro de mim.

— Sabe, — disse Fee, suas sobrancelhas se unindo como se ela estivesse tentando se lembrar de algo. — Acho que li algo sobre Darcy há algum tempo.

— Tem coisas escritas sobre ela o tempo todo.

— Não, isso foi diferente. Era uma reportagem...

— Fee, eu não...

— Oh, isso mesmo. Isaiah — disse ela, parecendo séria — ela foi atacada.

Minhas entranhas pareciam que caíram para os meus pés quando girei em direção a ela, cada músculo tenso. — Que porra você quer dizer que foi atacada? O que aconteceu? Ela está bem?

— Espere, estou tentando pensar. Eu não tinha exatamente nenhum motivo para prestar atenção na história. Talvez se *alguém* fosse mais comunicativo sobre suas conquistas...

— Fiona, por favor. — Eu precisava saber que ela estava bem. Isso era tudo o que importava. Se soubesse que ela estava bem, eu poderia voltar para minha pequena vida.

— Sim, — ela disse, assentindo. — Sim, ela estava bem. Sei porque falava que ela se recusou a cancelar seu próximo show apesar de ter a... laringe machucada.

— Alguém a esganou? — Perguntei, meu coração batendo forte no meu peito. Eu deveria estar lá para ela. Se eu estivesse lá... isso não teria acontecido. Eu não deixaria ninguém a machucar.

— Sim. Aparentemente, ela e sua banda estavam em algum lugar abandonado...

— Manicômio, — completei, percebendo que eles provavelmente tinham feito um passeio para tentar levantar o ânimo dela. Porque nenhum deles gostava desse tipo de coisa.

— Sim, isso mesmo. Ela estava olhando para alguma coisa e os outros caras foram para outro andar e depois o baixista...

— Jay, — completei novamente.

— Sim, tanto faz. Ele a ouviu gritando. Quando ele chegou até ela, ela disse que alguém a havia sufocado e ameaçado. Eles a levaram para o hospital e preencheram um relatório policial. Mas ninguém sabe quem foi.

Passei a mão pelo meu rosto, tentando empurrar a onda de emoções para longe. Tentando não deixar as informações me incomodarem. Mas, porra, fiquei incomodado. — Cristo.

— Bem, não é de todo ruim.

— Como ser atacado poderia ser uma coisa boa?

Um sorriso lento e astuto se espalhou por seu rosto, fazendo-a parecer feliz... e má. — Agora ela sabe que não era você, né?

Vinte e Três

Nós tínhamos levado o ônibus para uma concessionária para que as fechaduras fossem trocadas por minha insistência. Três de nós tinham chaves: eu, Jay e Burt. O último porque não havia realmente nenhuma maneira de deixá-lo sem uma chave quando era ele quem cuidava do veículo e o dirigia.

Mas tudo parou. Não houve mais bilhetes. Nem mais rabiscos nos espelhos. Não houve mais nada.

As coisas se assentaram. Todo mundo parou de ficar tão nervoso. Parei de olhar atravessado para todos. Parei de me preocupar com todas as nossas interações passadas. Porque se mudar as fechaduras mudou as coisas, então não era um deles afinal. Não teria sido difícil para algum louco decidido colocar as mãos em uma das chaves antes. Nós nem sempre fomos cuidadosos. Qualquer um poderia tirá-las de uma mesa, apertá-las em um molde e depois fazer uma cópia. Era simples assim.

***

O Arizona era um dos meus estados favoritos para visitar. Havia as formações rochosas de tirar o fôlego, visíveis até nas estradas baixas, a terra vermelha, os cactos, as cores surpreendentes do pôr-do-sol. Nosso show seria ao lado de uma gigantesca formação de ondas cor de areia, o palco combinando, deixando uma enorme área para um espaço potencialmente ilimitado. E, pelo que ouvi, iríamos ter uma multidão.

Eu amaldiçoei o calor, prendendo-me em um espartilho preto, deslizando todos os botões na frente das ranhuras, fazendo meus seios pressionarem no fundo e empurrar quase indecentemente no topo. Combinei com uma minissaia roxa escura, porque se eu vestisse

uma saia longa, provavelmente iria morrer de insolação debaixo as luzes.

— Tá gata, — disse Jay, acenando para mim enquanto amarrava minhas botas.

— Do que você está falando? Eu uso espartilhos o tempo todo.

— Faz tempo que não usa. Cara, você anda usando jeans e tops.

Olhei para cima, percebendo que ele estava certo. Eu estava relaxando. Mais do que relaxar, eu não tinha realmente dado a mínima. Acho que esqueci de me maquiar para um show. É incrível o que um pouco de estresse pode fazer com você. Mesmo para uma workaholic com um olho para detalhes.

— Bem, como é aquela frase? — Perguntei, ficando de pé. — A cadela está de volta.

— Bom, senti falta dela. Triste, assustada e paranoica, Darcy era muito chata. — Eu ri, envolvendo meu braço em volta de sua cintura e conduzindo-o para os degraus.

— Sinto muito que meu breve período de doente mental foi tão desconfortável para você. Foi um verdadeiro tormento para mim.

Ele virou a cabeça, beijando minha têmpora. — Bem, isso foi uma coisa boa.

— Como assim? — Perguntei, andando em direção à parte de trás do local, observando Joey e Mike correndo para arrumar as coisas. Eles se acostumaram a ter ajuda extra. Estavam se esforçando para fazer as coisas a tempo. Mas eles se ajustariam. A qualquer hora.

— Essa porra de música, Darcy, — disse ele, se afastando de mim.

— Qual?

— Aquela com o stalker? Essa merda é tão assustadora que tive dificuldade para dormir. O que fez você escrever da perspectiva do perseguidor e não da vítima?

— Não sei. Acho que estava tentando entender ou algo assim. Ou talvez também parecesse... pessoal escrever da minha perspectiva.

— Bem, isso é foda! Tem que ser a música que encabeça o novo álbum.

— Sim, — eu disse, acenando para suas costas enquanto ele entrava em uma das salas dos fundos. As coisas estavam dando certo. Entrando nos eixos. Às vezes parecia mais fácil pensar que nunca melhoraria. Que estaríamos presos na tensão e nos preocuparíamos para sempre.

— Você está pronta? — Todd perguntou, subindo, girando as baquetas ansiosamente. Ele sempre foi uma bola de energia antes de um show. O que provavelmente era uma coisa boa porque o seu trabalho, mais do que o nosso, era provavelmente o mais exigente.

— Sim, — eu sorri, batendo seu ombro com o meu.

— Você está de volta, — ele observou, acenando para mim.

— Estou de volta, — concordei, sentindo uma onda do poder que eu costumava sentir quando estava prestes a entrar no palco.

***

Foi bom estar de volta. A multidão parecia gritar mais alto, seu ruído afundou na minha pele, reverberando através dos meus órgãos, abastecendo meu sangue. Alcancei a nota alta que estava sentindo falta toda a turnê, sorrindo para Jay por um breve segundo, antes de me jogar de costas na multidão enquanto Todd fazia seu solo.

As mãos me deslizaram para fora, sacudindo-me de brincadeira para cima e para baixo, me virando e me mandando de volta. Não me apalpando. Nenhuma ameaça. Apenas fãs carregando o artista por alguns minutos.

Fui empurrada de volta ao palco, Jay balançando a cabeça para mim, mas sorrindo. Porque ele também sentiu isso. Nós estávamos de volta. Nós estávamos melhores do que em muito, muito tempo. Saímos do palco depois da nossa última música, esperando nos bastidores, ouvindo a multidão cantar em coro. Não havia dúvida. Nós voltamos. E toquei mais quatro músicas, até que minha garganta ficou seca, e os dedos de Jay estavam dormentes, e os braços de Todd estavam doendo.

— Você estava em chamas, — disse Jay, agarrando-me e girando.

— Acho que esse pode ter sido o nosso melhor show de todos os tempos, — falei, sorrindo para o grupo de fãs sendo segurados nos portões.

— Sem dúvida, — concordei, enxugando o suor no meu pescoço.

— Você está pronta para isso? — Jay perguntou, apontando para o grupo de garotas, com alguns caras selecionados entre elas.

— Sim.

Levei duas horas para me desvencilhar deles, Jay voltou para escolher qual das garotas ia levar de volta para o ônibus. Burt me observou, sorrindo, enquanto eu dançava de volta para o ônibus.

— É bom ver você feliz de novo, — disse ele, destrancando a porta.

— É bom me *sentir* feliz de novo, — concordei, entrando. — Vejo você em alguns minutos, — eu disse, puxando a porta e trancando-a. O ar condicionado bateu na minha pele superaquecida e suada, enviando um arrepio pelo meu corpo.

Talvez as coisas nunca fossem como antes. Talvez eu não fosse tão imprudente. Talvez eu não andasse nua, ou fosse sozinha para manicômios, ou confiasse em tantos estranhos. Mas eu poderia seguir em frente. Ser uma versão nova e melhorada de mim mesmo.

E pode ser que eu não ficasse tão bem com alguém como fiquei com Isaiah, mas isso era normal. Todo mundo tinha seus próprios vazios, aqueles que ninguém mais poderia preencher, aqueles que sempre levariam seu nome. Era inútil buscar isso de novo. Porque nunca seria o mesmo. Mas eu poderia me esforçar para encontrar algo novo. Alguém novo. Poderia me abrir para a possibilidade de um relacionamento, que tinha que admitir, nunca foi algo para o qual dei uma chance. Culpe a turnê. Ou a desconfiança porque passei tanto tempo com outros homens. Culpe meu espírito independente, às vezes abrasivo. Nunca tinha dado a um cara a chance de fazer mais do que gastar uma semana ou duas ao meu lado.

Mas isso pode mudar. Eu poderia crescer. Poderia encontrar alguém interessante e aventureiro e aceitando meu estilo de vida incomum. Poderia encontrar alguém e deixá-lo fazer parte da minha vida. Porque percebi que era isso que eu queria. Queria o conforto. O carinho. O sexo. Eu queria me acalmar um pouco.

Era algo assustador. Mas eu queria ter uma chance de viver isso.

Respirei fundo, um cheiro incomum fez meu nariz doer. Foi um que eu conhecia bem. Cobre. Metálico. Como moedas de um centavo. Era familiar, mas não um cheiro que eu estava acostumada a sentir no ônibus.

Sangue. Eu senti o cheiro de sangue.

Desci na cozinha, procurando alguma evidência de um corte. Ou talvez a comida que Burt pegou fosse particularmente sangrenta. Mas não havia nada. Entrei no banheiro, sabendo que cada um tinha feito nosso quinhão de bandagens antes. Mas a pia e o lixo estavam limpos.

Entrei na sala, respirando fundo novamente, tentando limpar meus seios, pensando que talvez eu só tivesse o cheiro preso no meu nariz do show. Mas tudo o que consegui foi sentir mais do cheiro, forte, quase insuportável.

Com o coração alojado um pouco mais acima na garganta, voltei para os beliches, abrindo primeiro o velho beliche de Isaiah, vazio desde que ele partira e não encontrando nada. Engoli o sentimento doentio na minha boca, ouvindo minha pulsação martelar em meus ouvidos enquanto eu pegava a minha cortina, que tinha deixado aberta, e estava de alguma forma fechada.

Meu pé estava equilibrado na beira da escada e o senti escorregar, agarrando a parte de baixo da cama com as duas mãos. Porque eu não podia ver o que estava vendo.

— Não, — disse em voz alta, um sussurro áspero de um som.

Porque lá no centro da minha cama estava Poe, um longo corte em sua barriga, suas entranhas derramando-se por todo o meu colchão, sangue por toda parte, escurecido levemente pelo tempo. E, oh deus, seu único olho foi arrancado, e estava ao lado de sua pata, olhando para mim.

— Não, — chorei de novo, mais alto, perdendo o equilíbrio e caindo em direção ao chão, correndo em direção ao banheiro quando a bile subiu, batendo no fundo da minha boca. Eu tinha acabado de chegar ao banheiro quando vomitei, forte e incontrolável, meu corpo inteiro tremendo com a sensação, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Me lavei no banheiro, enxaguando a boca, espirrando meu rosto, tentando me acalmar. Tentando me segurar.

Mas foi inútil. Não me acalmei. Alguém entrou no ônibus novamente. Alguém que tinha deixado notas ameaçadoras realmente pegou algo que eu amava e o matou. Brutalmente. Impiedosamente. Se alguma vez houve um pensamento de que esse homem não era tão perigoso quanto eu temia, isso desapareceu. Porque apenas psicopatas fodidos matam animais.

E se ele estava disposto a matar Poe, até onde ele podia ir? Os caras estariam em perigo? Eles poderiam ser o próximo? Eles, cheios de sua confiança masculina, decididos que nada poderia derrubá-los. Suas ideias de invencibilidade os tornariam descuidados? Eles poderiam acabar com suas entranhas arrancadas?

Meu Deus. Eu precisava chegar até eles. Precisava avisá-los. Mas isso significaria correr em um campo vazio e sozinha. No meio da noite. Quando havia algum fodido doente à solta.

Coloquei minha mão no batente da porta entre o banheiro e a sala, tentando descobrir o que poderia fazer.

Eu teria que esperar. Esperar que eles voltassem. Espero que não seja tarde demais. Então poderíamos nos unir. Tentar descobrir um plano. Tente seguir em frente juntos. Eu não podia ajudá-los sem me arriscar. Eu só precisava me manter calma. E esperar. Eles estariam juntos. Com um grupo de fãs com eles. Eles ficariam bem. Se eu deveria estar preocupada com alguém, deveria ser comigo mesma.

Eu me enfiei na sala, olhando em volta como se alguém pudesse aparecer debaixo do sofá como um filme de terror. Peguei uma garrafa de água, tomando um gole lento e trêmulo, tentando aliviar a queimação na minha garganta. Não consegui passar pelos beliches, passar pelo corpinho sem vida de Poe.

Apenas fiquei lá, meu coração batendo forte, minha pulsação nos meus ouvidos, minha garganta, meus pulsos, me sentindo fria pelo choque e pelo vômito, sentindo-me completa e totalmente sozinha e apavorada.

Não havia ninguém lá. Eu já tinha andado o ônibus inteiro. Se alguém estivesse lá, eu teria encontrado. Estava sozinha. E era esse meu medo. Embora eu também estivesse em segurança porque estava sozinha.

Mas mesmo quando estava tentando me convencer disso, eu ouvi. No começo confundi com o meu próprio batimento cardíaco. Respirei fundo, segurando, ouvindo. E ouvi de novo. Um embaralhamento. Não, não exatamente um embaralhar. O som das batidas dos sapatos no chão duro. Lento. Como se alguém estivesse dando um passo, parando e depois dando outro. Mas o som estava, inegavelmente, vindo em minha direção.

E eu não tinha a porra de uma saída.

Olhei em volta freneticamente, tentando encontrar algo com que eu pudesse usar me defender. Mas não havia nada além de garrafas de bebidas, algumas palhetas de guitarra e um moletom jogado. Nada de útil para mim. Eu estava sozinha. Contra alguém que obviamente tinha algum tipo de faca.

Merda. Merda. Merda. Merda.

Talvez eu estivesse exagerando. Talvez tenha sido um dos caras. Não é como se eles sempre se anunciassem quando entravam no ônibus. E, além disso, eu parecia um alvo fácil, seria descoberta de qualquer maneira.

— Jay? — Perguntei, sabendo em algum lugar no fundo da minha alma que não era ele. Ele sempre fez muito barulho. Ele nunca pisava de forma hesitante. Andava como se tivesse blocos de concreto ligados a seus pés.

Não houve resposta. Os pés pararam por mais tempo, como se quem quer que fosse, estivesse gostando do meu desconforto. O que, claro, ele estava.

— Burt? — Perguntei. Ele poderia caminhar lentamente. Quando estava checando as coisas. Ou limpando as coisas. Mas... ele nunca voltaria no ônibus até que todo mundo estivesse de volta de malas prontas para pegar a estrada.

Outra longa pausa. Levei minha mão até a minha garganta, como se colocar meus dedos ali fosse capaz de desatar o nó de dentro e respirar. Os passos começaram novamente. Perto do meu beliche. Mais perto. Uma parte de mim, irracionalmente, queria fechar meus olhos como uma criança. Como se eu não pudesse ver, como se não estivesse acontecendo.

— Tente de novo, — disse a voz, familiar. Muito familiar. — Talvez a terceira vez funcione.

— Não, — minha respiração fugiu de mim. Não não não não não não.

Vinte e Quatro

— Sim, — disse ele, zombando, um sorriso que parecia tão errado em um rosto que pensei que conhecia tão bem. Os olhos castanhos quentes. O cabelo loiro curto. O corpo longo e magro.

Tudo sobre ele sempre pareceu tímido, doce e hesitante. — Todd? — Eu meio que perguntei, porque simplesmente não conseguia acreditar no que eu.

— Nunca pensou em suspeitar de mim, não é? — Ele perguntou, alargando as pernas para que suas botas batessem nos dois lados da porta. — Pobre, pequeno e virginal Todd, — ele zombou, inclinando a cabeça para mim. — Foi um bom disfarce, não foi?

— Anos? Você tem mantido o disfarce por anos? — Jesus Cristo. Nós moramos juntos a maior parte do tempo. Comemos, tocamos, cantamos, dançamos, conversamos. Nós éramos tão próximos quanto as pessoas podiam ser. E foi tudo apenas uma encenação?

— É sempre melhor quando você... adia a gratificação, — ele sorriu e me gelou até o osso.

— Por quê?

— Porque o quê? Por que você?

— Para começar.

— Eu não gosto de mulheres como você.

— Então o quê? — Perguntei, tentando distraí-lo, tentando prolongar essa conversa. Tentando ganhar mais tempo para alguém vir ajudar.

— Você pensa que é forte. Feroz. Muito melhor que os homens. Ah, se você soubesse quantas noites voltei para este ônibus, pensando em todas as maneiras que eu faria você saber do quanto é realmente fraca. Eu acariciava meu pau pensando em foder você. Eu... — Senti-me empalidecer com as palavras dele, engolindo em seco para

manter o que restava no meu estômago. A cabeça dele se inclinou para o lado, parecendo divertida.

— Qual é o problema, Darcy? Isso te deixa enjoada?

Tempo. Eu precisava de tempo. Precisava parar. Não importa o quanto eu quisesse gritar com ele. Ficar puta. Inferno, chorar. Não importa o quanto quisesse tentar fugir. Eu nunca iria fugir.

— Por que começar com os bilhetes, de repente? — Perguntei, mantendo meus olhos nos dele, embora fosse o último lugar que eu quisesse olhar. Para ver um monstro onde costumava ser um amigo.

— Gostei de ver você se contorcer. Sabia que a gente estava ficando íntimo. Já estava quase na hora. E eu queria te ver suar.

— Você se excitou com o medo, — eu disse, cuspindo as palavras, incapaz de temperar meus sentimentos mais.

— Cada gota disso, — ele concordou. — Para ver esse medo em seus olhos. Ouvir você chorar no seu beliche à noite. Foi inebriante.

— Deus, você sempre foi tão doente?

Ele sorriu, como se fosse o que ele queria. Ele queria o desafio. Ele ia ficar quente com a ideia de me fazer descer do pedestal. — Você quer dizer... eu já usei isso, — ele disse, tirando uma lâmina, ainda manchada de preto de Poe, — em uma mulher antes?

— Ou em um pobre animal indefeso.

Todd sorriu. — Você o amava. Eu precisava tirar tudo o que você amava. Seu gato. Seu amigo do caralho...

— Bem, você está errado, — falei, levantando o queixo, — porque nunca amei Isaiah.

— Sério? — Ele perguntou, virando a ponta da faca na minha direção. — Cem dólares dizem que esse é o nome que você estará gritando quando eu mergulhar isso em sua boceta apertada.

Meu Deus. Eu não podia ficar parada lá. Eu não podia simplesmente ouvi-lo me dizer todas as coisas horríveis que ele planejava fazer comigo. Não podia deixar que ele tivesse essa satisfação doentia. Porque não havia nenhuma maneira que eu pudesse fingir que não me estava enjoada e com medo de saber que ele ia me estuprar com

uma faca. Não havia como manter uma cara séria na realidade de sua depravação.

— Vejo as rodas na sua cabeça girando, — disse ele, fechando a faca e colocando-a no bolso. — O que quer que você esteja pensando, bem, você não deveria se dar falsas esperanças. Esperei muito por isso. Vou ter você. E você vai gritar. — Ele fechou os olhos, levantando a cabeça, como se estivesse ouvindo música em uma brisa.

E eu voei para ele, empurrando-o ligeiramente para fora do caminho, entrando no corredor com os beliches dos dois lados. Mas mal tinha chegado à minha cama quando senti uma mão estender e agarrar meus cabelos, puxando-o para trás com tanta força arrancando-os da minha cabeça, me fazendo voar para trás. Caí no chão, nocauteada, fazendo meu peito parecer que estava comprimido.

Mas lutei, tentando me levantar, tentando me afastar. Então ele estava na minha frente, caindo em cima do meu tronco, as pernas ao lado das minhas costelas. Minhas mãos dispararam, batendo, arranhando, tentando fazer contato suficiente para causar dor, para me dar outro segundo para fugir.

— Oh, sim, lute comigo, vadia, — ele rosnou, estendendo a mão e agarrando meus braços e prendendo-os ao meu lado. Empurrei meu corpo para cima, tentando derrubá-lo. Mas ele apenas riu, deslocando as pernas para que seus joelhos esmagassem minhas mãos, os ossos sob o peso dele pareciam que estavam rachando. — Esta pele pálida vai ficar tão bem com o vermelho por toda parte.

Suas mãos estenderam na minha garganta, não esmagando, mas acariciando, como um amante. De alguma forma isso foi muito pior. Elas se moveram lentamente para baixo, passando através da minha clavícula, em seguida, traçando o inchaço dos meus seios. Então ele agarrou os lados do espartilho, puxando-o no centro para que os fechos do espartilho saíssem dos ganchos e a frente começasse a se abrir. Suas mãos moveram-se lentamente pelo meu tronco, pressionando, até que todos os ganchos estivessem soltos e o tecido começasse a deslizar para o lado. Ele moveu seus quadris para cima para que os lados pudessem cair.

O choque de ar frio na minha pele fez meus mamilos involuntariamente endurecerem e eu o ouvi rir. Seus dedos se moviam através do meu estômago, acariciando para cima, através dos meus seios.

Ele se inclinou ligeiramente para frente em direção ao meu rosto. — Agora a diversão começa, — disse ele, sorrindo lentamente. Seus dedos se moveram para meus mamilos, agarrando cada um dos meus piercings. E eu sabia com uma clareza ofuscante e doentia o que ele estava prestes a fazer. E eu sabia o que sentiria. Como na vez em que enrosquei um deles no meu sutiã, como um maldito ferro quente queimando seu mamilo.

Então seus dedos se fecharam, seu sorriso se espalhou e ele puxou com força.

Meu grito reverberou nas paredes do beliche e voltou para mim, mais alto, fazendo meus ouvidos doerem. Pareceu durar para sempre, puxando, depois torcendo, puxando mais forte. E juro que doeria menos se ele apenas arrancasse meus seios.

Então ele os soltou, a dor passando da sensação aguda e quente para uma dor latejante e insistente. Não consegui olhar para baixo, para ver se o piercing tinha sido arrancado da minha pele, para ver se meus mamilos estavam ainda intactos.

— Porra, — ele disse, sua voz soando rouca, excitada, — isso é quente.

— Todd, — eu disse, tentando fazer a minha voz calma, tentando não deixar a dor penetrar na minha voz. — Você não precisa fazer isso…

— Não, — ele concordou, — mas eu quero.

Através da dor, através do desamparo, senti raiva, forte e indignada. Como ele ousa? Quem diabos ele achava que era para colocar as mãos em mim? Senti a raiva borbulhar de um poço profundo lá dentro, querendo se libertar e arrancar o coração que batia em seu peito. Porque ninguém me fez sentir assim: fraca e indefesa.

Porque se eu não tivesse mais nada para me defender, ainda tinha a minha voz.

— Você pode me machucar, — eu disse, minha voz vacilando com a raiva. — Você pode me rasgar em pedaços. Mas você nunca vai se safar disso. Você nunca vai ganhar.

— Eu já ganhei, — ele riu, inclinando o braço para trás, apenas o tempo suficiente para ter certeza de que registrei o que ele estava prestes a fazer, antes que ele balançasse e começasse a bater no meu

rosto, mais e mais. Senti a pele rasgar e sangrar, senti os ossos sob a dor queimar. Meu lábio foi cortado e inchado. Seus dedos batiam com força sob o meu queixo, fazendo meus dentes apertarem com força a minha língua até que meu próprio sangue começou a escorrer pela minha garganta.

Pensei que nunca ia acabar. Rezei para que não acabasse. Quão distorcido era isso? Rezei para que ele me socasse até que a dor fosse demais para o meu corpo e finalmente eu desmaiasse.

Mas então, tão repentinamente quanto começou, parou. Ele sentou de volta na minha pélvis, joelhos pressionando com força nas minhas mãos. O que era inútil. Eu estava além de lutar. Não conseguia reunir forças para engolir o sangue que enchia minha boca. Respirou pesadamente, olhando para as mãos ensanguentadas, levando-as até o nariz e cheirando-as, fechando os olhos, depois estendendo a mão e esfregando o vermelho no rosto.

— Qual é o problema? Nada inteligente para dizer agora? — ele perguntou, parecendo decididamente alegre em toda a sua insanidade manchada de sangue. — Acho que você não é tão forte quanto pensou? Isso é uma vergonha. Estava ansioso para mais uma briga quando cheguei a esta parte, — ele disse, alcançando em direção ao seu pescoço e puxando algo debaixo de sua camisa. Era um colar. Algo que eu sempre achei um acessório de moda bobo, com um cadeado forte e pequeno, o mantinha fechado na frente.

Ele colocou uma chave na fechadura até que ela se abriu e puxou a corrente para baixo em suas mãos. Seu joelho pressionou mais forte a minha mão esquerda enquanto ele tirava o peso da minha direita dormente, puxando-a pelo meu corpo e envolvendo a corrente em torno dela. E tudo que eu podia fazer era assistir, sabendo que o que estava por vir iria me fazer desejar a morte, mas também reconhecendo que não adiantava tentar lutar. Isso só o excitaria mais. O joelho dele levantou da minha mão esquerda, envolveu-a rapidamente, depois as prendeu.

Ele deslizou pelo meu corpo, pegando seu zíper, puxando-o para baixo e arrastando seu pau duro para fora de suas calças. Ele sentou-se, observando-me enquanto se acariciava, deslizando uma das mãos na boca para provar o meu sangue. Então, me moveu mais para baixo, sentando nas laterais dos meus tornozelos enquanto ele soltava seu pau e começava a levantar minha saia até ela se agrupar em volta da minha cintura. Suas mãos foram para minha calcinha, escorregando e

arrancando o tecido. Seus dedos desceram para as minhas coxas, afundando, fazendo a pele queimar e abrir. Suas mãos pararam em meus joelhos, agarrando-os, empurrando-os e abrindo-os, e segurando-os contra o chão, expondo minha boceta para ele. Ele olhou para baixo com um olhar de expectativa que fez o medo disparar através pelo meu corpo como eletricidade.

E isso despertou o instinto profundo de autopreservação, de lutar, de me salvar. Minhas mãos podiam estar incapacitadas. Mas o idiota esqueceu das minhas pernas. Esperei até que seus dedos soltassem meus joelhos e me movi em direção a suas calças, em seguida, arrastei minhas duas pernas para cima de mim rapidamente e empurrei o máximo que pude em seu corpo, mandando-o para trás.

Eu levantei, voando de pé, tentando correr. Mas ele estava no meu caminho. E ele foi tão rápido. Quando tentei passar por ele, ele se virou, estendeu a mão e agarrou meus tornozelos por trás e puxou. Senti a sensação de desamparo por dentro, sabendo que eu estava caindo e percebendo que não podia evitar minha queda.

Bati no chão na cozinha, bem ao lado da minicozinha, meu rosto quebrou com tanta força contra o chão que senti uma escuridão sobre meus olhos, como se meu cérebro estivesse tentando decidir se eu ia desmaiar ou não. Tentei me pressionar em direção a isso, mas quando eu me agarrei, fui puxada para trás, deixando-me apenas com a realidade. Meu queixo e bochecha latejaram, um dente se soltou e virei meu rosto para o lado e cuspi para fora.

Seu peso desceu na parte de trás das minhas panturrilhas enquanto ele ria, um som demoníaco e distorcido. Suas mãos foram para minha bunda, batendo duro, repetidamente até que a pele estava inchada e dolorida. Suas pernas mudaram, empurrando minhas coxas e eu senti meu estômago revirar em saber o que estava por vir. Sabendo que eu não poderia parar. Sabendo que provavelmente não teria permissão para sobreviver.

Senti seus dedos serpenteando pelo interior de minha coxa e cuspi o sangue na minha boca, sugando o máximo de ar que pude, e porra, gritei. Gritei um som que não achei que fosse capaz, um som estridente de gelar o sangue, um som estridente e contínuo. Seu dedo pressionou entre as minhas dobras, parando, soltando minha aflição, antes de empurrar os dedos dentro de mim com uma forte sensação de beliscão.

Ele empurrava descontroladamente dentro de mim, raspando contra as paredes, tentando tirar qualquer tipo de tormento que conseguisse.

— Que porra é essa? — Uma voz gritou e senti os dedos escaparem de mim. — Filho da puta! — A voz de Jay gritou, então tudo o que ouvi foram vozes. Joey, Mike e Burt, o som da multidão que Jay havia convidado a ser empurrada para fora do ônibus, Burt gritando com eles para chamar a polícia e depois trancando a porta. Protegendo minha privacidade.

O corpo de Todd foi empurrado para longe de mim e ouvi o som de sua cabeça batendo no chão, ouvi os gritos de Jay, lívidos, palavras que nem eram palavras quando seus punhos começaram a pousar suas marcas.

— Darcy, — ouvi alguém dizer ao meu lado. Burt Sua voz paterna, chocada, preocupada. Sua mão estendeu a mão para tocar meu rosto e eu recuei.

— Você vai matá-lo, — disse a voz de Mike, soando como se ele estivesse cheio de raiva mal controlada.

— Bom, — a voz de Jay disparou de volta, em seguida, o som de um estalo, ossos quebrando.

— Pare, — implorou a voz de Joey e imaginei que eles estavam agarrando-o, tentando afastá-lo. — Ele está desmaiado. Ele está acabado.

— Não até que ele esteja morto. Esse fodido traidor, — Jay se enfureceu.

— Darcy precisa de você, — Mike tentou, e eu podia ouvir a luta terminar, eu podia ouvir quando ele se arrastou em minha direção, parando ao lado do meu corpo. — Pegue um cobertor, — disse ele e eu podia ouvir alguém me cobrindo. Senti o tecido cobrir meu corpo antes que as mãos de Jay me alcançassem, virando-me de costas.

— Oh meu deus, — eu podia ouvir Joey dizer, soando como se ele estivesse enjoado.

— Cadê a porra da chave? — Jay perguntou a eles.

Eles começaram a olhar cegamente, caindo de joelhos e olhando debaixo das mesas. Engoli em seco, encontrando minha voz fraca e não a minha. — No bolso.

Mike agarrou seus bolsos, retirando a chave e entregando-a a Jay. As mãos dele se atrapalharam, tremendo, os nós dos dedos se abrindo e sangrando, fazendo seus dedos deslizarem. Mas a fechadura finalmente cedeu e ele cuidadosamente soltou minhas mãos. — Eu vou te cobrir, — disse ele, pegando as pontas dos cobertores. — Levante as mãos e segure o pano longe do seu peito, — ele me disse. Assim não fiquei com o tecido preso nos meus mamilos.

— Os policiais estão aqui, — disse Joey, e quando ele disse isso, eu vi o vermelho e azul das luzes dos carros de polícia piscando.

Burt correu para a porta, abriu-a e dois policiais vestidos de azul apareceram. Os olhos de Jay ficaram no meu rosto, tristes, preocupados. — Darcy, fique comigo, menina bonita, — ele disse, mas, mesmo quando as palavras passaram para os meus ouvidos, senti-me indo embora. Porque finalmente consegui. Poderia me deixar ir. Eu estava segura.

E mesmo quando comecei a ceder na escuridão, senti uma esperança adolescente que talvez, apenas talvez, quando eu acordasse, Isaiah estaria lá...

Vinte e Cinco

Eu me lembrei dos acontecimentos depois. Lembrei-me de acordar na ambulância. Lembrei-me do flash das câmeras do lado de fora do hospital. Lembrei-me das luzes brilhantes e do cheiro de antisséptico. Lembrei-me do fisgão no meu braço e da deliciosa sensação de morfina enchendo minha corrente sanguínea.

Eu estava acordada. Mas não estava ao mesmo tempo. Senti-me como se estivesse em meu corpo, mas separado dele e do que estava acontecendo ao redor. Sentei na cama do hospital. Ouvi médicos, mas seus sons foram silenciados em meus ouvidos. Lembro-me de Jay de pé, recusando-se a cuidar de suas mãos, observando-me com olhos aterrorizados. Como se eu estivesse quebrada.

Eu acho que estava.

As enfermeiras tiraram o cobertor dos meus ombros, inspecionando meus mamilos lindamente entorpecidos, limpando-os. Assisti aos piercings ensanguentados caírem em uma bandeja ao lado da cama. Fui empurrada para uma mesa de raio-x e colocaram um avental de chumbo em cima de mim enquanto examinavam meu rosto em busca de ossos quebrados. Jay foi removido a força e uma médica entrou, me pressionou na cama e colocou meus pés nos estribos, pressionando dentro do meu corpo dolorido para fazer um exame de estupro. Que era inútil. Eu não fui estuprada. Na verdade, não. Mas não podia dizer isso a ela. Não poderia dizer nada a ela. Um dentista veio e olhou minha boca onde meu dente tinha sido arrancado. Houve agulhas e pontos. Houve gaze e mais, mais morfina.

Na manhã seguinte, acordei e encontrei Jay sentado ao meu lado, dormindo, com os braços e a cabeça descansando na minha cama. Havia um guarda de segurança do lado de fora da minha porta. Jay ou uma enfermeira devem ter continuado apertando meu botão de remédios contra a dor durante a noite, porque a dor que estava se formando sobre mim era intensa, de tirar o fôlego. Peguei a bomba e a empurrei, recostando-me no travesseiro e observando a televisão que alguém havia deixado ligada.

Uma repórter jovem e morena com grandes e expressivos olhos, uma foto minha piscando ao lado do rosto, do lado de fora do hospital.

Segundo relatos, Darcy Monroe foi brutalmente atacado em seu ônibus de turnê depois de seu show no Red Rock Theatre em Mesa, Arizona na noite passada. Os fãs que estavam lá disseram que seu agressor era, supostamente, ninguém menos que seu companheiro de banda de longa data e amigo, o baterista Todd Henry, que foi levado sob custódia da polícia e tratado por uma mandíbula quebrada e um olho ferido.

Quanto à senhorita Monroe, um representante do hospital nos assegurou que ela está em condição estável, vigiada ao lado da cama por Jason Twain.

O empresário da banda saiu com uma declaração para os fãs, cancelando todas as datas restantes da turnê para o outono e inverno, citando a necessidade de Darcy Monroe se recuperar completamente.

Os fãs hoje à noite estão esperando por uma recuperação rápida e se perguntando sobre o estado de Darcy, agora que Todd Henry está sob custódia, e a própria Darcy Monroe está traumatizada.

Aqui é Mary para o jornal...'

— Ei, menina bonita, — disse Jay, abaixando o volume enquanto ele segurava o controle remoto, — não veja essa merda. Nada disso importa. Você importa. Só você, — disse ele, estendendo a mão como se ele fosse acariciar meu rosto, mas sua mão desceu ao ver a gaze. Ele pegou minha mão, esfregando-a. — Sei que o médico disse que você está em choque e você provavelmente não vai me responder, ou talvez nem mesmo me ouvir... mas eu só... eu preciso saber que você está bem. Ok? Preciso que você me dê algum sinal, — ele implorou, seus olhos parecendo vítreos. Grande, ruim, Jay estava perto de chorar. No meu silêncio, ele assentiu levemente. — Bem. Eu sei. Você precisa de tempo. Isso foi... porra, Darce — disse ele, desviando o olhar do meu rosto. — Quando eu vi aquele bastardo... tudo que eu conseguia pensar era que queria matá-lo. Eu queria matá-lo com minhas próprias mãos. Eu teria feito, — ele disse, olhando de volta para mim, seus olhos assombrados. — Teria alegremente observado a porra da vida se esvaindo de seu corpo inútil se não tivessem me tirado de cima dele. Ele merecia morrer pelo que fez com você. Eu não posso acreditar...

— Como ela está? — perguntou Mike, hesitante, parado junto à porta como se tivesse medo de olhar para mim.

— Ainda em estado de choque, — disse Jay, apertando minha mão novamente.

— A gravadora está nos forçando a tirar um ano de folga, — disse Joey, entrando.

Jay olhou para mim, seus olhos tristes. — Boa. Acho que... acho que ela vai precisar.

— Quanto tempo ela vai ficar assim? — Mike perguntou, olhando para mim rapidamente, um flash de desgosto registrando como ele, sem dúvida, recordou a noite anterior.

— Eles não têm ideia, — disse Jay. — Pode demorar alguns dias. Algumas pessoas passam semanas. Até meses. Eles disseram que ela vai ter alta depois de amanhã e que devemos levá-la para ver um psiquiatra. Eu vou... morar com ela. Ela nem consegue cuidar de si mesma.

— Nós vamos ajudar, — disse Burt, com os olhos vermelhos e inchados como se estivesse chorando. — Tudo o que ela precisar, você pode contar a gente, — disse ele, fungando. — Aquele maldito bastardo. Eu confiei...

— Todos nós, — disse Jay, encolhendo os ombros. — A gente não tinha como saber. Não é culpa de ninguém. Não vai ajudá-la se todos começarmos a nos culpar. Precisamos seguir em frente. Ajudá-la a voltar para nós.

***

Como previsto, fui liberada dois dias depois, vestindo um par de jeans e uma das camisetas soltas de Jay que as enfermeiras colocaram em mim. Eu conseguia fazer algumas coisas. Eu comia. Ia ao banheiro. Andava quando mandavam. Mas não estava lá.

Era como se eu estivesse vendo a vida se mover ao meu redor, como se não estivesse nela. Mas foi bom. Foi bom porque eu estava entorpecida. Mesmo sem a morfina, estava vazia.

Jay e os caras tentaram me bloquear das câmeras enquanto caminhávamos do hospital para o carro com janelas escuras. Nós

dirigimos em silêncio para o aeroporto onde fui colocada em um assento e voei para a minha cidade.

Meu apartamento estava como deixei, mas não senti nada no meu regresso. Sem familiaridade, sem conexão. Não há nada. Jay me levou ao meu quarto, me acomodando na cama, prometendo que voltaria assim que ele corresse para arrumar um pouco de comida para colocar na geladeira.

Levantei-me assim que ouvi a porta se fechar, indo ao banheiro e acendendo a luz. Ninguém me deixou chegar perto de um espelho desde que eu tinha sido internada, desde que saí. Peguei o mais breve olhar de mim nas janelas blecaute, mas foi isso.

Talvez fosse um sinal de que eu estava vindo, mas precisava ver. Isso foi tudo que consegui pensar. Literalmente foi o único pensamento que rompeu a névoa do meu cérebro: eu precisava ver.

Meu rosto ainda era meu. Você podia ver as bochechas rechonchudas, o queixo delicadamente pontudo, os olhos verdes claros. Mas, ao mesmo tempo, não era eu. Porque havia hematomas roxos e amarelos escuros cobrindo a maior parte. Minha bochecha estava gorda das gengivas inchadas onde meu dente havia saído. Meu lábio tinha um corte desagradável passando por ele. Ficaria uma cicatriz. Perderia o vermelho e se desvaneceria e ficaria lá para sempre.

Respirei fundo, pegando a bainha da minha camisa e puxando-a para cima. Meus piercings nos mamilos se foram, perdidos no hospital em algum lugar, provavelmente para serem vendidos na internet por uma pequena fortuna. Meus seios estavam machucados, um leve azul. Os mamilos em si tinham pontos pontiagudos e afiados saindo deles.

Larguei a camisa, entrei na minha sala, abri a porta da sacada e saí. Sem intenção clara. Não tenho certeza se sou capaz de formar planos. Eu apenas queria um pouco de ar. Espaço. Poder respirar fundo.

Fui até a piscina, sentando-me na beirada, deslizando as pernas na água, apesar de quão frio o ar estava. Levantei a cabeça, olhando em volta, observando todas as coisas que já vi tantas vezes: a grade, a linha da cidade, o armário onde ficava o sistema de entretenimento, o armário onde as toalhas estavam. Eu tinha uma imagem na minha cabeça, Isaiah descansando na chaise em frente ao armário, um livro aberto em seu colo, um uísque ao lado dele.

Eu senti uma pontada, uma facada.

Foi a primeira coisa que senti em dias. Afiada, queimando. Como uma faca em algum lugar dentro de mim.

Então, tão rápido quanto apareceu, foi embora. Abaixei minha cabeça, olhando para a água.

— Olá? — Uma voz feminina chamou, soando como se estivesse vindo de longe, como se eu estivesse ouvindo sons subaquáticos de cima. — Você é Darcy, não é?

Eu a ignorei por um longo tempo, observando a água, depois esquecendo que ela estava lá, olhei em volta de novo, vendo uma mulher do outro lado da piscina, alguém que eu nunca tinha visto antes, mas com grandes olhos verdes que pertenciam a alguém que eu conhecia. Seus longos cabelos loiros estavam puxados para trás de seu rosto bonito, tatuagens serpenteavam em seus braços.

Levantei meu rosto e um olhar de choque nublou seu rosto. — Oh Deus.

— Quem diabos é você? — Voz de Jay se enfureceu, voando para a varanda, com toda a raiva e proteção.

Ele era intimidador quando estava com raiva, mas a garota não se afastou. — Eu sou Fiona.

— Isso não significa nada para mim, — disse Jay, cruzando os braços sobre o peito, movendo-se para me bloquear de vista. — Você não pertence aqui. Isso é propriedade privada.

Havia um sorriso lento e astuto se espalhando pelo rosto bonito dela. — Seu instinto protetor é bonitinho e tudo, mas acredito que metade desta varanda pertence ao meu irmão também.

— Isaiah? — Jay perguntou, olhando para mim com um olhar preocupado.

— Sim, — ela balançou a cabeça, seguindo o seu olhar. — Ela está bem?

Jay parecia derrotado, virando-se para mim e olhando para ela. — Não sei. Honestamente, não penso assim de verdade. É como se ela estivesse... quebrada.

— Ouvi dizer que ela foi atacada, mas porra, isso...

— Sim. O médico disse que ela está em choque, mas... é como se ela não estivesse mais aqui.

— Imagino que você bateu naquele filho da puta, — observou ela, não parecendo completamente desconfortável com a ideia.

Jay assentiu, olhando para mim e depois para o apartamento de Isaiah. — Ele está aqui? — perguntou, parecendo desesperado. — Não sei se ele te contou, mas eles tinham alguma coisa rolando há algum tempo.

— Se por "alguma coisa rolando" você quer dizer que eles se amavam, embora ambos fossem teimosos demais para admitir isso, então, sim, eu sei. — Ela respirou visivelmente e balançou a cabeça. — Mas não, ele não está aqui. Ele se isolou logo depois que foi expulso da turnê. Teve algum tipo de colapso e voltou para a nossa casa de infância. Ele não tem planos de voltar.

— Você acha que, se talvez... ele soubesse... sobre Darcy... — ele disse, parecendo completamente desconfortável porque sabia que eu iria me opor ao seu plano se estivesse no meu juízo perfeito. Mas a verdade era que eu não estava. E ele era essencialmente responsável por tudo relacionado a Darcy.

— Eu não sei. Ele é muito... teimoso.

— Ele a ama, — Jay argumentou, soando muito prático sobre um assunto que ele geralmente zombava.

— Sim, — concordou Fiona, assentindo. — Vou falar com ele. Mas não posso prometer nada. — Ela estava se virando quando voltou. — Isaiah tinha uma psiquiatra quando ele estava aqui. Se você quiser, posso ligar para ela e ver se pode... vir... e ver o que ela pode fazer para ajudá-la?

— Isso seria ótimo, — disse Jay, balançando a cabeça. — Eu nem sabia por onde começar com isso. Mas, quero dizer... olhe para ela. Ela precisa de ajuda.

— Ela vai ficar bem, — Fiona balançou a cabeça, sua voz firme.

— Você não pode saber disso.

Um pequeno e estranho sorriso brincou nos lábios de Fiona. — Ela é forte. Você ficaria surpreso com o que as mulheres podem superar. Nós não somos um bando de bunda mole como vocês homens, — ela sorriu e começou a se afastar.

— Você vai encontrá-lo? — Jay perguntou.

— Sim, — disse ela, indo para o apartamento de Isaiah, fechando a porta atrás dela. Jay se virou para mim, seus olhos parecendo tão pesados. — Tudo bem, menina bonita, — disse ele, vindo até mim, deslizando as mãos sob meus braços, com cuidado para manter os dedos longe do meu peito, e me puxando para cima. — Vamos pegar alguma comida e remédio para você. — Ele beijou minha têmpora enquanto caminhávamos. — Ele vai vir, — ele me disse, levando-me para a casa. — Ele vai vir e vai deixar você melhor.

Eu senti a sensação de queimação, esfaqueamento novamente, olhando para longe dele e balançando a cabeça.

Vinte e Seis

Eu estava voltando do riacho, minha camisa jogada por cima do meu ombro, uma corda com dois peixes estava na minha mão. Foi relativamente fácil pegá-los.

As coisas ficaram mais fáceis. Cada dia me ajustava viver na terra como eu costumava. Não foi fácil, mas tudo bem. Trabalho duro. Isso manteve minha mente ocupada. Isso me impediu de pensar em coisas que eu sabia que não deveria. Como olhos verdes claros. Como longos cabelos negros. Como uma voz doce e rouca. Como ter os braços dela...

Porra.

Tudo bem, então talvez esquecê-la não estivesse indo tão bem quanto eu havia planejado. Mas, para ser justo, não tinha tanta coisa perto na floresta para manter a cabeça ocupada. O corpo, claro. A cabeça, nem tanto. E só há tantas vezes que você pode ler um manual sobre a construção de um porão antes que os pensamentos de uma linda, pálida e perfeita Darcy surgissem na mente, desfazendo uma hora inteira de conseguir não pensar nela.

Mas, inferno, pelo menos não era mais a cada maldito minuto. O tempo iria...

— Que porra é essa? — Eu disse, ainda me sentindo um pouco estranho em falar palavrão em um lugar onde isso costumava ser estritamente proibido. Mas não havia outro jeito de dizer isso. Porque Fee estava de volta. De jeans e camiseta de mangas compridas, e o longo cabelo loiro preso. — Acho que não te vi tanto quando nós dois moramos na cidade.

— Isaiah, — ela começou, seus olhos verdes arregalados e assustados.

— Qual é o problema? As garotas? As meninas estão bem?

— As garotas estão bem. — disse ela, levantando a mão.

— É aquele maldito marido seu? O que ele fez?

Ela sorriu ligeiramente para isso. — Hunter está bem. Ele não fez nada. E pare de agir como se ele fosse mal. Você o ama.

— Até que ele te foda. Então ele está morto para mim. Qual é o problema? Você parece realmente apavorada.

Ela assentiu, inclinando-se contra uma árvore como se quisesse o apoio. — Eu estava na cidade lidando com algumas pontas soltas que você deixou na empresa. Daí eu estava na sua casa...

— Fee, porra, cuspa, — eu disse, deixando cair o peixe em um balde e enxugando as mãos na minha calça.

— Não me pressione, seu filho da puta. Estou aqui por você.

— Fee...

— Eu estava hospedada no seu apartamento e saí para a varanda e... Darcy estava sentada ao lado da piscina.

Eu me senti sobressaltar com o som do nome dela e me perguntei se isso iria mudar. Se eu algum dia me acostumaria. Se algum dia se tornaria como qualquer outro nome. — E daí? — Perguntei, tentando colocar um pouco de gelo nas minhas palavras porque tudo que eu sentia era calor por dentro. — Ela mora lá. — Fui para a casa e parei, virando. — Espere... ela deveria estar em turnê até pelo menos até a primavera.

— Sua turnê foi cancelada, Isaiah.

— Eles não fariam isso.

— Isaiah... Darcy foi atacada de novo...

— O quê? — Explodi. Essa foi a única maneira de descrevê-lo, senti que tudo dentro estava explodindo.

Fee olhou para os pés dela. — Foi ruim. Quero dizer... a notícia dizia que ela não estava bem, mas...

— O que aconteceu? Quem fez isso? — Eu precisava saber tudo.

— Foi um cara em sua banda, — começou Fee.

— Não Jay, — eu disse, balançando a cabeça, me sentindo mal com a ideia.

— Não. Não. O baterista, Todd alguma coisa.

Todd? Todd? Tímido, pudico, reservado, porra, Todd? — Porra detalhes, Fee.

— Desculpe eu só... queria facilitar isso pra você. Hum. Foi depois de um show no Arizona. Darcy voltou ao ônibus para encontrar um gato...

— Poe, — eu disse, automaticamente, pensando em seu rostinho feio que era tão doce.

— Sim. Bem, ela o encontrou morto em seu beliche. E então Todd hum...

— O que ele fez com ela? — Perguntei, minha voz fervendo, não querendo saber os detalhes, mas precisando.

— Ele arrancou os piercings nos mamilos, — ela disse, com um corpo visivelmente tremendo. — Então ele bateu muito no rosto dela. Eu, ah, quando a vi... mal a reconheci e o Jay disse...

— O que mais? — Perguntei, minhas mãos se fechando em punhos. — O que mais ele fez? Ele...

— Estuprou? — Ela perguntou, engolindo em seco. — Quero dizer que não tinha nada no noticiário ou qualquer coisa, mas um dos fãs que estava prestes a entrar no ônibus... disse que ele estava com o rosto dela no chão, sua calcinha arrancada e estava... violentamente tocando ela...

— Filho da puta! — Gritei, virando e batendo com o punho na coisa mais próxima de mim, que por acaso era uma árvore muito grande e muito dura. Meus dedos se abriram, sangrando levemente pela minha mão. Eu me inclinei para frente, descansando minha testa contra a árvore. Precisava me recompor. — Ela está bem? — Perguntei, minha voz soando mais triste do que eu já tinha ouvido. No silêncio de Fee, virei-me preocupado. — Fee?

Ela estendeu a mão, passando a mão sobre as sobrancelhas. — Ela está... catatônica, Isaiah, — disse ela, encolhendo os ombros. — Ela está lá, mas não está. Meio que olha fixamente para o nada. Jay disse que o médico disse que ela está em estado de choque e eles não têm certeza de quanto tempo vai durar, o que pode tirá-la disso...

Eu me afastei dela, indo para a lateral da casa. — Isaiah, o que você está... — ela começou, me observando abrir a porta do galinheiro, liberando as malditas aves que eu tinha demorado um mês para capturar. — O que você está fazendo?

Passei por ela, indo para dentro da casa, vasculhando um armário e pegando minha carteira, colocando-a no meu bolso. Peguei minha camisa do chão e a vesti. — Eu vou vê-la, — disse, indo para a floresta.

Fee correu atrás de mim, nem mesmo suas longas pernas eram capazes de acompanhar o meu ritmo punitivo. Porque eu precisava chegar até ela. Precisava ver por mim mesmo se ela estava bem fisicamente. Precisava encontrar os melhores médicos do país para cuidar dela mentalmente. Precisava saber mais detalhes com Jay.

Foda-se tudo. Eu só precisava vê-la.

Vinte e Sete

O caminho para a cidade pareceu insuportavelmente longo. Fee dirigiu com sua habitual imprudência, batendo na buzina. — Seu filho da puta estúpido. É chamado de seta! — Ela gritou. — Oh, ótimo. Sim, me fecha e depois anda num passo de tartaruga. Isso é simplesmente maravilhoso. Sim, seu, imbecil.

Ela estava em uma discussão de trânsito raivosa em ascensão.

— Desculpe, — disse ela, batendo a cabeça para trás no encosto de cabeça em um sinal vermelho. — Eu me empolgo. Não tenho permissão para... me expressar corretamente quando as crianças estão no carro. Acho que está tudo reprimido. Isaiah — disse ela, estendendo a mão para tocar minha mão logo acima dos meus dedos ensanguentados — relaxe. Não fará bem a ela se você voltar para sua vida todo irritado e tenso. Ela está em choque. Ela precisa... de calma.

Eu assenti. Ela estava certa. Precisava me controlar. Eu me virei, olhando pela janela.

— Fee?

— Sim, — ela perguntou, olhando para mim de lado.

— Você é uma mulher...

Ela segurou o volante, abaixando a mão e pegando seu seio. — Parece que sou.

Eu revirei meus olhos. — Existe...

— Existe o quê? — Ela perguntou, voando com o carro em uma curva acentuada.

— Existe uma maneira dela voltar disso? De eu... fazer... isso por ela?

Fiona respirou fundo, dando a seta e saindo para o acostamento. Ela desengatou o carro, virando-se no seu assento para

olhar para mim. — Ei, — ela disse, esperando por mim para encará-la. — Não se atreva a desrespeitá-la insinuando que um incidente em sua vida a definirá. Ela merece uma opinião melhor do que a do homem que afirma amá-la.

— Eu não reivindiquei seu amor.

— Sim, — ela bufou, virando o carro de volta para a estrada, — ok.

***

Nós paramos na frente do condomínio algumas horas depois e abri a porta, pulando para fora antes que o carro parasse. Corri para o saguão, enfiando a chave no elevador particular, batendo impacientemente minha mão no corrimão enquanto subia até o último andar.

Corri para fora das portas assim que elas se abriram o suficiente para eu passar, sem prestar atenção, e trombar em alguém.

— Porra, — uma voz familiar disse, empurrando-me, e olhei para cima para encontrar Jay, segurando uma cesta de roupa suja. O fodido Jay, infame estrela do rock mulherengo, carregando uma cesta rosa de roupa suja. — Uau, — ele disse, acenando para mim, — que rápido.

— Cadê ela? — perguntei, indo em direção a porta dela.

— Não, cara, — ele disse, balançando a cabeça.

— Como assim não? — Eu disse, voltando e o encarando.

— Quero dizer, você está fedendo a peixe, — ele disse, sorrindo levemente, — e sua mão parece ter perdido uma briga com uma parede.

Olhei para baixo, o sangue seco e escuro encrespando sobre a minha mão. — Foi uma árvore na verdade.

Jay assentiu, quase como se entendesse perfeitamente. Ele provavelmente entendeu. — Tome um banho, cuide de sua mão, daí vou levar você até ela.

Eu assenti. Ele estava certo. Eu precisava me limpar e me acalmar. Fui até a minha porta, colocando a chave na fechadura. — Ei, Jay, — chamei, e ele se afastou do elevador.

— Sim?

— Diga-me que alguém bateu nele.

Jay sorriu, um sorriso lento, sádico e feliz. — Não posso nem reconhecer o filho da puta.

Balancei a cabeça, fechando a minha porta. — Boa.

Tomei um longo banho, fiz a barba, enfaixei a mão e vesti calça cinza, uma camiseta preta e sapatos. Foi a primeira vez que olhei no espelho há quase dois meses... ou foi mais? Inferno, eu nem sabia. Minha pele estava mais escura do tempo ao sol, minhas mãos cheias de novos cortes e calos e cicatrizes. E eu estava mais magro. O que não foi uma surpresa, considerando o pouco que eu estava comendo, mas ainda estava bom de olhar.

Andei em direção às portas da varanda, olhando para fora. O que diabos eu ia dizer a ela? Especialmente se ela estivesse tão mal como Fee disse. Mal falei nada direito com ela quando ela estava bem. Eu estava sempre fazendo algo estúpido e sendo um idiota. Então, quais eram as chances de eu dizer a coisa certa quando ela precisava?

Mas, então, eu a vi. Caminhando para a sacada com uma camiseta branca enorme e um par de calças largas de moletom vermelho. Seu longo cabelo parecia desarrumado, desleixado, flutuando em volta do corpo em uma confusão emaranhada. Mas não foi a falta de cuidados pessoais que me chocou. Era seus olhos vazios, completamente vazios, brilhantes, em seu rosto machucado.

— Jesus Cristo, — ofeguei, observando quando ela se abaixou ao lado da piscina, colocando as pernas na água, nem mesmo pensando em enrolar as pernas da calça.

— Eu te disse, — disse Fee, chegando atrás de mim.

Olhei por cima do meu ombro para ela. — O que posso fazer? — Perguntei, ouvindo o desespero em minha voz.

Fiona encolheu os ombros, estendendo a mão e tocando meu braço brevemente. — Você pode apenas... ficar com ela.

Respirei fundo, assentindo, então estiquei a mão e abri a porta. Jay ainda não tinha voltado da lavanderia, mas eu não podia esperar mais. Não com ela sentada ali parecendo tão sozinha e quebrada.

Andei em direção à piscina lentamente. — Darcy, — disse, baixinho, como se estivesse falando com um animal ferido. Que era exatamente o que ela parecia.

Sua cabeça se levantou, em reconhecimento. Eu poderia jurar que a vi estremecer quando seus olhos pousaram nos meus.

— Ela não está falando, — disse outra voz familiar, que definitivamente não pertencia a esse cenário.

Dra. Todd.

Olhei para onde Jay a trazia da varanda. — O que diabos você está fazendo aqui?

Ela sorriu quase calorosamente para mim. — É bom ver você de novo também, Isaiah. O que você fez na sua mão?

— Eu estava lutando com um crocodilo, — respondi secamente. — O que você está fazendo aqui?

— Sua irmã me deu seu número pra gente encontrar alguém rápido aqui para dar uma olhada em Darcy, — disse Jay, encolhendo os ombros.

— Olha, — disse a Dra. Todd, soando razoável, — sei que isso é um enorme conflito de interesse, mas...

— Não dou a mínima para isso. Apenas... ajude ela.

A Dra. Todd olhou para Darcy, um sorriso triste brincando em seus lábios. — Receio que não seja tão simples assim. Pode ser um longo caminho para ela. Ela está traumatizada, Isaiah — disse ela, aproximando-se de Darcy, com os saltos estalando no cimento. Ela se ajoelhou ao lado de Darcy, estendendo a mão e colocando um braço em seu ombro. — Ei, Darcy. Como você está hoje? — Ela perguntou, encolhendo os ombros quando não obteve uma resposta, como se ela não estivesse esperando por uma. — É importante que nós a

envolvamos como faríamos se ela estivesse em seu estado normal. Ela ainda pode nos ouvir.

— Você já falou com ela? — Jay perguntou e os olhos da Dra. Todd encontraram os meus também. — Não, eu só... eu disse o nome dela... e ela olhou para mim, estremecendo. Eu acho.

— Por que você não vem aqui e senta com ela? — Dra. Todd sugeriu, levantando-se e se afastando.

Enfiei minhas mãos nos bolsos. — Por quê?

— Porque ela nem sequer olha para mim e tenho estado aqui todos os dias nos últimos dias, — ela me disse.

— Sim, quero dizer... ela olha para mim. Mas não em resposta a qualquer coisa que eu diga a ela.

Respirei fundo, caminhando lentamente até ela. O desapontamento era evidente dentro de mim. Acho que uma parte de mim, arrogante e estúpida, tinha pensado que ela poderia colocar os olhos em mim e apenas... sair disso.

Eu me movi para sentar, cruzar as pernas ao lado dela.

— Nós vamos... estar aqui, — disse a Dra. Todd, pegando o braço de Jay e levando-o até o final da varanda, fora do alcance da voz.

Eu os observei por um minuto, antes de soltar um suspiro e me virar para Darcy. Olhei para o rosto dela por um segundo, levando minha mão lentamente em direção ao rosto dela e colocando o cabelo atrás da orelha. — Ei, baby, — eu disse baixinho, observando seu rosto virar um pouco para o meu. Mais uma vez, um estremecimento. Mas nada mais. Sem emoção. Nenhum reconhecimento. Nada. Mas ela estava olhando para mim.

Acariciei sua bochecha machucada, com cuidado para manter meus dedos leves. — Eu deveria ter estado lá, — disse a ela, falando mais para mim do que para ela. — Deveria ter feito você me deixar ficar. Isso não teria acontecido. Eu não deixaria ninguém colocar as mãos em você. Sinto tanto, Darcy, — eu disse, fechando os olhos contra a onda de culpa. Eu a senti tremer debaixo da minha mão. — Vamos, — falei, ficando de joelhos e estendendo a mão para ela. Quando ela não se afastou de mim, coloquei minhas mãos sob seus braços e a ajudei a ficar de pé.

Suas calças se agarravam pesadamente, pingando água fria por todo o chão. Peguei a camiseta que estava levemente enfiada em seu cós e puxei para fora, deixando-a cair livremente por suas coxas, parando alguns centímetros acima do joelho. Então minhas mãos foram hesitantes sob sua camisa, agarrando o cós de suas calças e puxando-as para baixo. Ela não se moveu para sair das pernas e eu me abaixei, pegando cada um de seus pés e tirando o tecido. De onde eu estava, podia ver as marcas, as marcas das garras. Como se ela tivesse sido fodida por um animal. O que, imaginei, foi exatamente o que aconteceu.

Sem pensar, inclinei-me para a frente e plantei um beijo na beira de um deles. A reação foi como se eu a tivesse esfaqueado. Seu corpo inteiro se afastou em choque para longe de mim, um silvo de respiração escapando de seus lábios, seus olhos se arregalando.

— Porra. Merda, — eu disse, rapidamente ficando de pé, enviando Jay e Dr. Todd um olhar de pânico. — Eu sinto muito. Eu sinto muito, querida. Eu não sabia o que fazer para...

Ela engoliu em seco duas vezes, como se fosse uma nova sensação, as sobrancelhas se unindo. — Eu... — ela começou a engolir novamente. Com o canto do olho, pude ver Jay e o Dra. Todd se aproximando lentamente de nós, os olhos arregalados. — Eu, — ela começou de novo, sua voz um pouco mais forte.

— Sim, baby? — Perguntei, meus olhos implorando para ela ficar comigo, como se eu estivesse com medo de que ela voltasse a piorar.

Ela balançou a cabeça ligeiramente, limpando a névoa de seu cérebro. Um lento e tímido sorriso brincou com seus lábios. — Eu pareço estar sofrendo de... histeria feminina.

Ela me pegou tão desprevenido, uma estranha risada estrangulada voou para fora da minha boca. Seu sorriso se espalhou, um pouco trêmulo, quando joguei minha cabeça para trás e ri. — Acho que conheço um bom tratamento para isso, — sugeri, acenando para ela.

Ela me deu um sorriso fraco por um segundo, então seus olhos se encheram e se derramaram, lágrimas escorrendo por suas bochechas, rápidas e incontroláveis. — Isaiah...

— Shh, — eu disse, passando meus braços ao redor dela, puxando-a para o meu peito suavemente, sem pressionar, lembrando seus piercings nos mamilos rasgados. — Está tudo bem, — murmurei,

trazendo minhas mãos desajeitadamente para acariciar seus cabelos. — Estou aqui.

— Ele matou Poe, — ela soluçou contra a minha camisa, suas mãos afundando nos meus ombros.

— Eu sei, — disse, beijando o lado de sua cabeça. — Vou vasculhar as vielas até encontrar outro gatinho, outro feio para você.

— Nós vamos combinar, — ela riu, afastando-se de mim, levando a mão até o rosto.

— Você ainda é linda, — falei a ela.

— Você é um péssimo mentiroso, — ela disse, balançando a cabeça.

— Darce... — Jay disse, parecendo hesitante.

Ela se virou rapidamente, enxugando o rosto. — Jay... — ela começou, dando-lhe um sorriso, — Me desculpe. — Ela olhou em volta para nós. — Quanto tempo passou?

— Cerca de uma semana, — Jay disse a ela, encolhendo os ombros.

— Uma semana? — Ela quase gritou, parecendo horrorizada. — Uma semana? Cadê todo mundo? O que aconteceu com a turnê...

— Há muito tempo para isso, — A Dra. Todd interrompeu, com voz profissional e firme. — Acredito que Isaiah tenha um... tratamento, — ela disse, sorrindo maliciosamente, como se soubesse exatamente a que estávamos nos referindo, — isso precisa ser feito. — Ela se enroscou no braço ao de Jay. — Por que você não me leva até o metrô? — Perguntou, levando-o não muito gentilmente para longe.

Sozinha, Darcy olhou para mim. — Você veio, — disse ela, parecendo quase surpresa.

— Claro que eu vim, — eu disse, balançando a cabeça.

— Mas eu te acusei de...

— Ei, — eu disse, encolhendo os ombros. — Eu já esqueci isso.

— Sem mais nem menos, hein? — Ela perguntou, levantando uma sobrancelha do jeito que costumava fazer. — Onde você estava?

— Voltei para a minha casa de infância. Eu precisava limpar a minha cabeça.

— Então, como foi...

— Minha irmã, — eu disse, cortando-a. — Minha irmã viu você aqui no outro dia e foi me buscar.

— Por que ela faria isso?

— Porque, — eu disse, tocando-a sob o queixo, — eu estou apaixonada por você, baby.

— Hmm, — ela disse inclinando-se para frente e descansando a cabeça no meu peito. — Isso é bom.

— É? — Perguntei, sentindo uma facada em algum lugar lá no fundo.

— Bem, — ela disse, inclinando-se para trás e olhando para mim, — talvez eu também te ame.

Epílogo

— Pare de ser um idiota, — Darcy riu, olhando para trás para mim, arrastando os meus pés.

Ela estava melhor. As contusões no rosto dela desapareceram, deixando-a com sua pele pálida perfeita novamente, uma cicatriz percorrendo o lábio, ainda bastante rosa, mas ela alegou que gostava. Deu-lhe mais "credibilidade nas ruas", ela me disse uma noite, rindo. Seus mamilos se curaram e ela ainda lamentava a perda dos piercings, e a aconselharam que não seria uma boa ideia recolocar por causa da cicatrização.

Eles não colocaram a turnê de volta como Darcy começou a insistir apenas algumas horas depois de sair de seu estado catatônico. Sua gerência insistiu que ela desse um tempo. O que ela considerou fazer shows pequenos não programados por toda a cidade, tentando provar à sua base de fãs que ela estava de volta e tão bem quanto antes.

Sua imagem era importante para ela. E eu não poderia culpá-la por isso.

— Não estou sendo idiota, — eu me opus, colocando minhas mãos nos meus bolsos. — Só não quero estar aqui.

Ela ajustou em suas costas a mochila enorme cheio de deus sabia o que, e olhou por cima do ombro para mim, revirando os olhos. — Bem, eu quero... então pare com essa merda.

Nunca pensei que veria um dia em que uma mulher falasse comigo desse jeito e tudo que eu queria fazer era agarrá-la e beijá-la. Esse era o poder de Darcy fodida Monroe, ela era forte o suficiente para se meter através de toda a besteira que me foi enfiada na minha cabeça por toda a minha vida e substituir tudo com seu jeito durão e "manda bala", completamente sem respeito por qualquer coisa do gênero dois pesos, duas medidas. Ela me forçou a continuar vendo a Dra. Todd, e eu tinha que admitir que estava me adaptando melhor.

Que foi exatamente a razão pela qual essa pequena ideia dela me deixou no limite.

— Onde diabos fica esse lugar? — Ela perguntou, olhando para o caminho aparentemente interminável.

— Só mais alguns metros, — respondi, batendo meu ombro no dela para virar dela.

Nós andamos em silêncio, eu sabendo que não adiantava discutir com ela, ela muito preocupada com seja lá qual foi plano que ficou rodando em sua cabeça que a fez aparecer em minha cadeira de leitura e declarar: — Quero que você me leve para onde você cresceu, — e depois voltou antes que eu pudesse me opor.

Então lá estávamos nós, caminhando pela floresta em uma manhã clara de primavera. — Puta merda, — ela disse, parando de repente, fazendo-me bater em suas costas, meus braços indo para seus ombros. — É isso? — Ela perguntou, apontando para a cabana.

— É isso, — balancei a cabeça, massageando seu pescoço distraidamente. — Quando você disse uma cabana... eu não tinha imaginado que era...

—Um barraco praticamente, — eu disse, rindo.

— Aquilo é... uma galinha? — Ela perguntou, dando um passo à frente.

— Filha da puta, — eu disse, observando-a andar de volta para o galinheiro. — Passei semanas perseguindo essa maldita, então eu a libertei, e ela simplesmente fica por aqui?

Darcy riu, agarrando minha mão e me puxando para a casa. — Isto é muito legal, — ela disse, alcançando a porta, parando quando minha mão segurou a dela. — Qual é o problema?

— Finalmente tirei essa porra de lugar da minha cabeça, — admiti livremente. Desde aquele dia no lago, contando sobre meu passado, ela sempre foi fácil de conversar. Derramando todos os detalhes sórdidos. — Não quero voltar.

Ela se virou, encostada na porta. — Você vai querer ir comigo.

— Por quê? — Perguntei, balançando a cabeça em seu olhar. Eu conhecia aquele olhar.

— Porque você vai me foder aqui, — disse ela, batendo na porta.

— Darcy…

— Não. Sem discussão. Eu acho que vai ser… — ela sorriu perversamente, — terapêutico. — Antes que eu pudesse abrir minha boca para contra argumentar, ela pegou sua blusa, puxando-a para cima. Sobre sua cabeça, revelando sua perfeita pele pálida, seus seios redondos e rosados. Ela pegou as calças, abriu-as e as tirou. Nua. Ela era perfeita pra caralho.

— Bem, — eu disse, franzindo os lábios, — você tem um bom argumento.

Ela riu, empurrando a porta aberta, andando pela minha antiga casa completamente pelada, exceto por suas botas de combate pretas resistentes. — Puta merda, — disse ela, olhando em volta, depois para a Bíblia que eu tinha deixado na mesa, jogando a cabeça para trás e rindo. — Literalmente.

Observei-a, andando ao redor, completamente à vontade com sua nudez, enquanto inspecionava a mobília, a lareira, as xícaras e as tigelas. Como se ela estivesse tentando formar uma imagem mental de como tinha sido viver lá. Não sei o que diabos fiz na minha vida para merecê-la. Literalmente. Tudo que eu parecia conseguir fazer merda. Esconder e desviar. Raiva e aflição.

Mas ela nunca pareceu se importar. Ela apenas me aceitou do jeito que eu era. Cada centímetro fodido. E em sua aceitação, aprendi a me aceitar. Aprendi a deixar o passado ir. Segui o conselho da Dra. Todd. Comecei trabalhar. Eu me tornei um homem melhor.

É isso que amar uma mulher como Darcy Monroe fazia com você, fazia de você uma versão melhor de si mesmo.

— Qual deles é o seu quarto? — Ela perguntou, apontando para os dois quartos.

— Por quê? — Perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Porque eu vou transar com você na sua cama de infância, — disse ela.

— Baby, eu não acho que seja uma boa ideia, — disse, balançando a cabeça.

— Sério? — Ela perguntou, chegando mais perto, parando na minha frente, estendendo a mão e colocando a mão sobre a minha virilha, acariciando a cabeça do meu pau duro. — Porque parece que você tem algum tipo de... conflito interno.

Eu ri, sentindo os dedos dela acariciarem a cabeça repetidamente. — Bem, — eu disse, minha voz soando rouca, — acho que devo compartilhar esse, hum, conflito com você.

— Internamente, — ela perguntou, mordendo o lábio inferior.

— Mmmhmm, — concordei, e sua mão caiu do meu pau, deixando-o pulsando com a necessidade. — O quarto da esquerda, — eu disse a ela, pegando minha camisa e puxando-a.

Quando entrei, Darcy já estava empoleirada na minha cama velha, deitada com as pernas erguidas no ar. Eu caí de joelhos na frente dela e ela cruzou as pernas no tornozelo, apontando os dedos dos pés em direção ao teto.

Minhas mãos foram entre suas coxas, separando suas dobras. — Você sabe quantas noites fiquei aqui pensando em enfiar meu pau em uma boceta? — Perguntei, inclinando-me para frente e correndo minha língua pela fenda lisa. — Não tinha a porra da ideia o quanto elas eram apertadas, — eu disse, virando o dedo e deslizando dentro dela enquanto minha língua trabalhava lentamente, círculos deliberados em torno de seu clitóris. — Ou quão bom elas eram, — eu disse antes de pegar seu clitóris entre meus lábios e chupar levemente, fazendo seu corpo tremer, seus braços batendo no colchão em seus lados, levantando meses de poeira.

— Tudo bem, — ela disse, parecendo ao mesmo tempo brincalhona e excitada, — já chega de conversa. Eu preciso de você dentro de mim.

Eu sorri, levantando-me e empurrando as calças para o chão. Puxei meu pau, acariciando-o ligeiramente, olhando para as costas de suas coxas, sua boceta delicada, sua bunda redonda. E tudo que conseguia pensar era... minha. Ela era minha.

Eu era o filho da puta mais sortudo do mundo.

— Não ligo para onde você vai colocar, — disse ela, olhando para mim com olhos pesados. — Por que você não me surpreende?

Jesus Cristo. Já mencionei que tive sorte?

Eu me movi em direção a ela, correndo minhas mãos até as costas de suas coxas. Levei meu pau entre suas dobras, acariciando-o sobre o clitóris até que ela estava se contorcendo contra a cama, em seguida, deslizando para baixo, empurrando-o contra a entrada de sua boceta. Parando por um segundo, então lentamente deslizando profundamente dentro dela, sentindo suas paredes apertadas se fecharem ao meu redor e levando o desejo para baixo através dos meus pés.

Suas pernas se moveram para um dos meus ombros quando ela olhou para mim, me observando enquanto eu deslizava profundamente. Eu não precisava mais fodê-la tão forte quanto eu me odiava. Poderia ir devagar. Poderia aproveitar cada segundo delicioso de estar dentro dela.

— Porra, — ela gemeu, sugando uma respiração profunda.

Ok, eu não *precisava* fodê-la com força. Mas, porra, às vezes eu realmente gostava. Puxei para fora dela, então antes que ela pudesse choramingar, bati de volta para dentro. Forte, passado, incontrolável, metralhando porra. Bangbangbangbangbang. Tirei as pernas dela do meu ombro, agarrando os joelhos e pressionando-os de volta para seus ombros, observando como ela obedientemente envolveu seus braços ao redor deles, me dando mais liberdade enquanto eu batia nela repetidamente, fazendo seus gemidos filtrarem através de toda a casa, ecoando de volta para mim.

— Oh, oh, oh meu... porra, — ela gritou, apertando em torno de mim. — Isaiah... porra. — Ela gozou com força, sua boceta tremendo ao redor do meu pau rápido e frenético como suas pernas sacudiu com a sensação. Bati para frente, enterrando contra a parede de trás de sua vagina e gozando com uma intensidade que fez minhas fodidas pernas pararem de funcionar, meus joelhos batendo contra a beira da cama, meus braços saindo para me preparar.

— Bem, — eu disse um pouco depois, saindo de dentro dela, batendo em sua bunda enquanto me levantava e pegava minhas calças. Ela apenas ficou lá olhando para mim, a boceta ainda molhada de ambos os nossos prazeres, pernas abertas e sem vergonha. — Essa foi uma boa sessão de terapia.

— Oh, — ela disse, sorrindo enquanto se afastava da cama, — Isso não foi a sessão de terapia. Isso foi apenas eu cumprindo uma

pequena fantasia pervertida minha. Ser fodida em uma cama onde você costumava se masturbar sozinho à noite... delícia...

Balancei a cabeça, seguindo-a em direção à área principal da casa, observando enquanto ela vestia de volta suas roupas quando eu coloquei minha camisa de volta. — Então, qual deveria ser a terapia sobre isso? — Perguntei.

Ela sorriu, indo para fora. Eu a segui, minha cabeça inclinada para o lado quando ela se aproximou da mochila que ela carregou em suas costas desde do porta-malas quando chegamos. — Isso, — ela disse, segurando duas marretas, — é a terapia. Vamos por esta porra abaixo.

Peguei a marreta, sorrindo. — Deus, eu te amo, caralho.

Fim!!!